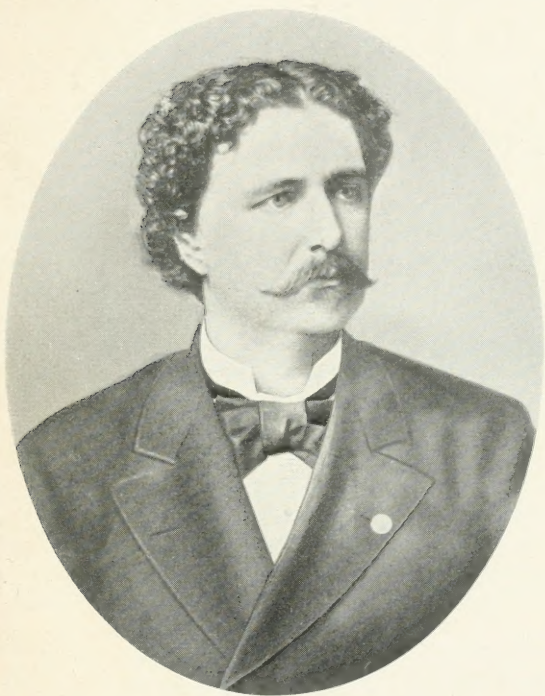
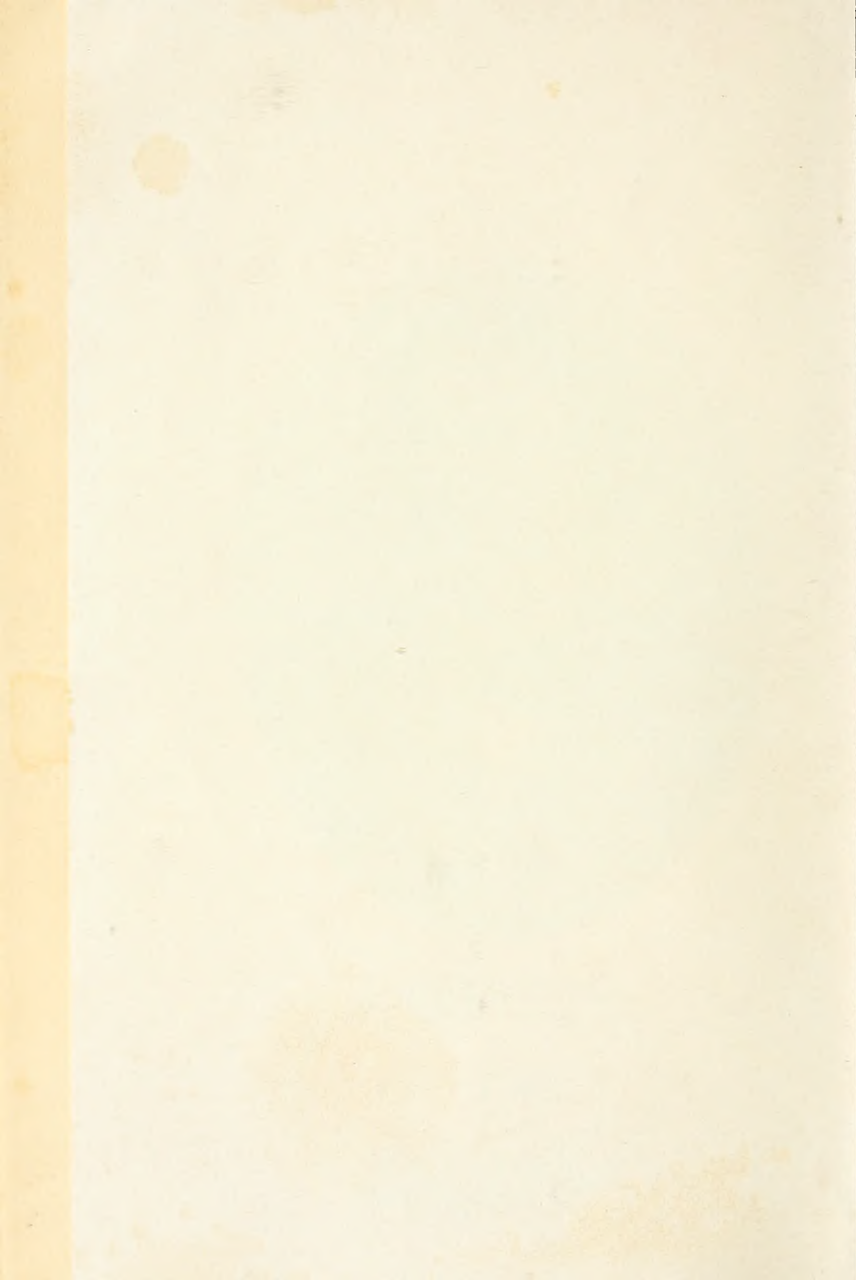
Visconde de Taunay
SOBRE
AZUL

VISCONDE DE TAUNAY

OURO SÔBRE AZUL

15.° - 19.° MILHEIROS

Editora-Proprietária
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada)
São Paulo - Caieiras - Rio de Janeiro

Retrato do autor (1873)

DUAS PALAVRAS

Ouro sôbre Azul é um romance de costumes fluminenses escrito dia a dia, quasi todo êle, para *O Globo,* creio, jornal do Rio de Janeiro, desde muito desaparecido, e que o publicou em folhetins sobremodo apreciados, então. Começara-o o escritor dando-lhe o título de *Razão e Coração,* escrevera-lhe os primeiros capítulos (1) e o deixara a um lado, absorvido por outros trabalhos literários, encargos e deveres da vida pública e militar.

Instado a escrever uma novela em roda-pé para o diário fluminense, em cuja direção estavam amigos seus, retomou o romance e ràpidamente o concluiu. *Ouro sôbre azul* causou a melhor impressão aos seus leitores, é de leitura agradável e animada, tem o seu entrecho e sobretudo retrata, com a maior fidelidade e real felicidade, os costumes da alta sociedade carioca da época.

A edição dêstes folhetins, em volume, esgotou-se ràpidamente, embora fosse muito inestética como quasi todos os livros brasileiros daquele tempo.

Passados longos anos decidiu-se a livraria Garnier a reeditar o romance e ainda o fez, em 1897, mediante originais corretos pelo autor que, por assim dizer, realizou

---

(1) Atendendo a honroso pedido do Dr. Alberto Faria, da Academia Brasileira, tive o ensejo de publicar êstes capítulos na Revista do *Centro de Ciências, Letras e Artes* de Campinas (n.º 39).

uma revisão severa do seu romance, melhorando-lhe sobremodo a feição.

Repetiram-se as edições de *Ouro sôbre azul*, livro a que sempre o nosso público consagrou acentuada simpatia.

É, pois, de esperar que semelhante aprêço ainda acresça, agora que, sob melhor aspecto tipográfico, reaparece a novela, aos cuidados dos Snrs. Weiszflog Irmãos, os grandes e honrados editores e impressores de S. Paulo, a quem, em tão curto prazo, já tanto e tanto devem as letras brasileiras.

S. Paulo, 25 de Maio de 1921.

AFFONSO D'E. TAUNAY

OURO SÔBRE AZUL

PRIMEIRA PARTE

I

Eram 10 horas da manhã, o dia estava claro e sereno, e no bem conhecido cais Pharoux, da muito leal e heróica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, apinhava-se gente azafamada que procurava pronta condução para ir ter ao vapor inglês, chegado poucos minutos antes da Europa, e que, parado diante da fortaleza de Villegaignon, deitava baforadas de fumo, como que tomando respiração da larga viagem que acabava de fazer.

Gritavam os catraeiros; interpelavam-se; injuriavam-se uns aos outros, cada qual a busca de clientela mais numerosa, sem muita razão contudo, pois não havia mãos a medir em bem servir a freguezia que, acudindo apressada, mal tinha tempo de discutir preços.

Tudo era movimento, barulho e animação, quer na ponte, quer no mar, por isso que a cada instante se encostavam aos degraus limosos e carcomidos da escada de embarque, escaleres e

botes, cujos tripulantes, vinham, de certa distância, guiando com a vara e com as mãos, já para diminuir a carreira que traziam, já para amparar os choques e chegar-se mais e mais perto, arredando, umas vezes, puxando, outras, a borda das embarcações atracadas e à espera de passageiros, o que provocava sempre ruidosas reclamações, algazarra e frequentes desaguisados.

Não há morador da capital que tenha deixado de presenciar cenas dessas, tão amiudadas e repetidas são elas numa cidade marítima e comercial da importância do Rio de Janeiro. As entradas e saídas de paquetes e vapores para todos os pontos do globo são por tal forma seguidas, o movimento de passageiros tão constante, variado e numeroso, que raro será aquele que não tenha tido ocasião ou necessidade de experimentar os incomodos de um *bota-fora*, impelido a suportá-los, ou por dever de civilidade, ou por instigação do sentimento.

Mal aponta na praça D. Pedro II quem pelo passo precípite e rumo certo mostre demandar o cais de embarque, atiram-se logo ao seu encontro cinco ou mais corpulentos arrais de escaleres que começam desde longe a disputar preferência.

Caminha-se então no meio de ofertas, protestos, recriminações, promessas e vozear que só terminam, quando um dos concorrentes ousadamente agarra, mais como vencedor do que como escolhido, a pessoa a quem todos, a uma, propõem os seus serviços e préstimo.

— Uma canoa como não há segunda, apregoa um.

— De quatro remos, acode outro.

— O meu escaler voa, afirma êste.

— O meu faísca, acrescenta aquele.

— Deixem-me, reclama o recém-chegado aturdido, deixem-me!

— Olhe que vai bem servido...

— Quero saber o preço... Quanto é?

— Três mil réis... e mando atracar.

— Se não houver demora, dou-lhe por menos, adianta-se outro.

— Ai! que se você me corta a freguesia,... só lhe digo isto!...

— E que tem? Caretas não me metem mèdo!...

— Deixem o patrão decidir por si, opina o primeiro que de longe traz o paciente freguês já preso pelo braço.

Ao momento de embarque surgem novas contestações. Às cotoveladas, rompe o licitante vitorioso a multidão e chama a sua gente aos brados.

— Puxa a canoa para cá, ó Zé! Está dormindo, negro de uma figa! Anda, diabo velho! Preguiçoso!

— O Sr. vai se meter numa gamela, diz um dos despeitados ao cliente perdido.

— Só ao meio dia é que chega ao vapor, diz outro deitando-lhe um olhar de pouco caso.

— Se chegar, agrava terceiro.

— Embarque, meu amo, embarque, convida o vencedor. Anda, corja! Depressa êste senhor ao vapor... Demora pouco, paga na volta...

Quasi sempre o número de pessoas que enche o cais não corresponde de certo ao das que lá vão ter por necessidade. Há muita gente que faz dalí o seu passeio favorito, um ponto de reunião para assistir a episódios dêsses que, variando diàriamente, terminam às vezes em pugilato

com grande acompanhamento de apitos, gritos e vozes de prisão, quando não descem às proporções do mais burlesco cômico.

Entretanto, como já dissemos, estava o dia correndo à feição dos arrais que se continham nos limites de relativa moderação e polidez, porque o trabalho e o lucro se repartiam muito regularmente. Iam os botes, escaleres e canoas que chegavam, tomando passageiros e, sem demora, se afastavam com ligeireza da terra.

Quando começava o concurso de povo a diminuir, apeou-se de um tilburi um moço bem vestido que, com evidente precipitação, tomou uma embarcaçãozinha esguia e pintada de fresco.

— Chama-se *Felicidade,* disse-lhe um dos negros tripulantes enquanto arranjava os tapêtes da banqueta.

— Convem-me a nau, respondeu o mancebo sorrindo ligeiramente.

E acrescentou:

— Deve então andar ligeira.

— Pode apostar com o vento, respondeu o africano arreganhando num riso alvar os lábios grossos sôbre alvíssimos dentes.

E, para justificar o dito, incitou os companheiros e pôs-se a remar com energia. Em breve também o suor lhes saltava do poros, formando fios de água que serpeavam pelos sulcos da saliente musculatura.

II

Enquanto êle desliza sôbre as tranquilas águas da baía do Rio de Janeiro, erguendo à proa um caracol de espuma e deixando após si

borbulhante esteira, observemos o mancebo que, de olhos fitos no vapor, empunha o leme com mão segura.

Era o que se podia chamar um belo tipo. Tinha traços delicados, regulares talvez de mais, nariz bem feito, olhos grandes, serenos, de brilho, porém um tanto amortecido. Bigode fino sombreava-lhe o lábio superior; a barba era alourada, meio ondeada e irrepreensìvelmente feita à inglesa. De porte distinto, mostrava nos menores gestos a esmerada educação de perfeito cavalheiro.

E, com efeito, assim era Álvaro de Siqueira — coração leal, caráter firme, homem da mais fina sociedade e que unia sólidos dotes de inteligência e ilustração à felicidade de pertencer a uma família respeitável e de importância. Nem faltava, para dar mais realce a todas as suas nobres e reconhecidas qualidades, o prestígio sempre inerente a avultada e sólida riqueza.

Teria quando muito trinta e dois anos.

Filho de abastado negociante que falecera, quando mais preciso se tornava à gerência de quantiosos cabedais postos em circulação, fôra Álvaro educado pelos cuidados extremosos de sua mãe, que, colocando-se com energia e critério à frente dos intrincados negócios de uma vasta casa comercial, soube dirigí-los com toda a prudência e tino, ao passo que preparava o filho para ser um dos ornamentos da sociedade fluminense.

Frustradas não haviam sido as suas esperanças, e com orgulho pôde enfim ver coroados os esforços, que concienciosamente fizera em ambos os sentidos.

Também quando Álvaro se achou em idade

de assumir a direção da casa que seu pai deixara gravada de dívidas, embora fosse por seu turno credora de títulos garantidos, pòde liquidá-la com toda a suavidade, achando-se tranquilo possuidor de fortuna quasi brilhante.

Fòra sempre aquele moço de indole sossegada e honesta.

Passara-se a sua infância com uma regularidade extraordinária. Nunca sentira em si dêsses movimentos repentinos, estranhos, a modo de seiva a subir em borbotões, que levam os meninos a praticar dessas façanhas a que cabe a qualificação de diabruras, como se proviessem dos incitamentos de um espírito demoníaco.

Haviam sempre sido comedidos as suas distrações e folguedos. Fugia da companhia dos turbulentos e procurava a dos estudiosos. Como em toda a parte do mundo abunda mais a primeira espécie do que a segunda, poucos eram aqueles a quem chamara, no colégio, de amigos.

Fòra distinto estudante, mais aplicado do que sagaz; entretanto, por capricho, não consentira jamais, que qualquer lhe tomasse a dianteira. Para competir com os melhores discípulos da sua classe, estudava mais três ou quatro horas do que èles; também o que dava por sabido, fàcilmente não lhe saía da memória.

Assim alcançara sempre prêmios no colégio de D. Pedro II, onde os seus modos, a sua gravidade afável, a sua delicadeza lhe haviam conciliado todas as simpatias.

Uma vez terminados os estudos secundários, tratou Álvaro de tomar conta dos seus bens, pelo que, a-pesar dos rogos e desejos de sua mãe, deixou de ir formar-se em alguma das academias do Império. Nem por isso eram os conhecimentos

colhidos na paz do gabinete menos valiosos e variados: pelo contrário, oriundos de leitura assídua e seleta, tinham vindo ajudar o desenvolvimento de uma inteligência, se não ofuscante, pelo menos clara e sobretudo concienciosa no amor à ciência e à verdade.

A medida que êsse mancebo, notável por mais de um título, ia crescendo em anos, melhor assentava uma reputação de seriedade e bom senso que muito lhe serviu para solver com facilidade negócios que podiam ter estorvado a liquidação da casa comercial que lhe tocara por herança.

Aos 22 anos, Álvaro pôde dar um giro prolongado pelo velho continente e de lá trouxe èsse toque de supremo bom tom, que todos procuram adquirir no contacto da vida européia, mas que raros conseguem trazer consigo.

Melhores condições não se poderiam, pois, desejar em um homem na flor dos anos, do que as que possuia Álvaro para ser querido das mulheres; também não pequeno era o número daquelas que em sonhos dourados pensavam na possível conquista de um coração tão bem formado.

Entretanto, — como o escaler em sua carreira ainda nos dá tempo para melhor apresentarmos ao leitor um dos importantes personagens desta história — diremos, que êsse coração tão desejado pertencia, já de longos anos, a quem, por outro conjunto de felizes circunstâncias, como que arranjadas pelos cuidados daquelas boas fadas dos contos da carochinha, parecia lhe haver sido destinado.

Desenvolvera-se essa paixão lenta e progressivamente, atirando raízes fundas que não podiam sem abalo terrível e perigoso ser sacudi-

das; mas, pela natureza calma e concentrada de quem a nutria no seio, nunca a intensidade daquele sentimento chegara a refletir-se no exterior de modo a deixar pressentir toda a vitalidade que a distinguia, toda a energia de que era capaz.

Nem houvera ainda motivos para tanto. O amor só patenteia o valor que tem em si, quando encontra algum obstáculo. Se arreigado, mas paciente, tende como as águas de mole regato, que esbarra com uma reprêsa, a refluir para a nascença, a concentrar-se, como que preparando fôrças; parece adormecer, até que, levantando gradualmente o nivel, supera o óbice e continua em seu leito o curso que trazia. Se é violento, então como torrente impetuosa ruge de encontro à barreira que lhe impuseram, quebra-a furioso, transborda, precipita-se, indomável e sem álveo mais, torna-se cataclismo e, com os próprios destroços dos elementos contrários, maior fragor vai causando, mais espuma levantando, mais desgraças produzindo.

III

Uma prima — sempre as primas são causadoras dessas paixões lentas e por vezes corrosivas — prima bela e caprichosa, ocupava o pensamento e o coração de Álvaro de Siqueira.

Pela lei eterna dos contrastes, que regula sàbiamente a ordem em toda a natureza, fòra se desenvolvendo o sentimento que ligava aquele mancebo à sua interessante parenta.

Tanto um era refletido, prudente, acautelado nas suas opiniões e modos, tranquilo e sereno, quanto se distinguia a outra pela volubilidade, energia, inquietação e quasi febrís caprichos.

Laura, assim se chamava ela, tinha uma alma elevada e altiva, mas crescera desajudada de cuidadosa e vigilante educação.

Órfã desde os mais verdes anos, ficara entregue aos cuidados de um tutor, seu parente longínquo e solteirão que, depositando nela uma afeição cega, só tivera em vista satisfazer as mil fantasias, a princípio da criancinha, ao depois da menina e afinal da moça que lhe dava, em trôco de uma condescendência sem limites, o nome, o doce nome de pai. Era o comendador Faria Alves, homem de caráter sisudo, mas por demais bonachão e consequentemente sem grande valor moral. Fruira uma mocidade cômoda e, pelo que diziam, cheia de prazeres fáceis. Deixara de casar por programa egoístico, e quando começava, pelo correr dos anos, a se arrepender dessa relutância intencional à vida de família, é que recebera, por testamento do seu primo e amigo Mendes Gomes, a tutela da mimosa criatura que devia se tornar o seu ídolo, a menina dos seus olhos.

Não fôra, de certo, um legado de Eudamidas, mas em todo o caso encargo pesado, que na ocasião pareceu assustar profundamente a quem o aceitava, modificando-lhe desde logo e radicalmente o sistema de viver.

Ninguem jamais tomou tão a peito o seu novo papel como Faria Alves.

Desde o dia em que Laura entrou para a sua casa, até então verdadeiro ninho de epicurista,

transformou-se aquele homem. Pegou na sua vida e depositou-a nas mãos da pupila.

De diretor passou a ser dirigido.

Com o modo de educação que a medrosa solicitude do tutor desde princípio deu a Laura, poderia ter-se ela mudado em rapariga tirânica e dominadora; ficou simplesmente caprichosa.

Tinha uma volubilidade de gènio que assombrava o comendador, mas ao mesmo tempo o encantava.

— Esta pequerrucha, dizia desfazendo-se num sorriso contemplativo, quer ao mesmo tempo mil coisas e não quer nada.

Era a constituição de Laura eminentemente nervosa. Nunca havia adoecido sèriamente, mas vivera, durante muitos anos, numa disposição mórbida, que, tornando-a franzina e sempre aborrecida, não lhe impedia contudo o incessante movimento.

Depois de um crescimento rápido que lhe abalou fortemente o organismo, ficou por fim robusta de saúde e, no entretanto, propensa a longos momentos de tristeza e concentração.

Impaciente e quasi colérica em certos períodos, noutros caía numa espécie de impassibilidade que com pouco chegava à apatia.

Em todo o caso uma mocinha singular: caráter que necessitara antes de tudo de quem o guiasse com firmeza e que pelo contrário encontrara, em todas as fases e direções da sua evolução, espaço franco para uma expansão irregular, sem que o menor tropêço, a mais ligeira contrariedade sequer, viesse modificá-lo de maneira salutar e decisiva.

Havia, contudo, uma pessoa que exercia

sôbre ela evidente e benéfica influência: era Álvaro.

Dobrava-se, como todos os mais, aquela natureza calma e reflexiva às menores vontades de Laura, mas nessa mesma obediência lhe transmitia alguma coisa serena e suave, do mesmo modo que a plácida face de um lago, a refletir temerosas nuvens lhes imprime aparência mais calma, contornos menos sombrios e carregados.

Desde muito criança, Laura conhecera Álvaro. Com êle havia brincado e desde êsses primeiros tempos experimentara a ação tranquilizadora que dêle emergia — a menina, arrebatada, singular nos seus ímpetos, imperiosa — o rapazinho, paciente, cauteloso e serviçal.

Um dia — longos anos já lá iam — corriam juntos por um vasto jardim. Ao passarem embaixo de copada e velha mangueira, viram um sabiá que, assustado, saltou do ninho em que estava pousado e abriu rápido vôo.

Brilharam os olhos de Laura.

— Um ninho, disse ela, é meu! Vai buscá-lo, Álvaro.

— Mas veja, objetou o menino, o pobre sabiá como olha para nós?

Com efeito cortara o passarinho o vôo e de um galho sêco olhava inquieto para os dois bàrbarozinhos, que lhes ameaçavam a progênie.

— Não me importa, replicou Laura, quero já o ninho.

E seu pèzinho bateu no chão com impaciência.

Obedeceu Álvaro contra vontade. Quando chegou à primeira bifurcação dos ramos, apon-

tou ainda para o sabiá, com ar de quem impetrava compaixão.

Olhou a menina atenta para a avezinha que mais e mais se chegara, impelida pelo instinto de mãe.

— Desce, Álvaro, ordenou ela de repente, desce; o sabiá me fez sinal que não bolíssemos no ninho.

Na manhã seguinte, chamou ela a um canto o companheiro de folguedos e com toda a gravidade lhe disse:

— Você sabe? Ontem à noite, quando eu estava quasi a dormir, muitos sabiás pousaram na minha janela e cantaram a mais não poder. Depois um dêles me anunciou que você um dia havia de ser meu marido.

Nunca mais falaram os dois nesse curioso episódio. Álvaro o tinha, porém, sempre presente ao espírito: Laura parecia havê-lo esquecido de todo.

Noutra ocasião, anos depois, estando êles na praia de Itapuca, em S. Domingos, onde o comendador Faria Alves possuia uma propriedade de recreio, a menina, que então já teria os seus treze anos, mostrou ao primo umas lindas flores a desabrocharem juntas na fenda de grande e aprumada rocha.

— Álvaro, disse ela, veja se você apanha aquele pendão.

— Mas está tão alto! objetou o mocinho.

— Qual! A pedra é toda esburacada e há muita erva a que se agarrar. Fosse eu homem e mostrava a você...

— Sim, para escorregar e quebrar uma perna...

— Então havemos de deixar assim as flores? Fico deveras triste...

E uma nuvem de desgôsto cobriu-lhe o lindo rosto. A sua testa ligeiramente se enrugou. Álvaro mediu com os olhos a rocha.

Era a ascensão possível, mas a falar a verdade um tanto perigosa.

— Ah! espere um pouco, exclamou de repente, já lhe dou o que você deseja.

E, correndo, foi buscar comprido bambú, que avistara encostado a uma cêrca e em cuja extremidade adaptou com presteza um laçozinho de barbante.

Içando então a vara e pondo-se na ponta dos pés, enlaçou uma das plantas sexátiles e sem grande abalo a destacou da rocha.

Laura, quando viu ao alcance do braço as apetecidas flores, deu um gritozinho de alegria.

— Você, disse ao primo, tem sempre boas idéias... Eu é que sou uma... estouvada.

E, desprendendo o pendão, daí a pouco o deixou cair por terra, sem fazer mais caso dêle.

Assim eram êsses dois gênios que se haviam sempre entendido perfeitamente.

Fôra a afeição, que Álvaro tributava à sua prima desde em criança, se transformando a pouco e pouco, insensível e gradualmente, em amor. Não houve choque, arrebatamentos, nem iluminação; consequencia natural do tempo. Era a borboleta que, findo determinado período de quietação, sai da crisálida em que se formara, ansiosa de luz e de vida.

Experimentaria Laura por Álvaro outro sentimento que não simples e pura amizade?

Eis o que nos dirá o correr desta singela e despretenciosa narrativa.

IV

Quando Álvaro fez encostar o escaler em que vinha à escada escorregadia e inclinada do vapor, forte e sonora voz interpelou-o do alto do convés com expansão e alegria.

— Estou aquí, Álvaro, estou aquí... ansioso por você!

— E eu, respondeu o outro agarrando-se aos cabos e subindo quasi de gatinhas, morto por um abraço!

Estava o vapor cheio de gente que ia, vinha, corria, aparecia, sumia-se, movia cargas, embarcava, desembarcava, abraçava-se e às pressas e atarefada se separava.

Foi aos empurrões que Álvaro pôde chegar-se a quem, do seu lado, forcejava para, mais depressa, vir ao seu encontro.

— Adolfo! exclamou êle com emoção na voz.

— Meu bom Álvaro, respondeu o outro apertando-o com fôrça nos braços.

Longo foi o amplexo. Aqueles que o davam com tão boa vontade deviam se estimar devéras.

— O' viajante intolerável! disse por fim Álvaro desprendendo-se do amigo, vem ao menos você com tenção de descansar um pouco?...

— Conversaremos...

— E estar a gente a ter saudades dêste esquisitão...

— E eu de você!...

— Maldito excêntrico... ande, as suas baga-

gens... depressa... As suas malas estão ainda no porão?...

— Não trouxe malas...

— Como assim?

— Muito simplesmente. Viajo escoteiro com uma caixa de colarinhos de papel e meia dúzia de peças brancas, que dei hoje ao criado de bordo...

— Sempre o mesmo...

— E' o melhor meio de correr mundo...

— Enfim, seja como for, vâmo-nos embora... depressa, Adolfo: estou doido por vê-lo debaixo de chave em minha casa; senão é capaz de me escapar...

— Homem... parece que você adivinha...

— Pois que?

— Sim... Já o vi, dei-lhe um abraço e estou com vontade de continuar a viagem.

Olhou Álvaro para o amigo com verdadeiro pasmo.

— Ora, Adolfo, isto é gracejo!... é impossível. Você acaba de chegar... A minha mãe o espera... Recebí uma carta sua em que me dava a certeza de ficar pelo menos seis meses no Rio de Janeiro... e agora... não, não posso crer...

— Eu lhe escreví, é certo... mas tenho fortes motivos para querer agora mudar de resolução...

— Não quero aceitá-los. Não os aceito: exijo o seu embarque já e já no meu escaler.

— Ouça porém as razões...

— Não quero ouví-las, nem abuse muito de mim. Sou capaz de denunciá-lo como moedeiro falso. A polícia o agarra, e à fôrça hei de tê-lo em terra...

— Mas as razões...

— Não podem ser boas...

— Pelo menos julgue...

— Pois bem, ouçamos...

— Primeiro que tudo, tenho na carteira dinheiro suficiente para continuar...

— Ora...

— Um momento de atenção, Alvaro... depois, a minha caixa de colarinhos não está esgotada...

— Ah! que massante!

— Em terceiro e último lugar, daquí ao Rio da Prata é um pulo, e estarei de volta nestas duas semanas...

— Adolfo... isto é uma loucura!... Que diabo de veneta?

— Chi!... é que tenho uma companheira de viagem...

— Ah!

— Linda e elegante como uma garça... viúva... pòs-me doido... tem espírito como Voltaire e sabe, mais do que nós dois juntos, literatura, belas-artes... tudo, tudo...

— Olá!

— Fiz-lhe uma còrte rasgada desde Southampton... respondeu-me ciência e tive que devorar os livros do capitão... rabisquei poesia, desenhei paisagens e marinhas... suspirei à lua...

— E depois?

— Ela me tem debicado a valer...

— Devéras?

— Fez de mim o seu *patito*...

— Pois então sobram motivos para você desembarcar...

— Acha?

— Por certo... E' o único meio de sacudir o duro jugo... Você encontrou ou uma *coquette* ou

uma mulher de espírito. Continuará o debique até Buenos-Aires e mais além... E' uma senhora de juízo... já vejo...

— Oh! se é...

— Não acreditou uma só palavra do que lhe disse o amoroso viajante e riu-se dêle a valer... Creio que não lhe assiste a intenção de fazer o giro do globo debicado sempre por uma mulher...

— Não, devéras... Fôra mau exemplo para o mundo...

— Pois então?

— Mas, por Deus, Sr. D. Álvaro das dúzias, eu quisera ver você em meu lugar... Uma viúva de 26 anos... muito rica... que viaja por distração, e em caminho vai agora receber mais uma herança em Buenos-Aires ou não sei onde... Tem um cabelo soberbo!... um mordomo grave e sério como um maquinismo inglês e duas criadas!... Um tipo... Olhos grandes, verde-mar...

— Está bom... você me contará tudo em terra...

— Mas ponha-se no meu caso, homem teimoso!

— No seu caso, eu já estava longe do teatro de tantas derrotas... Não as houve?

— Diárias...

— E então?

— Quer mesmo você que eu atire, como um fardo, o meu corpo no seu bote e o meu coração, como um cadáver, ao mar?

— Quero, respondeu Álvaro sorrindo-se.

— Vá; feito... sou tão dócil...

— Então sigamos...

— Mas...

— Mas que?

— Sem me despedir dela? Assim tão brutalmente...

— E' melhor... já que é tão sedutora.

— Não, meu amigo, sobrenade neste naufrágio alguma coisa; salve-se ao menos a boa educação... Além disto, quero que você a conheça... Verificará por seus próprios olhos se sou tão exagerado como estou parecendo ao seu espírito prevenido... Um anjo com garras de Lucifer!... Depois me dirá a sua Exma. prudência e conveniência e não sei mais que, se uma viagem ao Rio da Prata vinha ou não a pêlo...

— Pois então aviemos as despedidas.

— Cruel, você me arranca o coração...

— Ora, Adolfo, todos sabem que o coração não acompanha a quem viaja escoteiro... é muito incômodo.

— Basta, vamos ao caso...

E Álvaro empurrou afàvelmente o amigo, que tomou direção da pôpa, parando a cada passo, não tanto em razão da multidão de passageiros e visitantes que cruzava em todos os sentidos, como por uma espécie de receio em avançar.

— Olhe, exclamou èle meio baixo indicando uma mulher encostada à amurada e inclinada toda para o lado de terra, veja você como está embebida na contemplação da natureza! E' um espírito altamente poético... Não duvido que esteja chorando... Siga-me, bárbaro, siga-me...

E Adolfo adiantou-se, trazendo pela mão ao companheiro.

— Não é verdade, Mme., perguntou no mais puro francês, que a minha pátria é bela?

A pessoa tão inesperadamente interpelada estremeceu ligeiramente e voltou-se com rapidez.

— Soberba! respondeu ela, tanta grandeza me esmaga... Não sei o que sinto, mas devéras tenho vontade de chorar...

E, com efeito, em seus belos olhos de um verde profundo e límpido, como mar sereno ao meio dia, ondeavam lágrimas que um esfôrço mal retinha. Eram os seus cabelos negros, o seu porte esbelto, a fisionomia calma.

Tinha, de certo, todos os requisitos para merecer a qualificação de formosa.

— Oh! disse com arrebatamento Adolfo, sois artista de coração... Abre-se a vossa alma ardente às grandes impressões... Tudo quanto nos rodeia é imenso...

— Sublime! murmurou a francesa compendiando num olhar, que tanto tinha de tristonho quanto de admirado, todas as belezas do quadro.

— Mas, continuou o moço com verdadeiro lirismo, de hoje em diante para mim tudo isto toma novo valor; é ter-vos comovido tanto...

— Lisonjeiro, atalhou com melancólico sorriso.

— Por isso muito mais me alegro ter trazido à vossa presença um camarada de infância que pòde observar quanto vos tocou a natureza brasileira que nós dois amamos com orgulho. Permití que vô-lo apresente...

— Com sumo gôsto...

— O Sr. Álvaro de Siqueira, um homem distinto que me faz o favor e tem a paciência de ser meu amigo.

Curvou-se Álvaro respeitosamente.

— Mme. de Sérignan, a mais bela das companheiras de viagem...

— E que vai separar-se talvez para sempre do senhor, acrescentou ela quasi risonha.

— Porque fala nesse horrendo *para sempre?* atalhou Adolfo com precipitação e em tom de enfado.

— Mitiguei-o com um *talvez.*

— Embora...

— E' tão natural! Cada qual de nós segue o seu destino, e a sorte de entes caprichosos, como eu e o senhor, e muitas vezes nos confessamos como tais, exercita-se em vastíssimo mundo.

Nesse momento chegou-se ao grupo um criado de bordo que vinha oferecer à bela viajante uma chícara de chá.

Tomou-a com presteza Adolfo e, sem entregá-la, continuou a conversação.

— Admira que uma pessoa habituada como vós a viajar, ache o mundo vasto? A senhora não vai a Montevidéo? Daquí a dois passos... De lá a Buenos-Aires, que é defronte...

— E depois ao Chile, dobrando um cabo insignificante que é ponta de uma penìnsulazinha... E aí?... Diante de mim estará o Pacífico e não sei o que ordenará o impulso do momento...

— Oh! se ordenar que me espere! exclamou estouvadamente Adolfo.

Não se mostrou a francesa ofendida: pelo contrário riu-se, corando levemente.

— Ordenava-me, permita-mo que diga, uma leviandade imperdoável, quasi uma tolice, e não estou em idade de obedecer a ordens dessas...

Meio enfiado, pòs-se Adolfo a mexer a chavena de chá, como que para desfazer uns grãos de açúcar rebeldes.

— Mas, interveiu Álvaro, porque é que a senhora não se demora entre nós algum tempo?

— Não posso...

— Pois não se arrependeria. Não imagina quanto belos são os arrabaldes do Rio de Janeiro...

— Voltarei. Tenho tempo de sobra diante de mim para passear a gôsto... E depois devo-lhes dizer uma coisa: esta sua natureza brasileira faz-me mal aos nervos. Desde que entrei neste pôrto sinto um abalo, uma tristeza funda... Quisera já me ver bem longe daquí...

Protestou Adolfo com muito calor.

— Oh! isto é negra ingratidão... E' impossível que a minha pátria lhe cause êsse sentimento... de antipatia... e...

— Quem lhe disse isso? atalhou ela com muita meiguice na voz, sois pirracento e eu...

Interrompendo porém o que ia fazer, exclamou:

— Mas o senhor está bebendo o meu chá!

Com efeito, Adolfo, depois de mexer cuidadosamente a infusão, levara distraídamente a chícara aos lábios.

Se, porém, lhe tivesse caído um balde de água fria na cabeça, maior não fôra o choque.

— Maldita distração, disse quasi colérico. Ando sempre no mundo da lua. Perdoe-me, Madame, corro a buscar-lhe outra chícara.

E voltando-se com rapidez, esbarrou meio atarantado com dois ou três passageiros, e aos pulos desceu a escada do tombadilho.

Ficou Álvaro ao lado de Mme. de Sérignan.

— O senhor, observou ela, tem um amigo singular...

— Na realidade... Adolfo...

— Oh! às vezes é de uma originalidade...

— Desde o colégio foi assim...

— Não será um homem perigoso?...

— Perigoso, minha senhora? Porque? O meu amigo não merece qualificação tão dura...

Sorriu-se a francesa ligeiramente.

— Falo em relação às mulheres... Isto é... àquelas que são inclinadas ao sentimentalismo...

— Como tu, sereia, pensou lá consigo Álvaro.

— Dificilmente deixarão essas de sentir por êle um interêsse, origem de muito sofrimento: é um caráter especial... uma natureza rebelde, um tanto irônica... muito egoismo talvez... quem poderia dizer... ao certo?...

E como que falando para si, concluiu quasi baixinho:

— Devéras, é um homem irritante...

Nesse momento subia Adolfo com uma nova chícara de chá na mão.

— Foi, disse êle de mais longe que pôde, açucarada por mim.

— Quem sabe então, observou ela risonha, se não traz sal em vez de açúcar?...

— O' Mme., não se aproveite dêste momento... estou ainda fora de mim...

Fez-lhe Álvaro notar que quasi todos os passageiros haviam já desembarcado.

— Vamos? propôs êle.

— Vá, disse Mme. de Sérignan estendendo a gentil mão a Adolfo; os seus patrícios o reclamam. Adeus, seja feliz e...

Como parava, Adolfo lhe perguntou:

— E, o que?

— E divirta-se muito... é um desejo sincero que exprimo...

Era o tom zombeteiro, mas a expressão do rosto devéras não o era.

Curvou-se Adolfo a tocar com os lábios a dextra da bela francesa.

Álvaro deu um apêrto de mão à inglesa e foi quasi que puxando o amigo pelo braço.

Quando os dois iam descer a escada, voltaram-se ambos para cumprimentar Mme. de Sérignan.

Estava ela porém de costas, contemplando os picos dos Órgãos que emolduram ao longe o magnífico quadro da baía do Rio de Janeiro.

— Esta mulher, disse Álvaro pausadamente para Adolfo, sente por você alguma coisa... se já...

— Qual! protestou êle.

E depois com vagar:

— Quem sabe? Eu também...

E fazendo com as mãos um gesto de resignação, concluiu dando um suspiro.

— Ora... embarquemos.

V

Daí a horas estavam os dois amigos sentados à mesa, em excelente jantar, presidido pela carinhosa mãe de Álvaro.

Não cabia êste em si de contente: acabrunhava Adolfo de afagos e atenções; instava com solicitude para que comesse de todos os pratos, provasse de todos os vinhos; nunca achava o seu copo bastante cheio, as iguarias finas como convinha, o serviço suficientemente rápido. Via-se que uma satisfação íntima e funda o domi-

nava, ao rodear de cuidados e carinhos aquele companheiro de infância, que, depois de longa ausência era enfim restituído à sua amizade.

— Você, assim, dizia Adolfo, não me deixa comer... Minha senhora, não se importe comigo. Fiquem sossegados, darei conta de tudo. Nada me escapará, nem sequer aqueles camarões que estão procurando esconder-se por baixo daquelas salsas...

E lá vinha o prato no meio de francas risadas.

— Adolfo, disse Álvaro dirigindo-se para a sua mãe, foi sempre assim. Mamãe, não se lembra? Um gênio folgazão! Fazia-nos dar excelentes gargalhadas e inventava caçoadas originais e impagáveis... E ótimo estudante, não havia que dizer... Latinista de fôrça... e no grego ninguém o vencia em verbos irregulares...

— Aoristo segundo de *fémi?* interrompeu Adolfo.

— Eu lá sei... há tantos anos!...

— *Efen*, Sr. esquecido. Tome o quinau e dê-me daquele prato de ovos...

— Vá lá... e com êste môlho...

— D. Carlota, continuou o recém-chegado, a senhora não sabe que estive, quando menino, em vésperas de ser o maior inimigo de seu filho?

— Não acredito...

— Pois é a verdade... Comecei por lhe criar grande birra, e quando me supunha inimigo figadal, achei-me simplesmente amigo para sempre. Também no colégio era coisa demais os elogios que lhe faziam. Todos o admiravam, todos o adoravam, o levavam às nuvens, desde o carrancudo e inflexível inspetor até o bolorento

porteiro. «Aquilo sim, gasnia o idoso cerbero, não se parece com vocês, corja de vadios... fazem desta casa um hospício de doidos!» E tudo porque? Entornávamos um imenso tinteiro que tinha em cima de uma pasta muito suja, e lá ficava o homem furioso.

— E o inspetor Moreira, você se lembra? perguntou Adolfo a Álvaro que se ria a bom rir. Que voz, hein? Esganiçada... Parecia a de um ganso a quem torcem o pescoço...

E imitando o grasnar daquela ave em tão difícil conjuntura:

— «O Sr. Alvaro mete a todos no chinelo.» E nós, os endiabrados, lhe respondíamos com um soluçar de criança recém-nascida ou com miados de gato, quando não era a estridente nota do canto do galo. Sentia-se o Moreira tão possesso, que a voz se lhe sumia na garganta. Quantas prisões! Ficávamos privados de recreio, retidos na portaria, mas no dia seguinte recomeçávamos!... E Álvaro era o tipo, o menino modêlo. Sinceramente você merecia o exílio de Aristides. Basta dizer que chegava a domar o professor de matemáticas... Oh! que criatura!

— Lembro-me dêsse homem, interrompeu D. Carlota, mandei-lhe muitos presentes...

— Não duvido francamente que muito concorresse isso para o resultado dos exames de seu filho. Que figura! Se há lembrança que me aborreça é a dêsse homem vermelho, iracundo, com uma peruca russa e uma cara sempre cheia de furúnculos!... Quantas vezes não sonhei com aquelas sobrancelhas imensas que, a modo de bigodes em sobrado, cobriam olhinhos vivos e inquietos. Aquele homem metia-me mêdo...

— O que não obstava, que você entrasse na

aula com colarinhos de papelão a lhe cercarem toda a nuca e subindo além das orelhas...

— E' verdade... eu queria enfurecê-lo, tanto mais quanto via que no fundo era mau.

— Isto... também é juízo demasiado severo...

— Como não? Quando algum menino se mostrava mais seguro de si, conhecedor da lição e desejoso de obter uma nota boa, então aquele bárbaro lhe atirava à cabeça um tal chuveiro de frações contínuas, tal catadupa de complexos, tantos logaritmos, o embrulhava em tal cipoal de raízes quadradas e cúbicas, que o pequeno se afundava, deixando sobrenadar a presunção infantil que tivera. E o cruel ria-se com legítimos ares de Mefistófeles...

— Oh! que exageração!...

— Pelo amor de Deus, quantas vezes você mesmo não voltou da pedra espichado como um fio elastico?... Quanto a mim não falemos... Boas recordações do colégio!... Que terrores e ao mesmo tempo que descuido de tudo, do futuro, do presente: o que queríamos só, era rir a bandeiras despregadas... Muita malícia, mas nenhuma maldade... Tudo era motivo de distração e passatempo... e hoje, caro amigo, hoje...

— Você diz isto, replicou Álvaro, com um tom de quem tem a conciência sobrecarregada de maldades, ou se afoga num oceano de melancolia...

— Quanto à primeira parte, protesto: a segunda talvez seja real...

— Oh!

— Porque não? perguntou Adolfo com ar de resignação cômica.

— Porque? E' uma falsidade contra a qual todos devemos protestar. Ninguém passa a sua

vida... E' coisa excecional... uma agitação constante... Mamãe, continuou êle voltando-se para D. Carlota, não imagina quanto êste homem tem viajado... E nisso vai gastando uma boa fortuna.

— Alto lá, faço girar os meus capitais. Não é êsse o *desideratum* de todos os financeiros? Mas, minha senhora, peço a sua opinião sincera e imparcial. Que deveria fazer um homem como eu, que nunca pôde estar parado? Naturalmente pôr-se em movimento. Nascí andejo e mais que isso. Se as aves pudessem amamentar crianças, eu diria que tomei leite de cegonha, ou de qualquer bicho viajante. Ando a pé como um desesperado e só estou sentado a gôsto quando me sinto num vapor no meio do oceano ou num vagon a correr por cima de trilhos. Vinte dias de estada num lugar parecia-me, há tempos, coisa intolerável...

— Há tempo, interrompeu com graça D. Carlota, significa que hoje não é tanto assim...

— E' verdade, respondeu Adolfo com certa pausa. Vou-me sentindo modificado. Não sei se efeito da idade — estou entrando nos trinta e cinco anos — não sei se dos muitos incômodos porque tenho passado — mas experimento como que cansaço para dar daqueles arrancos que levaram já a minha pessoa de um ponto do globo ao seu antípoda... Também desta última vez fiquei dois meses inteiros em París...

— Oh! París! exclamou Álvaro com calor, a cidade por excelência!...

— Meu caro, replicou Adolfo depondo garfo e faca no prato e recostando-se ao espaldar da cadeira, êsses entusiasmos por París denotam um espírito ávido de fácil curiosidade. París

está muito visto e conhecido. Com um guia Joanne na mão, você do fundo do seu quarto de estudos pode-o percorrer em todos os sentidos e muito melhor do que o faria por si. Não é aí que se vão buscar emoções... Fale-me da Asia, da Oceânia...

— Da Oceânia só sei o que diz a geografia de Gaultier, observou com simplicidade Álvaro.

— Oh! que ilhas! Que mar, que céus! E' uma natureza como ninguém sonhou!... E que selvagens! Desde os infelizes australianos que formam a transição do macaco para o homem e que Mr. de Rienzi chama com toda a naturalidade de *pitecomorfos*, até as mulheres de Taiti e das Carolinas, que gente curiosa! Eu morro de paixão pela Oceânia. Também, corri-a toda pelo roteiro do capitão Cook, com a vantagem de lá não ter deixado os ossos. Nunca vi nadar como alí: é-se meio peixe, meio gente. Eu bracejava sem cançar um bom quarto de légua marítima. Aprendí com duas mulheres das ilhas Marquesas...

Adolfo parou um pouco como que vacilante, se devia continuar e emendando a mão, acrescentou:

— Convem notar que essas mulheres conservam nagua toda a decência desejável. Trazem um avental de embira preso à cintura e...

Álvaro cortou outros pormenores.

— E a língua dessas marquesas? Você aprendeu algumas palavras?

— Meu amigo, cada ilha, cada língua. E' uma balbúrdia; ninguém se entende. Mas quanta doçura!... Elas não falam, ciciam; é uma música, uma harmonia, queixumes de passarinhos...

— Isto é que é calor!...

— Ah! se você tivesse parado em Taiti, veria umas mulheres...

— Noto que as mulheres de lá, atalhou D. Carlota, o impressionaram extremamente. E é isto que o senhor chama a natureza?

— Não é só isso, respondeu apressadamente Adolfo, não de certo, mas as palmeiras! Os grupos de palmeiras! Só...

— Também as temos por cá e nesse ponto não cedemos a ninguém, interrompeu Álvaro com certo assomo patriótico.

— Sem dúvida, mas lá é tudo. As perspectivas são belíssimas. Os costumes de uma pureza encantadora!... Isto é, mais inocência do que mesmo pureza... E assim mesmo já vai desaparecendo, porque o contacto dos europeus introduziu desde logo a ganância e muita...

Adolfo tossiu, como que se engasgando e continuou a modo de explicação:

— Eu ia dizendo outra inconveniência... Isto de viver com selvagens da Oceânia inutiliza um cidadão que tem ainda deveres de sociedade que cumprir. E os nossos? perguntou êle.

— Que nossos?

— Índios... São tão interessantes...

— Sinceramente nunca me ocupei com êles.

— Pois quanto a mim pretendo conhecê-los de perto. Dizem que ainda os há antropófagos lá pelo Espírito-Santo...

— Oh! se!...

— Coitadinhos! exclamou Adolfo com o tom de Orgon no *Tartufo*. Pois tenho necessidade de ir a Goiaz e Mato-Grosso congraçar com êles. Entendo-me perfeitamente com os homens primitivos. Nascí para vagar nas florestas e campos. E que jantares se comem à sombra da mata-vir-

gem, ao lado de sussurrantes cascatas! Na verdade, esta mesa é deliciosa, delicadissima; pois bem, eu a trocava de bom grado por uma daquelas refeições que eu fazia nas costas da Austrália, sem *menu* impresso, está entendido: umas costeletas de cangurús, filet de uma espécie de caitetú daquelas paragens a que chamam *bariulang*, fruta de pão a valer e água a borbulhar daí a dois passos. Isso era coisa de chupar os dedos... Oh! outra inconveniência.

— Esta não tem significação alguma, advertiu Álvaro risonho.

— Significação tem e muito verdadeira, por isso que eu comia com a mão e o meu garfo eram os cinco dedos.

— E quanto tempo ficou o Sr. por aquelas terras? perguntou D. Carlota.

— Na Oceânia, ano e meio. Por uma série de contratempos ou felicidades, não sei bem como qualificar, andei perdendo embarques de vapores, arribando e viajando a vela. Visitei quasi todos os grupos. Depois passei-me para o Japão, China, Índia e pude aproveitar o canal de Suez, que o Sr. Lesseps tinha tido a delicadeza de abrir à minha passagem e à de muitos outros, por bom dinheiro.

— Então o Sr. deve ter uma imensa provisão de histórias...

— Ora, minha senhora, que poderia eu narrar que já não esteja escrito e descrito? Temporais, trombas, naufrágios, combates, incêndios, furacões, calmarias, tudo está explorado e contado em verso e prosa. Assim, pois, a minha colheita ressente-se de falta de novidade.

— Isto é modéstia...

— Mas noto e com pesar que nós e principal-

mente eu, só temos falado da minha insignificante pessoa...

— Com toda a razão...

— Nada... é regra infalível. Quem viaja gosta de contar aventuras e quanto mais viaja, mais acredita na necessidade de se ocupar só de si. Não sei se é resultado da solidão em que costuma viver, ou simples razão de vaidade?

— Nem uma, nem outra coisa: a curiosidade dos outros é que o aguça.

— Pois deixemos de parte viagens e viajantes e conversemos em coisa mais importante. Que tem feito você, Sr. Álvaro?...

— Nada. Protesto, contudo, em tempo contra o desvio da conversa...

— Já se sabe: não tratamos agora disso. Mas porque é que você não está ainda casado?

— Eu?

— Sim, com o seu gênio, na sua posição, com a sua índole e idéias, não pode viver solteiro...

— Isto já lhe tenho dito, apoiou D. Carlota...

— E então?.. Pelo menos algum projeto não vai se levantando ao longe nos horizontes?...

— Como os pontos negros de Napoleão III? perguntou Álvaro rindo-se.

— Para mim seriam com certeza; para você pelo contrário o prenúncio da felicidade e da paz... Barco carregado de valores que depois de tranquila viagem, alcança o pôrto desejado e deixa cair a âncora!

— Que bom casamenteiro! E' um ótimo Frei Tomaz e meio poeta.

— Mas, D. Carlota, então pela sua família não há alguma parenta bonita, alguma prima?

— Prima tem êle e linda. Devéras não sei, não posso explicar o que fazem ambos...

Álvaro deitou um olhar de doce censura para a sua mãe e respondeu com calma:

— Não sou, de certo, refratário ao casamento, mas por enquanto ainda não formei resolução alguma definitiva. Quanto à minha prima Laura, a quem minha mãe se refere com alguma malícia, desde criança vivemos juntos, quasi inseparáveis, e ninguém ainda interpretou aquela intimidade como prenúncio de consórcio.

VI

Não reparou Adolfo na emoção com que o seu amigo pronunciara estas últimas palavras: estava ocupado, ocupadíssimo em fitar o delicado vinho que lhe enchia o cálice erguido à altura do rosto.

— Excelente! exclamou êle, e ao beberricar o saboroso líquido deu com a língua de encontro ao céu da bôca um estalo sonoro.

Depois, todo atônito do que fizera, disse com precipitação:

— Mas vejam só que bruto eu sou! E querem que eu viva no meio de gente civilizada! Só no Kamtschatka... Daquí a pouco sou capaz de mostrar-me bem criado... à moda da China... Vocês hão de me perdoar sem dúvida: são tão bons... Então, como dizíamos, Álvaro tem uma prima...

— Linda, Sr. doutor, replicou D. Carlota,

um pouco romântica, mas excelente coração... Educação até certo ponto descuidada.

— Mamãe, exprobrou Álvaro, não fale assim...

— E' menina órfã de pai e mãe...

— Oh! Álvaro, oh! homem fadado pela Providência! uma noiva sem perspectiva de sogro e sobretudo sogra... Isto só por si constitue um dote que não avalio em menos de cem contos de réis, e...

— Mas, Sr. doutor, atalhou D. Carlota meio picada, porque fala assim das sogras? Repare que de um momento para outro, posso entrar para essa classe que lhe merece tão tremendo juízo.

— Ah! replicou com imperturbabilidade Adolfo, a senhora naturalmente será exceção de regra. Isto até afianço, pelo que mantenho o meu cálculo de cem contos de réis.

— Então, acrescente-os aos muitos que levará aquela moça, além da fortuna do tutor, de quem é o ai-Jesús e a herdeira universal.

— O universo, de certo, não contém duas primas como esta...

— Não graceje, atalhou Álvaro, é pelos dotes do coração que Laura se distingue. E' boa, meiga...

— Às vezes exaltada, emendou D. Carlota.

— Oh! são repentes...

— Que duram dias inteiros...

— E' carinhosa.

— Nem sempre. Tem um caráter singular, meio fantástico... caprichoso...

— Mas, protestou com fogo Álvaro, mamãe está agora desfazendo em Laura de uma maneira...

— Não, meu filho, replicou a boa senhora com doçura, estimo muito a minha sobrinha... mas quero dizer a verdade. Por ventura estará você afinal tão apaixonado por ela, que não lhe veja os defeitos, como todos?

— Não, de certo...

— Olhe, ela não os encobre... Franca e dominadora, não se lhe dá de fazer até dêles ostentação...

— Afianço que conheço perfeitamente o gênio de Laura, as suas menores falhas...

— Então, declarou Adolfo, peremptòriamente, você não a ama...

— Mas, continuou Álvaro corando ligeiramente, a sua nobreza e elevação dalma desculpam muita coisa... senão tudo.

— Não digo o contrário, ponderou D. Carlota. Até lhe reconheço o grande mérito de ter podido conservar uma meia dúzia de boas qualidades, a-pesar-de rodeada de mil adulações desde a mais tenra idade. O tutor vive dominado por ela de um modo espantoso.

— E' porque êle se deixou avassalar...

— A razão é excelente, interveiu Adolfo. A mesma de Molière quanto às virtudes do ópio, mas, agora entre nós, eu quisera que essas senhoras caprichosas fossem dar um passeio até a capital dos Mormons...

Um olhar de exprobração de D. Carlota cortou-lhe a palavra.

— Alto! disse êle consigo mesmo, parece que proferí alguma furiosa asneira.

— Então, perguntou Álvaro para fazer diversão, você acredita nos Mormons?

— Olá, se acredito! Assistí a uma prédica na Suíça e por passatempo estive quasi entran-

do na seita. Cada iniciado pode ter de quatro a seis mulheres... Imaginem que...

— Oh! Sr. Adolfo, interrompeu D. Carlota contendo a custo verdadeira indignação.

— Isto é, replicou com toda a rapidez o imprudente narrador, eu queria tão sòmente estudar aqueles costumes... são tão curiosos: completamente novos.

E acrescentou baixinho:

— Nova cinca! Decididamente não posso mais viver em sociedade...

Ria-se Álvaro.

— Em todo o caso, observou êle, você não levou os seus estudos à realização...

— Deus me defenda! Nem os comecei. Deixei o prègador num cantão da Suíça, onde o esbordoaram a valer, como vim a saber depois, e fui visitar o legítimo país da poligamia, a Turquia. Como escreví a você, lá corrí alguns perigos, filhos todos da curiosidade, mas afinal aquí me acho.

— Depois de tantos riscos, fôra loucura recomeçar tão cedo. Você deve ficar conosco pelo menos dois anos.

— Boa dúvida, apoiou D. Carlota, o mais é um nunca acabar de canseiras e fracassos da vida.

— Dois anos, é muita coisa: veremos se dois meses.

Nisto se levantaram da mesa.

VII

Quando D. Carlota se retirou, os dois amigos foram para uma espaçosa varanda que circulava a sala de jantar, e recostados em cômodas cadeiras americanas, acenderam charutos e puseram-se a fumar.

— Você, disse Adolfo depois de breve silêncio, me perdoará as incongruências que deixei escapar durante o jantar.

— Qual! nada disse de reparar. A sua linguagem agrada pela franqueza. Tenho certeza que há de ser muito bem aceita nos nossos salões...

— Mas, com a breca! eu não vou frequentá-los...

— E porque?

— Porque não tenho modos... não estou acostumado a êles... Além de tudo sou completamente estranho à sociedade...

— Então que faço eu? Hei de ser o seu *cicerone*.

— Diga antes *cornac*... Serei para você um elefante, dócil quanto quiser, menos nesse ponto.

— Isso veremos... E nem de propósito... daquí a dois dias o tutor de minha prima Laura, de quem tanto nos ocupámos, dá um jantar e eu o levarei... Que diz a isso?

— Que resisto com todas as fôrças. Dispenso etiquetas; quero tranquilidade e nada de cerimônias.

— Ora, deixe-se de histórias. E' um comendador... o tal tutor...

— Seja-o até dos crentes, não me há de botar os lúzios em cima.

— E depois você verá Laura e julgará se é bela ou não.

— Nada, nada... Ainda me lembro de Mme. de Sérignan, em quem você fez tão pouco...

— E depois o jantar há de ser opíparo... Você é comilão...

— Êste argumento tem para mim alguma fôrça...

— Então?

Tanto mais quando se prende a uma regra de coerência a que me obriguei, nunca recusar bons jantares...

— E' quasi um voto...

— Que posso contudo quebrar.

— Por esta vez porém, meu amigo, fôrça é obedecer ao seu rigoroso programa.

Pôs-se Adolfo a fumar sem responder, atirando ao longe espirais de fumo.

De repente exclamou:

— Mas agora penso numa coisa... Que fim terá levado o meu criado?...

— Que criado? perguntou Álvaro com admiração, por ventura você trouxe algum criado?

— Como não! E' mais do que um criado: é um amigo, um companheiro precioso... Só você é que me faria esquecer o meu bom português, o Sr. João Sabino.

— Ah! é português?

— E' uma mistura. O pai galego, a mãe irlandesa, a avó maltesa e creio que o avô, o diabo.

— Está bem aparentado, mas, coitado, conhece êle o Rio de Janeiro?

— Não, nunca esteve em nenhuma das três Américas...

— Então o pobre homem anda perdido... Também que cabeça a sua!... Esquecer-se do seu criado a bordo...

— João Sabino perder-se?... Você não o conhece... Amanhã estará aquí rentezinho... Quem sabe se há muito não está êle nesta casa alojado tranquilamente?

— Não sei... vou indagar... Em todo o caso fôra extraordinário...

— Com João Sabino nada há de extraordinário. Deixe-me ver.

E Adolfo fez ouvir dois assovios agudos e modulados, com pequeno intervalo um do outro.

Imediatamente surdiu de uma das dependências da casa um homem corpulento que veiu corréndo pela área e se encostou à grade da varanda.

— Pronto, pronto, disse êle.

— Então! exclamou Adolfo voltando-se para Álvaro com ar de triunfo, que lhe dizia eu! Êste homem tem por fôrça partes com o diabo.

— Ora pois, viva, criado de vossas mercês, disse, cumprimentando, o recém-chegado.

João Sabino — já que lhe sabemos o nome — tinha ombros largos, compleição robusta, cara redonda e respirando honestidade, feições entre inglês e português. Devia ser um poderoso auxiliar em qualquer refrega.

— Eis aquí, exclamou com certa ènfase Adolfo, o meu *fac-totum*, o excelente e inexcedível João Sabino, companheiro das minhas viagens. Pensei que você, Sr. mestre, tivesse ficado a bordo...

Sorriu-se ligeiramente o criado.

Ora pois, viva, começou êle...

— Ora pois, viva, explicou Adolfo, são palavras sacramentais que servem de exórdio a todos os discursos do João Sabino. Conte-nos, pois, como deu com os ossos até cá.

— Ora pois, viva, recomeçou o criado, nada mais fácil. Eu bem vi que o senhor não se lembrava de mim no momento de desembarcar e com os meus botões pensei que havia razões para não querer ser incomodado. Tomei pois um bote, seguí-o pelas ruas e como trazia as minhas malas...

— João viaja com malas, atalhou Adolfo, eu não as tenho.

— Entrei também e há bastante tempo que espero o seu chamado.

— Tudo isto foi dito com sotaque fortemente acentuado e muito pausadamente. O homem preferia exprimir-se em inglês.

— Você vê, disse Adolfo voltando-se para o amigo, é sempre assim. Isto é um ente precioso. Sem êste João que intitulei Buenasartes, eu não poderia ter vivido como fiz até hoje.

— De fato mostra ser homem de expediente. Estava o português olhando para os dois, com o olhar indiferente de quem parecia não entender palavra do que diziam a seu respeito.

— O senhor não precisa de dinheiro? perguntou êle de repente a Adolfo.

— Não... por ora ainda tenho...

— Mas é sempre bom tomar uma carteira... Nas cidades gasta-se muito...

— Pois então dá-ma.

E Adolfo tomou a carteira que o criado tirou cuidadosamente do bolso e lhe passou por entre os intervalos da grade.

E' o meu caixa, observou Adolfo, e desde que lhe entreguei a guarda dos meus dinheiros, a coisa marcha excelentemente... Parece-me até que èle nas paradas empresta quantias e faz girar algum capital... Não é verdade, João Sabino?

— Nem tanto, nem tão pouco, respondeu o outro. Há alguma economia, assim mesmo pouca e nada mais... O senhor o que é, é muito gastador, porque é desarranjado: achando dinheiro perto da mão joga fora como faz com a roupa e tudo o mais...

— Você está ouvindo, disse Adolfo para Álvaro, com ar de resignação, essa familiaridade um tanto esdrúxula?... Não há remédio senão aturá-la...

— E' para seu bem, atalhou o criado com calma e gravidade, e depois está no meu contrato.

— Isto é verdade, concordou o amo, também não me queixo.

— Vossa mercê, perguntou João Sabino, não precisa de mais nada?

— Por enquanto não. Vá-se acomodar. Já jantou?

— Jantei e bem, mas ainda não me deram chá.

— Pois peça, interveiu Álvaro, olha agora mesmo estão fazendo chá naquela saleta.

— Então eu lá vou... com licença.

E João Sabino, depois de puxar o pé direito para trás a modo de cumprimento, rodeou a varanda, e subiu a escada que do páteo levava à sala de jantar, encaminhou-se tèso para o lugar que lhe haviam indicado.

— Onde é que você foi pescar èste criado

excêntrico, tão singular como o amo? indagou Álvaro voltando-se risonho para Adolfo.

— Isto é a pérola dos serviçais...

— Não duvido, mas...

— Nada de mas... senão o proclamo a pérola da humanidade...

— Empregada na copa, já se entende...

— Não desmereça no meu João. Eu lhe tenho verdadeira amizade. E' a honradez encarnada na seriedade e valentia. Nunca perde êle o sangue-frio. Sabe ler e escrever; fala diversas línguas e é entusiasta dos romances de Paulo de Kock... No mais, pau para toda a obra, mete a mão em tudo e sai-se bem de tudo que empreende...

— Isto constitue êste homem um achado único no mundo.

— E' fato. Foi em Southampton e pelo mais extraordinário acaso que se me deparou. Acabava eu de chegar à Inglaterra, depois de longas viagens no continente. Tinha desejos de correr terras mais afastadas e sobretudo menos pisadas por turistas ingleses e noivos no primeiro quartel da lua de mel. Resolví pois partir para a Índia, mas sabia que tinha a necessidade de um criado de confiança. Pus então nos jornais um anúncio estrambótico que em toda a parte do mundo havia de causar sensação e dar que falar, mas na Inglaterra podia parecer muito natural. Nele declarava, que pretendia seguir para a Ásia, com tenções de fazer talvez a volta ao redor do globo, e precisava dos serviços de um homem leal, probo e bastante animoso para afrontar comigo grandes perigos. Servir-me-ia de criado com toda a dedicação e desapêgo da vida, de enfermeiro em caso de moléstia e até de amigo, pois os seus

conselhos seriam solicitados e ouvidos em ocasiões excepcionais. Requeria-se alguém, que estivesse disposto a viajar a pé, a cavalo ou do modo que as circunstâncias exigissem e que não estranhasse poder ser devorado por alguma tribu de selvagens antropófagos, em cujas mãos viesse a cair... Pagava-se bem...

— Na verdade, observou Álvaro, o anúncio era tentador.

— Mandei-o pôr três vezes. No fim do terceiro dia, apresentou-se João Sabino com a mesma cara com que você o via. Interroguei-o: agradou-me logo a qualidade de português. Era quasi um patrício. Às primeiras palavras compreendí o meu homem. Podia fazer como Arquimedes e sair — em traje mais decente, já se entende — pelas ruas a gritar: *eureca, eureca!* Tinha também a mania de viajar...

— Feliz coincidência, aplaudiu Álvaro soprando uma baforada perfumada de fumo.

— Extraordinária, exclamou Adolfo com entusiasmo. Fiquei logo resolvido a pagar-lhe quanto pedisse. E sabe você o preço que me fez?

— Exagerado?

— Qual! uma bagatela! Seis libras esterlinas. Fiquei atônito: oferecí-lhe oito, êle recusou. Então não tive mão em mim e exclamei: Eu o tomo para criado por toda a vida... Aceita? — Aceito, disse-me êle, mas com uma condição. — Qual é?

— E' que o Sr. ficará solteiro. No dia em que se casar, nesse mesmo dia hei de o deixar, haja o que houver. — Está dito? — Está dito. — Depois...

E Adolfo fez ligeira pausa.

— Depois, continuou êle sorrindo-se, lavrá-

mos um contrato, ah! mas um contrato em regra. Há artigos excelentes. João estipulou que o pagamento fosse feito impreterìvelmente no dia último de cada mês, na moeda do país em que nos achássemos e pelo câmbio do momento. Não esqueceu coisa nenhuma. Se na localidade não houvesse cotação oficial, regularia o câmbio do mês ou dos meses anteriores. Não dispensou a cláusula do celibato. Assentou inabalàvelmente o direito de beber por dia três chícaras de chá de qualidade excelente, comprometendo-se a contentar-se com água simples naqueles pontos em que o chá fosse coisa desconhecida... Devo-lhe esta fineza...

— Ora, louvo-lhe a paciência... tal esquisitão...

— Não, mas eu também do meu lado lhe impus condições severas. Havia de me acompanhar sem murmurar por toda a parte: nunca se queixaria da comida e da dormida. Daria a vida para me defender. Não me ocultaria nunca a verdade, ainda quando me desagradasse. Falaria inglês em França ou nas colônias francesas; na Inglaterra e suas dependências, francês: no resto do mundo português. Afinal, esmiuçadas e mencionadas todas as causas que pudessem trazer o rompimento do contrato, assinámos. Do documento tiraram-se três cópias: uma ficou depositada em casa do tabelião Patrick Bishopriggs em Southampton; a outra está comigo, a terceira com João Sabino.

— Eis um criado formalista...

— Não, é um homem previdente. Desde que me serve, fá-lo com uma abnegação comovedora; sem ostentação, mas sincera e constante. Na primeira incumbência que lhe dei, mostrou logo pa-

ra quanto valia. Estávamos então em Londres. Entreguei-lhe certa soma de dinheiro para tomar passagens num vapor que partia com destino a Bombaim e fazer todas as compras necessárias para tão longa viagem. Tive o melhor camarote a bordo e quando cheguei à Índia, além de tudo quanto podia precisar, achei-me de posse de uma imensa umbela branca e de uma rede de fibra vegetal por causa do calor.

— Dêle nunca se poderá dizer que não cuidou...

— Por certo! E que valentia! Salvou-me das garras dos Papuas na Nova-Guiné.

— Sim?

— E' verdade. Um passeio imprudente e mais longo do que convinha, fez-me cair no meio de um grupo daqueles malcriados indígenas; eu já me via chiar em um braseiro, transformado em churrascos e rosbifs, quando pif! paf! era João Sabino que me socorria à frente de quatro marinheiros da nossa embarcação... Mais de doze daqueles brutos glutões ficaram para sempre livres da pecha de antropófagos...

— Então você, disse Álvaro com espanto repassado de verdadeira comoção, correu tanto perigo assim... nas mãos daqueles bárbaros, que horror!

— Eu não os faço mais culpados do que devem ser, meu amigo. Respeito muito o modo de viver dos outros; e desculpava o procedimento dos tais indígenas até naqueles instantes que para mim não podiam ser agradáveis. Mas a minha morte traria consigo a própria vingança. Na ocasião eu estava magro que nem um papagaio velho e havia de fornecer um alimento detestável... João Sabino impediu êsse desgôsto aos

que pretendiam se banquetear à minha custa. Os que morreram, levaram dêste mundo uma decepção de menos. Volto porém à vaca fria... Não conheço senão dois defeitos no meu criado: dorme a qualquer hora do dia e dá a vida pelo chá preto. Se não tiver do preto, bebe do verde, e se êste lhe faltar, fará uma infusão de qualquer erva do campo, que engolirá com a gravidade britânica de quem saborèia legítimo PéKo imperial.

VIII

Houve um momento de silêncio.

Álvaro o rompeu.

— Então está dito, depois de amanhã iremos ao jantar do comendador Faria Alves...

— Antes a êste do que ao do colega, o comendador de Pedra... Você insiste?

— Sempre.

— A minha ida lhe causará alguma satisfação?

— Muito... a mim, a êle... a todos.

— Neste caso irei...

— Ora bem: verá você a minha prima Laura Gomes...

— Estimarei muito por sua causa...

— Agradar-lhe-á com certeza. E' moça de grande inteligência...

— Mas, sèriamente, você não é o seu namorado?

— Namorado de Laura? exclamou Álvaro com calor. A ninguém dá ela essa confiança.

Nem lhe falem nisso: fôra quasi um insulto. Êsse assunto... Repare que não é uma mocinha fútil... de bailes e *soirées*.

— Está bom, está bom! falar-lhe-ei então no Ramaiána e no Mahabarata e farei uma preleção sôbre o sânscrito, adubada de observações minhas, colhidas — está subentendido — no Max Müller.

— Volta o gracejo... Você é intolerável...

— O melhor é não conversar absolutamente com a Sra. sua prima. Chegarei, cumprimental-a-ei; darei dois passos para trás, dois para os lados com certo sorriso de acanhamento e sumir-me-ei até a hora do jantar. Findo o banquete — que banquete há de ser, senão me queixarei de você toda a vida — farei os movimentos acima indicados, o mesmo sorriso e retirar-me-ei com a conciência tranquila...

— Brinque quanto quiser. Não lhe dou resposta.

— Entretanto, quero que você me tire de uma grande dúvida...

— Qual é?

— Com que roupa irei ao tal banquete? Veja bem que insisto na palavra.

— Com que roupa?

— Sim!

— Com a sua...

— Mas onde está ela? Eu não lhe disse que viajo sem malas, nem trambolhos?... Terei quando muito na bagagem do meu criado, não preciso explicar — alguma roupa branca.

— Malditas originalidades...

— Não se aflija por isso... Uma loja qualquer de roupa feita dará solução ao problema...

— Sem dúvida o Profeta, à rua do Ouvidor,

poderá fornecer-nos tudo, mas nunca fica coisa capaz...

— Deixe-se disso... é excelente, você verá como tudo assenta bem num homem sem pretenções... de certo... mas cujo corpo tem algum jeito de elegância. Então é no Profeta?

— Justamente...

Adolfo então assoviou duas vezes como já o fizera, afim de chamar o criado.

— Êste não se demorou.

Vinha com ar um tanto sonolento.

— Estava pegando no sono, Sr. João?

— Não, senhor, cochilava.

— Tenho ordens de importância que lhe dar...

— Então, tenha a bondade de esperar...

E João Sabino, sem mais autorização, deu três grandes pulos no ar e estirou os braços com toda a fôrça umas cinco vezes.

— Agora, estou pronto.

— Perfeitamente... Amanhã você irá à rua do Ouvidor. Sabe onde é?

— Não sei, mas perguntarei.

— Muito bem; naturalmente não conhece a loja do Profeta...

— Não, mas perguntarei também.

— Òtimamente. E' um grande depósito de roupa feita. Compre uns dois pares de calças de casimira da moda, um colete preto e uma sobrecasaca de pano fino...

— Está direito, aprovou o criado.

— Tudo de gôsto e que me assente como uma luva. A propósito, tome também luvas côr de cinza e um par de botinas envernizadas.

— E gravata? perguntou João Sabino.

— Também uma gravata... e de sua escolha.

Álvaro estava admirado.

— E as medidas? perguntou êle vendo retirar-se o encarregado de toda aquela singular comissão...

— Ah! não se importe: êle tem tudo isso e vai me trazer com certeza um trajo magnífico... Meterei todos os dandís num chinelo e você, a-pesar-de toda a amizade que me tem, há de emagrecer de inveja.

— Inveja tenho eu dêsse seu gênio. Assim é que se pode ser feliz.

IX

Dirigiu-se no dia aprazado Álvaro para a casa do comendador Faria Alves, levando em sua companhia e de carro o seu amigo Adolfo.

Ia êste metido em vestes um tanto largas, ainda que de bom talho. A calça era de côr delicada, mas fazia pregas em todos os sentidos — sinal de estreiteza; a sobrecasaca pecava por vício de conformação oposta e só poderia parecer apertada no corpo de algum militar reformado por princípio de obesidade. Ao pescoço enroscava-se uma chamejante gravata encarnada, gôsto apurado do João Sabino, que vacilara algum tempo entre essa e outra listrada de amarelo e preto.

Em suma, as medidas não haviam sido rigorosas; entretanto no meio de suas amplas roupagens, sentia-se Adolfo muito a cômodo.

— Creio que o João teve razão. A minha gravata deve estar de encher o ôlho.

— Mas entre nós, observou-lhe Alvaro, pouco se usa de gravata de côr.

Adolfo revoltou-se.

— E' boa, exclamou êle, venho de París e, em questão de modas, a imposição deve partir de mim...

E' de muito bom tom a gravata de côr, sobretudo quando se vai jantar fora da cidade, em um arrabalde...

Depois parou.

— Oh! diabo! Agora é que me lembro. Vou a uma casa de cerimônia, pela primeira vez e devia me apresentar de preto... E também de casaca... Isto é uma inconveniência e não pequena...

- Ninguém repara.

— Ninguém repara, é boa! Não quero ficar dependente da benevolência de pessoa alguma. A culpa foi sua... Porque não me avisou?

— Mas é jantar sem cerimônia, Adolfo.

— Embora... Agora, querem me fazer de ignorantão nas menores coisas do mundo.

— Não seja tão catita...

— O verdadeiro culpado é o João Sabino... Êle é que tem obrigação de cuidar disso, saber do cerimonial e ainda por cima o maluco veiu me enrolar o pescoço nesta bandeira encarnada...

Álvaro ria-se...

— O caso não é para rir... Infelizmente me esquecí das multas no meu contrato, senão hoje o maldito Sabino tinha de chuchar uma valente...

— E injusta. Você nem sequer lhe disse o destino da tal roupa...

— Perguntasse... A êle toca o dever da providência... Voltemos, Álvaro.

— Agora é impossível, replicou-lhe o outro

consultando o relógio, estamos até atrasados. E para que? Deixe estar; desculpá-lo-ei em regra: um homem que chega de viagem e que percorreu a palmo a Ásia e sobretudo a Oceânia, tem certas regalias...

— Uma gravata vermelha...

— Há pouco agradava tanto a você...

— Sim, mas os nossos patrícios são tão etiquetistas... Uma idéia...

— Qual é?

— Trocar a maldita em viagem... Não há por aquí alguma loja? Dizem que nas vendas há de tudo... Paremos numa delas e compremos uma de sêda preta.

— Ora, Sr. Adolfo, você está com os miolos virados...

— Uma gravata vermelha!

No meio dêsses queixumes, ia o carro vencendo ràpidamente caminho e não tardou, que, dobrando a rua Marquês de Abrantes, começasse a rodar ao longo da encantadora baía de Botafogo.

Em breve parou diante de uma residência que pela elegância de construção e acessórios que a rodeavam, bem podia merecer a qualificação de palacete.

Um bonito jardim inglês formava-lhe condigna entrada e por áleas caprichosas e mantidas com escrupuloso cuidado levava a uma escadaria de mármore, que se desdobrava em dois lanços, deixando intermédio um vasto nicho onde se via alterosa e bem lançada estátua.

Grupos de palmeiras entremeadas de *urânias*, copadas cestas de jurujubas e fúcsias rompendo os taboleiros da miúda grama, grutas e cascatinhas e um repuxo de abundante água, que

se espadanava em caprichosas volutas, alegravam as vistas e entretinham o frescor naquela luxuosa vivenda.

Quando os dois moços se apearam do carro e tomaram uma das alamedas mais curtas para chegar à casa, apareceu uma moça no tôpo da escada e, descendo com rapidez os degraus, veiu apressadamente ao encontro dèles.

Por seu lado amiudaram èstes os passos.

— Porque tardou tanto? perguntou ela a Álvaro.

— Por descuido...

— Imperdoável, concluiu a moça franzindo ligeiramente os sobrolhos.

— Confesso.

— E eu que o esperava para conversar com as minhas amigas antes do jantar. Já estou aborrecida, nem...

— Minha prima, interrompeu Álvaro, permita que lhe apresente o meu amigo de infância o Dr. Adolfo da Silva Arouca, de quem eu...

Laura — pois era ela em pessoa — cortou-lhe a palavra.

— As apresentações ficam para depois do jantar. Agora não há tempo. Olhe, papai está procurando por mim...

E sem responder ao cumprimento de Adolfo, fez com a mão um aceno à pessoa que a chamava do alto da escada e, assim como descera, subiu quasi a correr, todos os degraus.

Álvaro ficara vexado; e Adolfo acompanhava com os olhos a travessa donzela.

Ria-se.

— Não ha dúvida, disse èle, é bonita. Eis um tipo que me agrada...

— Você desculpará, balbuciou Álvaro.

— Ora, meu amigo. A sua prima é uma moça linda: dou-lhe os parabéns... Mas julgo que devemos caminhar... Estamos parados como dois estafermos. O jantar não há de vir até cá...

E para dar o exemplo subiu adiante de Álvaro a escada de mármore e entrou primeiro na sala de visitas.

Estava cheia de gente.

Adiantou-se o comendador Faria Alves pressuroso logo que viu Álvaro e acolheu mui calorosamente ao visitante, que lhe fôra imediatamente apresentado.

— Um amigo de Álvaro em minha casa vale tanto como um príncipe, disse êle dando um forte apêrto de mão.

Era homem já grisalho o tutor de Laura; alto, magro, de feições encovadas, sem animação, mas respirando bondade e falta de energia. Doentio desde muitos anos, tinha êsse ar melancólico e infeliz de pessoa que luta contra enfermidades tenazes. No mais, caráter quasi apático, só via pelos olhos da pupila em quem depositava, como já dissemos, uma afeição cega e demais meticulosa e timorata.

— Vá ter com Laura, disse êle para Álvaro; a tua demora a estava aborrecendo e receio muito que, pela noite, possa vir a ter dôr de cabeça. Eu me encarrego de apresentar o doutor aos conhecidos que aquí estão, e que naturalmente na qualidade de pessoa há pouco desembarcada lhe são estranhos.

Ficou, pois, Adolfo entregue aos cuidados do comendador que, sem tardar, lhe fez travar conhecimento com o desembargador Praxedes, homem empertigado e curto, todo cheio da sua importância, olhando para os outros com uns

olhos muito vivos e redondos, que tinham a pretenção de querer ser perspicazes.

— Um dos nossos mais notáveis magistrados, disse o dono da casa com modo de quem repetia de outiva èsse juízo pela milésima vez, o Dr. Adolfo da Silva Arouca.

Os apresentados saudaram-se ligeiramente. O desembargador aplicou ao òlho esquerdo um monóculo para ver melhor quem se erguia ante a sua grandeza e perguntou com tom incisivo, arqueando as sobrancelhas e fazendo cair o vidrinho:

— E' advogado?

— Não, senhor, respondeu Adolfo, sou viajante...

— Mas é formado?

— Na academia de Amadan...

— Ah! replicou o interpelado com um abanar de cabeça aprobatório, estimo muito...

E fitando o pretendido doutor persa com uns olhinhos muito abertos, deixou perfeitamente ler neles que nunca tinha ouvido falar naquela faculdade científica.

— Eis aquí o nosso bom amigo o Sr. conselheiro Florimundo Pereira, disse o comendador Faria Alves estendendo a mão a um sujeito avelhantado, alto, cheio de corpo e meio sonolento: Sr. conselheiro Florimundo, o Dr. Adolfo Arouca; Sr. Dr. Adolfo, o Sr. conselheiro Florimundo.

Novos cumprimentos, que da parte do conselheiro tinham um cunho especial de benevolência, um tanto aparvalhada.

— Então que há de novo? perguntou èle a Adolfo tomando uma enorme pitada de rapé que lhe caíu toda inteira do nariz no soalho, passando pelo peito da camisa e frente do colete.

— *Nihil sub sole novum*, respondeu-lhe o apresentado com toda a seriedade.

— E' verdade, é verdade, aprovou o conselheiro dando uns roncos que deviam significar uma espécie de risada.

Diretor da instrução pública algumas dezenas de anos atrás, tinha o Exm. Sr. Florimundo uma reputação firmada de capacidade, e luzeiro das letras e ciências brasileiras, pelo que brilhava o seu nome respeitado como seguro farol aos olhos da mocidade briosa, que concorria aos exames de preparatórios.

Dizia-se mesmo que tinha entre mãos uma obra que produziria abalo no mundo filológico ou político. Uns a intitulavam — *Influência do estudo da língua grega nos costumes públicos;* outros, *História da revolução dos balaios na Baía;* outros ainda, *Lições práticas de agronomia e sericicultura.* Nessa dúvida labutavam os espíritos sérios, sem que jamais o sábio e impenetrável conselheiro se dignasse proporcionar um ensejo qualquer de chegar-se ao conhecimento da verdade. Inimigo figadal de tudo quanto cheirasse a galicismo, cultivava, em suas conversações e nos raros e mal conhecidos folhetos que até então produzira, um português cerrado, muito além do mais puro quinhentismo, empregando têrmos tão obsoletos e estapafúrdios que muitas vezes ficavam os seus ouvintes *in albis* sôbre o que queria dizer.

Eram as suas leituras favoritas os livros mais bolorentos da literatura portuguesa e o seu espírito sonolento deleitava-se na crônica do Condestabre D. Nuno em saber — *como el Rey de Castella por a grande pestélança que era*

em seu arrayal, e por mais não poder continuar o cerco, se partio de sobre Lisboa.

Em poesia aceitava quando muito Camões, mas vivia na mais tocante intimidade com Vasco de Cavelo, Pedro Solaz, Afonso Baião, Mem Tenório e João de Guilhade.

Costumava recitar aos seus particulares amigos como última expressão da delicadeza poética êstes versos:

> «Senhor, que grav'oj'a mi é
> De me aver de vós a partir
> Cá sei de pran, pois m'eu partir
> Que mi averrá, per boa fé.
> Averei, se Deus me perdom
> Gran coita no meu coraçom.»

E neste gôsto ia longe. Também com tudo isso mais se exaltava o justo orgulho, que sentiam os seus compatriotas por possuirem no Brasil uma tão curiosa notabilidade, honra das letras, ornamento das ciências.

Não se aventava no país uma discussão sôbre pontos filológicos, sôbre belas artes ou qualquer matéria científica, que como obrigatório final deixasse de figurar entre outros o nome do conselheiro Florimundo, pouco mais ou menos nestes têrmos:

«Êste grande império, fadado pela Providência para os mais altos destinos e entretanto tão novo em vida social e política, conta já glórias imorredouras. Sem pintores-poetas, poetas-pintores, grandes arquitetos, cultores respeitados em todos os ramos das ciências e artes; possue matas colossais, rios imensíssimos, etc., etc. Na província do Paraná tirou-se ùltimamente um

toro de pinheiro que deixa muito longe todos os produtos florestais tão decantados da Austrália e Califórnia. Pouco temos que invejar à velha e culta Europa. Basta citar o nome do Sr... ou do sábio... ou do eminente... ou do inspirado... ou do proveto conselheiro Florimundo» — aí aparecia êle, etc.

Do gabinete de estudos dêsse tão assinalado personagem contavam-se coisas do arco da velha. O certo é que nele só entravam, como naqueles misteriosos laboratórios de alquimistas da idade média, o mestre e a poeira. Nunca uma imprudente vassoura ousara penetrar naquele recanto literário e científico; nunca um estouvado espanador tocara nem de leve aquela imensa mesa de trabalho, aqueles manuscritos preciosos, aqueles livros de consulta, aquelas estantes cheias de alfarrábios e in-fólios.

Carregado de numerosa família, cujos rebentões só chegavam até a porta daquele quarto fechado aos profanos, preenchia o Sr. conselheiro Florimundo os deveres da sociedade com o ar de quem vive acabrunhado por trabalho superior às fôrças humanas e que o obrigava a uma alimentação desencadernada, na frase de Nicolau Tolentino.

— Coitado de meu marido, exclamava a Sra. do Sr. conselheiro Florimundo em voz dolente, êle dorme em cima dos livros.

E não dizia senão a pura verdade.

X

Continuaram as apresentações.

— O meu amigo de muitos anos, o Sr. Pessoa de Lima, disse o comendador Faria Alves levando Adolfo a encontrar um homem alto, bastante gordo, de pescoço curto, còres vivas, olhar severo, nariz adunco e testa enrugada. Tinha os cabelos e barba à inglesa, já pintados de branco e preto, ou, como se diz vulgarmente, sal e pimenta. Vestia com apuro a cerimoniosa casaca preta em cujo peito se viam brilhar as pontas de uma condecoração estrangeira, cravejada de brilhantes e meio oculta.

— Foi meu sócio comanditário durante muitos anos, continuou o comendador, e consagro-lhe boa e antiga amizade. Com razão estimado e rico, tem a fortuna de possuir uma filha linda, que daquí a pouco o Sr. há de conhecer, e um filho muito belo moço.

Fez o Sr. Pessoa de Lima ligeiro movimento de cabeça, que podia ser interpretado como um cumprimento, ou um gesto de proteção e mirou de alto a baixo o apresentado.

— Eis uma figura implicante, disse consigo Adolfo.

— O seu filho está aquí? perguntou êle para dizer alguma coisa.

Dignou-se o Sr. Lima deixar cair dos seus lábios uma resposta qualquer.

— Veiu comigo; mas naturalmente há de estar com as moças. E' próprio da idade.

— Vou chamá-lo, propôs o comendador. Há de ser o seu companheiro inseparável no Rio de Janeiro. Ninguém servirá para êsse mister como êle.

E o bom do velho afastou-se, deixando Adolfo junto do seu altivo ex-sócio comanditário.

— E o Sr. não gosta de conversar com as moças? perguntou Pessoa de Lima armado da comiseração especial que certos homens têm para com aquelas idades que se deleitam na convivência do belo sexo e não puderam ainda sonhar com as agitações do movimento da praça.

— Conforme, respondeu Adolfo.

— Como assim?

— Prefiro naturalmente a conversação de uma moça amável e espirituosa à de um homem secarrão e enfatuado ou tolo; mas também estabeleço o *mutatis mutandis*.

Mordeu o outro ligeiramente os lábios e encarou Adolfo meio carrancudo, mas replicou com certo tino:

— Vejo que o Sr. Dr. não navega nos mares da sociedade sem a bússola da experiência e sobretudo sem o farol do bom senso.

— Agradeço muito êsse seu elogio marítimo, tanto mais quanto me declaro aquí marinheiro de primeira viagem.

Nisto chegou o comendador Faria Alves, trazendo pelo braço um mocetão bonito de rosto, e vestido segundo as mais rigorosas exigências da moda.

A calça muito apertada em cima terminava em enorme bôca de sino: o colete expandia-se com pretenções a *l'incroyable*; o paletó mal descia abaixo do quadril e mostrava uma infinidade de portinholas e bolsinhos. O colarinho era *Em-*

peror dos mais exagerados, erguia-se quasi à altura das orelhas e, abrindo em curvas elegantes, deixava ver todo o pescoço até a covinha das clavículas.

A gravata era uma obra prima saída das mãos de rigoroso e conciencioso *dandí*, depois de horas talvez de labor insano diante de um espêlho...

Como descrevê-la?

De sèda da Índia, branca, salpicada de pontos pretos, parecia descuidosa enrolar-se ao redor do pescoço do seu feliz possuidor, mas de repente prendia-se em um nó e desabrochava num laço tão formoso, tão natural, tão perfeito, tão elegante, que devia por fòrça chamar as vistas para o cavalheiro capaz de demonstrar aquela especialidade.

Era èsse laço o desespèro de todos os amigos do Dr. Pessoa de Lima Júnior: èsse laço era um dos segredos daquele moço que estudara em academias e até numa delas se formara afim de pòr uma inteligència mais esclarecida à disposição dos caprichos da moda. Também em breve tornara-se o oráculo dos alfaiates que lhe tributavam a admiração e respeito correspondentes às contas fabulosas semestralmente apresentadas a pagamento.

No mais, amigo de divertir-se, franco no seu modo de viver, fútil de idéias e cujo futuro tão sòmente se cifrava no possível arranjo de um casamento rico, logo que se oferecesse o ensejo.

— Aqui está o nosso travesso rapagão, disse o comendador pondo o Dr. Pessoa de Lima diante de Adolfo. E' èle quem há de guiá-lo em todos os divertimentos do Rio. O magano conhece-os um por um...

— Demais, demais, atalhou o pai com sorriso protetor de quem concede certo prazo de folias à mocidade.

— Depois, tenho a quem sair, replicou o *dandí* encarando o pai com ar atrevido.

— Isto é verdade, confirmou o Sr. Pessoa de Lima com atitude um tanto desdenhosa, mas com a diferença que eu nunca teria tido a confiança de dizer isto a meu pai...

— Outros tempos, outras modas, replicou o filho fazendo uma visagem expressiva de pouco caso.

Não quís Adolfo continuar a assistir a conversação no caminho desagradável que tomava.

— Apresente-me agora, Sr. comendador, disse êle para Faria Alves, a algumas senhoras. Abuso evidentemente de sua bondade, mas já que começou, complete a sua tarefa.

XI

— Eis as Sras. Álvares da Fonseca, pessoas muito amigas de toda a nossa família, disse o comendador incluindo com um gesto de mão a quatro senhoras velhas que corresponderam à respeitosa saudação de Adolfo, enterrando três ou quatro vezes o queixo no peito por meio de uma sacudidela sêca de cabeça.

— São pessoas de linhagem muito nobre. Descendem de D. Sancho Malagafeira dos Algarves, e conhecem Laura desde criancinha, observou Faria Alves em voz baixa, quasi misteriosa,

como se esta circunstância especial devesse dar grande realce à árvore genealógica daquelas dignas solteironas.

— Vou agora, continuou êle, entregá-lo às mãos de uma das mais belas moças de toda a nossa sociedade. E' filha do Dr. Pessoa de Lima, viúva de 26 anos, quando muito, espirituosa como uma parisiense e muito admirada por todos. Dou-lhe um conselho prévio: cuidado com ela; é uma sereia.

— Terei toda a cautela: em todo o caso agradeço o aviso. Muitas vezes quando dado em tempo, vale tanto como a cera que Ulisses pôs nos ouvidos dos companheiros.

E ambos, rindo-se, dirigiram-se para um dos cantos da sala, onde dois cavalheiros conversavam animadamente com uma senhora.

— O' minha gravata! murmurou Adolfo ao chegar-se ao grupo.

— D. Idalina, disse o incansável apresentador, trago à presença de V. Ex. o Dr. Adolfo da Silva Arouca, amigo íntimo de Álvaro e viajante infatigável.

Adolfo curvou-se respeitosamente.

— Chega de París...

Um sorriso e um olhar de dúvida denunciaram a admiração da viúva.

— ...depois de ter corrido seca e meca, Olivais e Santarém. E' pessoa que muito me merece e pela amizade que já lhe tenho, deixo-o na companhia de V. Ex., até a hora do jantar.

Ficou Adolfo de pé diante da pessoa a quem haviam chamado de Idalina, sem ver perto de si cadeira alguma em que se pudesse sentar, e compreendendo que estava em posição falsa e quasi ridícula. Os dois moços que conversavam

tão calorosamente haviam-se recolhido ao silêncio e, recostados em suas poltronas, pareciam flanquear aquela posição, com mostras de receber como inimigo a qualquer que a ela se chegasse.

Outro que não Adolfo se perturbaria, mas êle conservou toda a calma.

— E' fôrça concordar, minha senhora, disse êle inclinando-se para a viùvinha, que a nossa sociedade tem singulares exigências. Estava V. Ex. se entretendo alegre e animadamente com êstes dois amáveis cavalheiros que têm a honra e fortuna de conhecer de perto, e entretanto lá vem um intruso...

— Não, senhor, protestou Idalina.

— Como eu, que chega de longe, que V. Ex. nunca viu nem supôs jamais ver, e, depois de uma apresentação de alguns segundos, interrompe-se uma palestra interessante para trocarmos meia dúzia de palavras, afim de matar o tempo... Se ao menos eu tivesse perto uma cadeira, puxava-a e sentado diria algumas banalidades sôbre o bom tempo, ou a chuva, sôbre a baía de Botafogo e o clima do Rio de Janeiro.

— O Sr. deseja sentar-se? perguntou um dos moços levantando-se a meio.

— Se me faz êste favor, replicou Adolfo, beijo-lhe as mãos por tamanha amabilidade.

Parece que o outro não contava com a aceitação, por isso que cedeu o seu lugar com muito mau humor.

— Agora, observou Adolfo, estou muito mais a cômodo, e poderei dizer as futilidades de rigor com alguma pausa... e em situação mais cômoda.

E, observando que o moço a quem tomara o lugar se ia retirando daquele grupo:

— Peço-lhe, disse êle, que me diga o seu nome... De ora em diante hei de lhe votar uma gratidão especial.

O interpelado enrubesceu ligeiramente, duvidou um pouco, mas afinal respondeu:

— Alves Cabral.

— Pois, Sr. Cabral, conte comigo em qualquer dificuldade, sobretudo quando eu o vir de pé e necessitado de alguma cadeira...

Voltando-se para Idalina, perguntou com toda a seriedade:

— Êste obsequioso senhor será descendente de Pedro Álvares Cabral?

— Não sei, respondeu a viúva meio risonha. Sabe, Sr. Raul?

O outro cavalheiro que se deixara ficar sentado sem dizer palavra e respondia a tão romântico nome, pareceu acordar do letargo e estremeceu à pergunta.

Era um homem muito barbado, de olhar sombrio e cintilante. Trajava de preto dos pés à cabeça, como que uniformando o aspecto e côr da roupagem com o das barbas e cabelos.

Desnecessária muita perspicácia para conhecer, depois de ligeira observação, que era um ente completa e radicalmente dominado pela interessante viúva.

— Não ouví o que V. Ex. perguntou, disse êle, procurando sorrir mas com visível perturbação.

— Perguntava êste senhor... A propósito, deixe-me fazê-los travar conhecimento.

E com gesto amável de quem estabelece relações que devem ser naturalmente simpáticas:

— O Sr. doutor... como se chama? O comendador disse-me...

— Adolfo da Silva Arouca, respondeu Adolfo, servo humílimo de quem, como a senhora, é bela e boa.

— Ah! é verdade, o Sr. Dr. Adolfo da Silva Arouca e o Sr. Raul Afonso de Sousa.

Ergueram-se os dois ligeiramente das cadeiras, trocando recíprocos olhares, Adolfo de simples inspeção, Raul de desconfiança e má vontade.

— Êste senhor, perguntou Adolfo pendendo para o lado da viúva, será descendente de Martim Afonso de Sousa? Pelo menos o nome...

Riu-se Idalina.

— O senhor está me pondo em dificuldades sérias quanto à história do Brasil. No colégio não me ensinaram a descendência daqueles grandes marítimos, nem tenho interêsse em conhecê-la...

— Desculpe-me tanta curiosidade, replicou Adolfo, mas nada mais natural do que procurar informar-me acêrca de nomes que me devem ser gratos por muitos motivos, primeiro por ser brasileiro, depois por ser paulista, além de...

Neste ponto vieram anunciar que o jantar estava à mesa.

Precipitou-se o Sr. Raul para oferecer o braço que, depois de alguma hesitação e com muita faceirice mal disfarçada, foi aceito pela viùvinha.

Quando ela passava por diante de Adolfo, murmurou-lhe êste quasi ao ouvido:

— O Sr. Afonso de Sousa quer fazer da senhora uma capitania de S. Vicente.

Sorriu-se Idalina, mostrando os belos e pequenos dentes que lhe ornavam a boquinha.

— Felizmente, disse ela em resposta, o D. João III sou eu mesma.

Voltou-se Raul inquieto, mas não compreendeu o que diziam.

— A viùvinha tem espírito, concordou consigo mesmo Adolfo acompanhando o movimento geral e dirigindo-se para a sala de jantar, onde já se achavam diversas pessoas, umas de casaca, outras menos cerimoniosamente vestidas.

Álvaro, que estivera a conversar com a prima desde o momento da chegada, fez um gesto prazenteiro ao amigo, quando êste entrou e com um piscar expressivo de olhos deu-lhe a entender que breve teria muito que lhe contar.

XII

Enquanto se assentam os convidados em tôrno da faustosa mesa e na disposição que a cada um marcava um elegante cartão *glacé* ornado de figurinhas báquicas e elegantemente cômicas, aproveitemos o tempo.

Perto de trinta eram êsses convivas e de entre êles já conhecemos alguns graças às apresentações do Sr. Faria Alves, mas procuremos ter notícia mais exata, sobretudo daquelas personagens que, no correr desta narrativa, deverão figurar em primeira linha.

Antes de todos atrai naturalmente a nossa atenção Laura Gomes, que da indisputável sinceridade de Adolfo Arouca merecera um elogio espontâneo e caloroso.

Era, com efeito, uma bela moça.

De tez muito clara, tinha grandes olhos de um azul cerúleo, cuja còr contrastava com a dos bastos e negros cabelos que lhe caíam levemente ondeados pelos ombros abaixo, emoldurando um rosto perfeitamente oval. O seu perfil era puro, o nariz fino terminando em narinas róseas e delicadas que, como as das Deusas mitológicas, fàcilmente fremiam à menor contrariedade, ao passo que os mimosos lábios se lhe encrespavam de impaciência. Um talhe esbelto e pèzinhos nervosos, muito acostumados a bater convulsivos e imperiosos no chão, completavam êsse belo tipo feminino.

Inteligência e bondade, mas também orgulho de si e espírito de obstinação, eis em poucas palavras o quadro de sua disposição moral que daquí a pouco estudaremos com minúcia e cuidado verdadeiramente psicológicos.

A sua amiga Idalina, que nos foi apresentada como filha do Sr. Pessoa de Lima, tinha outros títulos de recomendação, na verdade muito mais valiosos do que êsse.

Primeiro que tudo a sua graça inexcedível, o seu donaire; depois, o seu espírito e também instrução.

Loura, com grande abundância de cabelos anelados, com olhos travessos, cintilantes, perscrutadores, bòca sedutora, vermelha como rosa em botão, e muita graça em toda a sua delicada pessoa, devia em qualquer parte do mundo causar sensação.

Era além disso titular.

Fôra casada com o velho visconde de Oriano que lhe deixara, ao morrer, um bonito título sem dúvida, mas rendas diminutíssimas, tanto assim que a jovem viscondessa se vira logo obri-

gada a ir bater à porta paterna, muito a-pesar-das suas magníficas disposições em viver livre e independente.

Era tido Pessoa de Lima em conta de homem muito abastado, e o seu tratamento justificava perfeitamente não só o boato, como a asseveração do seu ex-sócio comanditário. Entretanto fôrça é confessar, se em algum tempo havia sido rico, presentemente não o era, e, no meio de negócios muito mal parados, começava a viver de expedientes.

Conservava, porém, toda a sua calma; não perdera um ceitil da natural arrogância, de modo que todos, a uma, continuavam a depositar a mais plena confiança, não já na existência, mas na solidez e prosperidade da sua fortuna.

Não se iludira a filha com tais exterioridades. Perspicaz e fina conseguiu, ela única, arrancar de seu pai esclarecimentos, que fortaleceram de modo positivo a sua intenção firme de tornar a casar quanto antes com algum ricaço, ainda quando pertencesse às fileiras da finança, mas da finança sólida e inabalável. Dispensaria aristocracia, que de honras sem rendas estava ela farta logo dias depois do casamento. Orgulhosa, contudo, e ainda mais escarninha e perigosa nas menores intenções, ocultava as suas vistas matrimoniais por meio de jôgo tão hábil, que muita gente a supunha para sempre desgostosa dos laços do himeneu.

Era isto que lançava em consternação a chusma dos seus adoradores, em cuja vanguarda marchava indubitàvelmente Raul Afonso de Sousa, empregado público de minguados recursos, mas que ardia de paixão pela bela viúva. Ornado de uma exuberância de barbas, que assenta-

vam na sua atlética figura, irascível e dominador, servia êle, por enquanto, de espantalho a quantos quisessem navegar nas mesmas águas.

Bem compreendia Idalina os inconvenientes daquele verdadeiro guarda-costas; mas pelo sentimento de orgulho inato em todos e principalmente nas mulheres, logo que subjugam naturezas possantes, dessas que parece terem nascido para avassalar aos outros e nunca serem submetidas, e pelo agrado que a qualquer coração causa o conhecimento de um amor profundo e capaz de todos os sacrifícios, ia ela dando certa atenção benévola aos olhares incendiadores e repassados de ardente ciume que lhe atirava a cada instante o seu tenebroso admirador bem pudéramos dizer, tão humilde quanto cabeludo escravo.

Nenhuma significação tinha, porém, isso no espírito da faceira viúva, que faria voar pelos ares com um golpe nervoso de leque o seu *patito*, apenas o supusesse barreira para qualquer plano delineado e que convinha levar à solução pronta e completa.

Ah! viscondessa, bela viscondessa! O vosso atilamento é grande, as vossas vistas são largas; vosso olhar aquilino; como, porém, não adivinhastes ainda que vos ama em silêncio, retirado, à sombra, desanimado, justamente quem pudera coroar todas as vossas esperanças?

E' um milionário quasi; negociante outrora, hoje capitalista. Concentra em seu peito uma chama devoradora e recalca-a por indomável acanhamento. Alheio toda a sua vida ao movimento dos salões, solteiro, solteirão, só frequentava a casa de Faria e de cada vez que lá se deparava aquela visão, aquele anjo de beleza, voltava para

a sua casinha solitária ardendo em verdadeira febre, prostrado, sem idéias, sem fôrças, na mais completa desesperação.

Raul, o tétrico e bárbaro Raul, o perseguia em todos os seus sonhos, mas, nesses mesmos devaneios, o honrado e tímido capitalista reconhecia a superioridade do rival, a distância que os separava, pelo que também, a pouco e pouco, fôra a admiração, repassada de respeito e amor, cercando, de uma mesma auréola aqueles dois seres, que lhe inspiravam sentimentos tão violentos.

Ah! se a viscondessa suspeitasse! Como se aniquilaria o belo Raul para dar lugar ao Sr. Azevedo Moreira!

Justamente lá se achava à mesa essa digna vítima que, no declínio de uma vida tranquila, uniforme e pacata, o travesso Cupido ferira tão cruelmente; lá estava êle literalmente esmagado pela honra que lhe davam os mais de sentar-se ao seu lado e, de vez em quando, lhe dirigirem a palavra.

Preenchera já, vencendo mil dificuldades, o seu mais grato dever. Ao chegar a bela viúva, fôra — como os outros, está subentendido — cumprimentá-la e merecera, não só um aperto de mão, mas também uma saudação.

— Como está, Sr. Azevedo Moreira? haviam os seus lábios perguntado.

Também até o momento do jantar retirara-se o pobre homem a um canto e aí remoera as delícias daquela pergunta.

O seu nome naquela bôca!...

Mas não ficou aí a felicidade de tão assinalado dia.

Também se dignara Raul vir trocar algumas

palavras com êle e consentira até que se armasse uma espécie de conversação sôbre as cotações da praça.

De bom grado Moreira por tamanha condescendência lhe houvera cedido todos os juros do semestre a que podia ter direito.

Não, por Deus! Nos fastos do dinheiro não havia outro exemplo assim do meio milhar de contos tão acanhado e descrente dos seus merecimentos.

Felizmente o tipo é raro, quasi único. A fortuna não dá sòmente cabedais, dá também orgulho, vanglória, e, pela mais natural das metamorfoses, faz de um néscio, senão um sábio, pelo menos, um ente muito digno de respeito.

E para que ninguém se subtráia a essa merecida consideração, quem começa por tributá-la a si, é o próprio e feliz possuidor de grossas somas em ouro ou em bilhetes do Tesouro Nacional, pagáveis ao portador.

XIII

Na mesa do comendador Faria Alves ostentavam-se luxo e bom gôsto. Ricos vasos de flores; cestas elegantes contendo frutas artìsticamente arranjadas; vinhos finíssimos a cintilarem nas garrafas de cristal e magnífica porcelana, marcada com o monograma do dono da casa, resplandecia à luz de grandes candelabros de prata que sustentavam três ordens concêntricas de globos, em que ardiam velas de espermacete côr de rosa.

Era o serviço feito à francesa.

Numerosa criadagem, toda ela de casaca, gravata branca, meias, calções e o competente tope ao braço, movia-se em ordem, distribuindo, com calculada morosidade iguarias suculentas, que sem cessar se iam sucedendo.

Outros só se ocupavam de trazer os copos dos convidados sempre cheios dos vinhos mais delicados.

Sem êsse cuidado, naturalmente o Sr. Azevedo Moreira não houvera comido, nem bebido, também nisso exemplo único, pois todos os mais davam concienciosa conta do recado, ou melhor, do jantar.

Ia aceitando Adolfo de tudo com uniforme imparcialidade, provando de todos os pratos que lhe ofereciam.

Estava sentado entre o conselheiro Florimundo Pereira e o desembargador Praxedes e notava — motivo de simpatia — que os dois dignos funcionários eram excelentes garfos.

Houve, porém, momento em que, arrefecendo-se o apetite do respeitável ex-inspetor da instrução pública, lembrou-se èle de interpelar o Sr. desembargador, inclinando-se para isso sôbre Adolfo, que na ocasião, apreciava, um peito de perdiz *truffée* e a ponto *faisandée.*

— Então, perguntou èle sacando do bolso a sua enorme caixa de rapé, que diz Vossência da questão religiosa?

Depôs logo o desembargador o garfo no prato e arregalou com a habitual vivacidade os olhinhos redondos. Depois caíu sem a menor cerimònia do lado de Adolfo, aproveitando o espaço que havia entre o corpo dêste e a cadeira,

para por alí introduzir a cabeça e chegar-se mais ao interlocutor.

— Digo, respondeu êle, que vamos muito bem: tem havido conveniente energia...

— Qual! E que solução deu o govêrno à dificuldade?...

— Fez respeitar a Constituição do Império... Ficou salva a prerrogativa soberana...

— O temporal não pode ter mão no espiritual...

Neste ponto Adolfo, recostando-se à cadeira e abrindo os cotovelos, arredou por instantes os incomodos e intempestivos discutidores.

— Vossência, continuou o conselheiro espichando o pescoço para falar por cima da cabeça de quem os interrompia, não leu com os olhos atentos o último discurso do Cândido Mendes? Em pequeno espaço fez vir a seus pés os contrários... Não viu?

— Ainda não. Separei o *Diário*, mas falta-me coragem para engulir dezenas e dezenas de colunas cheias de bulas e breves...

— Pois alí há nada que se perca. O homem fez um largo falamento e desvendou o plano dos maçons que querem esmadrigar de todo da igreja as ovelhas descarriadas.

— Ora, quem argumenta é o Nabuco... Eu mesmo lho disse, e eu, Sr. conselheiro, custa-me elogiar a quem quer que seja...

— Em todo o caso o glorioso D. Vital, do fundo do seu cárcere...

— Que cárcere... uma chácara!...

— Vossência permita que eu enriste lança tèsa contra èste têrmo ou vocábulo. Chácara é seguidilha cantada à viola... Quinta ou lògro quís dizer...

— Por certo...

— Mas quinta ou não, prisão é, e do fundo da mesma, o prelado mártir — que congoxa! — um santo! dita regra e lei à sua diocese.

Empunhou o desembargador o garfo com ar de muita energia.

— Désse-me o Imperador a pasta do Império, e os padres veriam!...

— Se Vossência quer a perturbação da paz do Império, se vibrar deseja último golpe na pública moral, matar de raiz a crença e destruir a família... Êsses dispautérios vêm da hodierna ensinança...

O corpo do ultramontano descansava quasi sôbre o braço de Adolfo.

Êste não se conteve mais.

— Com licença... una observação, disse êle com muita frieza.

— Fale, fale, anuiu o conselheiro preparando colossal pitada, o Sr. traz com certeza tropas frescas em meu socorro... Vejamos se...

— Perdão, atalhou Adolfo, não me ocupo absolutamente com a questão religiosa...

— Ah! exclamaram os dois retraindo-se.

— Mas os senhores estão me incomodando, há bons minutos, de um modo intolerável.

— Oh!

— Faço una proposta que pode conciliar a nossos interêsses recíprocos; é uma troca de lugares. O Sr. conselheiro muda de cadeira; toma esta em que estou sentado e vou ocupar a dèle. Dêste modo a discussão que empenharam correrá animada, sem que eu fique estatelado.

Nada os dois responderam, mas Adolfo insistiu, e o conselheiro meio resmungando não

teve remédio senão satisfazê-lo, com rumor, porém, bastante para atrair a atenção de todos.

— Que foi? perguntou o comendador Faria Alves dirigindo-se a Adolfo.

— Nada, respondeu êste com muita fleuma. Troquei de lugar com o Sr. conselheiro Florimundo que estava a discutir a questão religiosa por cima dos pratos em que eu comia.

Houve uma risota. Resmoneou o ultramontano um protesto ou mal desculpa e em voz baixa continuou a esgrimir-se com o desembargador, mas já sem o calor primitivo, nem entusiasmo.

— O seu amigo, disse Laura a Álvaro quando o incidente findou, parece um homem decidido...

— Oh! um original!... E você, a propósito, tratou-o no jardim tão singularmente... Eu estava desejoso de tocar neste ponto...

— E porque não tocava?

— Porque, replicou êle com alguma vacilação, me obrigava quasi a uma censura.

Laura sorriu-se...

— Censura?... Vejam como o Sr. Álvaro toma as dôres do amigo viajante... E que lhe fiz eu?

— Não deu a mínima importância à apresentação que eu lhe fazia...

Era o tom de doce exprobração.

— Ou é pouco caso em mim ou nele...

— Ora, não diga isto... Você me aflige.

E com meiguice continuou:

— Está bem; logo depois do jantar, vá buscar o seu amigo. Far-lhe-ei tal acolhimento, que desaparecerá qualquer má impressão... Você verá...

— O seu poder é tanto... murmurou Álvaro com mal disfarçada ternura.

— Deixe-se de cumprimentos: não queira fazer concorrência ao Artur.

— Que Artur? perguntou Álvaro meio suspeitoso.

— O Pessoa de Lima...

— Porque o chama com tanta familiaridade? observou èle com algum queixume.

— Que tem? Também não trato a você pelo nome próprio?

O outro nada replicou, mas de despeito mordeu o beiço.

— Não simpatizo nada com essa *pessoa*, disse acentuando na última palavra.

— Pois não lhe vejo muita razão: é um tanto leviano, mas nada tem de embirrante: além disso é irmão de Idalina...

— Simpatizo ainda menos com essa outra...

Protestou Laura com calor:

— Ora veja lá, Sr. Álvaro, como fala das minhas amigas... Olhe que posso ferí-lo com as mesmas armas...

Fòra Adolfo Arouca com a mudança de lugar colocar-se ao lado de uma das senhoras Álvares da Fonseca, descendentes de D. Sancho Malagafeira dos Algarves, a mais moça das quatro irmãs, mas, nem por isso, menos velha em relação à mocidade considerada em absoluto. Magra e vestida com pretenção, ouvia ela atentamente o que lhe dizia com muito fogo um senhor ornado de ponteagudo cavanhaque e espessos bigodes quasi brancos.

— Oh! Sr. coronel, interrompeu ela de re-

pente alçando a voz, deve ser uma coisa horrível!

— Pelo contrário, replicou o outro, afianço a V. Ex. que é divertidíssimo... Em Itororó tive ocasião de dar uma carga furiosa de cavalaria... Isto é, não fui eu mesmo que a dei, mas estava a dois passos... Importa pouco ao caso. A nossa gente voava: os paraguaios mal tiveram tempo de formar quadrado. Então carregámos com ímpeto e os debandámos. Daí a pouco só se viam estômagos furados, cabeças cortadas, homens mutilados...

Interrompeu-o um gritozinho.

Era a interessante ouvinte que empalidecera a ponto de fazer crer em imediato desmaio.

— Decididamente, resmoneou Adolfo, esta gente não me deixará comer sossegado.

E, dirigindo-se para o coronel que ficara engasgado e olhava atônito para a impressível dama:

— O Sr. não vê, disse êle com calma, que as suas histórias de guerra fazem mal aos nervos da senhora...

— De fato, murmurou ela abrindo e fechando os olhos como quem procura recobrar os sentidos, tantos horrores...

— Sobretudo à mesa do jantar, acrescentou o interruptor com um sorriso que queria parecer gracioso e conciliador.

O militar embainhou a valentona língua e deu furiosa carga num prato de *mayonnaise* que acabavam de colocar diante dêle.

Terminou para Adolfo o jantar sem mais interrupções.

XIV

Logo que todos se levantaram da mesa, espalhando-se pela sala próxima à espera do café que não se fez demorado, veiu Álvaro ter com o seu amigo. Era noite fechada, e a casa iluminara-se profusamente.

— Estou muito queixoso de você, disse-lhe Adolfo entre dois goles de verdadeiro moca.

— Mas porque?

— Furioso...

— E' gracejo...

— Não, estou falando muito sério. Você me abandona, retira-se; tem familiaridade na casa, agarra-se a conversar com conhecidas e parentas, e deixa-me sòzinho a debater-me no meio de gente, que nunca vi, nem desejava, nem pretendia ver...

— Ora, Adolfo, você não é nenhum colegial que precise de alguém junto de si... Homem de sociedade...

— Quem lhe disse?

— Desembaraçado...

— Acanhadíssimo... pelo contrário...

— E demais, o comendador Faria Alves tomou a si o cuidado de lhe dar o conhecimento de todos os seus convidados... Ninguém mais próprio...

— Sim, andámos à roda da sala: fiquei tonto...

— Pois bem, dou as mãos à palmatória e não o largo mais, tanto mais que tenho uma missão que cumprir...

— Qual é?

— Levá-lo à minha prima Laura...

— Como se leva um ramalhete... ou um carneirinho puxado por uma fita azul celeste?...

— Safa! Você está implicando até com o meu modo de falar... Que massante!... Pois, retifico a frase, Sr. gramático, Sr. Burnouf, Sr. Florimundo. Tenho que levá-lo *à presença* da minha prima Laura. Está satisfeito agora?

— Falta ainda alguma coisa...

— Que falta?

— Saber a que vou.

— Antes de tudo completar a apresentação...

— Você já não a fez no jardim?

— Não: aquilo foi coisa rápida... o lugar era impróprio...

— Pelo amor de Deus, tenho que avisá-lo que estou farto de apresentações. Já o seu tutor, ou o da sua sereníssima prima me deu uma dose sofrível... Conheço coronéis, desembargadores, conselheiros, sócios cománditários, negociantes, pelintras e viscondessas...

— E o magano se queixava do abandono, entregue como foi às amabilidades de tão guapa viùvinha...

— Porventura você lhe faz a côrte?

— Deus me defenda... Creio que pouca simpatia lhe inspiro... Vamos ver Laura. Ela nos espera na saleta verde.

E os dois se encaminharam para um aposento vasto e arejado, forrado de papel esverdeado e cuja mobília parecia dar-lhe o destino especial de sala de conversação. Jardineiras com bonitas e raras flores entretinham um aroma agradável e constante e, no meio, uma mesa de mármore

sustentava uma grande jarra de cristal cheia de água, em que brincavam uns peixinhos dourados da China.

Parecia Laura ocupada em seguir-lhes os movimentos rápidos, quando Álvaro e Adolfo penetraram na sala.

Voltou-se ela risonha, conservando-se junto à mesa.

Depois de gracioso cumprimento de cabeça a Adolfo, perguntou-lhe com desembaraço:

— O Sr. estranhou o meu modo de há pouco, não é?

— Confesso que sim, respondeu êle com toda a naturalidade. A sua impaciência se podia explicar pela razão que eu tinha de desejar sentar-me quanto antes à mesa: muito apetite.

Laura corou um tanto, olhando como que admirada para tão ousado mortal.

Mostrou-se Álvaro muito contrariado.

— Adolfo, você quasi disse uma inconveniência.

— Mas, perdão, replicou êle, exponho com franqueza o que sinto e julgo que a senhora como moça sincera e de espírito, quando me fez a pergunta, quís saber sem rebuço de que modo pensava eu. Demais, note bem, que dei como impossível a uma pessoa de sua gentileza ter nem sequer sombra de apetite.

Laura já estava risonha.

— Quero acreditar na verdade das suas palavras, porque também poderia supor com bom fundamento que o senhor pretendeu dar-me... uma liçãozinha...

— Nem por sonhos, atalhou com presteza Adolfo, tal ousadia...

— E quem sabe, continuou ela, se não me-

recida? Em todo o caso, obrigada. Estendo-lhe mão de amiga. O senhor me agrada.

— E a senhora, respondeu Adolfo apertando de leve a mimosa dextra, me confunde.

— Além disso, não é o senhor tão amigo de Álvaro? acrescentou ela com sorriso encantador inclinando o rosto para o lado do primo.

— Por meu turno, obrigado, Laura, disse o mancebo com verdadeira comoção.

Nisto foi ela chamada pelo comendador Faria Alves afim de que viesse com os dois cavalheiros para a sala.

— Ofereça o braço, Adolfo...

— Êste direito lhe pertence...

— Ora!

Houve uns segundos de hesitação e graciosa dúvida.

— Não estejam a discutir ninharias, interrompeu ela com alguma altivez, não preciso do braço de ninguém. Que aborrecimento!

E dando ràpidamente as costas, retirou-se e tomou a direção da sala de visitas.

— Não há a menor dúvida, disse Adolfo com os seus botões, é uma menina perfeitamente malcriada.

XV

Daí a pouco a vivenda do comendador estava transformada em casa senão de baile, pelo menos de concorrida e importante *soirée*.

A sala brilhantemente iluminada, a entrada ornada de lanternas de côres bem combinadas e

que se estendiam em múltiplos cordões pelas alamedas do jardim e ao redor do repuxo, mostravam aos transeúntes dos cais de Botafogo que naquela morada se não havia alegria íntima e real, pelo menos fazia o luxo o possível para dá-la aos que nela se reuniam.

Não tardou que rompessem as quadrilhas ao som de um piano, reforçado por instrumentos de corda e de sôpro.

Ao princípio dansavam poucos pares; algumas mocinhas chegadas depois do jantar, vários janotas, a viscondessa, a-pesar-da sua viuvez, Raul, mau grado seu ar tenebroso, e sobretudo Laura que mostrava nessa noite e, contra os seus hábitos, muito contentamento.

Dirigia Artur Pessoa de Lima os movimentos coreográficos com grande firmeza e aplauso. Na 5.ª figura da contradansa desenvolvia então uma atividade *sui generis*, tal talento de combinações, tamanha fertilidade de manobras e contramarcas, que só um espírito displicente ou por demais parcial lhe poderia negar um voto de admiração. Era êle quem se punha à testa do *grand-chaîne*, ora singelo, ora de duas voltas; quem ordenava a *grande promenade* ou simplesmente o *caminho da roça:* as trocas de pares, o *caramujo* que se enrola e se desenrola muitas vezes, etc., etc. De repente dava um grito — *Damas ao centro!* — Aí todas as senhoras precipitavam-se para o interior de um círculo de cavalheiros que começava a girar vertiginosamente até que outro grito — *Cavalheiros ao centro!* — vinha mudar radicalmente aquela disposição. Recomeçavam os *grand-chaînes*, os *vai-vens* e galopadas, tudo à voz vibrante do hábil mestre-sala.

Sem um dêsses *boute-en-train*, rara é a reu-

nião brasileira que tome alguma animação e calor; também por isso era Artur recebido em toda a parte com agrados especiais, de que tirava motivos de legítimo orgulho, supondo-se, lá no íntimo, entidade necessária à vida da sociedade fluminense.

Uma classe, porém, dessa mesma sociedade, classe respeitável, bem que humilde em sua esfera, votava ao gracioso *dandí* ogeriza sincera que, sobretudo nas quintas figuras de quadrilhas, subia às proporções do mais entranhado ódio: eram os pianistas de *soirée*, pagos a tanto por noite, para fazerem pular mais ou menos em cadência os seus concidadãos.

Oh! quando começava essa fatal figura e que aquele imaginoso cavalheiro se punha a dirigir complicadas manobras que duravam bons quartos de hora ao som de meia dúzia de compassos de música e que era preciso bater, bater, cada vez mais forte, nas teclas de um piano que gritava de dòr, de desespèro, de raiva, de desafinado; quando era preciso acelerar o movimento e que os pulsos já cansados negavam serviço ao instrumentista, principalmente lá pelas três ou quatro horas da madrugada, oh! como èsse mártir de um trabalho ingrato quisera ver aquele folgazão mestre-sala, e todos, cairem de repente, fulminados pelos olhares carregados de fel e maldições que lhes atirava!...

Em regra, quanto mais divertida corre a noite para os outros, mais amofinadora e lenta se escoa para o pianista prostrado de fadiga. Há mesmo ligação tão íntima entre èsses dois fatos discordes e dissonantes, que algum espírito nevtoniano poderia exprimí-la do modo seguinte: O desgôsto de quem toca para os outros se diver-

tirem cresce na razão inversa do quadrado da animação dos que estão dansando e pulando — e ainda assim talvez se fique muito longe da verdade.

Nessas ocasiões, mal apanha o desventurado algum sorvete desgarrado, alguma chícara de chá, abandonada por fria já, ou pouco açucarada. E' pouco o tempo para marcar o ritmo e imprimí-lo aos corpos em agitação. Os que se divertem são intolerantes: para èles não há sofrimentos na humanidade.

Infatigáveis, os valsistas então a cada instante reclamam a sua presença, exigem músicas arrebatadoras e de influir, e é com a bôca cheia de um pedaço de amargo pão-de-ló, que o coitado vai moer, impaciente e raivoso, trechos de Straus ou Marcailhou.

Eis a gente que nas reuniões dansantes via com maus olhos o Dr. Artur Pessoa de Lima; mas èste na aceitação geral acharia compensação a tal malquerença, caso pudesse ela, coitadinha, num assomo inesperado de furor, tentar se manifestar às claras...

Estava Laura, como dissemos, muito animada e procurava infundir essa alegria a todos que a cercavam.

Já dera uma porção de voltas de valsa com Álvaro, fizera-o dansar com diversas mocinhas e queria até pôr em movimento os velhos amigos do seu tutor.

— Estou na reserva, declarou o desembargador arregalando os olhos, mas se quiserem, ainda posso servir de *vis-à-vis*.

— Queremos! queremos! replicou ela, e doulhe um lindo par: Idalina.

Era o Sr. Raul tão ciumento, que quando

viu o desembargador apresentar o braço, arredondando-o com certa elegância antiquada, teve ímpetos de provocar um escândalo. Conteve-se, porém, e foi à copa engolir um copo de orchata gelada.

E lá saíu o magistrado ainda verdezinho, com ares de quem ia fazer muito boa figura.

Já o Dr. Artur dava o sinal para começar a quadrilha.

— Falta um cavalheiro para mim, reclamou Laura que estivera a arranjar pares.

Tudo quanto pertencia ao sexo masculino e podia ainda oferecer serviços daquela espécie atirou-se ao seu encontro.

— Não, eu quero o Dr. Adolfo, o amigo do Álvaro, onde está êle?

Na sala não estava.

— Chamem o Dr. Adolfo...

Atirou-se logo a chusma de obsequiosos pelas salas a procurar o cavalheiro requisitado.

Acharam-no a jogar uma partida de *écarté*.

— Diga a D. Laura, respondeu èle ao Alves Cabral que primeiro lhe deu o recado urgente, que não posso dansar esta quadrilha... Na outra, sim.

A transmissão da notícia causou tanto abalo na sala, que se não fòra o modo porque Laura a acolheu, não sabemos se a *soirée* não teria repentinamente tocado à conclusão.

— Não importa, disse ela com ar de mofa, o tal doutor é um original...

— De fato é muito original, exclamaram todos.

— O que êle é, observou Idalina para o seu par, é muito senhor de si...

— Diga, minha senhora, por demais pe-

tulante, emendou o desembargador que se lembrava do seu fiasco à mesa, a não querer carregar a mão.

— Então começa-se ou não? perguntou Laura para o Dr. Pessoa de Lima.

— Pronto, respondeu êste.

E erguendo as mãos, com solenidade bateu três vezes palmas, a cujo sinal rompeu o piano, com o seu refôrço instrumental, uma animada quadrilha.

XVI

Corria a contradansa muito regularmente e o desembargador ia se saindo de sua incumbência com honra e grande satisfação, quando ocorreu um acontecimento completamente novo nos anais de uma reunião cerimoniosa, em que dansavam até os representantes da alta magistratura.

Era chegada a quarta figura, e Laura que fazia de *vis-à-vis* ao desembargador tinha que vir ao seu encontro.

A música dá o sinal; avança com os pés abertos e espalmados o respeitável jurisconsulto; mas eis que adiante dêle se precipita um intruso que, chegando ao meio da sala, entrega-se sùbitamente a movimentos de corpo tão variados e complicados que, fazendo crer numa intenção de deslocamento, deram mostras das maravilhas de um *can-can*.

Houve a princípio pasmo, depois risadas abafadas a custo.

Ficara o desembargador boquiaberto fora da linha dos pares.

— Assim é que quero vê-lo dansar, desembargador, gritou-lhe familiarmente Artur que, rodopiando sôbre si, deixou-se escorregar por uma hábil diagonal até o seu lugar.

Quem aplaudiu de coração e até bateu palmas a essa proeza de legítimo garòto foi Adolfo. Estava então encostado ao umbral de uma das portas do interior e criticava os que dansavam, conversando em voz baixa com Álvaro.

— Então, perguntou-lhe èste com voz alterada, você gostou deveras do que fez aquele atrevido rapazola?

— E porque não? Note que èle teve movimentos de verdadeira inspiração. Em seu gênero é um artista, e estou certo que uma espontaneidade dessas produziria furor em Mabille...

— Em Mabille, bem; mas aquí, é uma insolência inqualificável...

— De que todos no fundo gostaram... Veja o riso no semblante de todos... Olhe a sua prima como morde os beiços para conter as gargalhadas que quisera estar dando... Não, Álvaro, o tal sujeito teve graça, de mau tom, concordo, mas franca e real...

Ao findar a quadrilha, passou Laura por perto dos dois e, parando, desembaraçou-se do braço do seu cavalheiro.

— A senhora não apreciou o incidente? perguntou-lhe Adolfo.

— Muito, muitíssimo, respondeu-lhe ela com expansão: estou doida por me rir a gòsto. O Artur merecia um prêmio...

— Prima, você..., exprobrou com ar de seriedade Álvaro.

— Ora, deixe-se de catonismos, Álvaro, atalhou Laura mudando de tom e com alguma rispidez; eis o seu amigo que também aplaudiu; naturalmente você encobre que se divertiu.

E voltando-se para Adolfo, acrescentou:

— Quanto a mim, gosto de pessoas que digam e façam o que sintam e...

— Perdoe, interrompeu Álvaro picado, não preciso ocultar o que me agrada ou não... para mim não é lição nem conselho...

— Bravo! exclamou a moça, agora vai você zangar-se.

E com meiguice:

— Ora, Álvaro, não queira pirraçar-me... ouviu, Sr. zangão?

— Dava o piano então o sinal de outra quadrilha.

Executou-se essa sem o desembargador. Parece que de bom grado dispensava o curso de dansa que Artur generosamente queria abrir em seu proveito.

Era Adolfo o par de Laura.

— Admiro muito, disse êste para a sua bela dama, que a senhora tivesse consentido em vir dansar comigo...

— E porque?

— Por causa do meu recado de há pouco!... A senhora devia ter ficado aborrecida... as moças em geral são tão dominadoras e trazem a todos tão avassalados... que a mais ligeira contrariedade deve torná-las nervosas, não é verdade?

— Quem lhe disse?

— Lembre-se do que há pouco afiançou sôbre franquezas... e peço-lhe que não me faça duvidar de qualquer desvio entre o seu modo de proceder e a sua profissão de fé...

— Pois bem, confesso; fiquei um tanto ofendida...

— E agora...

— Agora, nada tenho; a gesticulação e a lição de dansa do Artur restituiram-me o bom humor...

— Êste favor deverei ao tal Sr. Artur... e agora fico sabendo do remédio para dissipar zangazinhas de moças: é dar piruletas no meio de uma sala para desprestígio de um desembargador... ou de qualquer outro homem sério...

Laura olhou para Adolfo com um sorrisozinho malicioso nos cantos da bôca.

— O senhor está me experimentando, não é? Pois perde o seu tempo. Não ficarei amuada... pode fazer o que quiser... Mas antes de tudo, diga que tal achou o jantar, já que tinha aquela fome imensa?...

— Ótimo e comí que nem um botocudo, especialmente depois que me libertei de uma, ou melhor de duas incômodas vizinhanças...

— Notei o seu expediente... e aprovei-o muito... No seu caso eu faria assim... é o que falta a Álvaro, o senhor não acha?

Olhou Adolfo para Laura fixamente.

— Mas a que propósito vem a senhora falando em Álvaro?... Ah! D. Laura, D. Laura!... Onde está a sua imaginação?

Corou ela fortemente.

— Não deite a mal... Aprecio tanto o meu primo, que a meus olhos quisera vê-lo perfeito.

Adolfo replicou com sincera emoção:

— E eu lhe agradeço do fundo do coração estas suas palavras, ditas sobretudo a mim que sou o seu amigo de infância... e que o estimo como estimaria a um irmão... senão mais...

Laura desviou a conversação.

— Meu tutor, disse ela com garrulice, gosta de dar jantares; a mim aborrece isto o mais possível, porque quando chega a hora de se dansar estou cansada e com o espírito displicente. Também fiz-lhe ver com boas razões...

— A sua vontade, antes de todas...

— Não senhor, desenvolví com argumentos sólidos... que era muito melhor dar simples partidas... Foi êste jantar o último. Não acha que fiz bem?

— Não, senhora; acho positivamente que fez muito mal.

— Então como?

— Substituindo jantares por partidas. Isto é na minha opinião... A senhora perguntou o meu parecer... Que se faz numa *soirée?*...

— Dansa-se... conversa-se...

— Qual! Aborrecem-se todos a valer...

— Não diga isto.

— Olhe, as moças que estão — ùnicamente — nas condições de achar graça devem sofrer nelas verdadeiros tormentos. Ataviam-se, preparam-se com muito cuidado para serem depois cruelmente analisadas, umas pelas outras. Além disso há as comparações esmagadoras, os confrontos desanimadores, mil coisas enfim que para uma mulher inteligente hão de necessàriamente transformar uma reunião qualquer, desde o baile de etiqueta até a despretenciosa *soirée*, em arena de luta...

— Ora...

— Pode porventura haver alegria e expansão, em quem tenha o espírito debaixo de obsessão tão penosa? Isto, quanto às moças; as velhas, mães ou tias, dessas nem falarei; bocejam

a rasgar a bôca; trocam entre si umas palavras muito chochas... comem alguma coisa, bebem chá às 9 horas, chocolate às 2 da madrugada e...

— E os homens?

— Os homens, coitados! suam o topete para alimentar conversas, que a cada instante vão morrendo... como lamparina que encontrou a linha d'água em que flutua o azeite. Em conclusão, todos se malquistam quasi tanto quanto as velas que iluminam as salas...

— A pintura que o Sr. faz de minhas futuras recepções não é nada lisonjeira...

— Estou falando em geral... mas naturalmente as suas partidas pouco hão de diferençarse das outras...

— Isto é que é franqueza...

— Se a magôo, calo-me; mas disfarçar o que penso é para mim grave incômodo... Falo com quem professa as mesmas idéias, não é?

— Sôbre que ponto?

— Quanto à sinceridade...

— Ah! aí estou de acôrdo...

— Pois bem, agora vejamos o que se passa em um jantar. Todos, sem exceção alguma, seja-se magro ou gordo, alto ou baixo, espirituoso ou calado, amável ou desagradável, têm um papel determinado, papel satisfatório, sem contestação, que desempenhar; todos o desempenham e se levantam satisfeitos de si e do dono da casa... quando os jantares são bons. Nem há discussão possível quanto à precedência, só lhes vejo um inconveniente: é comumente arruinarem os anfitriões que persistem em dar banquetes aos seus amigos e de mistura com êstes aos parasitas, que jamais faltam.

Tudo isto era dito no meio da quadrilha e

naturalmente cortado pelas necessidades que as regras da dansa impunham ao cavalheiro de se separar de sua dama.

— Olhe, observou Laura, o senhor falava tanto no cansaço que se experimenta a encaminhar e sustentar uma conversação animada... Entretanto não temos conversado a valer?

— Concordo, mas o nosso caso é excepcional. Observe agora em tôrno de si e veja se tenho ou não razão.

Com efeito, o sombrio Raul estava de todo mudo ao lado de uma mocinha muito espigada, e no momento Idalina ocultava por trás do leque um bocejo que resumia a satisfação de dansar com um senhor meio calvo e gordo.

Estava também a quadrilha a finalizar.

XVII

— Podemos continuar, disse Laura, temos o passeio que é de regra... Não concordo com a sua idéia de que as moças não gostem de *soirées* e bailes, neles não achem prazer...

— Quando dão o primeiro passo no mundo, não duvido... Ficam como borboletas, que na escuridão da noite enxergam um ponto luminoso... são presas de vertigem... Uma vez, porém, acostumadas ao movimento dos salões, ou surge outro incentivo...

E Adolfo parou por um pouco.

— Qual é? perguntou Laura.

— Não lhe direi, porque não sei se tocarei no assunto com a delicadeza conveniente...

— Oh! o senhor aguça a minha curiosidade... Qual é êsse novo incentivo?

— Então quer que continue a falar com abundância de coração?

— Desejo...

— Ordena?

— Ordeno, já que assim supõe eximir-se da responsabilidade...

— Protesto: disso nunca tive mêdo.

— Está o senhor se desviando do assunto... Isto é esperteza...

— Também já não me lembro do que ia dizendo...

— Pois bem, repetir-lhe-ei até as suas últimas palavras... *Uma vez, porém, acostumadas,* nós, mulheres e moças, *ao movimento dos salões, ou surge outro incentivo...*

— Contam encontrar um marido.

Laura teve um movimento de sobressalto, que fez parar o seu cavalheiro.

Estava pálida e com as sobrancelhas contraídas.

— Porque, perguntou ela com altivez, pôs o senhor tantas reticências ao dizer estas palavras? Supunha-as aplicáveis ao meu caso?

— Sim e não...

— Sim? disse Laura com esfôrço.

— Por certo; não a posso excluir de entre todas as moças do mundo... Não; porque as suas condições de fortuna e beleza lhe dão regalias excepcionais...

— Mas, objetou ela, há muitas senhoras casadas que gostam de bailes, de dansar...

— Do que elas gostam é... das homenagens... O dansar é um meio de chamar a atenção... Desconfio muito de espôsas que se mos-

trem apaixonadas por valsas e polcas: é a prova de que o estão pouco dos maridos e da casa...

— Mas o senhor falou há pouco em triunfos... Pois essas mesmas, raras, não sentirão orgulho e satisfação?

— Ah! D. Laura, como a senhora se descobriu?

— Eu? não! replicou a moça corando devéras.

— Como assim? Pois não acaba de me mostrar que os seus triunfos são contínuos, incontestáveis? Isto mesmo eu já lhe não disse?

— Pois bem! Quero pôr à prova a sua sinceridade... O senhor me acha bonita?... A pergunta pode ser e é sem dúvida inconveniente, mas não sei... tenho confiança no senhor... parece-me que o que vou ouvir de seus lábios é a verdade exata... e não quero perder tão bom espêlho... Todos me tecem mil elogios, mas êsses me incomodam... Julgo sempre que os dirigem de preferência à herdeira do que à mulher... E não se admire muito de minha leviandade: é ela mais filha de um movimento espontâneo do que de futilidade...

Nesse ponto Álvaro se chegou aos dois.

— Em que falam tão entretidos? perguntou risonho.

Laura fez um gesto de não disfarçada impaciência.

— Em coisa, respondeu ela, que você não pode, nem há de ouvir... Vá-se embora.

— Oh! Laura!

— Vá, vá. Quando for tempo chamá-lo-ei.

— Mas ao menos perguntarei logo a Adolfo do que se tratou...

— Nunca, nunca! Nem uma palavrinha, Sr. Dr. Adolfo; ouviu? Assim quero...

Álvaro olhou para o amigo.

— Não há remédio, disse êle sorrindo-se, senão me curvar a ordens tão positivas.

— Manda quem pode, observou Adolfo.

— Continuemos, prosseguiu Laura ao ver Álvaro afastar-se; então o senhor me acha bonita?

— Mais do que bonita... bela...

— Cuidado com exagerações...

— Não há perigo... Sustento o adjetivo... Olhos bem abertos, de um azul franco... bôca perfeitamente rasgada, dentes irrepreensíveis... o nariz... podia ser um pouco mais correto; entretanto o perfil é bom... Corpo elegante... ar faceiro...

— Não sou faceira, interrompeu Laura.

— Não sei se é: falo do ar; modo imperioso...

— Isto sou...

— Eu dispensava a confissão...

— Também o senhor... Deixe estar que me hei de vingar... E é já; vou entregá-lo com recomendações especiais à minha amiga Idalina...

— E' amiga sua?

— Então duvida? Os homens são, na verdade, muito pretenciosos: só êles é que podem ter afeições sérias e sinceras, e então citam a história antiga, média e moderna. Damon e Pithias, Castor e Pollux e um sem-número de casos... Quando me queixar à Idalina... essa ha de rebatê-lo bem... Devo procurar Álvaro... E' tão desconfiado que por qualquer coisa busca logo passar-me um sermão...

E Laura com faceirice tirou o seu braço do de Adolfo, e, deixando-o no meio da sala, correu para dentro.

XVIII

Só servem as nossas narrativas, fúteis por sem dúvida até agora, para melhor apresentarmos ao leitor, que tem tido tempo e paciência para nos acompanhar, aqueles que devem figurar como protagonistas neste livro, cujo fim não é por sem dúvida sério nem instrutivo como um Bouillet ou um tratado de agricultura, mas simplesmente dar uma pintura quanto possível, fiel, da nossa vida de sociedade, a quem portanto cabe em grande parte a censura de futilidade.

Conversava a interessante viúva numa roda muito animada, em que naturalmente ou antes imprescindìvelmente figuravam Raul e Alves Cabral.

Quem estava com a palavra era Artur, e os seus ditos pareciam colhêr grandes aplausos.

Quando Adolfo se aproximou, calaram-se todos.

Rompeu èste a linha dos privilegiados e, sentando-se numa cadeira que desta vez por acaso e felicidade estava ainda vazia ao lado da bela Idalina, disse-lhe com a maior expansão:

— Sra. Viscondessa, acabo de colhêr gratas desconfianças de que sou aparentado com V. Exa.

— Como assim, Sr. doutor?

— A primeira mulher do Sr. Visconde de Oriano, segundo me referiu o Sr. Faria Alves,

era prima em terceiro grau de meu pai... e assim...

Sorriu-se ligeiramente a viúva.

— Não tenho dúvida em admitir o parentesco, mas ninguém deixará de o achar um tanto forçado...

— De certo, exclamou Raul com um olhar quasi sinistro, nem se o pode admitir!...

Voltou-se Adolfo com toda a naturalidade e encarou quem acabava de exarar tão perentório juízo.

— Estou convencido, disse êle, de que o senhor fala prevenido. Não pode, como eu, agarrar, ou melhor, ter a dita de achar um ponto de afinidade com a Exma. Sra... e então impossibilita ou intenta impossibilitar pretenções, senão muito bem assentes, pelo menos dignas de alguma atenção e discussão.

Tudo isto, dito com muito sangue-frio, perturbou o tenebroso Raul.

— E demais, continuou Adolfo, para não desperdiçar êsse primeiro efeito, nós todos negamos ao senhor competência para a decisão que quís lavrar. Que diz, Sr. Dr. Pessoa?

— Acho-lhe toda a razão, doutor, respondeu o pelintra com rapidez e graça que não lhe era natural, tanto mais quanto me compreenderei nesse parentesco, como irmão da viúva do visconde, casado outrora com uma prima em terceiro grau do Sr. seu pai.

Foi Adolfo o primeiro a rir-se. Vingou-se Raul dando uma genuína gargalhada, quando realmente não havia motivo para tanto.

— Não se riam da minha aspiração, retrucou Adolfo: confesso que pode parecer ousada, mas, ambicionando ter na sociedade a regalia

inestimável de ser aparentado com senhoras incontestàvelmente belas, apego-me a qualquer sombra de possibilidade...

— Obrigadíssima por minha parte, agradeceu Idalina com expressão de grande benevolência, vejo que o gracejo todo era feito com intenção da mais apurada amabilidade...

— Não há tal, insisto na questão da família. Se tivéssemos à mão algum homœpata, êle nos diria em que grau de dinamização havia de classificar o tal parentesco.

— Mas aquí está um, o Dr. Menezes, exclamou um dos moços da roda apontando para um homem da meia idade que até então não dissera palavra.

O setário de Hahnemann cumprimentou com muita secura.

Respondeu-lhe Adolfo abanando a cabeça três ou quatro vezes com ar de quem pouco se importava com mais êste conhecimento.

— Então que diz, Sr. doutor?

— O sistema de medicina, respondeu o Dr. Menezes pondo gravemente o polegar da mão direita dentro do bolso do colete e batendo com os dedos unidos no peito abaulado, a que me dedico e que tem uma missão elevada que cumprir na humanidade não ensina a calcular futilidades dessas.

Era o bote forte: a insolência replicava à impertinência.

Não se deu Adolfo por achado e, experimentando ou fingindo experimentar admiração, exclamou:

— O Sr. chama futilidade qualquer fato que se refira à Exma. Sra. viscondessa? E a

mim? O' doutor, está nos tratando mal: enfim como gozamos saúde...

Enrubesceu o médico, tanto mais quanto Artur, tornando mais claro o espinho que Adolfo fizera nascer no final da contestação, cravou-o sem piedade em quem, contudo, chamava, há muitos anos, de amigo.

— E' a queixa que fazem todos os seus doentes.

Uma risada acolheu estas palavras.

A viscondessa com habilidade deu novo rumo à conversação.

— Tenho notado, disse ela, que não se pode brincar por muito tempo numa sala. Começa-se gracejando e logo depois se semeia de espinhos o que é dito sem direção ofensiva ao próximo...

— Aplaudo muito esta sua censura, replicou Adolfo; mostra não só o excelente coração que tem como também a sua delicada sagacidade. Mas a culpa não é totalmente nossa; provém dêsse estado de observação recíproca, a modo de paz armada que se organiza nas mais familiares reuniões, quando a gente não se conhece de há anos, ou desde os bancos do colégio... Eu, como homem acostumado a viajar, dou-me logo com todos. Basta pôr o pé num vapor e entro em relação amistosa com quantos me cerquem.

— E' verdade, observou a viúva com entonação vagamente melancólica de quem se entrega ao capricho das ondas, não há lugar em que mais depressa se estabeleça a cordialidade, do que em cima de umas tábuas sôbre a imensidade do oceano.

— Então há de V. Ex. consentir que eu me

suponha viajando de parceria no Atlântico, e usando a seu respeito do qualificativo tão doce, tão suave de prima...

— Nada, nada, é ponto que não ficou bem elucidado.

— Quem sabe se uma maldita gravata vermelha não está dificultando o deferimento da minha pretenção? Dá-me sem dúvida um caráter leviano... Vir a uma casa de cerimònia nestes trajos... Asseguro que foi culpa do meu criado... Mas não poderei ser indultado, Dr. Artur? Fale com franqueza, o senhor é autoridade na matéria.

— A gravata passa enfim, replicou sem se arrufar aquele a quem recorriam como árbitro, mas o que lhe não perdoamos é o paletó... está que nem um saco...

— E' sem dúvida de París, aventurou com voz um tanto trèmula e indecisa o Sr. Alves Cabral.

Havia naturalmente uma liga entre todos contra o impertinente e, muito infelizmente, espirituoso excèntrico que viera modificar de modo tão extraordinário e radical a marcha habitual daquelas partidas.

— E' com efeito de París, retrucou Adolfo, e escolhido de propósito. Veja a prima...

— Eu...

— Já que exige, emendarei a mão. Veja a Sra. viscondessa quem está mais a folga, se eu neste paletó que me assenta bem...

— Oh! exclamaram dois ou três.

— Sim, senhores, assenta-me bem, mas não me tolhe os movimentos... ou se o Sr. Alves Cabral todo apertadinho em suas roupagens. Suponham agora que entre aquí, neste momento, de

repente, um doido, um ciumento fanático que tivesse enlouquecido de amor pelos olhos da viscondessa de Oriano e queira precipitar-se sôbre ela, armado de um punhal, quem estaria mais no caso de defendê-la?... Eu, desembaraçado na minha ação muscular ou o senhor, atrapalhado nas costuras que lhe fez o alfaiate?

Alves Cabral não estava no caso de arcar com tão valente adversário. Foi, pois, com sorriso amarelo que replicou:

— E' hipótese que se não pode realizar, e...

— Protesto, atalhou com fôrça Adolfo, contra a sua falta de amabilidade. Acha então o senhor impossível que alguém enlouqueça pelos olhos da Sra. viscondessa?!... Esta não esperava ouvir...

— Oh! Sr. Cabral, estou quasi me queixando do Sr., exclamou a viùvinha com modos de amuo...

— Minha senhora, balbuciou o infeliz moço, eu...

Riam-se os outros.

— Na realidade, dizia um, não admitir a possibilidade é estar muito certo de si.

— Mas não responda pelos mais, acrescentou outro.

— Eu, continuou tartamudeando Cabral, eu... não... quís dizer... O Sr. Dr... ouviu mal.

— Pois então repita o que disse.

Não há em sociedade meio mais feroz e seguro para desmontar alguém, como obrigá-lo a dar segunda edição de um pensamento desasado.

Compreendeu o Sr. Cabral o perigo e, mostrando-se definitivamente zangado, saiu do círculo em que tão depressa e tanto fôra desmontado.

Levantou-se também a viscondessa e, dirigindo-se para Adolfo, disse-lhe com o sorriso mais amável:

— Dê-me o seu braço, doutor; vamos ver o que faz Laura.

Pessoa de Lima chegou-se com vivacidade para Raul e segredou-lhe baixinho:

— Cuidado com êste! Protejo a sua candidatura, mas também conheço a minha irmã.

Fez o avisado um gesto de suprema contrariedade e com um olhar sombrio acompanhou aquele par que se afastava risonho.

Depois chegou-se a uma janela e aspirou com fôrça o ar frio da noite.

— Maldita sorte! exclamou com desespèro e à meia voz. Esta mulher me pisa sem compaixão... e eu não posso deixar de adorá-la!

Alguém lhe bateu no ombro. Era Pessoa de Lima.

XIX

— Diga-me, Artur, perguntou Raul com sofreguidão, donde vem êste homem que nos maltratou a todos com tanta segurança de si?

— Não sei, respondeu o outro, é um conhecido, um amigo de Álvaro.

— E sua irmã... você não viu?... desfeiteou-me às claras...

— Ora deixe-se disso... Ela era incapaz...

— Incapaz? replicou Raul com ironia, você sabe perfeitamente que é disso de que gosta... conhece o seu poder, machuca-me quanto pode.

— Não há tal, ela lhe tem amizade.

— Qual!...

— E' o que lhe digo... Depois tenho servido os seus interèsses com calor e habilidade...

Movia Raul os lábios com mussitação de quem traga fel.

— Eu sei, disse èle com muita pausa, que você me estima.

— De certo... de certo! Faço o possível para encaminhar as coisas... Devo-lhe alguns favores...

— Oh! pequenos!... nulos!...

— Não, senhor; sou-lhe grato; não é por essa causa que procuro concorrer para o seu casamento, mas porque vejo que você estima deveras a minha irmã...

— De que serve, exclamou com acabrunhamento o coitado, èsse amor tão violento que lhe dedico? De que serve ter-lhe eu dado, há mais de dois anos, as maiores provas de uma afeição que me invadiu de súbito e que não pude, a-pesar-de muito esfôrço, combater? Olhe, Artur, há momentos em que quisera odiar a sua irmã, odiar a vocês todos...

— Raul, isto é uma injustiça!...

— Porque o que sofro é intolerável. Você sabe que sou funcionário público e prezava-me de ser empregado laborioso... Não tenho fortuna, mas também, pela solicitude imensa de meus pais, não fiquei totalmente desprovido de meios. Com economia e ordem, poderia alcançar uma posição na sociedade que satisfizesse as minhas ambições... mas agora vivo sem saber como... não penso em coisa, alguma... não tenho gôsto para nada... abandonei quasi o meu emprêgo... e já lá vão trinta meses — eu os contei dia por

dia! — dêsse suplício atroz, atraído e repelido, nos céus e no inferno, tudo sem transição... são choques, golpes contínuos... Oh! a sua irmã é uma mulher destituída de coração, não tem caridade...

Mordia Artur os bigodes com impaciência.

— Ora, acalme-se, meu amigo. Idalina...

— Qual Idalina! O prazer dela é acender dentro da minha alma êste fogo que me abrasa agora, é levar-me ao paroxismo do desespêro... Sou um ente miserável, desprezível... quisera fugir, quisera nunca mais pôr os pés nesta sociedade que abomino... mas basta um sorriso, basta uma gracinha sem significação, para que de novo me entregue ao jugo que me oprime... e que amaldiçôo... Ah! isto há de ter um fim, Sr. Artur... e aquí lhe digo, não brinquem por demais comigo. Cuidado com o meu gênio... No dia da explosão, não hei de só pagar as consequências desta funesta brincadeira...

— Ai! exprobrou Artur cujo braço Raul apertava com fôrça, você está me magoando! Agora vou ser culpado de tudo...

— Não sei, replicou o outro com os olhos a brilhar por modo estranho, se também não lhe cabe grande responsabilidade... Você me pôs tudo fácil... deixei-me levar... a princípio poderia ter recuado... tenho algum senso... A luz caminhou adiante da mariposa.

— Se há alguma insinuação eu a repilo, atalhou Artur como picado...

— Não estou, respondeu o outro com impaciência e quasi desprêzo, em condições de falar com insinuações... digo o que sinto, o que penso. De constrangimentos basta, quando estou perto daquela senhora... daquela mulher...

— Raul!... cuidado!.... Trata-se...

— De quem se trata? exclamou o apaixonado com verdadeiro furor. De uma leviana... para não dizer mais... Pois o senhor que toma ou deve tomar tanto interêsse por ela, não sabe o que dizem?... a fama que a cerca?... Pelo menos suas faceirices inconvenientes....

— Diabo! observou Artur com os seus botões, o homem hoje está passando certos limites. Convem usar de diplomacia...

E com tom de alguma imposição disse alto:

— Não consinto que fale assim, Sr. Raul... Não fosse eu um amigo e agora mesmo iria contar o que você acaba de dizer... Afianço-lhe que Idalina lhe daria a devida resposta... Afinal de quem é a culpa, se a sua posição é tal que não lhe deixa ver as coisas como elas são?... A ingratidão anda por toda a parte... Eu que o tenho ajudado de todos os modos, que não cesso de rodeá-lo de mil qualidades boas, que em todos os cantos apregôo o merecimento...

— Obrigado... dispenso... de ora em diante, interrompeu com alguma vacilação o alucinado.

Não pôde Artur ocultar a admiração que lhe causaram estas palavras.

— Que é isto? exclamou elle *in petto*. O animal respinga?!...

E revestindo-se de ar glacial:

— Com satisfação, disse, agarro êste seu convite. Deixarei de me ocupar com a sua pessoa, e o único desgôsto que terei é tornar a vê-lo, depois, inùtilmente recorrer à minha intervenção. Mas há de encontrar um muro de gêlo: isto lhe juro. Quem lhe tem aberto as portas dos nossos salões? Quem o leva por toda a parte? Quem lhe proporciona mil encontros, mil ocasiões de ver a

pessoa a quem o senhor dedica tão singular afeto, que pouco se diferença do ódio?...

— Artur, eu... eu...

— Não, também estou cansado e tristonho do papel que afinal represento... Porventura é tão lisonjeiro que compense o dissabor de aturar as suas injustiças, prevenções, os seus arrufos, as suas abusões?

— Mas eu tenho razão...

— Razão que? Sr. Raul. Pois nós havemos de levar as mulheres todas a valentona? Você deseja êste casamento...

— Com todas as fôrças da minha alma, disse o mísero já de novo subjugado.

— Estou certo disso, mas considere que Idalina não é uma menina saída do colégio. Foi casada e não conserva boas recordações daquele estado. Viúva, moça, de posse de toda a sua liberdade, não há de sem custo abandonar a vida que leva para prender-se novamente em laços, cuja servidão conhece melhor do que ninguém... Não estará porventura contrariado o seu coração... já ganho?...

— Por quem? exclamou com voz surda Raul ao passo que os seus olhos se inflamavam.

— Por você naturalmente... não afianço, mas sempre que toco no seu nome, vejo que ela não mostra desagrado...

— O' Artur, fale bem de mim... eu me entrego a você!...

— Nada... estou fora dêste negócio...

— Artur!

— E pôsto por você...

— Desculpe-me... Às vezes perco a razão... Êste homem...

— Que tem êle? Você se acobarda por qual-

quer sombra... E' fazer Idalina muito loureira... por demais leviana...

— Sim, concordo... tenha pena de mim...

— Não, senhor. Quero impedir renovação de cenas que me ofendem.

— E justamente agora que o comendador vai levar-nos a todos para passarmos as festas de S. João na sua fazenda...

— Devéras?

— E lá vai Álvaro e o amigo...

— Artur, Artur, gritou quasi o desgraçado, faça com que eu também seja convidado...

— Eu não... Comigo não conte...

— Olhe, se não estivéssemos nesta sala, eu teria caído aos seus pés... Socorra-me... salve-me!...

Houve um silêncio.

Artur, durante rápidos minutos, pareceu hesitar entre duas resoluções igualmente ponderosas.

Afinal, como que vencido pela comiseração:

— Você, disse êle, é muito imprudente. Arrebatado, injusto, não considera com quem, nem de que está falando... Não fosse eu tão seu camarada...

— Sim, reconheço que...

— Então quer ser convidado para ir à fazenda?

— E' necessário... por fôrça...

— Falarei ao comendador... ou melhor, deixarei a minha gente ir adiante e depois apresentar-me-ei, levando-o na minha companhia...

— De qualquer modo... aceito...

— E' com pressentimento de que me hei de arrepender, que volto a dar-lhe a mão...

— Não, juro-lhe que é pressentimento errado... por mim pode contar...

— Bem... veremos. Agora...

E Artur parou por um pouco, mostrando certo acanhamento fingido ou real — quero que você me faça um favor... e grande.

— Eu? perguntou Raul com súbito retraimento.

— Sim... Estou completamente tísico das algibeiras, e... você sabe como é meu pai. Dá-me a mesada e depois... é homem de bronze... Não se tira nada, nem um real mais. Cá entre nós, ainda não apalpei um vintènzinho da legítima de minha mãe... Tenho querido lhe tocar nisso, mas vou adiando, porque são questões desagradáveis e não quero parecer mau filho... Entretanto, você compreende?... amigos, amigos, negócios a parte... Vou entrar nos meus 25 anos e não posso estar esbulhado daquilo que me pertence... Tenho contemporizado demais. Enfim chegará o dia em que as contas hão de ser saldas... Você me empreste por enquanto uns duzentos mil réis...

— Duzentos? exclamou o outro com certa dôr...

— Sim, se me puder dar mais, aceitarei com satisfação.

— Mas, Artur, eu já lhe emprestei por diversas vezes...

— Ora, ninharias... tudo reunido desde perto de dois anos não chega a dois contos...

— Bem, mas para quem não tem grande fortuna... Preciso andar com certa prudência...

— Você é um pinga!... Não parece estar apaixonado...

— Nada tem uma coisa com outra... Demais,

não sei se faço bem em ajudar a sua prodigalidade...

— Isto tudo é para que eu aceite as condições atrasadas...

— Não, eu perco sempre.

— Vá lá... com os mesmos juros...

— Deixe-se disso...

E Raul, tirando uma carteirinha, abriu-a em uma página toda coberta de números.

— Olhe, você me deve já... um conto setecentos e oitenta mil réis...

— A juros de 12 % capitalizados, não é? acrescentou Artur rindo-se, que namorado!

— E'-me incômodo emprestar aos amigos...

— Pois ponha lá mais duzentos mil réis... Olhe... Vamos completar os dois contos?...

— Não posso...

— 14 %... Quer?

— Não desejo...

— Você está com mêdo que eu nunca lhe pague, não é?

— Não penso em tal...

— Pensa, sim, insistiu Artur com um sorriso constrangido, mas acredita também que eu não sei qual o meio que você terá um dia... quando se zangar comigo?... Venderá a dívida e deixará a um meirinho o trabalho da cobrança...

— Oh! isso fôra feio... sinceramente...

— Ah! é a vida, meu amigo... Você me conhece... mas eu conheço a vocês todos... Venha o dinheiro, que quero já e já entrar num *écarté*... Amanhã assino a letra...

— Está bom... faço um abatimento em vista da nossa amizade... A sua conta sobe a dois contos e trinta mil réis... A letra será de dois contos...

— Safa, você é generoso! exclamou Artur rindo-se.

E tomou o dinheiro que Raul tirara da carteira.

— Então não se esqueça de mim, Artur...

— Não, não me esqueço... Iremos breve à fazenda...

XX

Enquanto se passava esta cena repugnante por qualquer lado que a consideremos e que bem mostra que nos dourados salões se expandem também a gôsto, a miséria e a degradação moral, passeava Adolfo de braço dado com a bela viscondessa.

— V. Ex. vê, disse êle ao sair da roda, qual o modo de nos entretermos em sociedade? Eis aquí alguns moços que não conheço, que nunca me fizeram mal, e que entretanto acabo de incomodar e de vexar e no íntimo ficam para sempre meus desafetos...

— Então porque pratica o que reprova?

— A culpa não é minha. E' o espírito da sociedade, a malevolência recíproca. E' a influência das luzes, das flores, e sobretudo das senhoras...

— Agora nos acusa...

— Sim, por certo. E' a *luta pela vida* de Darwin, na sua completa aplicação.

E com ar de galanteio:

— Depois êles estavam tão a gôsto ao seu lado, que lhes invejei a sorte...

Encarou a viúva Adolfo, cerrando com vagar as pálpebras.

— E' lisonjeiro?

— Com as feias por civilidade... às bonitas digo a verdade...

— Se eu fosse *coquette*...

— Como não é? interrompeu ràpidamente Adolfo. Se o não fosse, faltaria alguma coisa ao seu poder de fascinação. E' uma arma preciosa, não a abandone. Ao menos por meio dela, o sexo fraco durante largos anos traz atormentada uma boa falange de homens que organizam a sociedade com milhares de convenções todas em proveito só dèles e esquecidos de que à mulher também pertencem direitos comuns...

— Admiro e aplaudo as suas teorias, replicou a viscondessa, mas duvido muitíssimo que queira lhes dar aplicação depois de casado...

— Casar-me... eu?...

— E que tem?...

— Nascí para morrer celibatário...

— Então é vocação?

— E destino também.

— Pois se algum dia se desviar da carreira que leva, quererá antes dominar e ser obedecido, a partilhar o mando...

— Creio, porém, que o jugo do meu primo Oriano não foi dos mais pesados...

A viscondessa corou.

— Porque diz isto? perguntou ela com seriedade.

— A observação talvez seja petulante, mas contaram-me que a senhora, felizmente para èle, o dominava do modo o mais completo...

— Não tratemos...

— Agora... fiquei muito satisfeito ao saber

isso, porque aquele meu primo, coitado! — com essa abdicação da vontade tudo tinha a ganhar.

A alusão à conhecida incapacidade do finado não pareceu produzir a menor impressão na viscondessa.

— Pobre homem, disse ela, era um coração de ouro... Nele perdí um verdadeiro amigo... um conselheiro...

— E a sua persistência na viuvez, observou Adolfo gravemente, com efeito indica que é difícil substituí-lo. Se não fosse, pois, o meu programa de celibato, eu lhe pediria lançasse as vistas para a família... mesmo a-pesar-do programa pode...

Olhou Idalina o afouto entre séria e encolerizada.

— O doutor deve ir procurar o Sr. Alves Cabral: é êle que serve bem de pedra de afiar ao seu espírito.

Adolfo parou no passeio.

— Ai! exclamou de si para si, que ela é viva e entende de mais.

— Perdão, se a ofendí, disse alto. Às vezes sou leviano, mas a senhora é testemunha já do arrependimento que sinto depois de ter gracejado.

Confesso que fui além do que desejara...

— Aceito as suas desculpas, e dou por terminado o passeio...

— Zangada comigo?

— Não... um pouco magoada...

— Mas, não ofendida...

— Até aí... não.

Achou-se a propósito o braço de um senhor para que a viscondessa deixasse Adolfo no meio da sala.

Retirou-se ela sorrindo, mas, debaixo daquele sorriso que entreabria lábios da côr da rubente pitanga, podiam pressentir-se espinhos. A bôca dizia risos; entretanto ligeiro franzir da testa fazia pensar em preocupação e talvez cólera.

XXI

— A viscondessa ficou irritada, murmurou Adolfo, tem porém um meio excelente de vingar-se de mim; é inspirar-me uma paixão. Estou pronto para me sujeitar à tentativa... Mas, por enquanto, é ocasião de safar-me... A reunião está a findar...

As dansas, que durante todas as escaramuças de espírito referidas atrás, haviam estado muito animadas, começavam com efeito a enlanguecer, não tanto por falta de estímulo, como por cansaço dos pares e insuficiência da sua renovação.

— Não vejo Álvaro e preciso retirar-me, pensou lá consigo Adolfo.

Nesse intento ia ganhando a porta, quando foi impedido pelo próprio dono da casa. Estava êle a conversar com um homem baixo, gordo, calvo e muito avermelhado.

— Nova apresentação, murmurou Adolfo.

Não havia duvidar.

— O Sr. comendador Pôrto Melo, disse Faria Alves, negociante importante desta praça.

Satisfeita a formalidade, a que o tutor de Laura nunca, de memória dos mais antigos co-

nhecidos, se havia esquivado, continuou no assunto de que tratava.

— Falávamos na minha pupila, Sr. doutor, explicou êle.

Era êsse o tema predileto, inesgotável, o assunto único que o tirava por instantes da apatia em que vivia, há longos anos.

— E' uma menina de uma inteligência espantosa... Uma das melhores discípulas do Briani; fala perfeitamente o francês; conhece a fundo o inglês.

— E o português? perguntou Adolfo.

— Isto não tem que ver.

— Boa dúvida! confirmou o outro comendador abrindo os lábios com um riso alvar e passando os dedos pelos lábios.

— E de uma docilidade!... Faz-me todas as vontades... E' uma moça em quem não vejo defeitos...

— Já sei, disse o retesado e sêco Dr. Pessoa de Lima chegando-se à roda, que aquí se trata de Laura...

— E' verdade... Você a conhece bem...

— Oh! desde pequenina...

— Então pode dizer quanto é boa...

— Na realidade...

— E com uma grande fortuna, observou Pôrto e Melo, amigo antes de tudo do positivo. Os pais lhe legaram uma boa *maquia*, e o senhor não tem deixado dormir o dinheiro...

— E' verdade, concordou Faria tomando certo ar de modéstia, ela tem com que passar à larga... além do que lhe possa vir... o que porém a distingue são as virtudes...

— Está bom, está bom, retrucou o outro, mas quanto a tudo isso de que o Sr. fala, bons

modos, virtudes, etc., etc., se junta uma fortuna como ela tem... chi!... E' ouro sôbre azul!

— Vejo, disse Pessoa de Lima com certa pausa e modo sentencioso, tal ou qual perigo nessa fortuna... Aproxima-se o momento de casar essa menina.

— E' verdade, confirmou Faria Alves com um suspiro arrancado do fundo dalma.

— E saber escolher ou melhor dirigir a escolha de um marido... é caso gravíssimo...

— Mas, protestou o tutor, eu não poderei influir na vontade de Laura. O que ela tiver decidido é o que há de ser feito... E' coisa que muitas vezes me tira o sono... Felizmente ainda não se pensou nisso... Quanto a mim tenho sinceras predileções...

— Por quem? perguntou Pòrto e Melo aceso logo em curiosidade.

Ficara Pessoa de Lima muito sério.

— Vejo, disse Adolfo, que os senhores estão falando em assunto particular e devo retirar-me.

— Não, não, doutor, reclamou Faria Alves, neste ponto não ha mistério. Conversamos naquilo que está na conciência de todos: a dificuldade em bem casar uma moça.

— Tantas prendas, contestou Pòrto e Melo, e a fortuna de D. Laura modificam muito esta dificuldade.

E o homem tornou a mostrar o riso alvar e a passar os dedos pelos lábios.

— Porque eu cá nunca esqueço o dinheiro.

— Isto é uma prova, replicou Adolfo com a mordacidade que lhe era habitual, de que o senhor sabe ao menos ser grato. Se não fòra o dinheiro, o Sr. comendador não gozaria sem dúvida da consideração que tem.

— E' verdade, é verdade, concordou o rubicundo negociante sem compreender bem o alcance da explicação.

Parecia Faria Alves embevecido nas idéias que agitava de contínuo em sua fraca mente.

Pessoa de Lima olhava com frieza e altivez para Adolfo.

— O senhor diz muito bem, agravou Pôrto e Melo, o dinheiro é tudo; com êle pode-se ter tudo...

— Estou em pleno acôrdo com o senhor, replicou Adolfo, tanto assim que o vejo comendador e ao meu lado aquí...

Desta feita o homem atinou com a ferina sátira e disfarçou num acesso de tosse forte a perturbação que sentia. Aproveitou, pois, a saída de uns convidados que se retiravam e tratou de se esquivar.

Nesse ponto veiu Álvaro buscar o amigo e, feitas as despedidas aos que mais perto da porta se achavam, retiraram-se ambos, quando a noite já ia alta.

— Você se divertiu? perguntou Álvaro antes de tomar o carro e parando no portão do jardim para acender o charuto.

— Francamente não posso dizer... Jantei bem, fôrça é confessar, mas estava com o espírito tão cáustico que semeei com mão pródiga muito dito desagradável. Se isto é divertir-se, então tomei um fartão.

— Pois Laura simpatizou muito com você...

— Dou os parabéns à minha fortuna. Creio, cá para meu lado, que não causei a mesma impressão à viscondessa de Oriano...

— Não gosto daquela senhora...

— Você faz mal... é uma lourazinha encantadora...

— Teremos uma nova Mme. de Sérignan?...

— Não sei, respondeu com amuo Adolfo atirando-se no fundo do carro. Se eu tivesse continuado a minha viagem como queria, estaria livre de todas as desafeições que suscitei esta noite... O culpado é você.

— Não me esquivo à imputação, respondeu Álvaro sorrindo.

E entrando no carro, ordenou ao cocheiro que seguisse para a casa.

Foi a viagem silenciosa, ocupados os dois em fumar excelentes charutos de Havana.

XXII

Chegada é a ocasião de estudarmos de modo mais íntimo e cuidadoso dois dos personagens, que nos merecem particular simpatia e que um tanto morosamente temos apresentado, antes de fazê-los concorrer para o desenvolvimento do drama mais psicológico, do que rico de lances dramáticos, que nos compete narrar.

Sentia Álvaro de Siqueira a paixão morder-lhe sèriamente o coração e com receio via aproximar-se o momento em que ela não lhe havia mais de consentir as exterioridades calmas que, não só por índole senão pela pessoa a quem estremecia, pudera aparentar até então.

Se de um lado o preocupava ter que acordar sensações novas, e que, talvez, lhe não fossem

de todo favoráveis numa alma caprichosa e dominadora como a de Laura, de outro o magoavam, já as relações tranquilas que, desde tantos anos, existiam entre êles dois.

Sem pôr em dúvida a afeição verdadeira que lhe tributava Laura, vivia na maior perplexidade quanto à intensidade e natureza dêsse sentimento. Ultrapassaria as raias de singela amizade, capaz de ir pelos anos afora inalterável e sempre a mesma, ou era o caminho natural para o amor, pelo concurso da doce insinuação, da estima e da confiança?

Causava sem querer, a pupila de Faria Alves, com o gênio vário e inconstante que tinha, dôres cruciantes ao excelente e nobre coração de seu primo Álvaro.

Ora era um acolhimento cheio de risos e encantos, um modo de acariciar irresistível, uns extremos de simpatia, umas confidências sem fim: um segregar de todos, expansões, pedidos de conselhos, amuos para logo voltar às boas, faceirices inocentes, longas conversações, segredos de una intimidade completa, mil coisas enfim que banhavam de luz e de esperanças a alma do apaixonado mancebo e quasi lhe faziam denunciar, nessas horas de delícias, os arroubos tão cuidadosamente ocultos; ora, pelo contrário, um retraimento sem causa, um desgôsto quasi apatia, como que desejos de ferir suscetibilidades, de provocar recriminações, umas declarações positivas e crueis, umas teorias perentórias e acres que atiravam o moço num pélago de hesitações e que no momento lhe perturbavam os melhores argumentos de contrariação, porque, se nem sempre procurava convencer, pelo menos protestava com sinceridade e resolução. Nas ho-

ras de melancolia, que se lhe seguiam ordinàriamente, com o seu modo de ver reto e inflexível, julgava Laura à luz da mais severa imparcialidade, comentava os seus ditos, analisava cautelosamente as idéias que ouvira apregoar, e o futuro para êle se cobria de nuvens temerosas.

Quanto esfôrço lhe custavam êsses momentos de mediação implacável, em que o poder da vontade fazia, por assim dizer, parar as pulsações do coração, cujo alvorôço poderia perturbar o estudo calmo e frio da razão?

Nessas horas de concentração, ligar o seu destino ao de Laura apavorava-o. Teria o espôso energia bastante para dirigir um dia a mulher que tanto lhe havia escravizado a alma?

Mas deixar de amá-la?

Tentar vencer o sentimento, lutar com êle, arcar, de plano feito, com firmeza, constância, tenacidade?

Impossível...

Se não brotara a paixão que sentia de chofre com a violência de chama inextinguível, era, contudo, o fruto de largos anos, em que milhares de circunstâncias favoráveis e especiais haviam concorrido de modo contínuo e certo para fazê-la nascer e avigorar-se; deitara raízes fundas, e tentar extirpá-la com as próprias mãos, fôra tarefa tão impossível, como a corpulento e altanado madeiro o derrancar-se do solo por esfôrço partido do íntimo.

As tentativas de resistência, feitas no silêncio das noites, haviam, pelo contrário, mais e mais aprofundado o abismo em que devia se atirar, de uma vez para sempre, a sua aniquilada vontade.

Ninguém era capaz de amar Laura com

maior fervor, mais fanatismo do que Álvaro. Todos os sacrifícios imagináveis, aquele caráter firme faria de pronto, sem a menor surpresa, sem a mais ligeira reserva em sua completa abnegação.

As evoluções por que passara o seu espírito desde a simpatia do menino até à amizade do jovem e afinal ao amor do homem, haviam sido lentas, constituindo períodos demorados em que êsses diversos sentimentos tinham nascido e evolucionado até inteira expansão, que os ia transmudando uns nos outros.

A calma que ainda conseguia apresentar aos olhos pesquisadores e curiosos, de certo não aturaria nessa época, em que se via entrado, de lutas, embates, competências, provocadas necessàriamente pela beleza e fortuna de Laura.

E nesse repto obrigatório, não experimentava confiança, nem em si, nem na pessoa amada.

Que provas tivera até então de afeto mais vivo e positivo, do que o que merece qualquer parente digno de estima?

E ei-lo que repassava na inquieta memória as mais ligeiras circunstâncias, os mais insignificantes incidentes, os mais apagados indícios que pudessem lhe dar luz, por tènue que fosse, abrir algum horizonte às suas esperanças.

Como o avaro que sopesa com ardor igual o ouro puro e luzidio ou o cobre esverdinhado, apascentava Álvaro a lembrança nos quadros da sua infância, nas suas relações de amigo, na sua convivència de primo e meditava nos menores sinais, que dessem a conhecer alguma coisa da alma enigmática de Laura, sinais, uns decisivos aos olhos do mundo, outros sem valor aparente, mas para êle de imenso alcance.

Proporcionaria ela, porém, essas pretendidas provas com certeza e conhecimento da significação, que as interpretações lhes poderiam imprimir?

Numa natureza como a dela, muita margem tinha que se dar ao capricho da ocasião, levado à exageração em procurar satisfazê-lo, sem outro fim mais do que ímpetos de uma vaidade, por vezes fútil e pueril.

Quando Álvaro falava à sua mãe nas singularidades do gênio dessa moça, como as censurando para desviar qualquer suspeita do segrêdo que guardava no ádito do peito, D. Carlota o tranquilizava.

— Meu filho, dizia a boa senhora, tenho quasi certeza de que Laura mudará com o casamento. Você verá que há de tornar-se excelente espôsa. Isto vem da família. Êsses repentes, que você julga tão dignos de reparo, são efeitos do sistema de educação que ela teve e da gente que a rodeia... Não lhe faltam aduladores de toda a espécie, e até admiro como já se não aborreceu da maneira franca por que você às vezes lhe fala... Precisa de um marido que a guie...

E, sorrindo, perguntava:

— Então você não quererá tomar essa incumbência?

— Ora, mamãe, isto é brinquedo: bem sabe que nunca em tal pensei...

— E porque não havia de pensar?

— Tantas homenagens cercam Laura...

— Crê por isso que as suas não fariam esquecer todas as mais? exclamava D. Carlota com o orgulho de mãe.

— Isto é pressumir muito de mim...

— Pois o comendador Faria Alves havia de ir aos céus, se você dèsse qualquer passo.

— Não se trata do comendador...

— E' verdade, replicava D. Carlota, nós agora estamos no tempo em que as meninas escolhem os noivos e depois consultam, por muito favor, os pais e tutores... Outrora era o inverso que se dava, e havia mais condições para acertar... Mas se você me autoriza...

— Oh! mamãe, não autorizo nada... Agora a senhora está me tratando como se eu fosse moça que precisasse quanto antes arranjar noivo, em razão dos anos que vèm chegando?... Estou quasi lhe fazendo uma censura...

— A mim?

— Sim...

— Não há de ser justa...

— Justíssima... Quando todas as mães retèm os seus filhos à margem do celibato, mamãe quer me empurrar a dar o mergulho nas águas do matrimônio...

— Deus me defenda! Aprecio muito, mais do que ninguém, esta sua relutância, porque quando você se casar, terei de ficar para o lado...

— Não, senhora.

— E' a ordem das coisas..., e, desde muito, vou reunindo boa dose de resignação para èsse momento, mas, sinceramente... eu quisera ver se alguém, se moça, por mais pintada que fosse, não aceitaria a você, com alegria e orgulho...

Quando D. Carlota encetava conversações no sentido da que deixámos esboçada, pairava nos lábios de Álvaro, quasi a desprender-se, o segrêdo que o oprimia; mas com esfòrço o recalcava. Quem sabe se a imprudència, a precipita-

ção, a sofreguidão, o estremecimento de mãe, não iriam sobressaltar a natureza independente, suscetível, inquieta de Laura?

Em ocasiões de fogoso entusiasmo, pronunciava-se ela sempre contra os casamentos de conveniência, de qualquer natureza que fossem.

Um dia Álvaro a encontrara muito agitada.

— Estou indignada contra mim e contra todos, disse ela pegando-lhe com energia na mão.

— Mas porque?

— Então não sabe ainda?

— Não...

— Pois Eponina, aquela bonita menina de cabelos negros e olhos grandes que costuma vir cá e que tanto estimo, casa-se...

— Isto sabia eu, e não vejo motivo para tamanho sobressalto. Conheço o noivo: é excelente rapaz; bem apessoado... com uma bonita carreira diante de si... inteligente... Julgo-a no caso de ser até invejada...

Os olhos de Laura estavam a desferir chispas.

— Que importa tudo isso? perguntou com voz surda. E ela o ama? Aí é que é a questão... Consultaram os parentes, os amigos, os conselheiros, que nessas ocasiões nunca faltam, de que modo pensa o coração? Indagaram se êle pode e há de aceitar a imposição da razão, do bom senso, da comodidade dos pais, de tudo quanto quiserem, mas que nem por isso deixa de ser uma imposição atroz, insuportável...

— Ora, Laura...

— Sim, é uma vítima que atordoaram com palavrões e foram empurrando para o altar... Pobre Eponina, no sábado apresentará os seus pulsos, tão débeis, tão mimosos, à cadeia de ouro

hoje, de bronze amanhã, de ferro daquí a anos, que as conveniências do mundo e da parentela vão arrochar... Eu quisera chorar e não posso.

— Laura, não acho que você...

— Pelo amor de Deus, Álvaro, não me contrarie agora... Olhe que medí com o meu olhar a profundidade daquela desgraça. Perguntei a Eponina se ela devéras amava a èsse a quem ia entregar o seu destino, o seu futuro, a sua vida. Respondeu-me que não, mas que faria por estimá-lo... E você vem falar-me em qualidades... em inteligência... em elegância!... Antes não tivesse èle nada disso e houvesse sabido inspirar um poucochinho de amor a quem vai ser sua espòsa.

— Mas, objetou Álvaro, a convivência não fará realçar aquelas condições de felicidade?

— A pobrezinha quando esteve comigo, continuou Laura sem responder, mostrou-se tão abatida!... «Os meus pais querem, disse-me Eponina, e a vontade dèles arredará de mim qualquer desgraça... mas o meu coração está triste...»

— Se os pais...

— Ah! fosse comigo! exclamou ela com lágrimas a lhe saltarem dos olhos, ainda quando tudo conspirasse contra mim, eu resistiria, havia de reagir... De rastos pelo chão, gritaria *não, não quero!...* Matassem-me, sequestrassem-me... eu guardaria a todo o custo a minha independência... E que tem ficar toda a vida solteira?... Nós moças, somos demais felizes; chegadas a certa idade, parece que devamos por fôrça procurar ou aceitar protetores... tutores... sejam èles quais forem.

— Você não tem razão, Laura; marido não é tutor...

— Ora se, quando não é senhor e amo...

Felizmente nascí em circunstâncias de não me dobrar a tão cruéis contingências... Tenho êsse sentimento vivo...

— Então você não se quererá casar nunca?

— Ainda não pensei nisso, mas fá-lo-ei quando vir chegada a hora. A escolha há de ser minha, minha exclusiva; não escolherei, digo mal; quem ma ordenar, há de ser êsse senhor indomável que às vezes parece querer me sufocar.

E dizendo isto, batia com o punho fechado sôbre o coração.

— Às vezes, observou Álvaro sorrindo com algum constrangimento, é mau conselheiro.

Replicou-lhe a moça com fogo:

— Não; tenho certeza que êle não me transviará... se assim for, então...

— Então que?

— Estará o meu orgulho vigilante e abafará o amor.

Houve uns instantes de silêncio.

— Pobre Eponina! exclamou de repente Laura interpelando a amiga ausente cuja sorte tanto deplorava, e se depois de ligada para sempre a êsse homem que pode ter mil qualidades, mas a quem não amas, mas a quem talvez nunca consigas amar, te aparecer de repente aquele que tem de acender a paixão no teu peito? Que farás?

— Para que, ponderou Álvaro, estar agitando hipóteses tão desagradáveis?... E' natural que uma moça de índole sã, casada com um homem inteligente e delicado, sinta pouco a pouco nascer êsse afeto suave e honesto que prende para sempre duas existências...

— São experiências perigosas...

— Mas também, retrucou o moço com alguma imposição, há perigos iminentes nesses arrastamentos precipitados do sentimento violento. Quantas vezes o arrebatamento a que nada resiste traz como consequência a desgraça até de inúmeras vidas? E' o constrangimento penoso, concordo, mas a vertigem não calcula abismos. O amor é cego e vem armado de um archote... Sinto que você, Laura, em tais assuntos só tenha, como diz, confiança nos ditames do seu coração. E' sem dúvida nobre, generoso, digno de se lhe prestar ouvidos, mas tantos exemplos fatais nos têm dado espíritos elevados e almas enérgicas, impelidos pela paixão, que ninguém pode com alarde dispor do futuro, tomando para única bússola a fantástica e precipitada instigação de um afeto impetuoso.

Foram estas palavras aos poucos acalmando a exaltação de Laura, como sempre acontecia quando Álvaro, rompendo a fascinação que sôbre o seu moral exerciam as palavras da bela prima, lhes dava resposta firme e adequada.

— Você agora está me repreendendo? observou ela com queixume na voz.

— Eu não, de certo...

— Está, pelo menos, censurando a quem lhe quer muito bem...

— Você? perguntou o moço fazendo um esfôrço para ocultar a súbita comoção sob um riso de dúvida.

— Eu não, replicou ela com faceirice...

— Então quem?

— O meu coração... Muitas vezes quero me zangar com você, e entretanto êle advoga com todo o calor a sua causa; chama-o de amigo verdadeiro, até de irmão...

Álvaro meio pálido, replicou com repentina frieza:

— Pois estimo saber que conhece as amizades que lhe são sinceras...

XXIII

As amiudadas conversações que Laura tinha com Álvaro seguiam quasi sempre a marcha da que acabámos de referir. Primeiro o arrebatamento da parte dela, o propósito firme de não ouvir objeções, o impulso que não via resistências, o ardor em sustentar idéias absolutas, teorias estranhas, quasi paradoxais; depois certo retraimento e afinal o efeito de uma ação branda e insinuante que a obrigava a desfazer com as próprias mãos a meada que sôfregamente havia urdido.

Daí nasciam para Álvaro fundados receios e ao mesmo tempo doces esperanças.

Quem sabe se num belo dia a amada criatura não viria, singela e naturalmente, lhe falar num enlace que estava na mente de todos, menos na dela?

Mas também se suspeitasse um plano formado, um desejo geral e já conhecido, o aplauso prévio do mundo, oh! então havia de protestar, de bater o pé, de julgar-se coagida, proclamando talvez ódio a êsse homem, cujo único crime era amá-la lealmente, e então o acharia culpado de mil combinações e talvez artifícios.

Até certo ponto tinha Laura desculpa de ser assim. Muito franzina em criança, órfã, como

desde princípio sabemos, de pai e mãe, fòra criada mais a modo de convalescente a quem deviam fazer todas as vontades, do que de menina que educam e preparam para ser um dia mulher.

Em extremo nervosa, sofrera muito na época crítica em que se transformou quasi de repente em moça. Reconcentrada então, num silèncio completo, ficava, horas inteiras, apática, imóvel, a fixar um ponto no espaço.

Nesse tempo o comendador Faria Alves andava triste e acabrunhado. Se olhava para a pupila, lágrimas lhe vinham aos olhos, e a sua alma se conturbava de desgôsto e ansiedade.

Receitara o médico passeios demorados e à primeira hora do dia.

Antes pois de romper o sol, fazia diàriamente Laura duas e três vezes o giro daquele belo jardim de Botafogo, apoiada ao braço do inquieto tutor, e nesses momentos, a respirar o perfume das flores que exalavam doces aromas, como incenso desferido ao astro que ia fulgir, a contemplar aquela alegre natureza, resumida sem dúvida, mas arranjada engenhosamente pelos cuidados da arte, sentia movimentos estranhos, vontades irresistíveis de chorar, ora desejos ardentes de viver, ora de morrer, uma confusão de idéias e de ímpetos que, se lhe causavam verdadeiro e às vezes pungente sofrimento, pelo menos a arrancavam da atonia em que passava o resto do dia.

Uma vez desceu ela ao jardim completamente transfigurada.

Brilhavam-lhe os olhos; a tez tingia-se-lhe de vívidas côres; os gestos eram animados: chegou até a correr ao encontro do seu tutor.

Notou êste com admiração tão inesperada mudança.

— Você hoje acordou outra, Laura, disse êle.

— E' verdade, papai, sinto-me com vida nova. Parece-me que outro sangue me corre nas veias...

— Oh! exclamou o velho comendador com verdadeira unção, graças aos céus ouço isso da bôca de minha querida filha... Bendito o nome de Deus!

— Sim, bendito, porque cheguei a alcançar um grande triunfo!

— Como assim, Laura, você?...

— Talvez papai não acredite...

— Se não for coisa crível...

— Não é fácil de crer, mas é a verdade, eu juro...

— Então me diga...

— Pois bem, escapei de ficar louca e...

Um grito de Faria Alves interrompeu-a. Precipitou-se êle para Laura e apertou-a com carinho ardente ao peito. Depois, beijando-lhe os cabelos, balbuciou:

— Não diga isso, minha filha..., pelo amor de Deus..., não pense nisso. Olhe, você... me obriga a chorar com essa idéia horrorosa.

E com efeito o bom velho derramava copiosas lágrimas.

Laura, depois de alguns minutos de imobilidade, desenvincilhou-se com meiguice dos braços do seu tutor, e interpelando-o com gentil firmeza.

— Mas, porque papai se aflige antes de ouvir tudo?... Fique mais sossegado... Então não lhe contarei o que sucedeu...

— Laura, conte...

— Não, senhor...

— Eu lhe peço...

— Pois se quer ouvir, enxugue essas lágrimas...

Um homem chorando porque uma meninazinha lhe fala numas caraminhoias... é até vergonhoso.

Sorriu-se quasi o comendador.

— Pois faço o que você exige... Veja... estou já sossegado...

— Devéras?...

— Devéras!...

— Então ouça... Deixei de ficar louca, porque pude dominar-me. Ontem a minha razão quasi vôou para sempre desta cabecinha... Vi o momento em que ela me ia escapando: mas pusme a rezar tanto e fiz tal esfôrço que vencí a doidinha... Era alta noite, depois de eu ter acordado do primeiro sono... Não quís chamar por ninguém... tinha uma dôr de cabeça de estalar... A lamparina estava apagada: abrí devagar a janela...

— Meu Deus, meu Deus! murmurou o velho apertando as mãos com desespêro.

— A lua estava tão bela, tão serena!... Entrou um raio no meu quarto, como se fosse uma amiga, um olhar de minha mãe... A noite lá fora, um pouco fria, tinha tanta calma, que eu me sentí melhor...

— Que perigo, balbuciou o comendador, expor-se assim!...

— Ajoelhei-me então e orei com fervor, pedindo a meus pais que me amparassem na desgraça que me ia acontecer... Quando me levantei, parecia outra; deitei-me e dormí a sono sôlto

até à hora do nosso passeio... Eis o que me sucedeu, eis o que me trouxe esta mudança tão completa...

— Ora, deixe-se dessas idéias... Não pense nunca nisso...

— Agora, replicou Laura com vagar e placidez, o perigo já passou, mas lembre-se de uma coisa: meu pai morreu doido...

Deu Faria Alves um salto para trás, pálido e trêmulo.

— Quem lhe disse isso, menina? E' falso... seu pai...

Laura meneou tristemente a cabeça.

— Sei isso desde o colégio... Uma preta de lá mo contou.

— Mas...

— E mesmo êsse segrêdo que conheço desde criança e que me ocultavam com tamanho cuidado me fazia mal: hoje descarrego um grande pêso e o meu espírito fica desassombrado. Tenho certeza de que meu pai não me deixou por herança a loucura: quero só como êle ser boa e amável... Não é verdade que era assim?...

— Oh! respondeu Faria Alves com dôr e perturbação profunda, ninguém o conheceu... melhor do que eu... meu companheiro... meu am...

— Pois eu, disse Laura com gentileza e desviando-se de assunto tão melancólico, aquí estou para representá-lo... Aceita-me como tal?

Apertou o tutor a mimosa pupila nos braços, e ambos puseram-se a passeiar, a conversar e gracejar por modo totalmente diverso dos dias anteriores.

XXIV

Como dissera Laura, fôra a crise decisiva.

Aclarou-se a sua inteligência; desenvolveu-se-lhe; agradou-se do estudo, tirou dêle proveitosos frutos e modificou, nessa nova fase de transmutação moral, o domínio imenso que, até aquela época, exercera sôbre o organismo o sistema nervoso.

Mostrou-se também completa a expansão quanto ao físico, e em poucos meses Laura era uma formosa donzela.

Nas mãos de um pai inteligente e tão solícito quanto firme à procura do que convinha realmente àquela alma elevada e seleta, chegada era a ocasião de incliná-la com segurança para a contemplação do belo, para a prática do bem, do útil e da verdade, mas justamente lhe faltou êsse guia, e a voz preciosa do conselho carinhoso que incute no peito a convicção não falou ao seu coração.

Haviam tudo deixado à direção da natureza, pródiga sem dúvida, rica de instintos generosos, cheia, porém, ainda de asperezas e sobressaltos.

Extasiava-se Laura ante a beleza de uma grande perspectiva; era profundamente religiosa, dada à caridade, serviçal e meiga, mas em tudo levava os arrebatamentos de um gênio inclinado aos extremos e envolvia idéias sãs, puras e magnânimas nas névoas de um misticismo às vezes inexplicável e que podia com pouco tocar ao absurdo.

Pôs-se numa ocasião a defender a inquisição a pretêxto de que a dôr física havia de servir de purificativo às almas rebeldes dos herejes.

Entretanto não podia ver ninguém sofrer, o animal mais insignificante, o bichinho mais pequenino. Apoderava-se dela uma compaixão aflitiva. Se pudesse, comprava a dôr dos outros, a trôco do padecimento próprio.

Na ânsia de ler que durante muitos meses a subjugou, devorou Laura livros uns após outros, sem ordem, sem nexo, nem escolha. Vivera a vida dos personagens que mais a haviam impressionado: identificara-se com êles e então tivera alegrias imensas e dôres cruciantes. Tocara em todos os gêneros de literatura e mui naturalmente com a sua imaginação férvida apegara-se sôfregamente ao romance.

Fôra Jorge Sand o seu autor favorito e da predileção das obras dessa admirável escritora proviera em todo o caso uma delicadeza de apreciação, um tino literário, um gôsto apurado e um receio de vulgaridades que tornavam o seu juízo, quando o expendia, mui chegado à verdade.

Para resumirmos o ligeiro estudo que acabamos de esboçar daquela interessante e caprichosa menina, lembraremos um apólogo oriental, cujas palavras, se não vão textualmente citadas, dizem mais ou menos o seguinte:

Brota puro e cristalino regato das entranhas da terra. Vem à flor e, como que surpreso, por momentos estaca; depois atira-se pelas agruras dos montes, despenha-se; dá voltas sôbre si; turva-se; descansa e aclara um pouco; corre em plano mais condescendente; logo adiante recomeça em seu borbulhar até ir esbarrar de encontro a algum tropêço; então ruge de cólera, espadana,

galga o óbice e tresloucado precipita-se no abismo que o engole, borrifando de espuma a rocha estéril e nua.

Agora se fordes buscar na nascença essa linfa que brota pura e cristalina das entranhas da terra, se a prenderdes docemente, trazendo-a por declives suaves, guiando-se contra a vontade, mas em seu benefício, irá ela marulhando, inquieta, mas sem toldar-se; depois, a mais e mais comprimida, cessará de murmurar e, se lhes derdes então a liberdade, subirá aos céus, formando um jacto límpido que, desfeito na queda em puro orvalho, vai aljofrar os lírios e roseiras, plantados em tôrno das bacias de alabastro que ornam os encantadores jardins de Cachemira.

XXV

No dia seguinte ao da reunião domingueira do comendador Faria Alves, sôbre a qual tanto nos estendemos, recebeu êle a visita do Sr. Pessoa de Lima, seu antigo companheiro em negócios comerciais e homem que, a-pesar-de não lhe ser simpático, exercia no seu espírito fraco e pusilânime ação verdadeiramente dominadora.

Empenhados durante algum tempo numa grande emprêsa de importação e exportação, havia-se rompido aquela sociedade em que ambos figuravam, não por vontade de Faria Alves, mas pela energia de um terceiro sócio que, vendo comprometidos os capitais comuns com a gerência de Pessoa de Lima, dera-se pressa em provocar uma crise resolutiva.

Separados aqueles interêsses, propusera então Pessoa de Lima nova associação a Faria Alves, mas êste ou por cansaço dos negócios ativos ou por compreender o perigo da sociedade, esquivara-se, dando como inabalável a resolução de liquidar todos os seus compromissos e passar tranquilamente a vida a usufruir os rendimentos que lhe trariam os seus capitais adquiridos e já importantes.

Era esta razão ponderosa e capaz de satisfazer plenamente a qualquer que não nutrisse prevenções, derivadas principalmente da própria conciência.

No ato de seu ex-sócio viu Pessoa de Lima um retraimento, muito justificado aliás, de confiança e por isso lhe guardou sempre rancor. Entretanto, a-pesar dêsse fermento de animosidade, continuara a cultivar aquela amizade donde por certo podiam lhe provir vantagens em ocasiões de extremo apuro.

Justamente, nessa época, começara èle a tirar resultado de tão previdente maneira de proceder, havendo, sem dificuldade alguma, conseguido que o comendador endossasse duas das suas letras e de não pequeno valor, além de empréstimos diretos de várias quantias.

A presença de Pessoa de Lima não era por certo agradável a Faria Alves; entretanto êste, pela sua natureza vacilante e frouxa, julgava não só injusta a prevenção íntima e verdadeira, mas ainda procurava com insistência apertar relações que, como tinha palpite, só lhe trariam aborrecimentos, quando não mais sérios desgostos.

Do seu lado o ex-sócio, com o atilamento que lhe era próprio, percebera claramente os sen-

timentos que inspirava, pelo que, conhecedor do caráter com que lidava, buscara com jeito ir assentando cada vez mais um predomínio que não tinha outra razão de ser senão a superioridade da arrogância e fôrça de vontade sôbre a tibieza e a inércia.

Ao entrar Pessoa de Lima no gabinete particular de Faria Alves, foi acolhido com o mais amável sorriso. Era o meio com que êste procurava sempre encobrir alguma viva contrariedade.

— Não contava com você hoje cá, disse o comendador apertando uma dextra que lhe era estendida com certa majestade.

— Pois devia contar, respondeu o outro sentando-se com maus modos.

— Porque?

— Venceram-se hoje as suas letras...

— Ah!

— E eu...

— Ora, interrompeu o velho com precipitação estudada, não havia pressa... Não sei porque você...

Tinha Pessoa de Lima o olhar cravado sôbre o seu credor.

Com vagar e acentuação nas palavras:

— Também não me dei pressa alguma... Quero simplesmente reformá-las.

— Ah!

Êsse ah! fôra muito diferente do primeiro, mas por tão pouco não se incomodava o Sr. Pessoa de Lima.

— Não preciso, disse êle com ar glacial, explicar-lhe o estado em que param os meus negócios... A-pesar disso tenho confiança que não deixarei ficar mal a sua assinatura...

Houve alguns momentos de silêncio.

— Sim, senhor, continuou Pessoa batendo com os dedos no encôsto de uma cadeira próxima e como que querendo lançar as vistas para um passado já distante — e com tal fim cerrava as pálpebras, tomando ar de séria meditação — eu lhe devo, Faria Alves, um obséquio que, por certo, tem direito aos meus agradecimentos. Hoje podia estar muito rico, mais do que você; mas no meio do caminho fiquei abandonado por aqueles que se haviam comprometido, como homens de honra, a me acompanhar, a me dar auxílio e confiança.

— Eu... por minha parte...

— Fui sacrificado, não há dúvida!

— Não por mim, protestou com certa vivacidade Faria Alves, desmanchou-se a nossa sociedade e eu estava muito disposto a liquidar os meus negócios... Por vezes lhe havia falado nisso...

— Eu sei, eu sei, mas cumpre confessar que a ocasião era pouco própria. Depois dos receios que aquele miserável... sim, era um miserável, você há de concordar por fôrça...

— Não digo tanto, o Oliveira...

Ergueu-se quasi Pessoa de Lima e com imposição replicou:

— Nunca consentirei que em minha presença o homem que, senão destruiu, abalou pelo menos o meu crédito, não seja devidamente qualificado... Isto não, Sr. Faria Alves...

— De certo, emendou o outro pressuroso, êle foi precipitado, injusto... assustou-se... e perdeu a cabeça...

— Mostrei pela liquidação, pelos meus livros, que as suspeitas eram sonhos de uma cabeça — como você bem diz — desvairada pela

ganância... Entretanto, lembre-se bem, Faria Alves, o abandono em que você me deixou, deu certa fôrça à calúnia...

— Pelo amor de Deus, contestou o velho, as minhas razões eram conhecidas... sabidas de todos... E não continuei depois a dar-me com você, a tratá-lo como amigo?...

— Sim, a tratar-me, notou com ironia Pessoa.

— A sê-lo, emendou Faria Alves, a sê-lo como mostrei e hei de mostrar... Porque razão, porém, havemos de estar repisando tais recordações?...

— Dolorosas, qualificou Pessoa de Lima dando um suspiro.

— De certo. Você me falava nas letras que quer reformar... Faz muito bem. Conte sempre comigo, com a minha firma...

E levado por desasado arrebatamento, próprio das naturezas tímidas:

— Quero e hei de dar provas de que não recuo diante de nenhum sacrifício que você de mim exija... Conheço, pela amizade que me tem, qual o estado dos seus negócios, não é bom; mas eu lhe digo com o coração na mão: mande em mim e será obedecido...

Pessoa de Lima, durante essas palavras que pareciam mais filhas da fascinação de seus olhos cravados tenazmente em quem as proferia, do que da sinceridade, não pestanejou.

— Sim, disse êle com pausa, conto com você... falta-me esta derradeira ilusão, que guardo no fundo do coração... Esteja porém tranquilo...

— Ora...

— Nunca abusarei de oferecimento tão ilimitado, nunca!... tenho orgulho bastante para is-

so... além de que parece agora que a fortuna se cansou de me perseguir... Estou à frente de uma operação da mais alta importância...

— Muito bem!...

— Não sei se você ouviu falar nas minas de cobre dos sertões de Pernambuco.

— Ouví... é uma companhia que o barão de Itimbó está organizando.

— Justamente... Tenho grande parte nessa emprêsa, ou melhor, tudo depende de mim... Os estudos estão sendo feitos por habilíssimo engenheiro; as amostras deram ótimo resultado; são veeiros riquíssimos. Fica a mina perto de Tacaratú, nas fraldas da serra d'Água Branca. Daí ao rio de S. Francisco são poucas léguas, desviando-se da cachoeira de Paulo Afonso... Na praça, a idéia foi acolhida com verdadeiro entusiasmo... Quasi tudo quanto possuo pus na realização daquele grandioso pensamento.

E sem a menor hesitação perguntou:

— Quantas ações toma você?

— Não sei, respondeu Faria Alves. Sem ter examinado as coisas...

— Basta eu lhe afiançar...

— De certo, porém... você sabe, isto de minas...

— Eu lhe guardei 300...

— E as ações de quanto são?

— De 200$000... uma ninharia, para quem dispõe de tão brilhante fortuna, *liquidada* há tanto tempo.

Tentou o outro reagir a seu modo.

— Pois ficarei com 200.

E com sorriso forçado observou:

— Só por sua causa.

— E eu não lhe agradecerei, porque os lu-

cros e não pequenos não tardarão a lhe vir às mãos.

Depois de alguns minutos de silêncio:

— Outra questão me traz à sua casa, Sr. comendador, disse Pessoa de Lima. Não se trata pròpriamente de mim, mas de alguém que de perto, de muito perto me toca. O senhor, ou melhor você — já que estamos conversando na intimidade e como bons amigos que se prezam, não é verdade?...

A pergunta foi acompanhada de um olhar entre indagador e sarcástico.

— De certo concordou Faria Alves, estou admirado do seu tom cerimonioso, comendador e senhor para cá e para lá...

— Estou no meu papel de requerente, replicou Pessoa de Lima com modo que contrastava de todo o ponto com a asseveração. Mas, como ia dizendo, você tem uma pupila, rica, bela e em estado de casar...

Como sùbitamente lhe tocavam na corda sensível, ficou logo o velho muito atento e meio pálido.

— Naturalmente os pretendentes à mão de moça tão bem dotada pela natureza e pela fortuna não terão faltado.

— Até hoje, balbuciou Faria Alves, ninguém... ninguém se apresentou... De mais Laura tem muito tempo... diante... de si...

— Pode ser, concordou Pessoa de Lima, mas em todo o caso, a sua beleza provocando paixões sinceras e veementes, fazem nascer naqueles que se acham em certas condições o desejo muito natural de aspirar à posse de tão interessante tesouro... Meu filho...

— O Dr. Artur? perguntou Faria Alves com verdadeiro pasmo.

— Êle mesmo, meu filho veiu, há dias, ter comigo e declarou-me que experimentava pela sua linda afilhada e pupila um sentimento bastante forte, para que de bom grado desejasse abandonar a liberdade de moço solteiro e considerasse êsse casamento como o seu sonho de ouro.

— Porém, o seu gênio...

— De certo, é folgazão, amigo de divertir-se, desfruta um pouco, talvez de mais, a mocidade; contudo ainda não praticou ato algum que pudesse modificar a reputação que tem de homem de honra...

— Quem duvida disso? Estou simplesmente maravilhado de... não sei... como diga...

E o comendador embrulhou-se num final de frases que bem denotava a sua perturbação.

Parecia Pessoa de Lima cada vez mais dominador.

— Assim pois, o Artur recorreu a mim para que eu encaminhasse as coisas no sentido dos seus mais ardentes desejos... Não vejo sinceramente motivos para tamanha admiração. Acha-se um rapaz em contacto com uma bela moça e nele se atéia uma paixão com a mesma facilidade com que o fogo se comunica à pólvora. A comparação é corriqueira, mas exatíssima... Procurar a proteção de seu pai, é de bom filho. Aplaudí deveras a escolha que encerra todos os requisitos desejáveis; boa familia, fortuna, mocidade, nobres qualidades do coração, enfim os elementos precisos para a felicidade conjugal... e com a maior satisfação dei o meu pleno consentimento, prometendo-lhe fazer o que agora

estou cumprindo, isto é, não vir pedir a você a mão de D. Laura Gomes com toda a formalidade para o doutor Pessoa de Lima, mas conversarmos na intimidade a tal respeito.

— Porém... não posso... por mim...

— Será um enlace por sem dúvida igual, continuou o outro sem atender à interrupção. De um lado riqueza, mas de outro um título acadêmico que em nosso país, como você bem sabe, abre a quem o possue todas as portas da sociedade, permite-lhe abraçar a carreira que mais lhe convier e serve de base a toda e qualquer aspiração. Bem apessoado, Artur não é visto com indiferença pelo belo sexo; tem maneiras insinuantes e se tivesse querido, já houvera achado mais de um casamento vantajoso. Não lhe aprouve na ocasião; preferiu continuar a borboletear, a divertir-se, e isso é mais uma garantia de futuro, que muito se deve ter em conta. De motu próprio declara-se farto dos prazeres fáceis e desejoso de sacrificá-los a um sentimento sério e verdadeiro que lhe nasceu, quando menos esperava.

Era o tom de Pessoa de Lima um tanto enfático, de homem que tem razões para crer que está dizendo pérolas; tom de quem preleciona e se julga com fôrça bastante para impor a outrem a sua opinião.

Ouvira-o Faria Alves com toda a cautela. Agora que se tratava da pupila, sentia-se com mais coragem e disposição para a resistência.

Foi pois com voz mais firme de que de costume, que respondeu:

— Acolho o pedido que por intermédio de você me faz o seu filho Dr. Artur, mas por enquanto e por mim só não posso tomar compro-

misso algum. Sabem todos qual o sistema de educação que seguí para com Laura; desde menina, fiz-lhe todas as vontades e, cumpre reconhecê-lo, até hoje não me arrependí ainda dessa tal condescendência. Ora, não será por certo em assunto de tanta magnitude para ela como o casamento, que irei modificar a minha linha de proceder. A ela, tão sòmente a ela compete o escolher a pessoa bastante afortunada que tem de ser o seu companheiro na vida.

Meneou Pessoa de Lima a cabeça como quem aplaudia semelhante intenção.

— Nesta questão capital para a minha pupila e para mim também, tenho tenção firme e que nada pode... modificar...

— Ah! exclamou quasi a meia voz o outro, inabalável?

— Inabalável, sim! de não intervir de modo algum em tão difícil problema... E' ela senhora absoluta de suas vontades... No círculo elevado, em que vive, parece-me impossível uma preferência pouco digna. Reservo-me, pois, para ùnicamente aprovar com todas as fôrças da alma a opção que fizer o seu coração... Quanto me custa, meu amigo, pensar nisso! Nunca ainda tocámos neste assunto, penoso sobretudo para mim; mas eu bem previa que o momento ia se aproximando em que, rodeada de homenagens, haviam necessàriamente de aparecer essas pretenções, de que agora você é órgão, e antes de todos...

— Tenho pelo menos a vantagem da prioridade, observou Pessoa de Lima com sorriso de ironia.

— Que vai ser de mim depois de casada essa menina? Voltarei ao isolamento, à tristeza,

ao abandono... Felizmente estou velho, alquebrado... qualquer choque dará cabo de mim...

— Em suma, interrompeu o orgulhoso impetrante para cortar reflexões que em nada o interessavam, que diz você ao meu pedido?

— Que posso dizer? Não vejo empecilho grave que se levante contra semelhante união... Eu quisera ver o Dr. Artur menos... como direi... menos...

— Leviano?

— Sim, leviano; entretanto, como você fez sentir, não tem saído das raias que consentimos, nós homens de idade e que também fomos moços, à juventude...

— Justamente...

— Se agradar a Laura, está sabido que o aceito com a maior alegria, mas...

— No caso contrário... não, quer dizer você?

— De certo.

— Mas onde fica a sua autoridade de tutor, onde sua direção? Não deve nem pode a escolha de um marido ùnicamente depender de uma moça que perante a lei é incapaz de bem curar os seus interêsses. Não digo que se façam imposições, que se martirizem vontades, que se quebrem resistências, já vão longe êsses tempos; mas hoje, com jeito, insinuações, certa diplomacia, chega-se ao mesmo resultado. Não há pai que ignore isso e que deixe de aplicá-lo a bem de suas filhas. Como casei a minha Idalina? Pensa você que ela morresse de amores pelo visconde de Oriano? Bem longe disso, mas levei a coisa com prudência, e o casamento fez-se muito natural e suavemente. Tome, pois, o seu verdadeiro papel, meu amigo; não abandone foros que a lei e a vontade dos pais de Laura lhe garan-

tiam em toda a plenitude. Pelo amor de Deus, não deixe ao capricho dessa menina e muito ao acaso a solução de tão importante dificuldade.

Pareceram estas palavras produzir certa modificação no ânimo do velho comendador:

— Eu devera, confesso, assumir a atitude a que você acaba de se referir, mas sinceramente não me acho com fôrças para procurar me opor às vontades de Laura.

— Não é opor-se... é dirigir...

— Dirigir?

E como reagindo contra as idéias que o estavam dominando, exclamou com fôrça Faria Alves:

— Não, não: por Deus! deixarei tudo a Laura; ela nasceu debaixo de estrêla propícia: nada farei, nada direi que possa influir numa solução dessas... E de mais eu quisera que ela nunca pensasse em casamento, e irei agora, eu mesmo, acordar perigos e possibilidades dolorosas... Nada, meu amigo, você pode ter carradas de razão, mas não sairei do meu propósito há muito firmado. Já disse e repito: tenho inteira confiança no critério de Laura. E' impossível que a sua escolha recáia em quem não seja digno dessa distinção.

Ouviu Pessoa de Lima êsse novo arranco de resolução com todo o sossêgo e sobranceria.

— De maneira que Artur poderá ver-se repelido...

— Obre êle da sua parte com prudência... caminhe com cautela...

— Tudo ou muito, entretanto, depende da sua interferência.

— Já lhe assegurei que... não intervirei.

— Pois, disse Pessoa de Lima inclinando-se

para Faria Alves e acentuando em cada palavra ao passo que o seu olhar se tornava fixo e duro, é preciso por fôrça que você intervenha, e para isso... tenho meios...

Empalideceu alguma coisa o outro e balbuciou:

— Agora quer você me violentar?... Não consentirei jamais...

E ia se levantando, quando o ex-sócio o prendeu à cadeira com braço vigoroso.

— Sejamos calmos, ordenou êle, muito temos ainda que conversar.

XXVI

Silêncio de longos minutos sucedeu a tão singular intimação.

Quem a fazia parecia concentrar-se em prévia meditação, ao passo que Faria Alves deitava olhares inquietos de um para outro lado ou os fitava no chão.

— Sr. comendador, disse por fim Pessoa de Lima.

E mudando de tom, de modo a impacientar o mais resignado dos ouvintes:

— Veja que o assunto é de toda a gravidade; dou-lhe a dar-lhe-ei o tratamento mais cerimonioso possível. Não se deve entrar no ponto que vou ventilar, senão de gravata branca e condecoração no peito. Senhor comendador, diria eu pois, acredito que V. S., traquejado como é nos negócios e na sociedade, não ignora a vantagem

que há em guardar papéis velhos e, lá num belo dia, de revolvê-los e procurar estudá-los...

Estava o comendador atônito.

— Pois foi o que fiz há dias... só há dias infelizmente, porque, desde mais tempo, poderia ter achado o meio seguro de chamar a contas quem foi tão ingrato para comigo. Oh! se eu soubesse, hoje as coisas estariam radicalmente mudadas... enfim, ainda e sempre é tempo. Não faz uma semana, passei cuidadosa revista nos papéis da minha e sua liquidação... daquela célebre liquidação que ambos conhecemos tão bem. Eis senão quando me caíu nas mãos uma carta que parecia ter aderido durante largo tempo no verso dum documento sem importància comercial, mas que lhe pertencera...

— A mim? murmurou Faria Alves.

— Sim, senhor... A carta, pelo estudo longo e meditado que fiz, colara-se, casualmente sem dúvida, à lauda inferior do tal documento.

— Que tenho eu com tudo isso? perguntou o velho dando mostras de grande espanto e algum receio.

— Oh! muito. Mostre um bocadinho de paciência; permita que eu seja metódico e daquí a pouco, daquí a minutos... far-se-á a luz de modo a espancar todas as dúvidas. A letra daquele documento, na aparência insignificante, além de tremida e apagada, tinha lacunas devidas à substància que o fizera aderir... mas com pequeno trabalho — não quero gabar-me, — reconstruí toda ela de princípio a fim. Quer vê-la?

E com toda a pausa Pessoa de Lima tirou de uma grande carteira uma meia fôlha de papel de carta que mostrava na còr amarelada e no

descorado da tinta os largos anos decorridos desde que fôra escrita.

De longe a mostrou a Faria Alves. Êste quís precipitar-se, mas não pôde. Preso á cadeira, imóvel, com os olhos fixos e muito abertos, parecia paralizado pelo mais profundo terror. Atordoado, sentia tudo girar em tôrno de si, ao passo que suor frio lhe corria da fronte pelas faces, como se fôra abrindo sulcos indeléveis.

O seu ex-sócio não deu mostras de perceber tão doloroso estado.

— Vou lê-la, anunciou êle com tranquilidade.

O comendador deu um gemido surdo de dôr e, fazendo um esfôrço imenso para voltar a sí, deitou olhares apavorados para todos os lados. Na perturbação em que estava, parecia ter perdido o uso da palavra.

Percebeu-lhe Pessoa de Lima a intenção. Levantou-se e foi fechar a porta de comunicação com o interior da casa.

Ao voltar para a cadeira que ocupava, disse com ironia mal disfarçada:

— Atenda bem que tomo todas as precauções desejáveis. Prudente e avisado sou eu, e de mais... incapaz de comprometer os amigos... A carta, pois, dizia: «Luiz...»

E interrompendo o que ia ler:

— Não sei bem a quem é dirigida; e mesmo para comentá-la, recorrerei ao conhecimento que você tem daquele tempo e das pessoas a quem mui cautelosa e acobertadamente se referem estas curiosas e poucas linhas. Lá vão elas sem mais interrupções.

E Pessoa de Lima começou a ler com muito

vagar, deitando, de vez em quando, olhares inquiridores para Faria Alves:

«Luiz. — Acabo de ter um acesso violento e deitei golfadas de sangue. Sinto que breve desaparecerei dêste mundo. Entrego-lhe a minha Laura, a nossa filha... Tudo se concilia... a mancha desaparece... O infeliz louco nos perdoe; ou melhor Deus se compadeça de nós. Pensei, há pouco, morrer... Tinha nos lábios um nome, o teu, que não posso contudo proferir sem crime... Reassume, como tutor, os direitos que são teus... de pai...»

— E está assinado — Elvira, concluiu Pessoa de Lima dobrando a carta e metendo-a no fundo da carteira.

Depois fitou com demora e frieza a sua vítima, pois assumira o papel de algoz.

— Serão precisos comentários? perguntou êle afinal. Quem é essa Elvira, quem êsse louco, quem Laura? A que Luiz se escreve tão confiada e amorosamente?

E levantando-se agarrou com fôrça no braço de Faria Alves:

— Sr. comendador, nós dois conhecemos os heróis que figuram neste drama... Não é verdade?

Foi necessário sacudí-lo com fôrça para obter uma resposta. Estava o velho boquiaberto, aniquilado, apatetado.

— Não sei, disse êle a custo e com voz angustiosa. Que carta é esta?... Donde veiu?...

— E' escusado negar... Uma infâmia se descortinou aos meus olhos...

— Não... infâmia não houve...

— Então confessa?...

— Que disse eu?... Nada, nego tudo... Você

quer me enredar... mas eu... saberei... sim, saberei resistir...

Mal podiam estas palavras sair da garganta do desgraçado.

— Então, observou Lima sempre de pé e curvado sôbre Faria Alves, acha você que sem inconveniente algum poderei, em público, em qualquer roda, ler essa carta como uma curiosidade dos tempos passados? E por brinquedo recordar certas particularidades? O nome de Laura... metido com imprudência faz logo nascer certa curiosidade sobretudo naqueles que sabem que a sua mãe se chamava Elvira, mulher linda se jámais houve, e que faleceu do peito, há bastante tempo... nem me lembra mais há quantos anos... Que diz, Sr. Faria Alves?

Violenta luta agitava a alma do comendador. Fazia esforços heróicos para dominar-se e não podia. Reagir, era impossível: não havia senão curvar a cabeça.

— Pois bem, disse com voz arrastada e débil, confesso, confesso tudo... Estou em suas mãos!

— Ah! replicou Pessoa de Lima com aparente indiferença, eu tinha plena certeza de que o acharia razoável. Vou sentar-me e então continuaremos o nosso colóquio, que, se era interessante até agora, vai daquí por diante tornar-se importantíssimo.

E com tom de chacota acrescentou:

— Dou-lhe a palavra. Depois de tantos anos ser-lhe-á até grato falar nesse segrêdo... tão bem guardado...

— Pois bem, falarei, replicou com voz fraca Faria Alves não percebendo ou não querendo perceber a mais esta ironia cruel e como que

impelido pela necessidade de dar saída aos pensamentos tumultuosos que lhe ferviam no cérebro, quero... contar tudo a quem se disse até agora amigo meu...

— Abra sem susto o seu coração.

— Sim, a minha vida tinha um ponto misterioso, desconhecido para todos, e que o mais extraordinário acaso acaba de desvendar... a você... No meu passado, sempre de honestidade, eu o juro, houve uma falha... um crime, que tenho expiado dolorosa e lentamente... Agora chega mais tremendo castigo ainda!... As circunstâncias me impeliram. Não quero com isso atenuar a culpa, mas o padecimento tem sido imenso, cruciante... Represento há anos um drama íntimo, cruel, que a convivência íntima com Laura, os deveres da tutela, todos os apegos, todas as facilidades de ilusão tornam ainda mais pungente...

— Compreendo, disse Pessoa de Lima mais para dar certo ar de intimidade à confissão e ajudar todas as expansões do que por sentimento real de compaixão.

— Não... é impossível calcular o que tenho sofrido.

— Falemos, porém, do passado, observou o outro.

Deu Faria Alves profundo suspiro e depois de pequena pausa prosseguiu, animando-se a pouco e pouco.

— Ninguém ignora que desde os primeiros tempos da adolescência viví na maior união com João Mendes Gomes, não tanto porque os nossos gênios combinassem — você bem o conheceu: era violento, arrebatado, irascível — mas pela minha habitual fraqueza de caráter, que tornou

sempre fácil o domínio dos outros sôbre mim... Comerciando juntos, nós dois já moços, amei essa... cujo nome há pouco foi pronunciado. Filha de homem muito abastado, unia grande fortuna à beleza incontestada...

— Dou testemunho, interrompeu Pessoa de Lima.

— Comuniquei um dia, em confiança, a minha paixão e as minhas intenções a Mendes Gomes. Êle riu-se, chacoteou e propôs-me ser o embaixador e negociador de casamento. Aceitei, infeliz! Aceso em súbita e violenta paixão, Gomes enganou-me, atraiçoou-me e, depois de me arredar com perfídia, afinal num belo dia exigiu de mim um sacrifício, que só podia ser pedido a uma natureza miseràvelmente frouxa como a minha. Nem sequer duvidou do êxito e conseguiu em poucas semanas efetuar o ambicionado casamento. Achei-me em situação desesperadora, horrorosa; mas ainda uma vez docilmente me dobrei a tudo e traguei o cálix da amargura até as fézes, indo servir de padrinho numa cerimônia em que me sentia morrer às punhaladas. O que padecí, não pode ser calculado... sobretudo depois que cheguei a reconhecer que Elvira...

Ao pronunciar êsse nome, Faria Alves estacou. Perdeu repentinamente as côres que a animação com que falara lhe dera, e ficou pálido como cera.

— Ninguém nos ouve, tranquilizou-o Pessoa de Lima.

— Era infeliz... e não olhava com indiferença para mim! Dedicara-me o primeiro amor, e casara-se contra os votos do seu coração... Durante sete anos!... sete séculos! continuei a entreter a intimidade dos outros tempos. Revestí-me

de uma couraça. Fui frio e reservado para com aquela por quem daria o paraíso e procurei cumprir com lealdade o programa que me impusera de levar o meu segrêdo à sepultura... Propalou-se até que eu tinha má vontade contra ela; Mendes Gomes exprobrou-me isso: Elvira chegara a se queixar... Meu Deus, que colisões, que torturas, que agonias! Nisso Gomes teve, como você sabe, um ataque de apoplexia que lhe deixou como consequência a loucura intermitente. Tomei conta da casa... só... em contacto obrigatório com ela... uma faísca repentina ateou o incêndio... Quando Gomes, que parecia ter recobrado o juízo e a saúde, voltou para a casa, pensei em suicidar-me... Seis meses de um padecer sem nome!... Vem outro acesso de loucura furiosa e dêsse morre êle... Pouco tempo depois Elvira fica tísica... A moléstia caminhou ràpidamente e depois que ela me escreveu estas linhas... Ah! quanto procurei essa maldita carta! Estava a escrever quando a recebí: deixei-a sôbre a mesa e saí precipitadamente. Ao voltar, não a achei mais... Entretanto ninguém havia entrado... nunca soube que fim levara, esquadrinhei todos os papéis, revolví a casa toda... havia desaparecido...

E Faria Alves deixou cair a cabeça sôbre o peito, mergulhado em fundo abatimento.

— Para mim, disse Pessoa de Lima, que examinei cautelosamente êsse precioso papel, a explicação é fácil... Naturalmente você com a perturbação com que se levantou, ao receber a notícia fatal, entornou o frasco de goma arábica. Por acaso caíram algumas gotas sôbre êste documento. Uma aragem, talvez, fê-lo caminhar e aderir ao papel que lhe estava mais próximo. Horas

depois, as suas próprias mãos sôfregas e inquietas o punham para um lado. O guarda-livros emassou tudo e atou com um cordel, que ficou intacto até o momento em que eu tive a lembrança de revistar o pacote... Boa lembrança, fôrça é confessar!...

— E agora? perguntou meio desatinado Faria Alves.

— Agora replicou com pausa o outro, é fora de dúvida que uma palavra minha, imprudente ou calculada, uma insinuação da minha bôca em ocasião em que você precise do seu sangue frio e calma, não só comprometeriam gravemente a sua reputação e a de outras pessoas de quem ninguém poderia ter a mais ligeira suspeita, como também iriam assentar melhor certas relações de parentesco que hão sido ocultas com talento e finura debaixo da capa de uma tutela paternal... Tal é a situação: encaro-a com toda a imparcialidade e por mais que a considere, não posso nesta conjuntura lhe dar, Sr. comendador, o papel de superioridade, que desejava naturalmente ter como naquela emergência da liquidação.

— E que devo fazer? balbuciou com acanhamento Faria Alves.

Pessoa de Lima não lhe respondeu de pronto; estava a brincar com o *pince-nez*.

— Que deve fazer? disse por fim como resultado de cogitação durante a qual calculasse a resposta, muito pouco ou quasi nada. Compreende que o meu segrêdo, ou antes o nosso segrêdo, pode me servir de arma terrível, mas, como dizem os franceses, *je suis bon prince*, e não tenho jeito para tirano. Exigirei tão sòmente de você que exerça em regra as suas funções de tutor —

e êle apoiou na palavra — encaminhando a sua pupila ao casamento que lhe convem e para o qual se mostra tão inclinado o meu estimado filho o Dr. Artur Pessoa de Lima, como há pouco tive a honra de lhe declarar.

— Mas...

— Não admito nesta ocasião conjunções que me contrariem. Aconselhe, insinue, implore, ou imponha e ordene; faça enfim como bem lhe parecer, contanto que daquí a três meses, a contar de hoje, eu possa ver feliz o filho... a quem tanto preso. Nesse dia, como prova irrecusável de que sou bom amigo, entregar-lhe-ei a carta que o mantém irremediàvelmente em meu poder. Sei que isto me dá certo ar diabólico, romântico, mas que quer? A vida real tem dêsses lances dramáticos em que se acham envolvidos homens como nós, perfeitamente positivos e inimigos dos desvarios de imaginação. Quanto a mim, aceito os meios que a sorte me proporciona afim de dirigir com alguma cautela os acontecimentos a bem de um futuro mais seguro, ainda quando nem sempre seja possível aparar os golpes do imprevisto.

E como o comendador fizesse um gesto de dúvida.

— Compreendo o que vai objetar, continuou o implacável argumentador, duvida do meu silêncio? Atenda, porém, que a menina terá de entrar para o seio de minha família e... Sr. Faria Alves, em pontos de honra própria sou ainda zeloso...

Êste *ainda* abria largos espaços para todas as eventualidades do porvir.

— Em todo caso, continuou êle puxando pelo relógio e vendo as horas, a nossa conversação durou bastante tempo, e tenho que me retirar...

Fica, pois, assentado que nestes três meses serei mudo e impenetrável que nem uma esfinge e que no fim do prazo o Artur poderá lhe dar o abraço de filho...

Faria Alves murmurou uma queixa.

— Nada de desânimos, meu amigo. Para mim é coisa certa e que deixo completamente e com toda e segurança à sua conta... E nisto vou-me embora... Muito tenho ainda que fazer...

Ao dizer estas palavras, Pessoa de Lima levantou-se. O infeliz velho não se moveu.

— Adeus, pois... Então sei que fica com as 300 ações?...

O comendador fez com a cabeça um gesto qualquer, que o outro interpretou pela afirmativa.

— Muito bem, aprovou êle, o negócio é excelente... adeus... adeus!

E, apertando a mão que automàticamente lhe estendeu Faria Alves, foi saindo com ar satisfeito.

Ao transpor a porta, voltou-se.

— Ah! disse êle, ia-me esquecendo lembrar-lhe que nestes dez dias vencem-se as letras que você endossou. E' preciso ou pagá-las ou que as reformemos. Fica à sua vontade... Outra coisa... e essa da maior importância para todos nós.

Tão acabrunhada estava a sua vítima que nem sequer deu a menor mostra de querer saber de que se tratava. Os seus olhos aterrados contemplavam, sem ver talvez, aquele homem fatal.

— Você não dá uma festa na sua fazenda neste mês? E não nos convida?

O comendador, depois de ouvir repetir a pergunta, abaixou a cabeça em sinal de assentimento.

— Ah! perfeitamente. Os meus filhos vão fi-

car muito lisonjeados... Eu os acompanharei, mas desde já o vou avisando: não poderei me demorar mais de uma semana... Meu amigo, não estou em idade, nem em condições de gastar tempo a divertir-me e no *dolce far niente*... Adeus, adeus...

E lá se foi Pessoa de Lima, cantarolando entre dentes palavras de uma romanza francesa que se distinguia pelo sentimentalismo.

XXVII

Largo tempo ficou Faria Alves alí mesmo, naquela cadeira, mergulhado em acabrunhadora meditação. A sua imaginação, excitada momentâneamente pela recordação viva das cenas que lhe haviam torturado a existência inteira, fazia-lhe considerar o momento atual como o início de um castigo iminente e tremendo, castigo tanto mais cruel quanto ia ferir inocentes, por cuja felicidade e sossêgo de bom grado faria o completo sacrifício da vida.

Houve instantes em que supôs como única solução a morte; depois luziu uma esperança, longínqua, trêmula, ao longe, mas que lhe trouxe algum alívio à tensão do espírito.

Não seria possível aquele casamento? O rapaz era leviano, nada mais. Estava talvez em condições de poder fazer a felicidade de uma mulher, e Laura até então não lhe parecera votar antipatia; pelo contrário havia provas de favor e não pequeno.

Quem sabe?

Agarrou-se Faria Alves a essa idéia com o desespèro do náufrago.

Depois quando pensou nos modos de torná-la em realidade, aproveitando os conselhos ou antes as insinuações de Pessoa de Lima, sentia-se tomado do pavor... Constranger a sua pupila... a filha, pois é preciso lhe dar èsse nome.

— Nunca, murmurou èle, suceda o que suceder! Entretanto êste homem... é capaz de tudo! Um escândalo em época tão crítica!... Com a habilidade que tem, bastarão reticèncias de sua bôca infernal... e os outros depressa chegarão a saber aquilo que eu cria levar comigo à sepultura!... Que fazer?

E o pobre homem apertava de desespêro a cabeça com as mãos.

De repente tornou-se meio animado.

— Falarei com Álvaro; consultá-lo-ei com prudència. Conversarei sôbre aquele rapaz e talvez consiga o apòio e auxílio do único que tem alguma influència no ânimo de Laura... Ah! meus sonhos! meus sonhos! Casá-la com èsse a quem chama de primo...

E nessa luta ficou Faria Alves, até que o despertou o ruído dos passos de alguém que ia entrar.

Era Álvaro de Siqueira.

Acolheu-o o comendador com a alegria que acompanha os bons pressentimentos.

— Estimo muito, disse èle com desusada animação, que você hoje cá viesse. Não podia contar...

— E' verdade, mas havia-me esquecido de dizer-lhe que pretendo levar o meu amigo Adolfo à sua fazenda.

— Ora, Álvaro, dessas cerimònias comigo?

Esta casa é sua, você bem o sabe... E eu que simpatizei tanto com aquele moço.

— Mas... o senhor tem alguma coisa... Está tão desfigurado... Estará Laura doente?

— Não, pelo contrário, acordou muito animada com a idéia da estada na fazenda: pretende montar muito a cavalo... Eu... me levantei indisposto mas... a propósito de Laura...

Aí o comendador parou.

Depois de alguma hesitação:

— Sentêmo-nos, Álvaro, disse, quero comunicar-lhe uma notícia que, a-pesar-de muito natural, há de surpreendê-lo tanto, quanto me surpreendeu.

Tomou Álvaro uma cadeira, meio sobressaltado pelo que tinha de ouvir e que lhe girava no cérebro como previsão dolorosa.

— Há pouco, prosseguiu o comendador, esteve aquí alguém que me fez um pedido... singular... não digo singular, mas... inesperado...

— Qual? perguntou o moço revestindo-se de toda a serenidade.

— Nem mais, nem menos... a mão de Laura.

Por mais preparado que no íntimo estivesse Álvaro, quasi pulou da cadeira.

— Que? balbuciou êle, a mão...

— De Laura, confirmou o velho. Não lhe dizia eu que você sentiria um grande choque?

Já tivera o mancebo tempo de dominar-se e replicou à interrogação:

— De fato, entretanto... acho o pedido, como o senhor disse, muito natural. E poderei saber, sem indiscreção, quem o fez? Agrada-lhe a proposta? Agradará a Laura?

— Êste é que é o ponto importante... O pretendente é pessoa... de boa família... estimável,

nada de grave se lhe pode lançar em rosto... entretanto não... poderei dizer que esteja extreme de defeitos...

— Em todo o caso lhe inspira simpatia? indagou Álvaro com desconfiança.

O comendador suava frio. Não estava de certo em seus hábitos êsse ar fingidamente prazenteiro que lhe pairava na fisionomia. Homem habitualmente concentrado, nunca se sentira com jeito para essas campanhas diplomáticas que se empenham no viver social; tanto mais quanto, estimando deveras Álvaro e reconhecendo-lhe as excelentes qualidades, doia-lhe profundamente não poder abrir o seu peito, e torná-lo participante do segrêdo que tanto o acabrunhava.

Aos olhos investigadores do moço, não passou despercebido êsse constrangimento.

— Se não tenho simpatia, respondeu ladeando Faria Alves, também não me inspira o sentimento contrário. Não há razão para isso.

— Mas quem é êle?

Houve verdadeira vacilação. O nome como que devia comprometer tudo.

Contrairam-se os lábios do comendador numa espécie de sorriso, mas os olhos deixaram claramente transparecer a angústia que lhe ia pelo coração.

Afinal, com voz fraca:

— Você o conhece, tartamudeou, eu... estimo... o pai:... é um rapaz, isto é, parece-me, um rapaz... estimável...

— Mas quem é?

— O doutor... Artur... Pessoa de Lima...

Álvaro contemplou Faria Alves com verdadeiro pasmo.

— Pareceu-me ouvir mal, disse por fim. Será o filho do seu ex-sócio?

O comendador fez sinal que sim.

— Oh! exclamou Álvaro com indignação que foi crescendo a mais e mais, e o senhor não repeliu logo semelhante pretensão com a maior estranheza? O Artur!... Que ousadia?! Estou certo, certíssimo, que o senhor lhe há de cortar as tresloucadas esperanças... Nestes casos é preciso não atender para certas considerações que em outras circunstâncias poderiam ser admitidas... Não duvido que o pai tivesse sido um bom negociante... não quero averiguar isso... mas o que está fora de discussão é que a educação que deu aos seus filhos muito deixa a desejar... Provém èste pedido da facilidade que há nesta sociedade em admitir intimidades, com quem visìvelmente delas não é digno... a tal viscondessa tem uma reputação muito duvidosa de... faceirona e namoradeira... O seu digno irmão pratica a cada momento inconveniências de todos os graus, desde a leviandade que a mocidade poderia desculpar, até faltas que não há idade que atenue...

— E' verdade, concordou com acabrunhamento Faria Alves, você tem razão... mas que quer... se a nossa sociedade é assim constituída? Concordo que êsse moço seja inconsiderado,... entretanto... em toda a parte é tão bem aceito... No meu caso que devia fazer?

— Repelí-lo de pronto...

— Que razões tinha para isso?

— O futuro de sua pupila, a quem o senhor ama como filha.

— Mas, perguntou o comendador, a mêdo, e se ela, se Laura... não pensar como nós?

— Quem, Laura? replicou Álvaro com calor,

êsse coração tão bem formado, essa razão clara e sã? Admiro que possa pôr isso em dúvida. Toma-a ainda pela criancinha caprichosa que lhe entrou um belo dia pela casa e que dela fez o seu reino? A resposta de Laura será positiva. Envergonhar-se-á de ter suscitado, bem contra a vontade, uma aspiração partida de tão baixo.

A convicção de Álvaro abalou Faria Alves.

— E porque, continuou o moço com perturbação, não manda o senhor chamá-la? Ouviríamos já e já da sua bôca tudo quanto lhe acabo de dizer. Olhe, só a dúvida que julgo ler no seu rosto incomoda-me de um modo!...

— Mas, não haverá inconvenientes nessa revelação?

— Nenhum...

— Entretanto...

A êsse tempo o mancebo, chegando-se a um consolo, tocara sôfrego em uma campa.

— Álvaro, Álvaro! exclamou Faria Alves.

Apareceu um criado.

— Pergunte lá dentro, disse-lhe o moço, se a minha prima não pode chegar até cá para vir nos dar uma palavra.

Depois dêsse recado, permaneceram os dois em silêncio. O comendador sempre na mesma cadeira, onde parecia preso por mão de ferro, Álvaro de pé, arfando de emoção e fingindo olhar por uma janela que deitava para o páteo interno da casa.

XXVIII

Ouviu-se daí a pouco o farfalhar de um vestido, e apareceu Laura.

Estava linda.

Vinha risonha e de humor excelente.

— Então, que é isto? perguntou ela da porta. No dia seguinte ao de uma partida, quasi um baile, vir de madrugada? Salto da cama para acudir ao seu recado, Sr. Álvaro.

— Esta hora, na verdade, é aurora, mas para o Japão. Às 4 da tarde tem-se o direito de procurar vê-la...

— E papai porque está tão sorumbático? Desde que entrei, não olhou uma só vez, sequer, para mim. Alguma coisa o aborrece?

— Nada, nada, respondeu ràpidamente o comendador voltando-se todo quasi com terror e procurando sorrir.

— Ah! o senhor busca me enganar. Bem vejo pelo seu ar... estará sentindo alguma coisa?

E Laura, aproximando-se do velho, passou-lhe com ternura o braço por trás da cabeça.

— Que tem, Sr. Faria Alves, que não quer-me contar? Então, não sabe que sou segredista!

Interveiu Álvaro.

— E' mesmo por sua causa... que o seu tutor está tão abalado.

— Por minha causa?

— Sim, senhora.

— Ora, esta é interessante!... Então que houve?... Estou sôbre brasas.

— Sente-se primeiro.

— Já estou sentada e toda ouvidos.

Tomara Laura, com efeito, lugar no canapé que ficava entre as duas cadeiras ocupadas, fingindo precipitação gentilmente cômica.

— Vamos, vamos, que houve? Fale papaizinho... Àlvaro, diga, diga.

Fez o comendador sinal que êle não devia falar.

— Pois, então, Àlvaro, sem rodeios, declare-me como pude causar qualquer desgôsto ao meu excelente tutorzinho...

— Então, sem rodeios?...

— De certo...

— Em quatro palavras...

— Ora, que demoras!

O pèzinho a bater no soalho denotava impaciência.

— Pois bem... pediram, hoje mesmo, a você em casamento...

Ficou a moça um tanto pálida e séria.

— A mim? perguntou com voz indecisa.

— A V. Ex. em pessoa.

Foi violenta a comoção que Laura experimentou. Corou com certo enleio.

Depois fez um esfôrço e sorriu.

— Ora, que choque tive eu!... Afinal nunca me tinha lembrado disso.

— Então você desculpa... a minha perturbação? perguntou Faria Alves com certo tremor na voz. Eu também nunca em tal pensara...

Já ela recobrara o sangue-frio.

— Mas não há motivo para tanto... Como me falam pela primeira vez em casamento, o meu coração teve certo sobressalto!... Que diz Álvaro?

— Que poderei dizer, respondeu êste repri-

mindo-se a custo, senão que acho muito natural aquele seu movimento.

— E quem foi que tanto se adiantou?

— Adivinhe... se é capaz.

— Não quero me dar a êsse trabalho... Que esquisitice! Pedirem-me em casamento!... Assim, sem mais, nem menos... Isto é ousadia por certo...

O seu espírito tão pronto a receber impressões encontradas considerava já a questão por nova face.

— Não dei a ninguém, continuou com calor, o direito de pensar em mim... de se ocupar com a minha pessoa...

— Quanto a isso, não, Laura, replicou Álvaro. A tanto não chegam as suas regalias; você não pode ter mão no coração e na imaginação dos outros.

— Mas quem é esse apressado?... Sèriamente acho graça na lembrança.

— Então quer você decididamente saber-lhe o nome? perguntou Faria Alves.

— Naturalmente...

— E para que?

— Para recusá-lo logo... ou aceitá-lo, não sei...

Com tanta fôrça Álvaro estremeceu que quasi se denunciou.

— Pois é, nem mais nem menos, declarou o comendador, o Dr. Artur Pessoa de Lima.

— Artur? exclamou Laura com um sorriso de admiração.

— Êle mesmo...

— Oh! mas é coisa muito original!... Então êle veiu cá e com toda a seriedade anunciou-se apaixonado por mim...

— Êle não, mas o pai...

— Ah! eu logo via que não era possível... O Artur era capaz de rir-se no meio do recado...

— Então que disse o pai?...

— O que diz todo o pai nessas ocasiões...

— Ah! já sei... que o filho andava tristonho, abatido... sem apetite... que provocou uma explicação e a muito custo conseguiu chegar à origem do mal... Tudo isso salpicado de uma boa dúzia de contos de réis em perspectiva... forma, na realidade, uma paixão indiscutível...

Faria Alves protestou tìmidamente:

— Quem sabe? Porque... havemos de formar tais juízos?

— E' verdade, concordou Laura dando ligeiro suspiro, mas esta dúvida a respeito dêle... e dos outros, vive-me cá no íntimo e me causaria... até o desgôsto de mim mesma, se por ventura eu pensasse em casamento.

E com gesto expressivo:

— Adiemos quanto possível êsse momento que me assombra... Nascí mulher, tenho de me sujeitar a êle, mas como moça, buscarei, antes de tudo, divertir-me e fazer o que bem entenda...

Já com outro tom prosseguiu:

— Então, o Sr. Artur... pensa deveras em mim, meu tutor?

— Creio, balbuciou Faria Alves, pelo... que me disse o pai, o Dr. Artur sente uma afeição... verdadeira, por você...

— Não desgosto dêle, observou Laura com naturalidade, e cá para nós, acho-o até engraçadíssimo... Não se lembra, Álvaro, como ontem êle nos fez rir a bandeiras despregadas? O desembargador ficou com uma cara impagável, en-

quanto o meu apaixonado fazia as mais extravagantes piruetas... E dizer que uma paixão pode produzir manifestações de tal teor!

— O desejo... talvez de... agradar a você, encartou o comendador que, a-pesar-da prostração em que se achava, procurava advogar os interêsses de seu imposto cliente.

Estivera Álvaro todo êsse tempo reservado e sério.

— E que resposta, perguntou por fim com alguma emoção, dará você a êsse pedido?...

Encarou-o a moça com expressão zombeteira.

— Eu lá sei... nenhuma...

— Não, senhora, nestes casos convem dá-la breve... nas suas circunstâncias, decisiva...

— Positiva?

— Não... sei... decisiva...

— Ah! ouví mal; supus que você me aconselhasse, sem mais nem menos, um *sim* irremediável.

Com precipitação replicou Álvaro.

— Deus me livre!... Não, não, é o que você deve dizer!

Laura mostrou-se surpresa e olhou fixamente para o primo.

Brilhavam os seus olhos; a sua respiração tornara-se repentinamente apressada.

— E com que direito, perguntou ela empalidecendo, procura você impor-me a sua opinião, dirigir-me?... Não terei mais liberdade de decidir como entenda?...

Voltando-se então com ar de orgulho para o tutor:

— Não acha, papai, que tenho razão?...

— Toda, minha Laura, ninguém poderá constrangê-la... nunca.

Foi preciso muita fôrça de vontade em Álvaro para se conter.

— Eu, disse porém, com voz calma, menos do que qualquer, fôra capaz de procurar fazer pressão sôbre o seu espírito, Laura.. Fui sempre amigo seu, leal e verdadeiro, e a sua felicidade é tudo quanto posso desejar... Se a ofendí, peço-lhe sinceramente perdão...

— Não há motivo para tanto, replicou Laura meio vexada e já arrependida do seu primeiro movimento.

E para fazer diversão:

— Eis aí, disse ela, uma história fora de tempo que muito me aborrece... Agora justamente em vésperas da nossa partida para a fazenda, é que o tal Sr. Artur se sai dos seus cuidados para se adiantar tanto... Se eu disser desde já não, zanga-se Idalina comigo... e de mais, êle mesmo, o irmão, é indispensável para nos divertir... Tem óptimas facécias e está sempre de bom humor...

— Pois diga sim, atalhou Álvaro com frieza.

Laura sorriu-se.

— Só louca varrida... um rapazola fútil... um boneco...

E com meiguice acrescentou:

— Você está zangado comigo? Olhe... eu lhe peço por meu turno perdão...

— Fiquei na verdade um pouco magoado...

— Ora, com a sua priminha? Você há de ter paciência... conhece-me o gênio e deve desculpar os meus arrebatamentos... Dê-me sempre os seus conselhos...

— Eu já disse o que pensava...

— Mas você não vê que Idalina ficaria toda arrufada? E que a nossa estada fora da cidade havia de ser aborrecidíssima?

— Não concordo... ela nunca foi indispensável... mas ainda quando assim fosse, nestes assuntos... é preciso agir com sinceridade e resolução firmada...

— Você, Sr. Álvaro, é um Catão...

E, engrossando a voz, assumiu um ar engraçadamente grave:

— E' preciso... toda a seriedade... toda a circunspeção...

Álvaro e o próprio comendador não puderam deixar de sorrir.

Voltando Laura ao tom natural:

— E então com o tal Sr. Artur... Ah! se eu fose *coquette*, havia aquele estouvado de pagar caro... Colocar-me nestas dificuldades... Nunca lhe hei de perdoar... Se se tratasse de uma pobre coitada e não da pupila do Sr. comendador Faria Alves e filha de quem sou... veríamos se o tal senhor havia de ser tão pronto em cuidar de casamento... E querem saber uma coisa? Talvez êle, estonteado rapaz, seja perfeitamente inocente. E' o pai, aquele implicantão... calculista de fôrça, que se meteu nisso como quem empenha um negócio na praça do comércio... Exigiu do filho esta paixão...

— Creio que não, respondeu o velho deixando contudo transparecer a alegria e o entusiasmo que lhe causavam o atilamento de Laura.

— Também não gostei nunca da pessoa do tal pai ou do tal Pessoa pai... todo compassado... Aquilo deve ter um coração de gêlo... Chego a ter pena do Artur...

Estava Álvaro sôbre brasas.

Aquelas irresoluções, aquelas inesperadas voltas de opinião, aqueles desencontros, agravos e atenuações, alternativas de um espírito não bem seguro de si, tudo o lançava em inexprimível inquietação, que lhe trazia aos lábios secos travos de amargura.

O fècho que Laura pôs a essas dúvidas, ainda mais lhe aumentou o íntimo sobressalto.

— Já sei o que devemos fazer, disse ela com a satisfação de quem acha uma saída a sérias complicações. Encarrego ao Sr. comendador Faria Alves de não dar resposta alguma... nem sim, nem não... Diga que hei de pensar... que não estou ainda afeita à idéia do casamento, etc., etc. Arranje isto como puder. Todos os homens têm jeito para diplomatas... mas, sobretudo, não me zangue Idalina, nem o Artur... é só o que desejo... Veja lá, como cumpre com a minha comissão... E' preciso não avançar... nem recuar... E nisto, adeus... guardemos segrêdo... A coisa é séria.

— Sim, sim, aplaudiu Faria Alves sinceramente aliviado de enorme pêso, o que você propõe é o que convem fazer-se...

— Bravo, exclamou Laura triunfante, então fico descansada...

E voltando-se para Álvaro:

— Adeus, Sr. mau; Sr. feio; Sr. zangão, desconfiado...

— E' injusta, além de tudo, protestou Álvaro, eu que...

Mas já nesse tempo correra a travessa menina para a porta, voltando do lado do primo o rosto e fazendo-lhe uma momice tão graciosa, quão faceira.

— Não se esqueça, disse ela quasi ao sair, de levar o seu amigo à fazenda.

— Adolfo?

— Sim, aquele engraçado esquisitão...

— E se êle não quiser ir?

— Leve-o, ou vivo ou morto...

XXIX

Voltou Álvaro para a casa desconsolado e displicente. A-pesar-de buscar encobrir o seu malestar, Adolfo logo lhe disse:

— Se você joga na praça, perdeu sem dúvida 50 % em alguma transação...

— Não...

— Se você tem alguna namorada a quem corteja da rua, tomou há pouco com a janela na cara...

Sorriu-se Álvaro ligeiramente.

— Ora, que tolice!...

— Se você tem um credor exigente levou sem dúvida uma corrida...

— Adolfo!

— Se você é supersticioso, esbarrou com algum preto que carregava um caixão de defunto.

— Adolfo, não seja criança.

— Se você...

— Pelo amor de Deus, não quero ouvir mais tanta babozeira!... Não tenho nada, estou, alegre, contentíssimo...

— Pois não é o que parece... Entrou com cara de candidato derrotado... O que acho, Sr.

Álvaro, é que você anda me ocultando alguma coisa.

— Asseguro-lhe...

— Não insto, porque ninguém pode se impor à confiança de outrem... Como seu amigo, tinha direito de averiguar bem isso, mas vou de propósito fingindo que não percebo umas distraçõezinhas, umas agitações que chegam a se denunciar, muito mau grado seu.

Outro que não Álvaro, teria aberto o seu peito e revelado os pesares do coração.

Èle, porém, ainda desta vez, teve mão em si.

— A confiança, disse, que deposito em você, Adolfo, não pode ser excedida. Na realidade sinto alguma coisa que me constrange e incomoda, mas não julgo chegada ainda a hora em que tenha de ir pedir o seu conselho ou o seu consôlo... Esteja certo de que o farei em momento oportuno...

— Caso de amor? indagou o outro. Eu mesmo... chego a duvidar...

Álvaro encolheu os ombros.

— E faz bem...

— Negócios de dinheiro?

— Não sei... nada direi por enquanto. Tenho andado triste...

— Felizmente que confessa.

— Mas justamente temos em perspectiva uns belos dias divertidos e bem preenchidos...

— Que venham!

— E para èles teve você convite especial.

— Eu?... Ninguém me conhece...

— E o comendador?... e Laura?... E a viscondessa?... e tanta gente?...

— Então todos êsses me convidam?

— Quem o convida é o Sr. Faria Alves,

para irmos passar uns quinze dias na sua bela fazenda do Castelo... Lá encontraremos toda a sociedade que você viu figurar em Botafogo... e não se faça de rogado, porque Laura me deu a incumbência de levá-lo a pau e corda, se preciso for.

— Ótimo ensejo para contrariar um dos muitos caprichos daquela bela senhora... Vocês a estão botando a perder...

— Mas é tão boa...

— Ah! basta que a mulher seja formosa, para que logo todos lhe dêm qualidades excelentes. Nada mais fácil do que ser anjo na moral, quando se tem tal ou qual parecença com aqueles entes etéreos... E depois, lá vai toda aquela multidão... Prefiro ficar no meu canto... irei, durante a sua ausência, ao Corcovado e lá meditarei sôbre a vida leviana e fútil que vocês todos levam.

— Deixe-se de massadas e sigamos.

— Não tenho roupa própria para o campo...

— E o Profeta... e João Sabino? Com o seu sistema não há dependència possível de alfaiate. Sem dúvida, você não quer incorrer no desagrado do comendador.

— Ah! fôra grave!...

— No de Laura?

— Fôra gravíssimo.

— No da viscondessa?

— Ui, exclamou Adolfo, isso então!... Minha prima!...

— Ela mesma... a-pesar-de não ser sua prima... Lá estará, e até personagem obrigatória... e mais o irmão, aquele insuportável pretencioso, enfatuado e pueril, que tem a ousadia... Sabe de que, Adolfo?

— Sei...

— Diga lá...

— De fazer a côrte à sua prima, essa realmente prima, não é?

— Justo...

— E consente você porque?

Álvaro ficou perplexo. Meio vexado, respondeu gracejando:

— Que tenho eu lá com isso? Posso, por ventura, impedir os outros de gostarem de Laura? Posso obstar que as homenagens afluam para ela como tributo justo e obrigatório?... Ir-me-ei levantar, como barreira, a pretensões que não tenho o direito de reprimir?... E com que razão procurar que ela se incline para êste ou para aquele lado? Se eu tivesse poder para tanto, punha o mundo aos seus pés afim que ela escolhesse à vontade. Isso sim...

— Meu amigo, observou Adolfo, tanto entusiasmo!...

Replicou Álvaro com jeito:

— Você sabe que tenho por Laura um afeto vivo, mas que até agora não passa de pura amizade. O amor, pelo que me parece, não permitiria êsse desejo de fazer concorrer tanta gente... E' êle retraído, egoísta... não admite abnegações em bem de terceiro... Não é verdade?

Tinha ainda a delicada sensitiva fôrças para fugir ao contacto externo.

— Mas, Laura não gosta de você?... Pelo que vi no dia do jantar, há entre vocês dois uma intimidade extrema... pareciam dois namorados...

O outro, com todo o sangue-frio, desenvolveu, em resposta, o que pensava sôbre a sua pri-

ma e que combinava exatamente com o que já deixámos esboçado.

Adolfo mostrou-se entusiasmado.

— Oh! mas você lavrou um estudo psicológico com muita habilidade!... E' impossível que esteja apaixonado, pois reconheço ùnicamente amor naqueles que do objeto querido só podem dizer: é um silfo! uma deusa! quando nada dizem por estarem de queixo caído e bôca aberta... E a viscondessa? nosso prima?

— Que tem?

— Não arrasta após si alguém com quem congrace?

— Apaixonados, tem muitos...

— Isto eu sei, tanto mais quanto já estou matriculado entre êles...

— Da parte dela... nada há positivo... pelo menos ninguém é apontado. Agora chega uma ocasião asada para você procurar obrigá-la a um pronunciamento. Na fazenda do Castelo, em convivência diária, nos passeios, caçadas... com os seus modos decisivos, desabusados, com o seu espírito e uso de navegações, não duvido que chegue depressa àquele resultado... De bom grado daria as mãos para que por quaisquer cadeias fique amarrado o impaciente viajante... Devéras, sou até capaz de simpatisar com a viscondessa...

— Você já me tinha dito que não gostava dela?

— Com toda a franqueza, não. Acho-a leviana de mais e aproveitando-se dessa reputação de leviandade para dizer aos outros coisas desagradáveis e até ferinas... Talvez seja intrigante, não sei: mas é provável... No fundo, orgulhosa, muito ufana do seu título, mas ansiosa por achar

quem lhe tire a coroa heráldica da cabeça, contanto que lhe traga dinheiro para satisfazer a rôdo a modista e o joalheiro...

— Álvaro, não desfaça assim em pessoa de meu parentesco...

— E' uma mescla de malevolência e graciosidade. Cáustica, escarninha, felina, esconde o aguçado das unhas no aveludado da pata... Dizem as más línguas que o visconde só teve os arranhões mas consolava-se, apresentando ao braço e em toda a parte aquela mulher bela, com a vaidade de quem calça apertado para ter pé bonito! E' uma amizade que não me agrada; Laura, porém, que a conhece bem, acha-lhe graça e se não a incita nas suas narrações pitorescas e maldizentes, pelo menos se ri do agravo que ela faz aos outros...

— Outro quadro psicológico perfeito, interrompeu Adolfo. Você, Álvaro, precisa por fôrça descrever com a pena em punho a nossa, ou melhor a sua sociedade...

— Esteja convencido que assaz observei a tal viùvinha... Não é de certo mulher que na minha opinião esteja em condições de cativar o seu coração, mas enfim — se não houver remédio — porei de parte as minhas prevenções e procurarei achar-lhe algumas qualidades boas, que até agora me tenham escapado à indagação...

— Alto lá, protestou Adolfo, você fala como se acabasse de ouvir da minha bôca declaração positiva... Nada, não vá tão depressa... Simpatizei muito com o rostinho da viscondessa; terei até um fraco por ela — isto concordo, primeiro, porque é pessoa aparentada...

— Então você insiste?

— Segundo, porque é bonita...

— Está direito.

— Terceiro, porque é maldizente...

— Bela condição!

— Na sociedade de vocês, maldizer corresponde a ter espírito e saber conversar. Viúva, faceira, gostando do luxo, ambiciosa, intrigante talvez — você o disse.

— Não afirmei...

— Leviana, maldosa, amiga de dizer verdades aos outros, inimiga de ouví-las a seu respeito, escarninha, divertida, caprichosa, ingrata, amável, que mais falta àquela mimosa criatura?

— Você fez dela um monstro...

— Pelo contrário... aceito todas as más qualidades que lhe queiram dar e que afinal melhor a assinalam como um interessantíssimo tipo de mulher e... de espôsa para o meu falecido primo. Você não leu o conde de Camors? O autor carrega o seu herói de todos os crimes, até torpezas, mas desculpa tudo e faz com que todos os leitores o desculpem também, só porque? Porque era um homem, isto é, tinha o seu cunho de originalidade bem patente, soubera preencher um determinado lugar, representar um papel conspícuo, embora pernicioso e falso, no meio dessa massa imensa que se chama a população do globo e que em algumas ocasiões chega a ter o qualificativo de humanidade...

— Então você quer que a viscondessa seja uma mulher?

— Justamente, não será só um dêsses entes diferençados pelo sexo e que vivem para se sujeitar a todas as leis de Deus e dos homens como nos tempos primitivos.

— Tudo isso são outras tantas razões para que você aceite o convite do comendador.

— Não sei, mas diz-me cá dentro um pressentimento que eu faria bem em resistir a êsse pedido...

— Pressentimento... Você cismático? Se teme algum fracasso na viagem pela estrada de ferro, pedimos à administração central que nesse dia não desencarrilhe...

— Não é nesse sentido...

— Receia aborrecer-se! Um homem que tem vivido na solidão... Demais não teremos tempo nem para cochilar... Agora, se teme correr o risco de poder vir a substituir o defunto visconde na felicidade que lhe coube em vida ao lado da espôsa...

— Não nutrindo as prevenções que você tem, uma paixão será muito possível... Quanto a casamento fia-se mais fino...

— Tanto mais quanto o contrato com João Sabino lhe proibe èsse passo decisivo... Uma idéia... Se você se achar em perigo, aconselhe-se com èle... isto está no seu ajuste sinalagmático...

— Não graceje: nesses apuros a que nunca chegarei, felizmente — havia de chamar a conselho o meu excelente companheiro.

— Perfeitamente... Estamos pois de acòrdo. Daquí a dias partiremos e nestas duas semanas não há que pensar em Rio de Janeiro... Temos o S. João e o S. Pedro que passar...

— Pularemos fogueiras?

— Se você quiser.

— Atacaremos foguetes?

— Com certeza... e a chupar canas assadas ou a comer batatas doces, tratará você de defender o seu coração contra os botes aristocráticos...

— Eis um programa de ventura completa...

Oh! viscondessa! viscondessa! Irei, mas em trôco da minha condescendência, exijo de você uma coisa...

— Fale!

— Não fique mais triste... ou quando sentir algo que o aborreça sèriamente, confie bastante em mim para consentir que eu compartilhe o seu desgôsto...

— Obrigado Adolfo, meu bom amigo... Às vezes são futilidades... frutos mais da imaginação, do que realidade...

— Embora... eu a êsse respeito obraria de modo muito diferente... Mas o seu gênio foi sempre assim... misterioso, concentrado...

— Pois bem, procurarei não incorrer mais nestas censuras... justas, reconheço. Passaremos aqueles dias na fazenda, alegres e dispostos a tudo.

— Assim seja. De coração acolho todos os horóscopos folgazões.

SEGUNDA PARTE

I

A menos de duas léguas de uma das estações da Estrada de Ferro D. Pedro II, em sua quarta secção, e portanto do lado da província de S. Paulo, ficava a vasta e luxuosa casa de morada da fazenda do Castelo Grande, pertencente, como já sabemos, ao comendador Faria Alves.

Valioso domínio, mais pelo dinheiro que havia absorvido de diversos donos do que pela qualidade de terras e estado das culturas, viera, poucos anos atrás, ter às mãos do atual proprietário que a recebera muito contra vontade como pagamento de dívidas avultadas que se tinham ido acumulando.

Era a escravatura reduzida, os cafezais já velhos e quasi exhaustos e consequentemente mal chegavam os rendimentos para cobrir os gastos do custeio; entretanto a habitação e sobretudo as grandes obras de arte que a cercavam representavam importante cabedal embora improdutivo e davam razão ao dispèndio de não já muitas dezenas, mas sim centenas de contos de réis que os possuidores anteriores aí haviam en-

terrado, levados por hábitos e exigências de um luxo exagerado que em certo tempo encaminharam à ruina muitos fazendeiros da província do Rio de Janeiro.

Tinha a casa, quasi palácio, proporções alterosas e arquitetônicas que causavam e deviam causar estranheza naqueles distantes têrmos. De gôsto mesclado, mas gracioso, mostrava em seu conjunto êsse cunho da elegância italiana do tempo do Renascimento, a qual, aceitando a simetria e solenidade do estilo clássico, lhe imprimiu mais variedade, o combinou com ornamentação delicada e caprichosa, lhe tirou o caráter de fria severidade e o adaptou a construções de toda a espécie, predominando sôbre os diversos gêneros de arquitetura, mas recebendo dèles tal e qual influência naquilo que tinham de original e incontestàvelmente belo.

No centro do primeiro pavimento, um tanto elevado do solo, corria uma varanda sustentada por colunas de ordem jônica que davam ao segundo pavimento um passeio ladrilhado de mármore e serviam de soco a estátuas de tamanho superior ao natural.

Nas alas se adiantavam dois pavilhões, cujas portas e janelas terminando em ponta de lança, denunciavam certa tendência ao estilo ogival, que mais às claras se manifestava em uns rendilhados de pedra na cornija e em torreões a formarem ressalto nas quinas dos outões extremos.

Erguia-se o telhado alto e ponteagudo, mas sôbre o fundo escuro da coberta e cortava o desgracioso puxado de têlhas que os portugueses uniformemente adotaram em suas pesadas construções.

Alguns pára-raios colocados sìmetricamente concorriam até para maior aspecto de leveza, levando as vistas às pontas finas que se erguiam inflexíveis, como que ameaçando as nuvens.

Bonita escadaria de dois ramos convergentes proporcionava ingresso à varanda, ornada de gradís bem trabalhados, que iam, com o mesmo desenho, fechar os intercolúnios à esquerda e à direita. Tinham os pavilhões entrada sua, que se abria em patamar de mármore branco e preto, seguindo-se uns degraus largos e arredondados nas quinas.

Vastas dependências, cocheiras e cavalariças, ficavam além.

Se a morada produzia impressão em quem a via, maior e com toda a razão incutiam os soberbos jardins e o magnífico pomar que por todos os lados e em grande extensão a rodeavam.

A poder de aterros e desaterros colossais, havia sido preparada uma vasta área, afim de fazer da casa do castelo o ponto culminante de uma grande superfície abaulada, transformada, não em jardim inglês, mas numa sucessão de soberbos parques, com todos os acidentes e variedades que recomenda a arte, avigorado tudo pela magnificência que só a natureza brasileira lhe pode incutir.

Na verdade, entre alongados taboleiros de grama salpicados de cestas de multicolores jurujubas, fúcsias e malmequeres, e cortados de grupos de basto arvoredo dominado sempre por alguma alterosa palmeira, serpeavam caminhos cuidadosamente conservados, cobertos de saibro e areia fina, e que por curvas a se prenderem umas às outras, levavam os passos a cascatas, grutas, bosques, caramanchéis, repuxos e ele-

vações de terreno, do alto das quais o olhar colhia de chofre perspectivas combinadas com gòsto, dirigido que era pelas abertas feitas nos grandes maciços e arranjadas propositalmente.

Tudo alí era elegante, bem ordenado e espaçoso. Não se acumulavam as curiosidades e acidentes artificiais em cantos restritos e acanhados, como reprodução em miniatura dos caprichos da natureza. Os repuxos esguichavam alto; as quedas d'água despenhavam-se abundantes; as grutas eram fundas, frias e cobertas de musgo; os bosques davam sombra espêssa, tudo, além disso, em distância, separado por longas veredas que com múltiplas curvas mostravam aspectos sempre novos.

Depois, longas ruas de mangueiras e bambús irradiavam daquele centro, deixando intervalos para esplèndido pomar, em que eram cultivadas todas as qualidades de frutos brasileiros e europeus.

Sentia-se em toda aquela composição o sôpro valente da natureza. A mão de algum artista notável delineara com maestria tal plano, mas confiara à terra vivificá-lo, dar realce à sua idéia.

Diziam que havia sido um italiano o autor daqueles jardins, não lhe sabiam porém o nome: era em todo o caso concepção digna de sair das mãos de um dêsses especialistas que, como Enfantin ou Glaziou transformaram um terreno estéril e desnudado em cantos paradisíacos.

A todas essas belezas havia grandioso acessório, uma reprèsa d'água de mais de quarto de légua de extensão, feita no encontro de outeiros e orlada de tacuarussús, palmeiras, urânias e odoríferos *edícios*.

Alargando-se em plácido e vasto lago ou borbulhando encanado entre os declives das colinas, corria através de todo aquele açude límpido ribeirão, que, dando contínua renovação às águas, lhes trazia pureza e transparência inalteráveis.

Também de uma eminência coroada por um quiosque, chamado o pavilhão do lago, porque dêle se dominava a serena superfície a refletir invertidas ilhas aquí e alí, era a perspectiva encantadora, tanto mais majestosa e de admirar quanto em seu conjunto mal se percebiam a mão e o trabalho do homem.

Na conservação daquele custoso parque se cifravam os cuidados do comendador Faria Alves. Nela se empregavam os escravos todos da fazenda, dirigidos por inteligente administrador que recebia avultada paga pelos conhecimentos especiais na arte de jardineiro.

Tal fato em extremo penalizava o Sr. Pôrto e Melo, amigo antes de tudo, como já se sabe, do positivo, e que daria de barato o abandono de todos aqueles aformoseamentos, contanto que avultassem as colheitas de feijão, milho e sobretudo café.

— O Alves, dizia êle, gasta um dinheirão com um homem que leva o dia a conversar com as plantas!... Dois malucos!

Todos os anos costumavam Laura e o seu tutor vir passar algumas semanas na fazenda do Castelo Grande, mas acompanhados de companhia divertida e numerosa, que, impossibilitando o tédio da vida campestre, realizava a aspiração daquele espirituoso francês: a solidão com muita gente — o que quer dizer que os jantares eram verdadeiros banquetes, os *piqueniques* se

multiplicavam, os passeios, pescarias e caçadas não cessavam, completados por dansas, jogos, partidas e saraus musicais, organizados à noite.

Podia-se com pouco crer a vida européia daquelas suntuosas residências de verão, em que os opulentos proprietários passam em *vilegiatura* a estação canicular, atraídos pelos esplendores da natureza e pelas doçuras do isolamento, pretêxto que só traz consigo uma vantagem: o abandono de toda e qualquer etiqueta.

II

Se alegres e a aprazimento de todos haviam, nos anos anteriores, corrido os dias da costumeira estada de Faria Alves fora do Rio de Janeiro, nesse a que nos vemos chegados, esperavam os convidados habituais uma temporada de inexcedível animação, para o que não pouco concorria a certeza de poderem à farta desfrutar o espírito de Adolfo Arouca e observar-lhe todas as originalidades de hábitos e gênio.

E' um dos caraterísticos da sociedade essa sujeição que de bom grado se presta a qualquer individualidade um poucochinho mais fora do comum, sujeição sem dúvida caprichosa e muitas vezes efêmera, mas em todo o caso pronta e irresistível. Há como que um acôrdo tácito para achar digno de nota tudo quanto faz e diz um dêsses que puderam, no meio da gente leviana, nula, mas ávida de sensações, que constitue o *high life*, chamar por qualquer motivo a atenção geral sôbre si.

E' o que Rivarol exprimia com tanta graça e agudeza ao ver meia dúzia de alemães atentos à sua menor palavra para aplaudí-la ruidosamente.

«*Ces gens-là se cotisent pour me trouver de l'esprit.*»

Eis a razão porque, quando Álvaro de Siqueira e Adolfo Arouca se apearam do cavalo junto à escadaria principal da casa, todos os hóspedes de Faria Alves, agrupados na varanda, se adiantaram pressurosos ao encontro dêles.

— Chegaram, anunciou alguém.

— Ambos? perguntou outra pessoa.

— Como sempre inseparáveis, respondeu quem tinha falado primeiro.

Já se achavam os nossos conhecidos do dia do jantar em Botafogo quasi todos reunidos na fazenda.

Aí se viam:

O conselheiro Florimundo, desta vez com a mulher e duas filhas esguias e assustadiças.

O desembargador Praxedes, armado indefetìvelmente do seu monóculo, afim de ajudar a perspicácia do olhar investigador e solene.

As quatro senhoras Álvares da Fonseca, descendentes de D. Sancho Malagafeira, dos Algarves.

A muito alta e poderosa senhora viscondessa de Oriano, com o obrigatório e escravizado séquito, à frente do qual se mantinha o tenebroso Raul Afonso de Sousa.

O digno irmão daquela aristocrática beleza, o Dr., aliás bacharel, Artur Pessoa de Lima, cujos planos e intenções já temos a fortuna de conhecer.

O coronel Rodrigues Murcho, pagodista de

fôrça outrora, hoje muito estafado pela idade: em todo o caso sempre pronto para mandar avançar esquadrões de cavalaria e dirigí-los de chibata em punho como Murat, sobretudo em conversas com os amigos e junto às damas sensíveis.

O Sr. Azevedo Moreira disposto só para tímidas retiradas.

E cinco ou seis indivíduos mais, por enquanto desconhecidos nossos, mas que haviam acudido com presteza e alacridade ao convite do amável anfitrião. Desde já os declaramos excelentes garfos, bebendo, por cima, como substâncias eminentemente porosas.

Um dêles, chamado Cambira ou Cambuíra, não tinha ofício, nem benefícios. Frequentava a melhor sociedade do Rio de Janeiro, figurava em todas as festas, não perdia teatro, nem baile, apresentava-se a todas as reuniões e conferências populares, comparecia a todos os jantares políticos ou não, peça infalível como o perú ou o leitão, mas... ninguém o conhecia.

Comprimentava a meio mundo e muitas vezes merecia um apêrto de mão afetuoso do conselheiro X ou do desembargador Y.

— Eu já vi esta cara por aí algures, murmurava o figurão procurando lembrar-se a quem pertencia.

Baldado esfôrço! O Sr. Cambira ou Cambuíra continuava impenetrável. Nem sequer jogava. Não tinha uma especialidade conhecida; uma fase de existência mais saliente. Fòra sempre a mesma coisa. Uns o supunham zangão na Praça do Comércio; outros, deixando de lado a intenção de conhecer-lhe qualquer modo de vida, afirmavam simplesmente que era filho do norte;

alguns até o supunham mexicano. De vez em quando mostrava em seus trajos uma penúria desoladora; mas de repente passava ao extremo oposto e então ninguém o vencia, nem o mais pintado dandí no apuro da sobrecasaca, no corte das calças, no envernizado das botinas, na frescura das luvas e lustre do chapéu, oscilações que com razão faziam crer aos bisbilhoteiros em algum mistério insondável naquela existência tão encapotada.

Entretanto, quer sujo e quasi maltrapilho, quer luzido e apurado, era sempre a mesma coisa, isto é, um homem nulo, sem valor moral, nem pecuniário que servia, quando muito, para fazer dansar senhoras já de certa idade, dar o braço às damas à entrada dos bailes, ou levar crianças a passeio.

Haviam também prometido vir tomar parte nos folguedos de tão distinta reunião o juiz municipal do têrmo próximo e o seu delegado de polícia, pessoas de reconhecida influência eleitoral e que recebiam cartas de grande intimidade, escritas por deputados gerais e provinciais, e até senadores do Império.

Faltava, é certo, o Sr. Pessoa de Lima pai; mas êsse bom amigo e distinto caráter comunicara, por intermédio de sua filha, que a sua ausência havia de ser curta, e que só negócios da maior urgência o prendiam à capital, impedindo-lhe, por enquanto, vir fruir as doçuras da estada no Castelo Grande.

III

Recebeu o comendador Faria Alves os recém-chegados com animação e alegria, que contrastavam de ponto com a sua aparência. Mostrava-se na verdade mais alquebrado do que nunca, e na fisionomia abatida se viam os sinais evidentes de sofrimento intenso e concentrado.

— O senhor tem andado incomodado, afirmou Adolfo apertando-lhe a mão.

— E' verdade, respondeu o velho buscando sorrir, passo mal as noites... agitado... mas tenho fé que... os ares de cá... em breve me restabeleçam.

— Aquele é que é o viajante? perguntou nesse momento a mulher do conselheiro Florimundo, a qual se deixara ficar sentada.

E' êle mesmo, D. Clotilde, confirmou a viscondessa de Oriano puxando uma cadeira para perto da respeitável senhora.

— Pois eu fazia outra idéia do seu todo...

— Então qual era?

— Não lhe posso dizer ao certo... mas ouço falar tanto nele... Pensei que fosse mais alto... mais barbado talvez. Parece-me franzino. Pelo menos não tem nada que o recomende assim à primeira vista. O Sr. Florimundo chamava logo a atenção de todos pela altura.

— Disseram-me até, observou a viùvinha com a malícia natural, que em seu tempo o conselheiro era uma bonita estampa...

— Já que lhe disseram, não a contrario, replicou a espôsa com modéstia. Mas, voltando

ao *cujo*, estou doida por ouví-lo falar... Parece que é muito engraçado...

— Oh! muitíssimo! asseverou Idalina com entusiasmo irônico.

E, inclinando-se para D. Clotilde, acrescentou em voz mais baixa:

— Possue, mais do que tudo, um jeitinho particular para agradar às moças. Torna-se perigoso porque tem conciência dêsse poder e, pelo que me contaram, já tem abusado...

Estremeceu de pasmo, a boa senhora, descorou um tanto e atirou logo para as duas filhas um olhar, que lhes devia servir de escudo.

(Que as devia abroquelar, diria sem perifrase o Sr. Florimundo).

— Credo! exclamou ela em tom abafado como requeria o assunto, então para que o trazem cá? Olhe, D. Idalina, êle com a minha gente não há de fazer figura... nem comigo.

— Disso tenho plena certeza, concordou a viscondessa com a mais profunda convicção.

— Vou recomendar muito rigorosamente às meninas que não lhe mostrem, a pontinha dos dentes.

— E fará muito bem. Êstes conquistadores de salão não se importam de perturbar a tranquilidade de raparigas inocentes e simplórias.

— Ah! minha rica amiga, prosseguiu D. Clotilde meneando com melancolia o leque e a cabeça, hoje o mundo está perdido, não há em quem se fiar. Tudo é perversão: os espetáculos, bailes, concertos e até conferências na Glória e em S. José, são outras tantas ocasiões em que uma boa mãe de família se arrepende de ter pôsto pé fora de casa com as suas filhas...

— Lá isto é verdade...

— Não lhe conto nada... Ainda há dias fomos ao S. Luiz... àquele teatro... a senhora bem sabe... que fica perto do largo do Rocio. Pois bem, representava-se uma peça... Era um drama... chamado... chamado... Ora, agora me escapou o nome... daquí a pouco lhe direi... Muito bem... Gostei da sala; a gente que lá estava era boa; a música menos má, mas, minha rica senhora, mal se levantou o pano, apresentou-se logo, muito lampeira e sacudida... quem, Sra. viscondessa?... Uma mulher vestida de homem e com umas calcinhas muito apertadas...

— Se eram exigências da peça...

— Qual, minha amiga! Viesse com roupas largas, ou uma espécie de batina curta... Ah! a propósito... o drama se chamava a *Namoradinha do Vale em Flor*. Só o título... quando eu o li, fiquei arripiada; mas o camarote já estava tomado, e o Sr. Florimundo me assegurou que era coisa muito decente... Eis que esbarrámos em princípio com a tal mocinha metida em calções de meia e com modos de cavaleiro errante... A minha vontade era amarrar lenços aos olhos das meninas. A senhora vê que quando digo isso exagero, porque nesses casos o que se deve fazer é não dar a perceber coisa alguma. Os anjinhos são tão inocentes!... A educação que tiveram estas duas pequenas foi primorosa, D. Idalina...

— Logo se vê...

— Não é por gabolice... mas o que elas são, a mim o devem. Fossem a esperar pelo Sr. Florimundo, e talvez não soubessem nem ler, nem escrever... O que o conselheiro quer é estar fechado no seu gabinete todo o santo dia, a ler que é um Deus nos acuda. Tem muita ciência, mas de que serve? Nem sequer conversa comi-

go... Também todo o pêso da casa sôbre mim é que caíu, e hoje em dia o que custa mais do que tudo é educar uma filha... Não se ouve falar senão em namoros escandalosos...

— E' horrível, confirmou a viùvinha com tom de sinceridade.

— Quando param no namoro. . ainda vá... mas eu nem quero falar...

— E' horrendo, concordou Idalina.

— Acredite ou não, a senhora, eu nunca soube o que fosse namorar... Em moça não pude cuidar nisso, e espero com Deus não levar essa culpa para o outro mundo. O bom tempo, minha amiga, já lá se foi. Mal tinha feito os meus dezeseis anos, e papai me anunciou que me casava com o Sr. Florimundo... Nesse tempo ainda não era conselheiro. Nem piei! Se pudesse fazer o mesmo com as pequenas!... Mas nesse ponto o meu marido é muito moleirão. Por mais de uma vez já lhe tenho dito: «Sr. Florimundo, olhe que a Julinha está entrando nos vinte anos e que a Maria da Glória ja saíu dos dezoito... Será bom arranjar-lhes casamentos». Qual! o homem vive socado lá na sua livraria... Também não posso tomar sòbre mim ir por toda a parte procurando quem queira ficar com as minhas filhas... Isto nunca, Deus me defenda!

— Aprovo muito a sua reserva.

— Mais prendadas e boas do que elas, será difícil encontrar... Se não fosse eu mesma conhecer que as moças devem casar, não me separaria nunca dêsses dois pombinhos... Até o dia de hoje, graças a Maria Santíssima, não me deram o menor desgôsto... Isto é, a Julinha já me deu... mas êsse mesmo...

— Ora, acho que a senhora exagera, insinuou Idalina, a qual distraída com as lamúrias de sua interlocutora via agora ocasião de exercer a sua curiosidade.

— A Sra.. viscondessa diz bem... às vezes sou severa de mais... Eu não devia contar o caso, porque é coisa de família; mas tenho tanta confiança...

— Se é fato reservado...

— É, mas com pessoas de amizade, não deve haver segredos... O caso foi que o irmão do conselheiro, o José Paulino, quís casar com a minha mais velha...

— Sim? Mas... èle é homem já de idade.

— Assim, assim... Tem dois anos e meio menos que o meu marido... O maior inconveniente era no parentesco tão chegado... E' verdade que tem um bom emprêgo na Alfândega... parece-me que primeiro conferente... e além disso economias não pequenas... Entretanto eu e o Sr. Florimundo deixamos a Julinha decidir por si...

— Naturalmente ela não quís...

— Ui! chorou dia e noite... Não houve argumento que servisse... Eu, por minha parte, não tinha lá muita vontade, mas que quer?... Não descanso enquanto não as vir estabelecidas... Não as eduquei com tanto cuidado, para servirem de joguete a pintalegretes...

— Como o tal amigo do Álvaro...

— Por certo... se èle for como a senhora diz... Quanto a mim, não desgosto daquele moço...

— Do viajante?

— Cruz! Santa Maria!... se o vejo pela primeira vez hoje! Do outro... do Álvaro!...

— A senhora lhe tem muita amizade?

— Simpatizo com êle... aprecio as suas maneiras, mas... com franqueza, não tenho obrigação nenhuma de tomar o pião na unha, lá por causa dos seus belos olhos...

— Pois então em amizade lhe digo uma coisa para o seu govêrno... não passa de um grandíssimo hipócrita... muito cheio de si e de seu dinheiro...

— Devéras?

— Lide com êle de perto e verá logo a verdade dêsse meu juízo.

— Eu... desconfiava alguma coisa... a sua amabilidade não é nada franca... parece... assim constrangida...

— Pois não... O que êle quer, todos nós sabemos...

Nenhum fato positivo foi lembrado; sem embargo D. Clotilde exclamou, dando um suspiro partido do fundo dalma:

— Ah! D. Idalina, essa é que é feliz! Amiga nossa, moça que a senhora estima particularmente, mas, cá entre nós, não acha que a sorte fez de mais por ela? Eu...

— Não fale mal de Laura, D. Clotilde, atalhou a viscondessa com um sorriso malicioso.

— Deus me livre! Quem pode fazer qualquer agravo àquele anjinho? E' o nosso ai-Jesús...

E interrompendo, meio vexada, o que ia dizendo, interpelou as filhas:

— Meninas, cheguem-se para cá. Júlia, assente-se perto da Sra. viscondessa; Maria da Glória aquí, ao meu lado. Sobretudo, fiquem bem quietinhas.

Prontamente obedeceram as duas moças. Não eram nem bonitas, nem feias. Como acon-

tece com todas as mulheres, estavam naquele período de expansão e fôrça de juventude, que lhes dá sempre tal ou qual realce, e que os italianos chamam brutalmente — a beleza do asno. — Muito acanhadinhas e peadas em todos os movimentos, coravam à mínima pergunta que lhes fosse dirigida ou a qualquer palavra que tivessem de proferir.

IV

Uma vez tomadas as suas disposições estratégicas, pareceu D. Clotilde esperar com mais resolução e calma o inimigo, que não tardou a avançar na pessoa de Adolfo Arouca, e — quem tal pensara! — por imprudência e instigação da Sra. viscondessa de Oriano.

— Até que afinal se dignou chegar! exclamou a viùvinha acenando alegremente com a mão.

Adolfo, que estava a conversar com o comendador, deixou-o sem a menor cerimônia e apressadamente se dirigiu para quem o saudava com tamanha amabilidade.

— O' minha senhora, disse êle cumprimentando respeitoso, nunca esperei ter recebimento tão simpático da sua parte.

— E' prova de que o esperávamos com impaciência.

— Então ainda desta vez não mentiu o provérbio: sempre se espera, etc.

— Que leviandades! exclamava de si para

si D. Clotilde fechando a cara e abaixando os olhos para que as filhas a imitassem.

O seu pasmo, porém, foi muito além, quando Adolfo, tomando a dextra da bela viscondessa, levou-a aos lábios com o desembaraço de um fidalgo afeito aos usos dos salões de Versailles.

— Eis o que me descansa das fadigas da viagem, declarou êle com unção.

A mulher do conselheiro perdeu as côres: o seu olhar vagou irresoluto de Júlia para Maria da Glória e desta para Idalina, que, sem ter em conta a perturbação da digna senhora, a sujeitou à imediata apresentação.

— A espôsa do Sr. conselheiro Florimundo e as suas duas interessantes filhas, D. Júlia e D. Maria da Glória. Minha amiga, o Dr. Adolfo Arouca.

Mal pôde D. Clotilde fazer um movimento de cabeça. Estava desnorteada.

— Conheço já o seu marido, disse Adolfo. Pelo que me referiram, é pessoa muito instruída e que está escrevendo uma grande obra...

A mulher, a-pesar-de ìntimamente lisonjeada, não tugiu nem mugiu.

— Quanto a mim, tenho grande satisfação em travar conhecimento com as senhoras, logo à minha chegada. São relações que no campo adquirem prontos foros de intimidade, essas que formamos, apenas descidos de cavalo.

— E eu, em nome de minhas amigas, acudiu Idalina com alguma maldade depois das suspeitas que ela mesma levantara, aceito o compromisso que o senhor toma da maior sem cerimônia conosco.

— Entretanto, murmurou D. Clotilde, eu...

E mais não disse.

— O que lhes peço encarecidamente, continuou Adolfo, é que me dispensem desde já do tratamento grave e banal de Excelência que, além de comprido e de difícil pronúncia, é frio e compassado como a mesura de um velho diplomata.

— De certo: damos-lhe pleno consentimento, aplaudiu a viscondessa com alegria. Se quiser, trate-nos até à espanhola...

D. Clotilde deu um gemido surdo.

— À espanhola? perguntou ela com sobressalto.

— Sim, trate-nos por você. Não concorda, D. Júlia?

Fez-se esta côr de papoula. Encolheu-se toda e, machucando o lenço, mal pôde responder:

— Não sei... mamãe é... que pode dizer...

— Contentar-me-ei com o *dona* e já não é pouco, declarou Adolfo. Assim, pois, a senhora é D. Idalina...

— Há muito que assim me chama, observou com faceirice a jovem titular, e até prima...

— D. Júlia, D. Maria da Glória e D...? Qual é o seu nome, minha senhora?

A mulher do conselheiro como que sentiu a garganta contrair-se com violência para impedir a saída de qualquer som. Ficou rubra como uma pitanga e cerrou as pálpebras com ar de dignidade ofendida.

Decididamente aquele homem era muito perigoso, de inexcedível audácia.

— Clotilde, acudiu contra toda a expectação a filha mais nova.

O que lhe valeu um olhar de severa repreensão.

— Perfeitamente, replicou Adolfo. E' de crer

que não usem de diminuitivos... Anuncio-lhes que lhes tenho muita ogerisa. Ora de Júlia fazerem Jujú ou Lilí e de Clotilde, Tildinha e até Cula!

A espòsa do Sr. Florimundo pòde afinal protestar.

Nunca usei de outro nome, disse ela com esfôrço, senão daquele que me foi dado na pia do batismo. O mesmo acontece com as minhas filhas...

Não, por Deus! desde que D. Clotilde frequentava a sociedade, e já lá iam bons pares de anos, nunca encontrara sujeito tão senhor de si, tão intrometido.

Era uma imposição.

Aquele viajante empregava forçosamente o seu tempo em namorar, em... A digna e virtuosa senhora nem sequer queria prosseguir nas justas suspeitas.

E não é que èle se sentou ao lado de Júlia e, conquanto parecesse ocupar-se muito com a viscondessa, de vez em quando dirigia a palavra à pobre coitadinha?!

Urgia tomar providências.

Felizmente, neste momento entrava, como diversão salvadora, a bela e graciosa Laura.

V

Apareceu a pupila de Faria Alves radiante de alegria, com as faces coradas e a respiração um tanto ofegante, de quem viera quasi a correr.

— Então Álvaro chegou? perguntou com precipitação.

— Aquí estou.
— E bom de saúde?
— Perfeitamente.
— E com o espírito bem disposto?
— Como sempre...
— Ah! então vamos nos divertir a grande... Nestes dois dias temos procurado brincar, mas... não sei, não havia certa graça, como quando estamos juntos...
— Pois fiz quanto em mim cabia, atalhou o Dr. Artur que viera do interior da casa logo após Laura e se adiantara também para apertar a mão de Álvaro com a cordialidade que lhe foi possível.
— E o seu amigo?
— Veiu comigo... Olhe, está alí perto de D. Idalina...

Quando Laura se voltou, encolheu-se Adolfo todo e fingiu cômicamente que se escondia por detrás de D. Clotilde.

— O amigo não veiu, não, disse disfarçando a voz no mais fino falsete.

Todos quantos estavam na varanda puseram-se a rir.

— Que houve? perguntou estentòricamente o conselheiro Florimundo interrompendo a marcha solene de uma pitada monumental.

Laura, do lugar em que estava, replicou a Adolfo, toda desfeita no mais gentil sorriso.

— Veiu sim, mas o que o tal amigo quer é que se esqueçam dèle, quando está perto de moças bonitas.

No meio de tão graves incidentes, não sabia D. Clotilde que resolução tomar: em todo o caso endireitou com muita modéstia algumas dobras do vestido e esteve a corar.

Já então se levantara Adolfo, e dirigindo-se a Laura.

— Aquí estou, com efeito, e por sinal que trouxe um encargo, que não sei como desempenhar...

— Um encargo?

— Sim, senhora. Quando íamos pondo o pé fóra de casa, D. Carlota...

— A mãe de Álvaro?

— Ela mesma.

— E como vai ela? perguntou a moça com volubilidade voltando-se toda para Álvaro, por que é que não veiu? Ela não me quer bem... Hei de ficar zangada de uma vez para sempre com parenta que não me estime...

— Minha mãe, protestou Álvaro, lhe quer muito; mas, você bem sabe, pouco sai à rua... Sòmente vai à missa... porque perto fica a igreja...

— Agora, observou Adolfo, ouça a senhora o recado que me foi dado. De certo D. Carlota não calculou as dificuldades em que me poria.

— Então qual foi?

— Íamos partir, quando ela, do alto da escada, nos fez esta última recomendação: « Dèm um abraço bem apertado em Laura ». Como falou no plural, parte da obrigação caíu em mim... e agora...

— Agora... cumpra-a, disse a moça com todo o sangue-frio.

— Meu Deus! meu Deus! murmurava lá do seu canto D. Clotilde, em que tempo estamos nós!

— Vamos... venha me abraçar...

— Adolfo! censurou brandamente Alvaro.

— Delego, disse aquele retraindo-se, todos os meus poderes a D. Idalina...

— Não sou tabela de abraços, objetou do seu lugar com vivacidade a viùvinha.

Laura insistiu.

— Nada, nada. Titia me mandou pelo senhor parte de um abraço e reclamo a execução de sua incumbência. Porventura será de tão custosa desobrigação?

— Oh! D. Laura!...

E meio atrapalhado, meio a rir-se, Adolfo apertou de leve a graciosa moça nos braços.

— Agora você, Álvaro.

— Prima, balbuciou êste empalidecendo um tanto, não sei se...

— Ora... venha dar conta da sua missão, e faça-o de melhor vontade do que o Dr. Adolfo, que pareceu temer espetar-se nos espinhos de um ouriço-caixeiro.

Ao ser cumprida a ordem, ambos coraram.

Artur mostrava-se, no entanto contrariado.

— Os senhores, lembrou èle, querem sem dúvida descansar um poucochinho. Uma viagem pela estrada de ferro fatiga o corpo e enche-nos de pó e carvão.

— Qual! respondeu Adolfo. Encontrei na vinda para cá um ribeirão encachoeirado, e tomei um banho delicioso... Trazia roupa na mala e mudei-me radicalmente. O exemplo pegou: êste senhor deu também o seu mergulho e mais o meu criado que, por sinal, foi mordido por um caranguejo... E' mais um fato esquisito na estrambótica vida do João Sabino.

VI

À mesa do almôço, que daí a pouco foi servido, claramente se manifestaram as atenções especiais que aos donos da casa mereciam os recém-chegados.

A cadeira de Álvaro ficava à direita da de Laura, que tinha à esquerda o desembargador Praxedes, e Adolfo, muito contra a vontade, teve que se sentar entre Faria Alves e o conselheiro Florimundo. Como estava, porém de bom humor, não só suportou com galhardia, como até provocou a conversa pesadona e obsoleta daquele cultor da língua portuguesa nos seus primeiros ensaios de formação.

Sentimos devéras não podermos dar transcrição fiel daquele interessante diálogo, mas outro dever mais instante nos chama, qual o de cuidar no desenvolvimento da ação dêste ligeiro romance, que em poucas linhas pudera ser contado e que no entretanto vai comendo papel como o dente daninho da traça.

Estava o conselheiro agastadíssimo, quanto cabia em sua natureza pacata e bonachona.

Mas o caso não era para pouco. Acabara de ler um livrinho aplaudido por toda a imprensa do Brasil e Portugal, e o achara... inçado de galicismos!... inçado!

Adolfo com toda a prudência, sem desculpar de todo falta de tal jaez, buscou contudo chamar a justo meio o acérrimo admirador de Tenório e João de Guilharde. Nada conseguiu.

Debalde falou com verdade e talento na obrigatória evolução das línguas; debalde apelou para o exemplo de todos os povos da terra, para as transformações operadas pelo tempo, pela índole e variações de costumes, não arredou pé o conselheiro, e por vezes fez parar o seu adversário para lhe declarar que èste ou aquele vocábulo de que se servira não era português de lei.

— Decididamente, pensou lá consigo o vizinho, tenho que entregar èste filólogo ao bolor e à humidade.

Não impedira porém a discussão que ambos comessem de modo perfeitamente homérico.

— O dissídio, declarou o ilustre Sr. Florimundo, resumindo em breve quadro o resultado da controvérsia, as creenças não me amegou, mas porém sobejo apetito acendeu.

Entretanto a colocação de Adolfo no lugar de honra à mesa não passou sem reparo e causou logo zelos mal disfarçados.

Mais do que ninguém, mostrou-se Artur Pessoa de Lima, chocado e foi logo desabafar-se com o amigo Raul, que, do seu lado, estava furioso por ter ficado longe de Idalina e em uma das pontas da mesa.

— Sinto, disse èle com amargura, que aquí não sou mais do que um intruso...

— Também tenho motivos de queixa... E entretanto...

— Vejo que o comendador não faz caso nenhum de mim. Creio que não fui convidado diretamente...

— Que lhe disse?

— Bem compreendo. Mas a culpa é minha... Estou como formiga que criou asas para a sua desgraça... Ah! se pudesse arrancá-las!... E eu

a suportar tudo isto por causa de uma mulher que não me estima... Nunca pensei descer tão baixo no meu conceito...

— Você também vai logo aos extremos. Não é por tanto... O comendador já não regula... mal sabe o que faz...

— Contudo sabe tornar bem salientes as distinções que julga dever fazer... Ah! aquele Adolfo! E dizer que a sua irmã lhe presta atenção!... Não é verdade?

— Eu lá sei, respondeu Artur com maus modos, vá lho perguntar...

— Não posso... perto dela sou um covarde, um desgraçado... Pedí-lhe uma palavra definitiva, e só me responde com gracejos!... Tudo me irrita: parece que todos me ridicularizam, me fazem concorrência... e são preferidos! Isto é um verdadeiro inferno! Ah! se houvesse um bocadinho de compaixão na sociedade, ninguém se havia de rir do meu estado... Mas qual! Busquem antes caridade entre tigres e panteras! Não se perde uma ocasião dessas: ludibriar a quem sente uma paixão verdadeira.

— Se você fosse sempre eloquente assim, observou Artur, os seus negócios andariam mais bem parados.

Recomeçou Raul com as queixas de todos os dias.

— Mas afinal, perguntou o outro, que pretende você?

— Quero uma resposta decisiva...

— E se ela for negativa?

— Ne...gativa?

— Sim, senhor. Nada obriga minha irmã a êsse casamento. Você sabe quanto as mulheres

são caprichosas... Justamente agora que apareceu o tal Adolfo...

— Oh! maldito homem, ainda por cima!...

— Pensa você que não o odeio? Basta ser amigo de quem é...

— E não haver duelo nesta terra! exclamou Raul com impetuosidade. Havia eu de insultá-lo, havia de obrigá-lo a bater-se comigo, havia de matá-lo... tenho toda a certeza!...

— E se despachasse o companheiro, não perdia o seu tempo...

— Então você é rival de Álvaro?

— Eu, não. Êle é que se mete no meu caminho... toma ares de conselheiro... manda na casa e dispõe dela, como se fosse o dono... Tempo virá felizmente em que o farei voltar ao seu lugar... e não tardará muito...

— Sim?

Parou um pouco Artur e revestiu-se de certo ar de mistério e importância.

— O que lhe vou contar, Raul, é coisa muito reservada por enquanto... só a comunico a você... Já pedí Laura em casamento...

— Devéras?

— O velho, meu pai, tomou êsse negócio a si e foi falar com o tutor, aquele moleirão, pobre diabo no fim de contas...

— E então?

— A resposta foi muito favorável. Quanto à rapariga... nada se pode saber de definitivo. Idalina tem procurado levá-lo com jeito, mas é peior do que uma esfinge... Entretanto cá para mim, é coisa feita... senão o que quereria significar a familiaridade com que ela me trata, depois que sabe das minhas pretenções?

— Na realidade...

— Tranquilizei a mana e pedí-lhe que deixasse correr os acontecimentos por minha conta... A menina é romântica e está à espera de algum incidente poético para se atirar nos meus braços... Pois bem, proporcionar-lhe-ei o ensejo... Graças a Deus, sei a gente com que lido e tenho alguma imaginação... Em todo o caso lutarei; com duas razões não me hão de bifar a brilhante fortuna que dará êsse enlace... além da beleza de quem a traz consigo...

— Só da primeira bolada, quatrocentos contos de réis, que são da pequerrucha... O esquisitão do Faria Alves há de espirrá-los logo na tarde do *conjungo*... senão terá que ajustar boas contas comigo e com o velho... Depois há a têrça de uma avó ou bisavó lá de Minas, uma coruja que não quer arrebentar... e afinal em perspectiva a herança do... *cujo*, você me entende...

— Perfeitamente... será bom que você não se esqueça então... daquelas nossas continhas.

Teve Artur um movimento de cabeça e braço positivamente majestoso.

— Ah!... Isso há de ser imediatamente... e com juros que não lhe passam pela cachola. Mostrar-lhe-ei que sou grato... porque de fato em ocasiões de grandes apuros, muito me tem servido a sua amizade, e...

— Se você tiver necessidade de mais, atalhou Raul num ímpeto imprudente.

— Aceito o oferecimento, retrucou o outro com modos de quem fazia assinalado favor senão sacrifício.

Houve breve silêncio entre os dois.

— Mas, observou Raul, noto que Álvaro é acolhido por Laura de uma maneira especial...

— Ah! também não há ninguém mais metediço do que êle... Enfim, Sr. Raul, haja o que houver, há de o casamento efetuar-se... Estas são as palavras de meu pai e eu as repito com toda a confiança. Recomendou-me certa seriedade e compostura e vou seguindo à risca os seus conselhos, a-pesar-do constrangimento em que tenho vivido... Depois... tomarei boa desforra... O que me aborrece é que não me sinto nos meus gerais... Devéras o tal Adolfo me incomoda... só o olhar daquele demônio.

— Que infame! rugiu Raul. Êsse fica por minha conta. Se não houver outro remédio... darei cabo dêle...

— Então façamos um tratado de aliança ofensiva e defensiva. O caso é grave... Fale você com o Alves Cabral. Devemos cercar êsses dois malditos de um cordão sanitário... Repelidos por todos, hão de ser obrigados a desamparar o pôsto.

— Muito bem, eu me encarrego do Azevedo Moreira...

— Invente alguma história e chame para o nosso lado o coronel... Respondo pelo desembargador... O conselheiro não conta no número dos vivos... Conversarei sèriamente com Idalina...

— Sim, sim! abra-lhe os olhos.

— E' preciso por fôrça que ela entre na conspiração... A coisa é muito séria... Trata-se de mim, do meu futuro...

— Então formaremos um muro de gêlo em tôrno dêles...

— Justamente. Daquí a dias, deverão chegar mais pessoas e com habilidade as irei dispondo em nosso favor...

— Conte comigo... a união faz a fôrça.

— Toque a Brabançone!...

— Nada de gracejos agora, Artur. Estendo-lhe a mão de aliado resolvido a queimar o último cartucho por você...

— Topo.

E o perverso e desmiolado moço apertou a dextra que Raul lhe apresentava com ar sumamente melodramático.

VII

Daí a poucos instantes encetavam os dois a sua inglória campanha.

O desembargador Praxedes foi o primeiro abalroado.

Vinha êle pausadamente por uma das áleas do parque, como quem desempenha uma função da mais alta importância: ajudar a digestão de um almôço ajantarado por meio de exercício moderado.

Artur, apenas o viu, dirigiu-se ao seu encontro.

Cumpre aquí dar notícia de um fato curioso e digno de comentários filosóficos.

Aquele digno e severo magistrado, desde a noite em que levara tão repentinos quão esquipáticos quinaus na execução de uma quadrilha francesa, sentira nascer em seu peito um sentimento de simpatia, quasi respeitosa admiração, pelo mancebo que lhos havia dado com desembaraço estupendo.

Eis a razão porque, contra a expectação natural, se haviam estabelecido relações amisto-

sas entre o folgazão bacharel e um dos mais elevados representantes da justiça pública, ávido, contudo, de completar a sua educação, do ponto de vista coreográfico.

Para aprender, todo o tempo é próprio. Dizem que Sócrates tomara igualmente lições de dansa aos 80 anos e, não há muitos meses, apresentou-se na China a exames públicos um mandarim que contava mais de um século de existência!

— Então, Exm., disse Artur ao aproximar-se de Praxedes, está V. Ex. também muito satisfeito com a chegada dos dois amigos?

— Não tenho lá grandes razões... entretanto como são pessoas muito dadas...

— Isto é verdade... sobretudo o Adolfo... entretanto eu, como amigo seu, tinha que lhe comunicar o que acabo de saber...

— Que é?

— Coisa não muito grave, mas... é sempre bom estar prevenido... Tenho desconfiança de que aquele viajante... não é tão digno da nossa estima, como à primeira vista pode parecer...

— Que me diz?

— Sim... contaram-me que êle girava contìnuamente de um lado para outro, afim de fugir ao pagamento das grandes somas de que é devedor...

— Oh! que furioso caloteiro!

— E' verdade... deixa atrás de si um rastilho de dívidas... além do mais...

— Pois então há alguma mais?

— Por certo... afiançaram-me que tinha raptado uma francesa... com a qual andara viajando...

— Ora, conte-me isso...

— Chegando ao Rio de Janeiro, mandou-a embora sem a menor compaixão...

— Ui!

— Foi uma cena escandalosa a bordo do paquete inglês...

— Sim?

— Muita gente assistiu...

— E que tal!

— O melhor não é isto... é que o nosso amigo, o Sr. Álvaro, o santarrão, meteu-se também nessa história... Juntaram-se os dois para insultar aquela pobre senhora, pessoa, pelo que parece, de boa sociedade e que deixara tudo, família, marido, filhos, afim de acompanhar o seu sedutor...

— Mas êste homem não devia ser admitido entre nós...

— E' o que penso...

— Então também o Álvaro?

— Ora... contar-lhe-ei boas... O Sr. desembargador tem intimidade com o comendador Faria Alves e poderá esclarecê-lo a respeito de quem êle tanta confiança tem... Quanto a êste último fato, possuo já uma indicação que muito compromete os dois amigalhaços...

— Ah? E'...?

— O nome daquela infeliz... Chamava-se Mme. de Sérignan.

— Veja só! E pertence à nobreza: tem o *de*. Na verdade nunca supus tanto desfaçamento! Ir inquietar senhoras da aristocracia francesa!... Eis porque os brasileiros têm mau nome na Europa!... Pois Sr. doutor, eu lhe agradeço muito estas informações... Vou estudar aqueles dois imprudentes rapazes e hei de tratá-los como merecem... Se todos fossem como o senhor, a

mocidade dava melhores esperanças para o futuro... Consinto certa expansão, mesmo leviandade... mas infamias, não! Uma senhora de alta gerarquia!... Naturalmente ela de desespêro se atirou ao mar... e o marido suicidou-se! Quantas desgraças!... Com tempo hei de falar ao Faria Alves.

VIII

Durante uma semana, pelo menos, as maquinações de Raul e Artur pareceram dever produzir algum resultado. Mostravam todos os convidados tal retraimento e frieza aos dois amigos, que se tornavam impossíveis a cordialidade e alegria que deviam presidir às relações recíprocas naquele limitado círculo.

À vista de prevenções, senão hostilidade, que tão às claras se manifestavam, redobrou Laura de amabilidade para com os bloqueados, e Adolfo, mau grado os pedidos e conselhos de Álvaro, muito a gôsto deu largas à sua veia sarcástica e espirituosa, interpelando a cada momento aos que lhe não queriam responder, ferindo-os por vezes e aproveitando com sagacidade as descaídas próprias de quem busca não se prestar a gracejos e se vê contudo forçado a contestá-los.

Conservava-se Álvaro altivo e sério.

Idalina, depois de algumas vacilação, foi a primeira que deu sinal de querer pôr fim àquela improfícua e mal concebida oposição, cujo pêso principalmente caía sôbre ela, sujeitando-a a

choques continuados com Adolfo, sem que lhe corressem em socorro auxiliares habilitados naquela guerra de escaramuça, difícil, por sem dúvida, mas perene na sociedade, bem que com intensidade variável, conforme as circunstâncias.

Assim pois, num belo dia, com pasmo principalmente dos chefes da conspiração, ligou-se ela repentinamente a Adolfo e ambos caíram, como aliados de coração, sôbre o desembargador Praxedes que mostrava querer ir se inclinando para a filha mais velha do conselheiro Florimundo.

Foi um chuveiro de ditos maliciosos, açucarados e na aparência muito inocentes, mas que deixaram o homem completamente desorientado.

Como explicação dessa subitânea vira-volta, a viùvinha, com o mais meigo sorriso que naqueles quinze dias lhe iluminara o lindo rosto, disse meio baixo ao passar por Adolfo:

— E' de boa política e muito mais cômodo estar sempre do lado das pessoas de espírito.

— Da sua parte não é política, replicou apressadamente Adolfo, é pendor de família.

Deu outro fato também inesperado o golpe mortal à liga que tão poucos dias durara.

Foi a admiração de que se possuiu o conselheiro Florimundo pelos modos, idéias e lembranças de Adolfo.

— Pena é a nenhuma vernaculidade! exclamava êle com tristeza.

Daí modificação muito notável no acolhimento que D. Clotilde até então dera a todas as tentativas feitas para lhe angariar as simpatias.

— A senhora verá, disse ela naqueles dias de mutação a uma das Álvares Fonseca, que

caluniaram êsse moço; espalharam que era um sedutor, mas, pelo menos até hoje, a mim não dirigiu ainda palavra que pudesse ser mal interpretada...

— Nem a mim, confirmou a outra com significativa presteza.

— Hão de ver que é um cidadão muito estimável... Agora aquí lhe digo... se êle se lembrasse de pedir a Julinha em casamento... não lhe daria resposta, senão depois de muita informação...

— E faria muito bem...

— Ah! como mãe, a minha responsabilidade é grande... Vou casar justamente agora a minha mais moça... O noivo é aquele doutor...

— Dou-lhe os parabéns. Eu já sabia.

A senhora Alves da Fonseca, podia ter ciência dêsse importante fato, mas por certo o leitor de nada sabe.

Quem, pois, ia desposar a segunda filha do conselheiro Florimundo, com a qual, há tão pouco tempo apenas, travámos conhecimento em perfeito estado de solteira e muito longe de pensar nas surpresas do himeneu?

Nem mais nem menos, com o juiz municipal, cuja visita era anunciada e esperada naqueles poucos dias e que chegara com efeito ao Castelo Grande, acompanhado do seu delegado de polícia.

De que modo, porém, se arranjara tão inopinado enlace?

A história é um tanto longa, mas digna de contar-se; e embora nos arrede os olhos do fio da intriga principal, vejamos quem era êsse juiz municipal, quem o seu delegado de polícia...

IX

Apresentava-se a primeira dessas duas entidades sob a forma de um mocinho pungibarba, desembaraçado e nomeado pelo govêrno imperial um ano antes, afim de beneficiar os povos daquele têrmo com a distribuição íntegra da justiça, perseguindo os criminosos dentro dos limites de sua jurisdição e fazendo neles triunfar a virtude e a moral.

No meio dos trabalhos e sentenças, que na própria opinião o erguiam à altura de magistrado incorrutível e provecto, nutria êle as mais elevadas aspirações no sentido político que devia mais ou menos cedo realizar, graças principalmente ao seu título e diploma de bacharel em ciências sociais e jurídicas.

Liberal exaltado, com filiações no grupo republicano enquanto estudante, achara de prudência romper com êsse passado acadêmico e jeitosamente se encostara ao partido conservador, cujas idéias lhe pareceram então convir mais ao país e a quem pretende fazer carreira, *maxime* achando-se aquele lado político de posse do poder. Também já conseguira promessa positiva de um lugar na lista que as influências eleitorais da província do Rio de Janeiro estavam organizando dos seus candidatos do peito à deputação provincial.

Estava, pois, por êsse lado o nosso juiz municipal encarreirado. Faltava, porém executar outro grandioso projeto que a mente ambiciosa

afagara desde os primeiros tempos de menino de preparatórios e que por certo amarraria asas icáreas àquele corpo tão ansioso de voar e de subir: casar com uma moça rica, bonita se possível fôra, e aliada à gente de influência no país.

Nestas vistas, apenas chegado ao seu têrmo, deitara cuidadosos olhos para todas as filhas de fazendeiros, decidindo-se quasi por uma, cujo pai, segundo informações dignas de crédito, tinha mundos e fundos e contava liquidar, com as colheitas próximas de café, uma fortuna tanto mais apetecível, quanto havia poucos herdeiros para a divisão do bolo comum.

Assim pois, começara o bacharel a frenquentar com tal ou qual assiduidade aquela casa, recebendo desde os primeiros instantes da sua apresentação o mais franco e convidativo acolhimento.

Infelizmente se mostrava próximo o momento de dar execução ao querido intento em uma de suas partes capitais, faltava, e do modo o mais completo, a restrição que o espírito por demais exigente impusera também.

Era a moça em questão feia, muito feia mesmo.

Eis a razão porque o juiz municipal dava certos suspiros de desgôsto de cada vez que metia a calvagadura no rumo da habitação da dona de seus pensares; ei porque sentia arrepios quando toda confusa e desajeitada se adiantava ela ao seu encontro.

Já o pai num momento de expansão declarara ao *doutor*, que a sua filha mais velha teria de dote cento e cincoenta contos, além do enxoval e meia dúzia de escravos e, deixando-se arrastar pelo declive da confidência, segreda-

ra-lhe ao ouvido que uma tia da menina, solteirona e muito idosa, lhe deixaria com certeza uma fortuna inteira.

A mãe, filha, neta e bisneta de fazendeiros, senhora gorda, excelente dona de casa e muito sensível de coração, julgara então chegada a ocasião de derramar algumas lágrimas e, quasi soluçando, disse ao *doutor* que aquele que casasse com a sua Chiquinha havia de morar um ano pelo menos com os pais, que não se havia de arrepender nunca, porque a pobrezinha era uma pomba sem fel, etc., etc., isso com modos de querer abrir os braços e apertar ao peito a causa de tamanha comoção.

Com todas essas claras e decisivas manifestações ficou perturbadíssimo o juiz municipal, o qual sem dar uma palavra sôbre o assunto se despediu e cavalgou tristemente o seu Rossinante. Na garupa montaram os cento e cincoenta contos de dote e mais meia dúzia de escravos, além da fortuna quasi segura da tia, e tudo pôsse a galopar pela estrada real precedido da figura aérea de D. Chiquinha que, com risos que bem semelhavam caretas, guiava os sonhos de futuro do jovem bacharel.

Desde êsse dia, pois, começou a circular como fato infalível a notícia daquele próximo enlace, e afirmavam até algumas comadres que tinha já havido pedido formal; que D. Chiquinha ficara vermelha como lacre, mas dissera *sim* com alegria e voz firme: que a mãe desatara num pranto muito grande, bradando que queriam lhe arrancar a filha; que o pai se pusera a dar gargalhadas e quasi quebrara as costelas do noivo com arrochado abraço; que, por ocasião do casamento, havia de haver uma festa de estrondo, e

os escravos fulano e sicrano e também a preta velha Isidora ficariam forros, e mil coisas mais, novidades que tomaram logo tal vulto, que só poderia pô-las em dúvida um novo S. Tomé.

Respeitáveis e dignas, sem dúvida, de serem ouvidas e consultadas eram essas comadres — e uma delas era D. Eleutéria Picanço, viúva do alferes reformado de pedestres, Alves Picanço, senhora que, no seu tempo, fizera bichas não só pela provocante beleza, como por cantar, com muita graça e mimosos requebros, lundús e modinhas acompanhada ao violão pelo seu defunto marido, homem estimado principalmente pela inalterável e nunca desmentida pacatez — mas cumpre declarar, haviam-se elas adiantado muito, por isso que o juiz municipal, depois de encontrar todas aquelas facilidades, começara justamente, se não a recuar, pelo menos a vacilar.

Afinal era êle moço e podia esperar; não lhe faltavam nem inteligência, nem proteções para obter, em ocasião mais apropriada, outra herdeira e essa um tanto mais bonitinha do que a tal D. Chiquinha, cujos olhos meio vesgos e dentes postiços não eram de entusiasmar um católico.

Debalde os cento e cincoenta contos se desdobravam nos ares em notas do Tesouro Nacional, Banco do Brasil e bondes do Itaboraí; debalde os seis escravos vinham vergados ao pêso do cofre em que se continha a fortuna, quasi inteira, da tia solteirona e muito idosa; nessas horas de febre a imaginação do rapaz aumentava ainda mais a fealdade da noiva que êle mesmo procurara.

Dizemos noiva, como se fôramos alguma comadre; não era noiva, não, mas coisa a isso muito chegada.

Labutavam todos em tal ou qual dúvida, quando a família recebeu uma carta do comendador Faria Alves, afim de vir passar alguns dias na fazenda do Castelo Grande. Não havendo melhor ensejo para facilitar o contacto e a intimidade entre os dois jovens e obrigar o juiz municipal a dar solução pronta a negócio que já tardava contra os votos e esperanças de toda a redondeza num perímetro de 20 léguas, foi o convite aceito com a mais completa satisfação.

X

Era o delegado de polícia homem cheio de corpo, mais alto do que baixo, de olhar vivo, cara arregaçada e que parecia feita para eterno riso, rosto afogueado, cabelo à escovinha, e barba rapada só no queixo. Era também o que vulgarmente se chama uma boa perna para o pagode.

Amigo de servir o próximo, sempre pronto para obsequiar a meio mundo, não tinha uma palavra áspera, um gesto de aborrecimento nem para mouros nem cristãos. Os maiores celerados que conseguia engalfinhar, uma vez de mãos amarradas atrás das costas, lhe mereciam tratamento da maior expansão e simpatia.

Recrutava com êxito completo; mas os homens filados ainda por cima lhe ficavam querendo muito bem. Cometia as maiores arbitrariedades, com a naturalidade de quem se sacrifica corpo e alma pelo bem geral.

Em política não tinha positivamente partido, mas servia com a mais incontestável dedicação a quantos constituissem govêrno. Fôra conservador, liberal histórico, progressista, e, acompanhando a evolução do tempo, voltara aos seus primeiros amores, logo que despontou no horizonte o 16 de Julho. Em todas as fases, porém, dêsse giro político, justiça lhe seja feita, mostrara sempre o rancor mais sincero ao partido derrubado e em oposição, pelo que tributava presentemente à dissidência conservadora e aos liberais os sentimentos de estranhável e violenta animosidade.

Lia letra por letra os discursos das duas câmaras e de alguns dêles sabia de cor trechos inteiros e suculentos, de que fazia aplicação em qualquer circunstância e do modo mais disparatado. Era de ver-se como saboreava as perlengas dos amigos do gabinete, com que movimento cadencial de cabeça acompanhava as deduções ministerialistas, que risos de íntima satisfação iluminavam os argumentos da maioria.

Fosse, porém, a fala de um liberal, de um dissidente, de um deputado vacilante... então puxava um beiço de palmo e meio, enrugava com solenidade a testa e franzia o sobrolho.

— Na sessão de tantos, declarava aos seus amigos e admiradores, o Gomes de Castro desbancou a oposição. O Eufrásio Corrêa procurou responder-lhe, mas ficou na intenção.

Pai de uma família que pretendia ir muito além de dez robustos filhos, vivia no meio da sua gente como profeta em terras estranhas. Cada uma das suas palavras era para aqueles povos uma sentença de oráculo. Também o Sr. delegado podia contar com a dedicação cega de

muita gente que, além do mais, rendia preito e homenagem à sua sabença na caçada de pacas, à sua habilidade no cavaquinho, ao modo de sapatear e cortar jaca e a outros talentos apreciados comumente num salão ou fora dèle.

Daí lhe não provinha o menor resquício de orgulho. Homem dado como aquele, difìcilmente se há de encontrar outro.

Não havia dia em que Cícero deixasse de defender algum réu: não havia dia também, em que o Sr. delegado não recebesse algum presentinho, alguma lembrança de um compadre, de um afilhado... mas ninguém acreditasse, nem por sombra, que com isso podia ganhar isenções ou impunidade.

Deus te livre! Estava na memória de todos que, poucas horas depois da Maria Engrácia, moradora lá na várzea e filha do José Tonico, por alcunha o Carrapato, tè-lo obsequiado com um leitãozinho cevado de propósito e que estava mesmo de encher o òlho, foi o filho dela, o Manuel Grande, agarrado para recruta da marinha. Chorou a velhinha muito, mas não teve que se queixar do delegado, que, pelo contrário, a consolou com boas falas, a engabelou por todos os modos, chegando até a dizer que, se não tivesse tantos filhos, o seu maior gôsto seria andar sempre embarcado em navios de guerra, tão bom para a saúde era aquele gênero de vida.

Nunca fòra homem de perseguir a ninguém: nisso não tinha gòsto nenhum. Se no seu distrito não houvesse oposicionistas declarados e consequentemente imprudentes, não teria malquerença com pessoa alguma: mas a tal política, a maldita política, o obrigava às vezes a atos de rigor, sobretudo em épocas de eleições. Nessas

ocasiões apertava com o recrutamento e engaiolava os camaradas e agregados da gente contrária, que era um nunca acabar.

Tinha culpa, porém, nisso? Nada... dêles é que era a culpa e nunca da autoridade que queria ser respeitada e não passar pela desmoralização de votações infensas.

Entretanto tão bondoso e amigo do próximo era o seu coração, que, antes de lançar mão de medidas extremas, costumava, em vésperas dos pleitos eleitorais, assoalhar boatos que davam que pensar aos votantes qualificados.

Assim levara de vencida uma das últimas eleições que prometia dever ser tão renhida como briga de veado em verão, só porque, dias antes, pusera-se a ler em diversos grupos notícias do Rio da Prata, comentando-as por modo salutar para aqueles que o rodeavam.

— Devéras, dizia èle com uma careta expressiva que lhe rasgava a bòca de uma orelha à outra, parece que a coisa se entrovisca. Cá no meu entender, o Brasil não deve recuar uma linha. Vou escrever ao govêrno que conte comigo e com a rapaziada daquí.

Olhares desconfiados dos circunstantes...

— Os que quiserem ir da primeira fornada, serão logo satisfeitos...

Meia dúzia de votantes se retirou. Estava convencida.

— Aí é que veremos... Amigos, amigos, negócios a parte. Hei de saber em quem pôr a mão...

O círculo foi rareando.

— Estou à espera de ordens apertadas a cada momento. Primeiro irão os solteiros...

Alguns nessa condição melindrosa julgaram de prudência a retirada.

— Mas os casados marcharão logo depois... Veremos, enfim, como corre a eleição.

Essa correu às mil maravilhas. Tudo quanto era recrutável no colégio eleitoral votou com a maior espontaneidade na chapa oficial, carimbada pelo punho do delegado de polícia. A dissidência foi derrotada com facilidade tanto mais dolorosa, quanto muitos dos seus votantes transfugas envergavam no dia decisivo roupas novas que lhes haviam sido distribuídas com imprudente prodigalidade.

A República Argentina, porém, se não desistiu dos seus projetos bélicos, pelo menos os adiou, de modo que as tais ordens apertadas, que deviam pôr em tamanhas dificuldades o delegado de polícia, deixaram de ser expedidas.

Entretanto foi êle condecorado com o hábito da Rosa, pelo que mereceu desde logo o tratamento de comendador.

Com isso folgaram os povos.

XI

Cálculos humanos!

Castelos gigantes erguidos em movediça areia!

Fôlhas viçosas, cuja duração parece ligada à árvore que adornam, e que ligeira brisa arranca, dispersa e impele Deus sabe para onde!

Lâmpada brilhante que consome preciosos óleos e que um sôpro apaga!

Farol cintilante que de repente se extingue!

Crisálida dourada, donde surge inseto obscuro e sem valor!

Tudo desenganos, dúvidas, surpresas, resoluções inesperadas, ilusões baqueadas, realidades imprevistas, mistificações repentinas, combinações do acaso, gracejos do destino!...

Todas estas interjeições, que poderiam ser levadas muito longe, significam, nada mais, nada menos, que um elemento completamente novo, com que ninguém contava, e menos do que ninguém o nosso juiz municipal, veiu de chofre e para sempre destruir os planos e projetos de que êle era centro e que tanta gente afagava já com desinteressado carinho.

Êsse elemento foi o amor!

Mal penetrara o nosso herói os umbrais da hospitaleira casa de Faria Alves, topou com a filha mais nova do conselheiro Florimundo e incontinente, elètricamente, ateou-se-lhe no peito uma chama tão súbita, tão violenta, que a razão teve que ceder o passo ao sentimento, sem haver sequer escaramuçado por honra da firma.

Ao lado justamente daquele foco irradiante que se chamava Maria da Glória, ficava, nem de propósito, sentada a tal D. Chiquinha, e o confronto que qualquer espírito imparcial podia fazer entre elas duas era tão doloroso para uma, quão lisonjeiro para a outra. Quanto mais o mancebo embelezado!...

Nesses têrmos deviam as coisas marchar depressa, e foi o que aconteceu. Numa investida quasi imediata o coração de D. Maria da Glória foi levado de assalto; D. Clotilde capitulou, e o próprio conselheiro Florimundo teve que dar resposta precipitada.

— Se me quedo, disse êle nessa ocasião grave, com ar de quem acorda de profundo sono, melanconizado por a absência da filha, mui consolo me traz o honramento que recebo.

À vista disso a família de D. Chiquinha, tomando logo qualquer pretêxto, retirou-se em debandada com maneiras de quem fôra insultada, não ùnicamente pelo imprudente e novel magistrado, mas por grande porção do gênero humano!

— Olhem só aquela lambisgoia! exclamava a filha, neta e bisneta de fazendeiros já com vontade de chorar, não terá de dote senão a camisa que levar... se tanto! O tal pateta que se avenha!

Mostrou-se a Julinha a princípio um tanto tristonha por ver que a irmã mais moça se casaria primeiro do que ela, mas, como era incontestàvelmente boa menina, depressa se consolou.

Quem não cabia na pele de contente era a mãe, D. Clotilde.

Modificando, nunca se soube porque, o juízo que formava acêrca da negligência do marido quanto ao estabelecimento das filhas, não cansava de dizer às senhoras Álvares Fonseca:

— Neste negócio o Sr. Florimundo se portou com muito tino!... Êste casamento só se deve a êle.

O que fez com que aquelas quatro senhoras, cada qual por seu turno, levantassem os olhos aos céus, como que os responsabilizando por não terem concedido pai tão solícito e sagaz a todas as mulheres desejosas de se sujeitarem às leis do matrimônio.

XII

Artur Pessoa de Lima, depois de ver perdida a campanha mal fôra encetada contra os dois amigos, e perdida pela intervenção desastrada da própria irmã, pareceu querer mudar de tática e fez inesperada evolução.

Afastou-se da roda que lhe era habitual e simpática e chegou-se muito para aqueles a quem movera guerra desleal quanto improfícua.

Com essa flagrante deserção, ficou atônito o sombrio Raul; entretanto, como não podia manifestar o seu desespèro senão por mais esquivança e concentração, retraiu-se quasi completamente e colocou-se em posição de quem observa, impotente e exasperado, acontecimentos que lhe produziram a ruína.

Viu-se claramente que êsse infeliz bem quisera dar um arranco violento e fugir para sempre daquele local de surdas agonias, mas não podia. Estava preso por cadeias, que um olhar, um só olhar de vez em quando mais bondoso e compassivo, tornava inquebráveis.

O que aquela natureza violenta e irascível sofria, passa o poder de descrição. Destituído radicalmente de instrução, sem leitura nem sequer de romances, ficava Raul aquém de qualquer conversação já não um tanto séria e elevada, mas simplesmente de filigranas e futilidades.

Excelente empregado público, e fazendo portanto muita falta na sua repartição, estava perfeitamente deslocado num salão, sobretudo a bra-

ços com uma paixão tão absorvente e aniquiladora, como a que o dominava.

Por seu lado não navegava Artur em mar de rosas. Queria adiantar-se e sentia que o terreno lhe ia fugindo de sob os pés. Ensaiava mil maneiras de chamar a atenção e quiçá prender um coração rebelde, mas nada conseguia. Ora eram olhares lànguidos, certo ar de sofrimento; ora fingidas distrações; ora posições estudadas, ou então arrebatamentos e hombridade que ainda muito menos lhe assentavam.

— O senhor está hoje muito arredio, disse-lhe numa dessas ocasiões Laura.

— Peço à senhora que nunca se ocupe comigo, respondeu-lhe o dandí com mau modo. E' favor especial.

Daí passava èle para o excesso oposto, bajulando servilmente a moça e subserviente a todos os seus caprichos.

À sua prima fez Álvaro notar essas alternativas.

Debalde quís ela rir-se e dar pouca importância às tentativas que mais e mais se iam pronunciando; o nobre mancebo, com certo rigor e exaltação, a censurou e em frase franca e verdadeira lhe mostrou, que o papel por ela representado não estava na altura de sua dignidade.

Foi eloquente, e o que mais é, soube pela primeira vez incutir de pronto a convicção.

Laura, contra os seus hábitos, o ouviu sem protestos nem arrufos.

— Ora, Álvaro, você está me pondo a cabeça tonta... Pois bem, tratarei de encurtar as rédeas ao Artur... De fato, houve leviandade... mas deixe estar.

— Bem... quero encontrá-la sempre assim, altiva, superior à gente que a cerca.

— Mas você verá que o primeiro resultado será Idalina ficar fria comigo...

— Que fique... Nada posso desejar melhor... E' companhia que não lhe convem... Não quadra com a delicada altivez dos seus sentimentos... Afinal onde está êsse espírito espantoso que todos preconizam? No modo por que critica e ridiculariza a meio mundo, a todas as pessoas a quem festeja, a quem beija, a quem acolhe e visita? Ainda quando fosse uma maravilha de graça e finura, não me pareceria menos perniciosa...

— Mas não há maldade nela...

— Não?... Do mesmo modo que não há maldade no estilete que fere... A culpa é de quem se chegue para perto... Agora o seu gostinho particular é vexar o juiz municipal, cuja paixão pela filha do Florimundo deve ser respeitada, porque afinal já são noivos...

— Mas você se riu, quando ela anteontem prendeu com alfinetes as abas do paletó do moço e o vestido da Maria da Glória... Chamaram às pressas, de dentro, o juiz municipal e... zás... lá se deu um rasgão.

— Não me ri, protesto, exclamou Álvaro; achei o gracejo de mau tom, inconveniente, impróprio de gente que se respeita!... Isso fazem os garòtos com as mantilhas das velhas nos apertões das festas de igreja... Não, Laura, não me ri; pelo contrário lamentei achar-me numa sociedade em que tivesse aceitação lembrança tão pesada e de péssimo gôsto...

— Estou hoje nos meus dias de pachorra, observou Laura sorrindo com algum vexame,

senão lhe responderia com meia dúzia de disparates...

E, a-pesar-da asseveração, ficou por instantes perplexa.

Afinal chamou Adolfo que vinha entrando.

— Venha cá, Sr. Adolfo, disse ela, o senhor chega de fora, descansado e bem disposto. Tome o meu lugar e ouça o resto do sermão que o seu amigo está me passando. Se não houver alguma amabilidade, por pequena que seja, guarde tudo para si.

E voltando-se para Álvaro:

— Reconheço que de vez em quando careço de quem me vá à mão, mas está aquí uma pessoa que precisa de mentor muito mais do que eu. Pergunte, por exemplo, ao meu substituto que mal lhe fez Idalina e porque razão procura èle magoar corações que lhe querem tanto bem?... Verbére-o em regra e depois entre para os cartuchos. Quanto a nós, continuaremos a brincar e a folgar, sobretudo se o senhor quiser nos dirigir, como tem sabido fazer.

Indicam-nos estas palavras de Laura que Adolfo, mau grado às prevenções, imprimira já aos hóspedes da fazenda aquela alegria e vivacidade que tanto o distinguiam e a cuja ação era tão difícil resistir.

Na verdade, não havia hora, não havia momento do dia em que sofresse quebra a sua boa disposição de espírito, em que se recusasse a tomar a responsabilidade de uma caçada, a guiar uma cavalgada, a organizar um passeio, um piquenique, a animar uma *soirée* ou entreter conversações sòbre qualquer assunto.

Nos passeios à tarde pelas alamedas do pomar, a todos desafiava na carreira; corria por

todos; escondia-se por trás das árvores; assustava D. Clotilde, o desembargador, o Sr. conselheiro; trepava nas laranjeiras em flor e fazia cair uma chuva odorífera sôbre a cabeça das moças; atirava frutinhos verdes ao delegado que se ria estrondosamente e a Artur e Raul, que mostravam apreciar pouco a familiaridade; puxava pelo Azevedo Moreira; debicava os Srs. Alves Cabral, Cambira ou Cambuíra e outros, e provocava as histórias bélicas do coronel Rodrigues Murcho, tudo isso, porém sem cair nunca no excesso e nas exagerações que são o escolho natural dêsse gênero de gracejos.

Era um homem superior que utilizava as suas horas de bom humor em divertir-se, tornando os outros ao mesmo tempo vítimas e participantes da sua índole jovial.

À mesa era quem tomava a palavra e, sem perder uma só garfada, interpelava a torto e a direito e falava por quantos estivessem calados.

À noite punha tudo numa roda viva, obrigando a tomar parte nas quadrilhas e *cotillons* não já D. Clotilde, nem as Sras. Álvares da Fonseca, pois essas desde o princípio ficaram entregues aos solícitos cuidados do delegado, do coronel, do Sr. Cambira ou Cambuíra e vários outros desconhecidos, mas até o meditabundo e bolorento Sr. Florimundo.

— As ensanchas, disse êste para o desembargador Praxedes, me pincham a fazer de mancebilhão.

E no meio da quadrilha viu êle com pasmo o seu colega tentar uns gestos caraterísticos que denunciavam a influência das lições do Dr. Artur.

Para que ninguém ficasse alheio ao prazer,

ia Adolfo ocupar o piano. Quasi sempre era Júlia a quem substituia.

— Vá dansar, menina, dizia-lhe êle com meiguice que enchia de doce sobressalto o coração da ingênua rapariga.

Uma coisa lhe custava... a ela pobrezinha; era tocar valsas para que Adolfo, prendendo nos braços Laura ou Idalina, começasse a voltear em tôrno da sala.

Quanto sofria nesses momentos! Ter que imprimir o vertiginoso movimento a êsses dois corpos tão juntinhos, tão certeiros em seus passos, embalados pelo ritmo, alheios naqueles minutos ao resto do mundo!...

Feliz a Maria da Glória! Sentada em um cantinho, cochichava com o seu juiz municipal, mostrando a serenidade de mulher que se prepara para ser ótima dona de casa, boa doceira e mãe de muitos filhos.

O delegado de polícia tinha as suas fumaças de valsar bem. Ligeiro era pelo menos na caçada de recrutas.

Mas não achava par.

Atirou-se a D. Clotilde.

Resistiu esta. Êle insistiu e afinal depois de alguma luta, lá partiu vitorioso com a cara mais arregaçada do que nunca, vermelho, quasi apoplético e levando entre braços uma dama ossuda e amarelenta.

Após meia dúzia de voltas, a senhora do conselheiro Florimundo deixou-se cair em um sofá, arfando de cansaço.

— Bem faço eu, disse ela parando em cada palavra, proibindo esta dansa às meninas. E' coisa de dar vertigem... cruz!

Respondeu-lhe um olhar frio e de altiva reprovação, e os manes de D. Sancho Malagafeira dos Algarves estremeceram sem dúvida de orgulho.

— Bravíssimo! disse a viscondessa de Oriano passando por diante de D. Clotilde que se abanava frenèticamente.

— Ora, minha boa amiga, replicou esta pegando-lhe na mão e fazendo-a parar, a culpa é do tal Dr. Adolfo que nos traz a todos num cortado.

— Então já voltou das suas prevenções?

— Sem dúvida!... Pintaram-no mais feio do que é...

— Feio não é êle, atalhou a vicondessa.

— Já sei... é um modo de falar. O certo é que depois que aquí chegou, os dias parece que voam.

— Sobretudo quando nos conta histórias escabrosas e inconvenientes...

— Ora, quem compreender tudo... finja que nada percebeu.

— E' o que faço...

Quem proferiu estas palavras?

Nem mais, nem menos, uma das senhoras Álvares Fonseca.

Vá sem comentários.

XIII

No correr da tarefa que a si mesmo se impusera Adolfo, não descuidava êle de fazer uma côrte rasgada à viscondessa de Oriano, cuja atitude e modos deveriam dar que pensar a quem não fosse tão imprudente e teimoso como aquele nosso incorrigível amigo.

A viùvinha, na verdade, se não tomava a coisa completamente ao sério sentia-se mordida e via-se já nessa posição penosa em que ela pusera quasi sempre os seus apaixonados e de que Raul era o mais tenebroso tipo.

Castigo que a enchia de pavor!

Em uma tarde, Adolfo, aproveitando uma folga mais prolongada que lhe proporcionavam Raul e Alves Cabral, deixou o terreno do mero gracejo, em que se haviam dado brilhantes e perigosos torneios, e arriscou declaração formal à Idalina.

As primeiras palavras tinham sido de motejo, como sempre acontecia.

— Admiro, disse ela, que o senhor não quisesse ir passear. Laura o esperava...

— Não, respondeu o moço com seriedade, preciso e desejo falar-lhe...

— Oh! senhor! observou meio perturbada a viscondessa, que ar tão grave! Isto é, alguma brincadeira... Já sei... o senhor quer me fazer uma surpresa... Conte que a aplaudirei de coração...

— Ridicularize-me... mereço os seus re-

moques... Procurarei conseguir por todos os modos as suas simpatias...

— Ora... que comédia!...

— Será... Não se tem dito tantas vezes que êste mundo é um palco? Assim, pois, acredito também que estou desempenhando um papel de que fui encarregado pela sorte... E também a senhora... Mas será comédia... ou drama?

Encolheu a viùvinha os ombros.

— Por mim nada sei... desejo contudo que acabe em casamento com apoteose e muitos fogos de bengala.

— Nada é impossível...

— A propósito, o senhor já reparou como a inocente Julinha o fita?

— Sèriamente não...

— E' mais uma, replicou Idalina com intonação singular.

— Pelo que a senhora me tem dito, todos me fitam com segundas tenções... exceto justamente a pessoa de quem eu quisera ter um único olhar de benevolência... de amizade...

A viscondessa empalideceu ligeiramente e, voltando o rosto para uma janela, pareceu mirar atentamente umas nuvens delgadas que os últimos raios do sol tingiam de púrpura e ouro.

— Quem será essa? perguntou por fim com vagar.

— A senhora não adivinha?

Ela nada replicou, mas o seu coração batia descompassadamente.

— É, disse Adolfo com voz insinuante e abafada, quem venceu afinal a resistência que opus, quanto em mim cabia, a êsse sentimento. E porque não havia de amá-la? Que lhe falta para cativar, dominar, escravizar um homem, por

mais orgulhoso que seja, por mais independente e altivo? Seguí caminho errado... estou arrependido e cruelmente castigado... Vejo que não mereço, senão a sua antipatia, talvez decidido aborrecimento; mas apelo para um coração que sabe, quando quer, ser generoso, magnânimo... Sentí, desde o dia em que a vi...

Idalina estremeceu e, como que acordando de um sonho, perguntou com certo terror:

— Viu quem?

Adolfo respondeu, com serenidade e pausa:

— Essa... de quem estou falando...

— Ah!

— Sentí que a liberdade, que me é tão cara, perigava. Procurei fugir do círculo de atração... faltaram-me as fòrças... a vontade alquebrada entregou-me ao destino, e tanto esfôrço empregado só serviu para atear mais a chama, que nada neste mundo pode agora apagar!...

Ao dizer estas palavras com o calor correspondente a incêndio de tanta monta, Adolfo pensava lá no íntimo:

— Era o momento de cair de joelhos, mas o lugar não é próprio... e mestre Raul deve já andar por perto...

Idalina pareceu recobrar algum sangue frio.

— E o senhor, perguntou com voz débil e um tanto trèmula, acredita que o seu sentimento seja correspondido?

— Não posso saber...

— Ah! também os seus modos devem tornar desconfiada a quem quer que seja...

— Porque me rio, porque brinco e gracejo? Mas tudo isso, a senhora bem compreende, é um disfarce que me pesa, que não poderei sustentar por muito tempo... Breve me retiro... deixarei ês-

tes lugares, em que tanto tenho sofrido e tanto pareço alegrar... Sim, a minha natureza é refratária à sombria melancolia... mas uma transformação completa está se operando em mim... Eu a amo, Ida...

Mas não pôde concluir.

Laura, um tanto pálida, inclinava-se por sôbre a sua amiga que a encarou surpresa e inquieta.

— Oh! exclamou a pupila de Faria Alves com voz meio alterada, estavam muito entretidos neste canto! Cheguei sem que dessem acôrdo de mim.

Idalina retrucou a custo.

— O Dr. Adolfo... como de costume, estava a debicar-me...

Laura voltou-se para êste.

— Cuidado, Dr., senão daquí a pouco vê-lo-emos reduzido ao estado lastimoso de Raul... e outros...

Estas palavras, quasi sibiladas, feriram Idalina que deitou para Laura um olhar brilhante e raivoso.

Adolfo ficou impassível.

— Ouví o seu conselho, replicou êle, e agradeço a sua solicitude...

— Solicitude? exclamou Laura com ironia. Pouco me importa com o que lhe possa acontecer!... Não lhe dei o direito de acreditar que me interesse pelas suas paixões...

— Acredito piamente que não lhe mereço atenção alguma, nem sequer singela benignidade e até, se permite que lho diga com franqueza nem comezinha polidez...

— Como assim? perguntou ela muito perturbada.

— Na verdade, a senhora, depois de me haver acolhido com bondade especial, nestes últimos dias modificou radicalmente a sua maneira de tratar-me...

— Eu?

— Sim, senhora. Sobram indícios que me fazem crer que aquí não sou bem visto... e por quem?... Pela dona da casa...

— Mas, redarguiu Laura com emoção, sou incapaz...

Idalina, que fôra aos poucos voltando do profundo abalo, interrompeu-a.

— Você não se amofine, isto é novo gracejo do Dr. Adolfo.

— Tanto não é... que lhe lembrarei o que se passou hoje de manhã... Dirigí-lhe a palavra, e a senhora voltou-me as costas... pela segunda ou terceira vez...

— Foi descuido, continuou a viùvinha que aproveitava o ensejo para reerguer o rebelde colo. O senhor está mal acostumado... Quer sem dúvida que lhe façamos cadeirinha de braços...

— De fato, acrescentou Laura com tom sèco e incisivo, Idalina tem razão. Concordo que o senhor nos tem sido precioso para matar o tempo e por isso damos parabéns à fortuna de possuí-lo em nossa companhia. Pedimos aos céus que a sua veia não se esgote tão cedo; mas êsses seus triunfos não lhe dão o direito de exigir que estejamos atentas à sua menor palavra, a qualquer gesto, e obrigadas, noite e dia, a cantar hinos em seu louvor... Não sei se lhe dei as costas, duas e três ou mais vezes... mas afirmo-lhe que não houve essa intenção que o senhor quís logo enxergar.

Faiscavam os olhos da viùvinha. Em seu seio tumultuavam mil sentimentos encontrados de triunfo, cólera, inquietação, desespèro e ao mesmo tempo gratidão a Laura.

Adolfo parecia não tanto admirado, quão suspenso no que devia responder.

Tomou uma resolução repentina.

Sem dizer palavra, fitou as duas moças com olhar sereno, levantou-se e, voltando-lhes as costas, retirou-se com a naturalidade de quem põe têrmo a uma conversa por falta absoluta de assunto.

XIV

Entre Idalina e Laura houve uns bons minutos de silêncio. Parecia que ambas se observassem.

— Êle saíu magoado, disse por fim a pupila de Faria Alves. Vamos chamá-lo... Ainda é tempo.

— Não, deixá-lo ir... E' bom, de vez em quando, bater na pontinha dos dedos dêsses senhores cheios de vaidade...

— Mas, coitado, replicou Laura meio angustiada, sou eu que não tenho razão...

— Embora... Muito mais lhe tinha eu dito, antes que você chegasse...

— Idalina, estou sinceramente arrependida... mas quando vi vocês dois em tamanha intimidade... sentí não sei o que...

Tanto uma se adiantou com lealdade, quanto a outra se retraiu.

— Pois esteja certa, minha amiga, que o nosso *tête-à-tête* não era nada agradável... Estou já cansada de fazer espírito com o tal doutor...

— Afinal, que tenho eu que êle esteja ou não apaixonado?...

— Pois eu bem estimava que isso acontecesse ou em relação a mim... ou a você... Então sim, havíamos de cortar as unhas a êsse leão indomável...

— Mas se êle se zangar?...

— Qual... Um homem da sua têmpera!...

— Não, por fôrça, quero fazer as pazes com Adolfo... Tenho Álvaro para me servir de intermediário...

— Faz muito bem, observou a outra com ironia.

— Você, Idalina, é que me torna má.

— Muito obrigada: volta-se agora contra mim, não é?

Laura nada respondeu.

Depois de breve pausa, passou a mão pela testa como que arredando uma idéia aflitiva e com leve suspiro:

— Você me há de perdoar, disse, hoje... não estou nos meus bons dias.

E retirou-se pensativa sob o olhar da viscondessa.

— Ah! dizia êsse olhar, vejo claramente no fundo de seu coração apontar o amor e o desgôsto de amar. Bom proveito lhe faça!

À hora do chá, Adolfo recebeu êste bilhetinho:

«Preciso pedir-lhe desculpas. Ofereça-me o braço para passeiarmos amanhã à tarde... Será prova de que não é rancoroso.»

Estava assinado: «Laura».

— As mulheres, pensou lá consigo o moço, não recuam diante de nenhuma imprudência, quando buscam atenuar os efeitos de uma primeira leviandade.

E sem saber positivamente atinar com a causa que o agitava, custou a pegar no sono.

Quem não pôde conciliá-lo toda a noite, foi Idalina.

— Meu Deus! exclamava ela com verdadeiro terror a revolver-se no leito da insônia, que tenho, que sinto? Estou perdida se não me dominar! Será mesmo amor? Mas quem é êsse homem? Porque me quer mal? Êle não me estima... ri-se de mim... Percebo tudo... Ah! se eu tivesse ainda fôrças!... Que tremenda expiação pelo muito que fiz e faço sofrer aos outros!... Maldito aquele que me prostrou aos seus pés!... Estou à mercê do destino... Que me reserva êle?

E nessa indagação tremenda, ora a passear pelo quarto à luz de frouxa lamparina, ora recostada à janela a receber a fria aragem da noite, viu as estrêlas empalidecerem aos rúbidos toques da aurora que vinha surgindo e que, como à flor crestada por ardentes sóis, lhe trouxe também algum alívio.

XV

À hora indicada, Adolfo, que se conservara durante o dia meio retraído, viu Laura descer a escadaria da varanda. Adiantou-se sem afetação e lhe ofereceu o braço.

Mostrava-se a moça comovida.

— O Sr. ainda está aborrecido comigo? perguntou com hesitação.

— Eu, D. Laura? Afianço-lhe que não. A razão estava do meu lado, e logo vi que a senhora havia de se arrepender...

— Gosto em extremo dêste seu modo franco e seguro de considerar as coisas e as pessoas... Também por isso é que lhe mandei aquele bilhetinho... E muito me custou, porque nunca escreví a ninguém... sobretudo para pedir desculpas...

— Pois é bom costume... não escrever bilhetes, mas procurar atenuar o efeito dos seus repentes...

Replicou Laura com precipitação:

— O senhor me julga com demasiada severidade. Supõe-me má, leviana, orgulhosa, não é? Gabo-me de ter um bocadinho de perspicácia. Desde que nos vimos, compreendí que êste era o seu juízo a meu respeito e... quero agora ser franca com quem o é tanto... não sei porque, mas êste juízo me incomoda, me...

— Oh! D. Laura, retrucou Adolfo com calor, agradeço-lhe a importância que me confere... Mas, por Deus, não me queira dar ares de ríspido censor. Queixei-me, confesso, de pequenos senões que não me pareceram condizer com a nobreza do seu caráter, com a elevação da sua inteligência e a bondade de um coração bem formado e não ocultei a minha estranhesa; mas também deixei bem clara a admiração que por suas belas qualidades experimentei, tanto mais dignas de aprèço, quanto se conservaram intactas, num círculo que lhes não era favorável, desde a mais tenra infância. Na verdade, cercada de mil bajulações, entregue a si mesma, só muita amenidade

de gênio pode salvá-la das aberrações do orgulho...

— Não foi só isso, atalhou Laura; foi também Álvaro. A êle devo muito, e por isso lhe sou em extremo grata. Se não fôra êsse ralhador eterno, havia eu de ser muito infeliz neste mundo, porquanto tenho uma índole singular, uma inquietação íntima, uma dòr surda, sem forma exata, sem causa, mas que aí está viva e permanente, como a preocupação de uma desgraça que é esperada.

— Padecimentos de moça rica, exaltada e que não tem em que se ocupar, observou Adolfo.

— Talvez seja, mas há horas em que me suponho muito infeliz... Só a vista de Álvaro é que me acalma... me consola... Olhe, Dr. Adolfo, tenho certeza de uma coisa: se algum acontecimento me afastar dèle, uma circunstância imprevista, uma paixão, por outrem por exemplo, hei de ser o ente mais desgraçado dèste mundo. E entretanto acho-o, não sei como, frio... compassado de mais... argumentador... sempre calmo, enfim o primo de todos os tempos... Por isto sinto às vezes prazer em atormentá-lo... E quer saber o que me tem passado pela cabeça? desejara vêlo apaixonado por mim... para ter em minhas mãos o destino daquele homem que aos meus olhos é quasi perfeito!...

— E que faria?

— Não sei...

— Ah! cuida só na satisfação da sua vaidade?...

— Que quer que nós, mulheres, cuidemos senão disso?... Que nos consente a sociedade? Que nos concedeu até o Criador? Fraquezas, dôres, humilhações e, por muito favor, a resignação

a trôco de uns momentos em que é bafejado o nosso amor próprio.

— Concordo que em sofrimentos e gozos a partilha não foi justa.

— Ah! exclamou Laura com muita animação, estas suas palavras mostram quanto o seu espírito é justiceiro. Agradeço-lhe não ter vindo com o argumento banal do império da beleza. Que significa êle? Um período curto, passageiro, que a raras, a bem raras, é dado desfrutar... E se gozaram, que desgostos, que aniquilamento, uma vez passado! Que vale uma mulher formosa, que vai envelhecendo?... Veja agora o homem... À medida que os anos vão chegando, o seu trabalho aumenta; a sua esfera intelectual se alarga; os seus conhecimentos se ampliam; a sua importância cresce, e a velhice o rodeia de uma autoridade excepcional...

— E a mãe cercada de filhos?

— Sim, é a vida pelos outros! Sempre a existência de abnegações!... Olhe, há dias acabei de ler um livro que me fez muito mal...

— Um romance, sem dúvida... Péssima leitura, para quem tem a sua imaginação, e...

E que quer que leiamos? interrompeu Laura com alguma amargura. Precisamos distrair o espírito e não temos o vasto campo de que os homens se apropriaram. Eu lhe falava no romance: intitula-se *Cesarina Dietrich*, e é de Jorge Sand... Já leu?

— Ainda não.

— Pois eu lho emprestarei. E' a história de uma moça bela, rica, instruída e imperiosa; tipo que logo me prendeu e me entusiasmou. Aplaudí com fervor as suas idéias, o seu modo de viver, a dominação que estabeleceu sòbre tudo e sôbre

todos, mas, coitada! o sistema a arrastou longe de mais e, se bem compreendí o que li, a minha heroína, o meu ideal, caíu numa degradação imensa. Tive horror de mim mesma!... E tudo... porque Cesarina quisera romper o círculo que Deus traçou em tôrno da mulher, e que os homens fizeram de ferro. Tentou levantar altiva a cabeça pensadora, e a fatalidade, em nome da natureza e dos séculos, a curvou até fazê-la tocar o lôdo. E' a vingança das reações...

Falava Laura com tal energia, que as lágrimas lhe saltavam quasi dos olhos. Adolfo, enleiado e absorto, sentia singular impressão.

Julgou, porém, dever aquietá-la.

— Acalme-se, D. Laura, disse êle. Veja que a sua amiga Idalina não tira os olhos de nós...

— Idalina tem muita culpa no que me sucede... Às vezes acredito, que ela não me estima, conforme tanto afirma.

— Não de certo, confirmou *in petto* Adolfo.

— Dá-me conselhos singulares, conta-me coisas que eu quisera ignorar, tem teorias que me parecem falsas e perigosas... O seu gostinho é desfazer em Álvaro, procurar ridicularizá-lo; achá-lo acanhado, sem modos... Isto já vai me aborrecendo... Se é possível fazer de Álvaro motivo dos seus remoques!... Pode-se não gostar dêle... mas tentar deprimí-lo, é mau sinal...

— Perfeitamente, apoiou Adolfo. Mas a senhora não sabe tudo isso porque?...

— Ora, se!... Há um irmão...

— Eis aí!...

— Um pobre coitado! replicou Laura com altivez, que, por irreflexão minha se adiantou mais do que convinha... E agora não há momento do dia em que Idalina deixe de me pintar com cô-

res vivas a paixão que o abrasa!... Coisa muito séria, se a acreditarmos. Tivesse Álvaro mais espontaneidade, mais iniciativa... em uma palavra amasse-me êle, e nada disso teria acontecido. Não acha?

Adolfo nada respondeu.

No íntimo sentia uma alegria suave, mas singular, como que sombreada de ligeiro, de tênue, mui tênue desgôsto. Imaginai uma gaze aérea, sutil, sôbre o colo de uma mulher deslumbrante de alvura.

— D. Laura, disse por fim, a senhora conhece, melhor do que é dado supor, todos quantos a rodeiam. A sua razão é clara e enxerga longe. Tenho confiança de que nada poderá obscurecêla, e tal confiança me enche de prazer imenso, porque é a felicidade de Álvaro, de quem sou amigo verdadeiro desde os dias de minha infância.

Laura corou muito. Por seu turno sentia o que sentira Adolfo.

Ia o crepúsculo porém fechando em noite.

— Oh! já é tarde, disse Laura. Não vejo mais ninguém senão o Alves Cabral e o Álvaro, que sem dúvida ficaram por nossa causa... Em todo o caso, quero saber se estou completamente justificada aos seus olhos...

— Oh! D. Laura!...

— Então deixe-lhe dizer tudo. Comecei simpatizando muito com o senhor... depois, sem motivo, quasi repentinamente, pus-me a lhe ter verdadeiro aborrecimento... A sua queixa foi justa; voltei-lhe as costas com intenção e... se não me contivesse, peior ainda teria feito... Por isso precisava por fôrça conversar consigo... Estava sufocada, furiosa comigo mesma... Vacilei... mas

quando ouví contar umas histórias que são e devem ser mentirosas...

— Sempre da bela viscondessa...

— Não sei, não lhe direi... Afianço, porém, que não acreditei uma palavrinha sequer do que me segredaram. E' tão feio, tão impossível!

Atalhando o que ia dizendo:

— Também é feio o que estamos fazendo... Falar mal de quem recebo como amiga e a quem o senhor corteja com tamanha assiduidade...

E meio acanhada acrescentou:

— Mas, Sr. Adolfo, o Sr. não pretende casar-se com Idalina, não é? Porque então a está enganando? Com que fim? Eu, no caso dela, não havia de consentir nisso...

Ficou Adolfo um tanto atrapalhado.

— Admiro a viscondessa e cerco-a de homenagens, do mesmo modo que me extasio diante de uma estátua antiga, de um quadro célebre...

— E' verdade que é bela!

E depois de alguma pausa:

— Mas, se ela se apaixonar pelo Sr.? Uma estátua ou um quadro não corre êsse perigo...

— Ora, D. Laura, quem pode se apaixonar por um estróina como eu?... um homem quasi velho... egoísta por natureza... sem maneiras... ou antes muito malcriado...

Estas palavras pronunciadas com alguma dificuldade, foram ouvidas sem contestação.

Nisto se chegou Álvaro, e os três, conversando em assunto indiferente, tomaram direção da casa.

XXVI

Acendiam-se as luzes, quando subiam as escadas da varanda.

Veiu Idalina ao encontro de Laura com ar bastante perturbado.

— Que demora! disse em voz alta, você hoje se deixou ficar fora até tão tarde...

— E' verdade, replicou a outra com serenidade, estava ouvindo falar o Dr. Adolfo, e fomos nos atrasando. Sabe, melhor do que ninguém, quanto agrada o seu modo de conversar...

— E o que contava é tão interessante?

— Uns episódios de viagem...

— Episódios de guerra... ou de amor?

— Não, marítimos, replicou Adolfo. Estava descrevendo à D. Laura um temporal no mar das Índias...

Idalina mordeu levemente os lábios.

— Pois não se esqueçam de mim, sempre que houver dessas ocasiões... Gosto sobretudo de me instruir...

Laura, sem dar resposta, afastou-se.

— Depois da sua conversa de ontem, disse a viùvinha com voz surda a Adolfo, sei bem o que pensar de passeio tão prolongado...

— E então?

— Sem dúvida deu segunda edição, correta e aumentada, à declaração que ontem ouví...

— As suas suspeitas me ofendem, retrucou Adolfo com seriedade.

— Então, repisou ela com ironia e cólera concentrada, o Sr. contava aventuras de viagem?

— Um naufrágio, D. Idalina; um naufrágio comparável ao de meu coração... Os parcéis eram igualmente insensíveis à minha desgraça.

São as mulheres, por mais atiladas, tão cegas quando dominadas pelo amor, que a viscondessa sorriu-se desconfiada, mas com meiguice, como se ouvisse um apêlo fervoroso aos seus sentimentos de misericórdia.

— E se a senhora duvida, continuou Adolfo com calor, repetir-lhe-ei agora mesmo tudo quanto disse.

Idalina fez um gesto de amuo.

— Dispenso amabilidades em segunda mão.

— D. Idalina, avisou Raul chegando-se com visível timidez, todos já foram para a sala.

Voltou-se ràpidamente a interpelada e respondeu impaciente:

— Pois vá o senhor também.

O tétrico namorado ficou estático. Deitou um olhar de ódio para Adolfo e com passo lento cumpriu o que lhe havia sido tão perentòriamente ordenado.

— Então quer o episódio?

— Não... se me apertar a curiosidade, pedirei a Laura que mo conte... Assim porei à prova a memória daquela minha amiga... ou o seu talento de improviso... Vamos porém para dentro... não quero que digam que o senhor arrecada todas as conversas íntimas.

XVII

Achavam-se os hóspedes de Faria Alves reunidos todos na sala principal, uns jogando *bezigue*, outros recostados às janelas, outros enfim em grupos e cochichando animadamente. Laura, ao lado de Álvaro, parecia abstrata, êle preocupado e silencioso.

Quanto ao dono da casa, como de costume, retirara-se para o seu quarto logo à bôca da noite, a-pesar dos rogos da gentil pupila. Recebera, dizia êle, uma carta de importância e precisava dar-lhe pronta resposta.

— Que jôgo brincaremos hoje? perguntou Alves Cabral vendo entrar Adolfo e a viscondessa.

— O *amigo*, propôs o delegado de polícia levantando-se logo de um pulo.

— Vá lá o *amigo*, disseram dois ou três.

— Mas com uma condição, continuou o empregado de confiança, é que cessará o *bezigue* e todos tomarão parte no brinquedo. Que diz Sr. Álvaro?

— Sem dúvida, apoiou êste sacudindo o torpor que o abatia.

— Demando dispensa, reclamou o venerabundo Sr. Florimundo tomando uma pitada que parecia dever lhe levar rapé ao fundo do crânio.

— Nada, nada! bradaram todos.

Foram num momento as cadeiras arrumadas em círculo, no qual entraram, sem mais contestações, os jogadores de *bezigue*.

— Então já sabe que o bispo do Pará foi também preso? perguntou o desembargador ao conselheiro.

— Li no boletim público... Desta vez dá-se com tudo em vazabarrís.

— Mas fica de pé a Constituição do Império, que é coisa muito sagrada...

— Qual, senhor! Os homens estão patorneando a maçoneria e miscrando tudo... Mal haja tais pecadoraços!... Serão todos arrepinchados ao demo!

— O demo não é mais dêste século, Sr. conselheiro... Enfim... continuaremos a discussão depois do chá.

— Meninas, recomendou D. Clotilde às filhas, coloquem-se ao meu lado... Não conheço bem o jôgo, e vocês me ajudarão...

Obedeceram as duas mocinhas, trazendo como apêndice o juiz municipal.

A viscondessa ficou entre Adolfo e Raul; Laura, junto da qual viera sentar-se Artur, levantou-se e foi se colocar ao lado do Sr. Azevedo Moreira...

Pois êsse timorato capitalista também figurava aí?

Por certo... desde que chegara à fazenda, talvez não houvesse proferido alto quatro palavras, mas nunca em sua vida fôra tão feliz, nem gozara tamanha importância! Tornara-se até, com os favores da sorte, por tal forma ousado, que não só fitava já com alguma insistência o objeto do seu intenso e recatado amor, como conversava frequentemente com o Sr. Cambira ou Cambuíra, o qual, continuando, como sempre, desconhecido a todos, não pretendia ainda

sair ao rigoroso incógnito que mantinha na sociedade fluminense.

— Atenção! bradou o delegado de polícia de pé no meio da sala. Vamos começar... Fiquem todos sabendo que o menor descuido obriga logo ao pagamento de uma prenda... Não há que reclamar depois!... Agora vou me retirar para aquela alcova... Os senhores combinem numa palavra qualquer que tenho de adivinhar, depois que me derem as precisas indicações... E' impossível ser mais claro!...

E retirou-se para o lugar marcado, levando a sua cara arregaçada e o todo de um mortal perfeitamente satisfeito do quanto diz e faz.

XVIII

Propôs Adolfo a palavra *estrada*.

Foi aceita.

— E' amigo ou amiga? perguntou o delegado saindo do seu esconderijo e dirigindo-se para Idalina.

— Amiga...

— E V. Ex. como gosta dela?

-- Sem desvios para o coração, respondeu a viùvinha encarando fixamente Adolfo.

— E o Sr., Dr.?

— Sem desvios para o bem, declarou êste contestando o olhar da viscondessa.

— Sr. coronel?

O grisalho militar alisou o bigode e proclamou com arreganho:

— No Chaco!

E por meio de animado gesto fingiu que com um sabre derrubava as árvores e palmeiras daquela região pantanosa.

— Sem desvios para o coração, nem para o bem, no Chaco, repetiu o delegado combinando as respostas. Que será?... Vamos adiante Sr. desembargador, como gosta?

— Suave e sombreada...

— E V. Ex., Sr. conselheiro?

— Hein?... hein?... que é?

— Pergunto como quer a amiga?

— Amiga?... Ah! já sei!... Espere... espere!... Eu lhe digo... Entranqueirada...

— D. Clotilde?

— Júlia, minha filha, reclamou a digna senhora, que direi?

Inclinou-se a mocinha ao ouvido da mãe e cochichou algumas palavras.

— E' verdade, aplaudiu esta. O senhor me pergunta como desejo a amiga, não é?

— Sim, senhora!...

— Pois eu quero que seja como a da União e Indústria...

Levantou-se um clamor geral, enquanto o delegado gritava a palavra estrada!

— A senhora, exprobrou o desembargador aplicando o monóculo para D. Clotilde, descobriu logo tudo.

— A culpa é de Júlia, protestou esta. Ela é quem deve ir... é ela... eu não, Deus me defenda...

— Sr. desembargador, interpelou o conselheiro Florimundo, Vossência repairou no meu dito?

— Não, senhor...

— Pois foi rebonissimo!... Falei na estrada entranqueirada... Vossência sabe...

— Prefiro as de ferro, retrucou o magistrado.

Nesse tempo continuava a discussão entre o delegado e D. Clotilde a saber qual devia se levantar, se ela, se a filha.

Entretanto Laura fez notar a Álvaro a palestra animada que Adolfo tinha com Idalina.

— A sua amiga, observou o moço com abatimento, de bom grado se presta a isso.

Ela nada replicou.

— Pois bem, declarava nesse instante o delegado de polícia com voz de quem apregoa um bando, D. Júlia irá para a alcova.

— Mamãe, implorou esta com voz trêmula, não... posso...

— Ora, siga, menina... não seja tão acanhada!

Levantou-se a mocinha trêmula e foi com precipitação ocultar-se, afim de buscar fôrças para a terrível comissão que ia desempenhar.

O delegado, tomando quasi a aparência de um silfo, ciciou aos ouvidos de todos a palavra *renda*.

— Pode vir, chamou êle batendo.

Com passo vacilante e toda incendida em rubor avançou a pobre rapariga. Foi, pois, com voz impercetível que indagou se o vocábulo era masculino ou feminino.

— Pertence ao seu sexo, declarou o coronel Rodrigues Murcho com um ademane gracioso, ao sexo fraco, porém sempre vencedor.

D. Clotilde deitou para o militar um olhar enviezado.

— Êstes homens, disse ela ao Sr. Azevedo

Moreira, que foram à guerra do Paraguai, voltaram todos desbocados...

— E' verdade! confirmou o encolhido capitalista tão surpreso que lhe houvessem dirigido a palavra como se os bancos anunciassem dividendo antes do semestre, é verdade!

Ficara Júlia no meio do círculo.

— Que diz, Sr. desembargador? perguntou ela por fim.

— Líquida, minha senhora.

— Minha filha, bruta, acudiu o conselheiro Florimundo que queria estar sempre em desarmonia com o livre pensador.

— E o senhor, Sr. delegado?

— Conforme, Exma. Fixa, em todos os casos; mas não desgosto dela no corpo de uma bela senhora.

— Oh! exclamou uma das descendentes de D. Sancho dos Algarves, esta é forte!

— Como é aflitivo, disse Adolfo a Idalina, ver uma mocinha atrapalhada em combinar todas estas tolices...

— O Sr. deve com efeito ter pena dela.

— Ora, não acredito...

— Pois então observe.

Neste momento chegava Júlia diante dos dois. De rubra que estava se fez muito pálida e juntou as mãos afim de disfarçar o tremor que se apoderara dela.

— Gosto da amiga, disse Adolfo para libertar aquela mártir, feita em Alençon ou Valenciennes.

Os olhos da moça cintilaram e ela balbuciou *renda,* atônita e ufana como se houvera descoberto uma coisa prodigiosa. Quando voltou ao seu lugar, enxugou o suor que lhe aljofrava a

nascença dos cabelos e deitou um olhar de profundo reconhecimento a Adolfo.

Êste retirara-se incontinente da sala.

Levantou-se rápida a viscondessa de Oriano e correu para Laura.

— E' preciso escolher uma palavra bem difícil...

— Seja então *faceirice*...

— Se quiserem complicar, simplifiquem, disse sentenciosamente Alves Cabral.

— Isto é certo, concordou Laura. Então que decide você, Idalina?

— Pois seja *amor*.

E, avisando a todos, bateu ela mesma palmas para que Adolfo aparecesse.

— Amiga? perguntou ao delegado.

— Amigo, amigo... isto é, inimigo!

— E' boa, é boa, sim senhor, declarou o coronel depois de um comêço de gargalhada.

— Como gosta, Dr. Artur?

— Sincero! exclamou o dandí olhando para Laura com denunciadora e estudada ternura.

— E você, Álvaro?

— Calmo e sem cálculo...

— Ui! e D. Laura?

— Um tanto agitado, mas durador...

— E V. Ex., D. Idalina?

— Real, depois de fingido.

— Já adivinhei, disse Adolfo, mas preciso ainda de uma indicação. Sr. coronel?...

— Gosto do Amigo vencedor depois de uma grande batalha, assim... um 24 de Maio ou um Avaí?...

— E' *amor!*

— Vá o coronel!... Vá o coronel, bradaram cinco ou seis vozes.

— Vou, meus senhores e senhoras, e de muito boa vontade, mas peço-lhes um favor... que êsse amigo seja do meu ofício... militar como eu... se for amiga, melhor.

E retirou-se, puxando os bigodes com ar bregeiro.

— E' do gènero feminino, bradou-lhe daí a pouco o delegado.

— É o gênero da minha predileção.

— Já começa o homem, resmoneou D. Clotilde.

— Como gosta, D. Idalina.

— Nadando no mar...

— E o Sr., Dr. Adolfo.

— Nas mãos do duque de Caxias...

— Oh! isto se complica... Nadando no mar... é peixe, mas nas mãos do duque... Nunca vi o marechal segurando nenhum peixe... Asseguro que em Itororó estive perto dêle...

Boas gargalhadas acolheram estas palavras.

— Pergunte para diante, aconselhou Álvaro.

— Pois me diga o Sr. como gosta?...

— De ferro...

— De Damocles, declarou um...

— De pau, acrescentou outro.

— De pão de leite, aventurou D. Clotilde que ficou muito cheia por ter sacado isso da cachola.

Então choveram os atributos, cada vez mais claros e denunciadores.

O protesto foi geral à vista da figura do Sr. Rodrigues Murcho.

— Não descubro, confessou èle atarantado, não descubro. Aquele peixe nas mãos do Caxias!...

— E' *espada! espada!* berrou o delegado

de polícia ao ouvido do desasado militar, cuja fisionomia exprimiu o mais completo desapontamento.

— E' verdade, disse êle, mas por pouco que acertei... Eu não lhes afirmei que estive perto do Caxias em Itororó?... Boa dúvida!... O que segurava era a espada... e por sinal que curva... Adivinhei, não há dúvida, adivinhei...

Neste pressuposto, não arredou pé o coronel. Parecia que recebera ordem do general em chefe para defender a todo transe aquele ponto estratégico. Via-se já sem soldados e debaixo de uma fuzilaria horrenda, bombardeado além disso pelo delegado de polícia que fazia as vezes de temeroso Krupp, teimava em não arrear bandeira.

Uma das senhoras dos Algarves achou-lhe grandeza na resistência. Eram sem dúvida os instintos belicosos do nosso Malagafeira — respeitemos as suas cinzas! — que acordavam no seio daquela descendente, a-pesar-da lei sálica.

Trouxe a teima de Rodrigues Murcho uma consequência natural, a impossibilidade de continuar o *amigo*, mas, como o Sr. Cambira ou Cambuíra, rompendo excepcionalmente os hábitos de sua misteriosa viagem por êste globo, declarou que sabia tocar quadrilhas, Adolfo organizou um ruidoso *cotillon*, durante o qual, conversou muito com Laura, parecendo-lhe contar alguma coisa que a enchia de admiração e ao mesmo tempo lhe provocava francas e argentinas risadas.

Acenaram os dois para Artur, e o puseram por tal forma perturbado que Idalina correu em seu auxílio.

— Que há? perguntou ela.

— Não sei, respondeu o irmão a balbuciar, D. Laura... me fala em... salteadores... Nada entendo...

— Vamos dansar, D. Idalina. Perder tempo enquanto há mocidade, é imprudência.

E Adolfo arrastou-a numa delirante valsa, em cujo desempenho sentiu por vezes de leve, muito de leve, uma pressão significativa da túmida mão da viscondessa.

— Que farei desta nova paixão, perguntou a si mesmo o nosso amigo, vejo que a viùvinha não é da fôrça que a princípio supus.

Era sim, Sr. Adolfo Arouca!

Era uma mulher orgulhosa, inteligente, dominadora, crente do seu poder, ufana da sua beleza, do seu espírito e atilamento, sem fé nos homens e talvez em Deus, ambiciosa de riquezas e de renome, indiferente a tudo que não fòra a satisfação de seu amor próprio, escarninha com meio mundo... mas que quer?

Há na vida humana, e sobretudo feminina, momentos em que tudo se esquece, em que não há combinações que sirvam, não há reflexão que salve, não há juramentos nem intenções que presservem, não há interèsse que resguarde, não há conveniências que arredem, não há experiência que combata, nem terrores que prendam, é quando por entre as malhas da mais fina, da mais perfeita couraça no peito se insinua a seta hervada do verdadeiro amor.

XIX

De Pessoa de Lima pai era a carta que o comendador Faria Alves recebera e que o obrigara a encerrar-se, pela necessidade de imediata resposta.

Penetremos no seu quarto.

Sòbre larga mesa um lampeão de vidro fôsco deita luz frouxa e suave. Ao lado o infeliz velho sentado numa poltrona e com a cabeça pensa sôbre o peito, jaz em completa prostração.

A seus pés caíra aberta a carta que parecia do chão contemplá-lo com ar minaz e interrogador.

Dizia ela:

«Amigo Luiz

«Tenho sabido notícias da sua casa que sumamente me desagradam. Os negócios por que devemos nos interessar decididamente não caminham; pelo contrário, queixa-se o Artur com amargor do modo por que é tratado e está disposto a não sofrer mais afrontas. Vejo que você nada tem feito, a-pesar dos compromissos que tomou e que o colocam numa posição, cuja responsabilidade lhe cabe inteira. Estou decidido a apressar o desenlace dessa situação que não é airosa para o meu querido filho. Não se casará èle com a estimável pupila que você tão *paternalmente* educou, mas pelo menos a sociedade ficará sabendo *à quoi s'en tenir*. Aconselha-

vam-lhe mais prudência as consequências escandalosas e talvez fatais. Fiz o que me ditava a lealdade; marquei-lhe um prazo razoável para encaminhar os acontecimentos, mas hoje tenho certeza de que quanto mais tempo perder, peior será. Acabemos com essa comédia que já dura demais.

«Nestes oito dias estarei lá.

Seu amigo dedicado

PESSOA DE LIMA.»

Largas horas reinou o silêncio naquele aposento. Só de espaço em espaço entraram com a brisa da noite, a princípio, o ruído distante das risadas dos hóspedes a divertirem-se na sala, depois os sons abafados da música que os fazia dansar.

Em seguida, nada mais se ouviu.

Haviam cessado folguedos e quadrilhas.

E o velho continuava imóvel em sua poltrona.

De repente alguém bateu à porta.

— Quem é? perguntou êle erguendo-se assustado.

— Sou eu, respondeu a voz de Laura.

Apanhou Faria Alves com precipitação a carta, escondeu-a no bolso e foi abrir a porta.

— Tão tarde, Laura, que faz você?

— Não pude ir me deitar, sem vir saber como está... sente-se mais incomodado?... Vi luz no seu quarto e fiquei inquieta... O senhor parece a todos tão abatido... tão mudado...

— Não é coisa de cuidado...

— Como não? Dia a dia o acho mais acabrunhado...

— Isto passará... Vá se acomodar, filha: você já devia estar dormindo...

— Não, eu preciso... também lhe falar...

— Então, sentêmo-nos...

— Em poucas palavras lhe digo o que há... Estou arrependida da irreflexão com que me portei para com o Artur e...

— Então, balbuciou Faria Alves, êsse moço...

— Oh! me incomoda de um modo intolerável!... Não posso dar um passo que não o veja ao meu lado... não tira os olhos de mim... é coisa insuportável!... Atira-me indiretas que me vexam, e estou decididíssima a dar demonstrações de que não quero mais aturá-lo, em que pese à família toda...

— Você, balbuciou o comendador, sabe... que é... senhora... das suas vontades...

— Quís avisá-lo, continuou Laura com volubilidade, porque como foi o pai daquele senhor quem lhe falou, a êle convem declarar que o candidato não foi bem acolhido... Ah! tutorzinho... Álvaro tinha toda a razão... Êle pensa por mim e por si... mas, devéras, pouco lucro por causa desta cabecinha estonteada e caprichosa... Então ficamos certos, não é? Escreva ao tal seu amigo — Pessoa de Lima — que o filho perde o seu tempo fazendo gastos de imaginação para conquistar o meu coração... Oh! isto é uma história excelente que lhe hei de contar, mas não agora... adeus, adeus!... Enfim, ouça sempre... e depois julgue se o menino promete ou não... Parece que o Artur julgou de necessidade explorar a exaltação de que às vezes mui tolamente me possuo... Assim, pois, falou com meia dúzia de pobres diabos, pagou-os

e organizou uma espécie de quadrilha de ladrões, que devia me assaltar num dos meus passeios à tarde...

— Meu Deus! E' impossível!...

— O criado do Dr. Adolfo foi quem descobriu esta interessante mixórdia... Parece até que teve convite para fazer parte da malta... Estava tudo apalavrado... O mais barbaça devia me agarrar na rédea do cavalo... outro pedia-me a bolsa ou a vida... Nisto surgia o Artur que sem calcular o número, caía como um raio sôbre aqueles galfarros todos e dum ápice os debandava...

— Mas... é incrível!...

— Naturalmente logo em seguida rompia o herói numa declaração ardente, e o meu coração não tinha outro remédio senão entregar-se à discrição... Quando tive notícia dessa indigna farça, fiquei possuída de terror... porque quem sabe... o que eu teria feito de boa fé... impressível como sou?...

E Laura tornou-se por instantes séria.

— Oh! prosseguiu ela novamente risonha, era preciso ver a cara com que ficou o nosso valentão quando eu lhe disse em voz bem alta que nunca mais iria passeiar sòzinha, por causa dos salteadores da Calábria... que haviam mudado de domicílio... Denunciou-se... fez um fiasco tremendo!... O Álvaro de nada sabe, senão teríamos alguma estralada... Ficou isto em segrêdo entre mim e o Dr. Adolfo... Assim pois, do seu lado nada descubra... mas de raiz corte as esperanças que aquele sujeitinho possa ainda nutrir... Agora... adeus, dê-me um beijo e boas noites... Durma sossegado e sonhe com a pupila da sua alma...

Depositou Faria Alves com a maior ternura não um, mas muitos beijos na fronte e cabelos de Laura e entre êles deixou cair uma lágrima sôbre a face da moça.

— Que é isto, tutorzinho?... Está chorando? Que tem? Que lhe acontece?

E prendendo a cabeça do velho, apertou-a com fôrça de encontro ao peito.

Prorrompeu então o infeliz em copioso pranto que Laura não buscou interromper, porque compreendia quanto por êle devia aliviar-se aquele dorido coração.

Depois de alguns minutos, durante os quais só se ouviu o fraco soluçar de Faria Alves, levantou-lhe a moça a cabeça e carinhosamente lhe enxugou as lágrimas.

— O Sr. não tem confiança em mim, disse ela com tom de exprobração. Vive ralado de desgostos e não procura as pessoas que o estimam devéras... Olhe que sou até capaz de lhe dar bons conselhos... Em todo o caso havia de partilhar o seu sofrimento... Não deixaria que todo o pêso lhe caisse em cima.

— Ah! minha filha, replicou Faria Alves com esfôrço, o único motivo, não de desgostos, mas de uma inquietação imensa, contínua, de todos os momentos, é você mesma...

— Eu? Como assim?... Fale, meu Deus!... Não acho...

— Estou velho... cada vez mais fraco, você bem vê... Sinto-me gravemente doente e apavora-me a idéia de deixá-la só neste mundo... Moça, bela, rica, quantos elementos para a felicidade, mas também quantas razões de desassossêgo!... Isolada, ficará você entregue aos azares de uma experiência, que só se adquire a custo

de muitas decepções, de desilusões sem conta... Veja que tramas se urdem já em tôrno da sua pessoa!... Escassea-me o tempo e diz-me um pressentimento fatal... que hei de expirar antes de vê-la amparada por quem for digno dessa missão... Minha filha, você deveria ir se acostumando à idéia do casamento... A mulher bem casada é o encanto do futuro ligado à lição do passado... Álvaro...

Laura, que ouvira muito atenta tudo quanto dissera o tutor, encarou-o com surprêsa às últimas palavras:

— Álvaro, interrompeu ela, pediu-lhe a minha mão não é?

— Não, respondeu Faria Alves, juro-lhe que não; entretanto é o meu sonho dourado... a minha mais doce esperança... Se você...

— Mas eu não irei me atirar nos braços de um homem que não me dedica amor!... Não ficarei tão desamparada que tenha de buscar proteção a todo o transe... Esteja tranquilo... Ainda quando me aconteça a desgraça de ficar só no mundo... saberei guiar-me e achar o meu caminho... Por vezes pensei em Álvaro...

Iluminou-se de alegria o rosto do comendador.

— Cheguei mesmo a crer que lhe tinha mais do que simples estima... mas encontro-o tão frio, tão severo... que logo me retráio... Nós, mulheres, pedimos mais alguma espontaneidade...

— E, contudo, amor imenso lhe enche a alma...

— Por quem? perguntou ela corando, ninguém lhe conhece uma namorada sequer...

— Por Laura Gomes, respondeu Faria Al-

ves. Ficaram os dois por alguns minutos silenciosos.

— Mas quem lhe disse? indagou Laura.

— Ah! pensa você que quando estou calado, metido no meu cantinho, alheio na aparência a tudo, não vejo, não observo, não combino? Já me cre tão fraco de inteligência e de sentidos?... Faço-lhe um juramento sagrado: nunca Álvaro me tocou direta ou indiretamente nisso... mas fique sabendo que êle a ama com violência e que é o único homem digno de possuir a você, meu tesouro, minha vida... minha filha, enfim!

E Faria Alves conchegando Laura a si, apertou-a com paixão ao peito.

Parecia ela comovida.

Depois de alguma hesitação, desenvincilhou-se dos braços do tutor e com voz que queria ser firme:

— Adeus, disse, é muito tarde.. O senhor precisa de descanso e eu também.

XX

A essas mesmas horas velava também outra pessoa: era Idalina.

Tinha, como Faria Alves, uma carta aberta diante de si e parecia refletir profundamente no que acabara de ler.

«Minha cara filha, dizia a carta, recebí as tuas longas e importantes informações acêrca de todos os acontecimentos ocorridos na fazenda do Castelo Grande. As considerações que

fazes são justíssimas e mostram o teu atilamento e critério. Houve entre ti e o teu irmão um jôgo cego da sorte: se fôras homem, grande futuro te estava destinado. Tens, pois, de dirigir o Artur, de aconselhá-lo, de trabalhar a bem dos seus interêsses que também são nossos, de desculpar-lhe as leviandades e atenuar as tolices que êle é muito capaz de dizer e de fazer. Tu me referes que a tua amiga começa a se mostrar contigo reservada e fria. E' péssimo sinal. Vê se alguém te intriga. Desconfio do tal Adolfo: pareceu-me homem ousado, amigo de franquezas e bastante insolente. Como já te disse, tenho em mão poderosíssimo meio para atuar sôbre a vontade do tutor e por êle buscar modificar a resolução da pupila, mas não usarei dêle senão em último extremo e depois de perdidas todas as esperanças de levar as coisas à terminação desejada. Apenas lá chegar, hei de to comunicar; por ora conviria dispor as coisas para êsse casamento, de um modo ou doutro. Deixaste-me perceber que ela parece inclinar-se para o amigo de Álvaro. Se pusesses em concurrência os dois sujeitinhos, haveria uma luta de generosidade que tornaria impossível um desenlace com qualquer dêles. Deixo isto à tua habilidade. Ativa, quanto puderes, todo o sentimento que afastar aquela rapariga romântica do seu primo e prepara algum choque entre êles. Aproveitarás os resultados com a tua costumada sagacidade.

« Falemos agora de ti, minha querida filha. Julgo que deves quanto antes te casar. Uma viúva moça e bonita é um perigo para si e para os outros. Entretanto o Raul de maneira alguma te pode convir: simples empregado público, sem

futuro nenhum, trar-te-ia como presente de noivado a sua cabeluda figura e um ciume a Otelo, muito fora do bom tom e da nossa época. Os outros que te fazem a côrte, além de requestarem a mulher por ser formosa, supõem-te rica e portanto, visam a um dote... Nas tuas circunstàncias, precisas de quem te traga dinheiro e poucas imposições. Quanto a mim estou exhausto, e os meus negócios vão cada vez peiores. Na companhia das minas de cobre de Tacaratú há desconfianças contra minha direção, e os meus inimigos tramam contra mim algum golpe. Ando por isto muito amofinado e aborrecido. Estou em maré de caiporismo, e tudo quanto empreendo me sai às avessas. Voltando, porém, ao que dizia, recomendo-te um partido que está à tua disposição. E' o Azevedo Moreira. Repara para aquele basbaque e verás logo que bebe os ares por ti. Tirei informações seguras a respeito de sua fortuna: é superior a mil contos de réis, e pode colocar-te num pé condigno na sociedade. Não será marido incômodo, o pobre coitado; tu o agarrarás pela ponta do nariz e o levarás para onde bem quiseres. Adeus, minha bela viscondessa.

Teu pai,
PESSOA DE LIMA.»

«*P.-S.* — Estive hoje todo o dia bastante incomodado. Os acionistas das minas de Tacaratú portam-se comigo como uns canalhas. Querem me tirar a gerência e obrigar-me a prestar contas... Nunca se viu tamanha petulância! Olha o Azevedo Moreira... Terei talvez de lhe pedir emprestada uma soma forte. Breve, muito breve, lá estarei.»

Idalina, depois de ler com atenção as longas e curiosas instruções paternas, repetindo certos trechos e meditando noutros, a pouco e pouco caíu em completa abstração. Desenhou-se o seu passado aos seus olhos, como quadros de um poliorama, cujas côres se fundem umas nas outras. Viu-se muito menina, mas já com a conciência da sua beleza, altiva com as companheiras de colégio e sonhando com triunfos e dominações. Mal entrara no mundo, impelida pela vontade dos pais casara-se com um homem sombrio, desconfiado, cujo título a fascinara, fazendo-a sonhar com diademas e brilhantes, mas que só lhe trouxera o aborrecimento da sua convivência e o uso de apoucados teres.

Formou-se então em dissimulação.

De um lado tinha necessidade de aquietar as contínuas suspeitas do enfezado marido: do outro sentia-se empuxada pelo desejo ardente de gozar a vida, de tirar os proventos da sua incontestável beleza, do seu espírito, da sua mocidade... Oh! quanta habilidade desenvolveu para conjurar todos os perigos que se lhe apresentaram debaixo das côres as mais risonhas, para conciliar todas as desencontradas exigências, em cujo círculo tinha que viver!

Afinal, num belo dia morrera o visconde de Oriano, levando do juízo da consorte opinião muito pouco lisonjeira. Entretanto, aquele velho reumático, espírito displicente, dominado, mas recalcitrante, mescla de estupidez e de prevenções, nunca poderia ter calculado a soma de esforços, a heróica resistência que a jovem espôsa empregara para combater a violência dos seus próprios instintos.

— A sociedade, pensava Idalina, é uma

reunião de gente insensata e inconsequente. Quando dei o primeiro passo no mundo, em cada amigo de meu marido encontrei um inimigo da sua honra. Todos a uma buscavam me entontecer... falar-me aos sentidos... obscurecer a minha razão... Lutei... saí vitoriosa... mas quando me supunha com direito à admiração e ao respeito, achei-me com uma reputação equívoca...

Com efeito assim acontecera.

Acusavam-na de faceira, volúvel, de acolher os homens com demasiada amabilidade, de cochichar no teatro com fulano, no baile com sicrano, de ter dado — embora à vista de todos — o seu retrato a êste, um cravo àquele, uma rosa murcha àqueloutro.

Descobriram-lhe as amigas mil defeitos, voltaram-lhe o rosto, e os homens, principalmente todos os peralvilhos, julgaram-se autorizados a lhe apertar com significação a pontinha dos dedos.

Oh! então se defendera!

Tornou-se sarcástica; fez-se temer, já que não podia ser respeitada. Criticou, satirizou, censurou, zurziu, flagelou a torto e a direito. Não teve mais contemplação com a reputação dos outros, já que a sua tão pouco valia, e, levada pelo natural declive, não diferençou mais os bons dos maus, fazendo a todos vítimas do seu espírito mordaz e cheio de azedume.

E agora?

Quanto se arrependia daquela vida desabusada, daqueles modos desabridos, daqueles descomedimentos!

Agora que amava com violência nunca suspeitada!

Pois amor é essa cegueira?

Não via que Adolfo gracejava, que Adolfo, quando muito, fazia dela o seu joguete, lhe dava a importância de uma aventura passageira, de um episódio destacado e sem valor na sua agitada existência?

Via, compreendia tudo, mas que querem?

Era-lhe tão inútil tentar arrancar do peito essa paixão, como ordenar ao coração que deixasse de pulsar!...

Ao pensar nisto, tinha Idalina ímpetos de imenso furor. Rojava-se sôbre o seu leito e revolvia-se como uma pantera malferida.

— Prefiro morrer, rugia surdamente, prefiro matar-me.

Os conselhos do pai lhe tumultuavam na mente conturbada.

— Sim, murmurava ela, o plano é ótimo, mas não quero... Adolfo há de ser só meu... Laura, minha rival?... Impossível!... Levantarei uma muralha de bronze entre êles... Oh! quanto sofro!... Adolfo, compaixão!... Eu morro!... Piedade!

E tão poderosa era a aflição que a oprimia, que os sentidos por instantes lhe faltavam. Felizmente, pouco depois, dos belos olhos lhe irrompeu um dilúvio de lágrimas acompanhado de nervoso soluçar que em vão buscou comprimir, apertando a bôca de encontro ao travesseiro.

XXI

A aurora que pôs têrmo àquela noite tão atribulada para tantos, foi um acordar de paz e de alegria.

O ar puro, embalsamado pelo perfume penetrante das magnólias; a brisa suave e meio cálida; as flores aljofradas pelo rocio matutino; o céu límpido, cerúleo, vaporoso; as montanhas azulando ao longe, por todos os lados a natureza cheia de viço e serenidade formavam um conjunto calmo e delicioso, uma dessas plácidas manhãs em que o homem sente bem fundo o prazer de viver e respira com a confiança de uma existência indefinida e sempre venturosa.

Pouco depois de raiar o dia, levantara-se Adolfo e, armado de anzóis que João Sabino preparara, dirigiu-se para o ponto do açude em que as águas se espraiavam em formoso lago.

Enquanto a isca nele mergulhava preguiçosamente convidando os gulosos peixes a se chegarem pensava o nosso herói em coisa que tinha pontos de contacto com pescaria. Afinal Idalina sèriamente se tomara de amores por êle, e tal resultado não parecia de modo algum lhe agradar ao espírito volúvel e desassossegado. Ao mesmo tempo achava que alguma coisa de insólito o perturbava, uma displicência sem causa, espécie de nostalgia sem pátria de que ter saudades.

Tão distraído estava que o caniço a pouco e pouco lhe caíra das mãos. Nem sequer ouviu

os passos de quem vinha se aproximando. Verdade é que eram tão leves!...

Alguém lhe tocou no ombro.

Voltou-se: era Laura.

— Tão cedo, minha senhora! exclamou Adolfo levantando-se ràpidamente.

— Nunca é cedo de mais para um pescador, doutor... Eu não o fazia apaixonado dêsse ofício...

— Não tenho grande entusiasmo, mas não desgosto...

— De enganar os outros, não é? Pobres criaturinhas que vêm-se prender a engôdo tão descuidadamente oferecido!... Nem sequer o senhor oculta um pouco mais o ardil...

— O mesmo não acontece no mundo?

— E' verdade e sobretudo com as mulheres... Deixam-se levar por uns sorrisos falsos, uns cumprimentos banais, por promessas velhas como a Bíblia, por juramentos em que não acreditam no momento mesmo em que os ouvem, por elogios ao seu trajar... mil futilidades enfim! Peixinhos tão livres há pouco... e daí a instantes sofrendo mil mortes...

— D. Laura, disse Adolfo meio surpreso, a senhora está prègando aos peixinhos? A idéia pertence a Santo Antônio, e não consta que dela tirasse resultado notável... Quanto a mim lhe afianço que se morasse no fundo das águas de bom grado deixaria o ilustre varão se esbofar quanto quisesse... Se a voz, porém, fosse de qualquer moça bonita e principalmente sua...

— Devéras?... Está me atirando anzol iscado com lisonja, não é?

E Laura corou ligeiramente.

Mas numa transição repentina, própria de seu gênio, acrescentou com tom de voz alterado:

— O Sr. acredita que aprecio muito os seus gracejos açucarados? Guarde-os para quem gosta tanto de ouví-los... Comigo, peço mais seriedade...

Encarou-a Adolfo com surpresa:

— Porque me diz isto, D. Laura, balbuciou êle.

— Porque assim penso...

— Vejo que a senhora tem alguma queixa de mim... Diga-me o que há?... Depois das explicações de ontem... tão francas... tão expansivas... Ofendí-a por alguma imprudência nova?...

Ela nada respondeu. De olhos baixos bateu o chão com a ponta da umbela.

— Estou pronto, continuou Adolfo, a lhe pedir mil perdões... Se a minha familiaridade lhe desagrada, prometo dora em diante medir todas as minhas palavras...

Laura retrucou constrangida e buscando sorrir.

— Não... eu é que sou uma tolinha...

— Com certeza algum agravo lhe fiz...

— Qual! replicou ela forcejando por parecer brincar, o que quís foi experimentar a sua presença de espírito... Dei-lhe um quinau de mestre! Então acreditou que eu estava falando sério?...

— A senhora, disse Adolfo encarando-a com alguma severidade, não tem vontade nenhuma de gracejar.

Ao ouvir Laura, estas palavras, empalideceu muito. Depois uma cólera imensa lhe encheu o peito.

Tremeram os seus lábios; os olhos cintilaram.

— Quem lhe disse? interrogou ela com voz vibrante. Pode por ventura ler no meu coração?

Adolfo desviou o olhar, preso também de indizível comoção.

Longo foi o silêncio entre os dois.

Laura reassumiu primeiro o sangue-frio.

— Declaro-me importuna em vir perturbar o seu divertimento... e êste inocente... Nada arreda os peixes, como conversa a beira d'água... Até logo.

— D. Laura, implorou Adolfo, fique um pouco mais... quero saber...

— Não, senhor...

— Um minuto de atenção...

— Nem um segundo!... Agora se está com disposições para falar, chame Idalina que melhor lhe há de ocupar o tempo... Nem de propósito!... Ai vem ela se dirigindo para cá...

E com o lenço acenou para a amiga.

— Vou-lhe fazer grande favor, Dr... Deixo-o só com ela... E' um meio de dissipar o aborrecimento que lhe causei... não acha? Quanto a mim transporto-me para a outra margem nesta embarcação...

— Nesta? perguntou Adolfo apontando para uma canoa estreita e velha, encostada à borda do lago.

— E porque não? afirmou Laura rindo-se dessa vez sem esfôrço, pretendo pòr o oceano entre mim e os senhores dois.

— Nunca hei de consentir que entre nesta canoa.

— Mas qual a razão?

— E' que está toda podre. Ao chegar quís me utilisar dela, mas vi que só serve para o fogo...

— Isto é, teve mêdo e deixou-se ficar em terra, como Luiz XIV:

Pleurant sur sa grandeur, qui l'attache au rivage.

— Se a senhora chama mêdo o receio de tomar um banho frio...

— Pois ontem um molecote meu andou passeando por todo o açude... Olhe, deixou até uma vara...

— O seu molecote podia ter passeado e se afogado quantas vezes quisesse, mas a senhora não há de ir.

— Oh! e quem me impedirá?

— Eu!...

— O senhor? perguntou Laura possuída de novo movimento colérico.

— Em pessoa!

— E com que direito?

Adolfo ao ver a transformação que sofrera a fisionomia da caprichosa moça, tentou uma conciliação.

— Mas D. Laura, a Sra. pode molhar-se. Se a canoa estivesse em melhor estado, a-pesar-de imprudência, eu nada diria...

— O Sr. não sabe que estou acostumada a fazer todas as minhas vontades?

— Sei e por isto lhe peço que não insista nesta.

— Há pouco proibia-me... agora pede-me... Eu irei.

E Laura adiantou-se para entrar na canoa.

— Não faça isto...

— Deixe-se de criançadas, replicou ela tomando a vara.

— Pois então vá, assentiu Adolfo com algum arrebatamento.

Já nesse tempo Laura pusera um pé, dentro da canoa, que oscilou fortemente e que quasi a atirou à água.

Tornou-se ela muito pálida, mas dominou-se e restabelecendo o equilíbrio do arruinado batel, sentou-se cautelosamente e com a mão impeliu-o docemente na margem.

— Adeus, Dr., adeus! gritou com fingida animação.

— Boa viagem! respondeu Adolfo amuado.

— Estou de partida!...

E, entre receiosa e risonha, continuou a afastar-se.

— Teimosa criatura! murmurou Adolfo contemplando-a de esguelha. Mas quanto é bela... iluminada pelo sol que desponta! Que cabelos!... que porte esbelto!... E' um quadro soberbo, digno de um grande artista...

XXII

A menos da metade da viagem, começou Laura sinceramente a se arrepender de ter levado avante o seu capricho.

Via-se com efeito em sérios embaraços.

Mal podia manejar a pesada vara, com dificuldade levava-a ao fundo e a cada tentativa que fazia para avançar, imprimia à canoa, já por si viciosa de construção, oscilações temerosas para um e outro lado, como se fôra a sossobrar.

— Hei de ir até o fim, murmurava ela, custe o que custar.

E quando os balanços se tornaram tão repetidos e violentos que a certeza de ir à água lhe entrou no espírito:

— Meu Deus, pensou ela, peço-vos a morte! Que eu me afogue ao menos... mas não quero dar razão àquele homem, tomando à sua vista um banho ridículo...

Neste instante e como que para castigar tão feio pensamento, virou o batel e Laura se afundou no lago, soltando agudo grito de angústia.

Respondeu-lhe Adolfo com outro e, ao passo que Idalina corria para a casa a pedir socorro, precipitou-se vestido como estava, a salvar a bela náufraga.

A água em geral tinha pouca profundidade, mas havia em certos pontos altura bastante para cobrir um homem e o chão era de vasa um tanto pegajosa.

Justamente num dêsses lugares havia caído a moça.

Chegar até lá e suspendê-la, foi fácil a Adolfo, não assim nadar a ganhar uma base mais firme e rasa. Tudo o atrapalhava, além do pêso de uma pessoa desacordada e que era preciso manter fora d'água com intolerável esfôrço.

Felizmente em tempo e quando receiava já pelo seguimento da aventura, sentiu terreno estável debaixo dos pés e pôde tomar mais larga respiração.

Descansou um pouco.

Mas não tardou auxílio eficaz.

Era Álvaro que chegava numa carreira desapoderada e que se atirou ao lago, rompendo as águas com violência e desespêro.

Num segundo alcançou Adolfo, tomou-lhe Laura dos braços e atingiu a margem, no mo-

mento em que muita gente vinha chegando, todos inquietos e assombrados.

Foi quando a moça abriu uns olhos, espantados, quasi de terror.

— Álvaro! exclamou ela, que vergonha! Salve-me... salve-me!

E achegando-se ainda mais ao peito do primo, como que buscando asilo e proteção, desmaiou completamente.

— Meu Deus, que foi isto? perguntou Faria Alves com imensa ansiedade.

— Imprudência de sua pupila, respondeu Adolfo que saía de dentro do lago e galgava a borda. Agora, porém, convem levá-la quanto antes para o seu quarto e agazalhá-la bem. Está sem sentidos, mas nada sofreu.

Foi o conselho seguido e todos em desolada procissão puseram-se a caminho, precedidos por Álvaro que com vigor e ligeireza transportava a preciosa carga.

Quando iam chegando à escada da varanda, Laura voltou a si e quís pôr-se de pé. Apoiada então no tutor, subiu ainda meio desfalecida os degraus e recolheu-se imediatamente.

Álvaro então voltou a ter com o amigo.

— Adolfo, disse êle com voz alterada, preciso lhe falar já e já em coisa da maior importância.

— Agora?... molhados até os ossos, como dois pintos?... Vamos nos mudar primeiro, depois estarei, como sempre, às suas ordens. Obriga-me a sua prima com certeza a furioso defluxo... Olhe, já estou espirrando!...

XXIII

Hora depois, os dois amigos passeavam numa alameda retirada, à sombra de frondosas mangueiras.

Estava Adolfo meio sério; Álvaro triste, mas falando com animação.

— Você, dizia êle, como homem de bem não pode querer outra solução que não seja o casamento... Inspirou um sentimento verdadeiro a quem lhe traz todos os predicados de felicidade e há de curvar a cabeça ao doce jugo do matrimônio...

— Álvaro, a sua linguagem me admira... Nunca a viscondessa...

— Quem fala nela? atalhou o outro com impaciência.

— Então essa a que você se refere...

— Não sabe por ventura quem seja?

— Não...

— Palavra de honra? indagou Álvaro fitando o amigo em cheio...

— De honra! respondeu êste com firmeza.

— Pois bem... trato de Laura...

— De sua prima?

— Dela mesma, continuou com volubilidade. E' por demais clara a preocupação em que vive, o sobressalto que sente ao ver você, as suas tristezas e agitações... Nada escapou à solicitude que por ela tenho, e fui colhendo mil indícios para firmar esta certeza... Prevejo as suas menores objeções... e estou pronto para resol-

vê-las todas... Que pode contrariar êsse enlace?... Você é digno dela... uma vez que soube lhe falar ao coração... Quanto a mim cabe-me a alegria... de ver... unidos dois entes a quem tanto preso... O meu papel é êste... e dou graças aos céus por... poder concorrer... para consórcio tão auspicioso.

Com que tom eram proferidas estas palavras!... Espinhos que salpicavam de sangue os lábios!

— Então, perguntou Álvaro inquieto, que diz você?

— Digo, replicou êle parando e deitando para o amigo um olhar agudo, que você não é, nem tem sido leal comigo...

— Eu?...

— Sim!... você...

— Mas...

Segurou-lhe o outro com fôrça no braço.

— Silêncio, desgraçado! Você ama Laura mais que a vida!...

Foi a gota d'água que fez transbordar o vaso.

Tal choque teve Álvaro que quasi caíu por terra.

— Sim, exclamou êle de repente, você descobriu o que me mata... Sim, amo minha prima mais que tudo neste mundo, amo-a desde criancinha que a vi!... Não me acuse, Adolfo, de dissimulado... Obedecí, quanto pude, a uma linha de proceder, da qual não me apartei um só passo sequer, programa atroz que executei a poder de incalculável energia... Ninguém suspeita a possança do meu amor... minha mãe, menos do que qualquer!... Quanto me custaram todos êsses anos de artifício... nem eu mesmo

poderia dizer... Tive mão no ímpeto da mais violenta paixão e, homem feito ao lado de uma mulher incomparável em graça e formosura, tratei de ser sempre o primo ralhador e calmo de todos os tempos... nada mais!

— Mas com que fim?

— Você me pergunta?... Dou por bem empregada a abnegação... Sem o mais leve constragimento em sua vontade, pôde Laura amar a quem mais lhe agradou... Sem suspeitar que me dilacerava para sempre o coração... inclinou-se para outro que não eu e, felizmente ainda, no meio de tamanha desgraça, êsse outro é você, o meu amigo de infância, você a quem peço de joelhos fazê-la feliz... Nada de dúvidas!... Não se trata senão dela... Pensa por ventura que não acho acre prazer, misturado de santo entusiasmo, neste sacrifício da minha pessoa, do meu destino, da minha vida?... Pelo contrário, estou realizando os meus votos mais ardentes... Fico esmagado, mas a alma enobrecida ajudar-me-á a suportar a grandeza do meu infortúnio!

E com exaltação continuou:

— Agora, Adolfo, que você sabe de tudo, agora que o meu peito tomou largo desafôgo, depois de comprimido por tanto tempo, juro-lhe que a época das vacilações, das lutas tremendas, dos planos desleais e até tenebrosos, já passou... Que digam quanto sofrí, quanto pensei, como vencí, as noites de vigília, as madrugadas de desesperação, os dias de agonia!... Foi coisa de um minuto... De repente aclarou-se a situação para mim... Sou de mais entre vocês dois... partirei... serei esquecido...

XXIV

— Álvaro, respondeu Adolfo depois de longa pausa, deixei que você falasse, porque vi que èsse desabafo lhe faria bem, mas com uma só palavra derrubo todos os castelos que o seu espírito suspeitoso levantou, desfaço todas as apreensões, sonhos, terrores e combinações, que nada mais são do que frutos de uma imaginação exaltada por sentimentos veementes, mas sempre nobres e generosos... Laura ama, com efeito, mas ama a você...

— A mim? balbuciou Álvaro.

— Tenho toda a certeza, porque ela mo disse... E agora deixe que eu censure o sistema que você seguiu... e executou, com heroísmo sem dúvida, mas desaso e imprudência... Tornou-se você para com sua prima por demais observador... censor de todos os minutos... Repreendeis a todo o propósito... reservado e cauteloso... A mulher precisa de mais abandono... quer a aspiração franca, sem rodeios, nem dissimulação... E' sempre leal quando ama com verdade... e do mesmo modo que entrega sincera e espontâneamente o seu coração, deseja retribuição com igual franqueza... Laura tanto amor lhe consagra que, a-pesar-do constrangimento que você lhe impôs, não fala, não pensa senão em sua pessoa... As aparências o enganaram, Álvaro. O que ela achou em mim, foi justamente o que faltava a você... mais condescendência e amenidade. No mais possuo certo desembaraço

rude que agrada às mulheres em geral, uma sem cerimônia que desta vez serviu para alguma coisa, por isso que me colocou em posição de confidente...

— Impossível, impossível! murmura Álvaro.

— Você verá... daquí a dias... talvez horas. E' ter paciência... agora por pouco tempo...

— Então Laura me ama?

— E muito...

— Ela o disse?

— Deu-me a perceber... Nunca uma moça confessa coisas destas...

— Adolfo, Adolfo! Você me põe doido! Quem sabe se tudo isso não é um ardil da sua amizade?

— Vê-lo-á...

— Entretanto...

— Nada mais lhe direi. Assás conversámos em assunto delicado num local aberto a todos os ouvidos indiscretos... Voltemos a saber notícias de quem breve será... psiu!... Nem uma palavra!

E Adolfo, colocando o índice sòbre os lábios como que recomendando silêncio e mistério, sorriu-se com intenção.

Em caminho sentiu èle umas pontadas violentas do lado esquerdo.

Com a mão por dentro do colete comprimiu fortemente o coração.

— Que é isto, doido? disse de si para si, cale-se e deixe-me sossegado!

XXV

Passada a vertigem que novamente teve Laura depois de deitada, dormiu largas horas com sono plácido, respiração igual, rosto sereno, sob o olhar vigilante de Faria Alves.

Quando ia a despertar, pressentiu a presença do tutor e ficou, de pálpebras cerradas, a pensar em tudo que lhe sucedera.

Então de tropel lhe acudiram mil sentimentos; vexame pelas cenas com Adolfo, revolta contra o império que êste ia tomando em seu coração; confiança ilimitada em Álvaro, convicção da sua felicidade, alegria por poder entretecer a vontade íntima com as imposições do seu orgulho, o que tudo lhe tingia as faces de delicado rubor, entumecendo-lhe o peito.

— Você está acordada, Laura? perguntou Faria Alves em voz muito baixa...

— Estou, sim senhor.

— E como se sente?

— Melhor... não tenho nada... Posso até me levantar...

— Não... nada de novas imprudências... O Álvaro está aí... não sai da porta...

— Pois diga-lhe que entre...

E com muita hesitação:

— E pergunte-lhe... papai... se èle quer ser...

— Que?

Com o rosto abrasado, murmurou Laura quasi impercetìvelmente:

— Meu... noivo...

Soltou o comendador um grito de alegre surpresa e correu, mais depressa que pôde, para fora do quarto.

Daí a pouco trazia Álvaro pela mão.

Laura não se mexeu.

Ajoelhou-se porém o moço aos pés da cama, agarrou na mão da sua bela namorada e, ao passo que a cobria de beijos ardentes, molhava-a com lágrimas de amor e gratidão.

— Eu te asseguro, Álvaro, disse ela acariciando-o pela primeira vez, que todas as singularidades e caprichos de meu gênio ficaram no fundo do lago...

XXVI

Quando na manhã seguinte Laura apareceu aos hóspedes da casa ao lado de Álvaro e do tutor, perceberam todos que estava iminente uma novidade de vulto.

Antes de todos, Idalina.

— Ontem foi a solução, murmurou ela, vou já escrever a meu pai.

E, adiantando-se ao encontro da amiga, rodeou-a de mil meiguices, abraços e beijos.

— Até que afinal posso vê-la, exclamou ela. Fui por vezes ao seu quarto e não me deixaram entrar!... Felizmente... nada foi, mas você podia ter se afogado...

— Não era possível com os dois salvadores que tive, respondeu Laura sorrindo para Adolfo e Álvaro.

— E o abalo nervoso? perguntou êste. Que idéia infeliz...

— Horrorosa, confirmou Faria Alves com voz trêmula.

Nesse tempo, pressurosos, tinham vindo todos cumprimentar Laura.

— Eis um naufrágio que me dá grande aura! disse ela risonha. Já vê, Sr. Adolfo, que fiz bem em não ouvir os seus conselhos, e...

— Oh! atalhou Álvaro, se eu lá estivesse você nunca teria pôsto o pé naquela maldita canoa.

— Fiz o possível... D. Laura que ateste...

— Na verdade, quís até usar de autoridade...

— Não fez, replicou Álvaro com fogo. Depois que viu que todas as palavras eram inúteis, devia ter metido a pique a canoa...

Contemplou Laura o primo com admiração e voltando-se para Adolfo:

— E' verdade, doutor, disse ela, o senhor devia ter feito isso.

O que foi confirmado por todos.

— Bom! pensou Adolfo com certo desgôsto, agora sou o bode expiatório do caso... O que é a felicidade! Torna injusto o melhor dos amigos... Enfim contanto que eu o veja contente!...

A remoer êste pensamento generoso, com justificado aborrecimento, saíu o nosso viajante, logo após o almôço, a pretêxto de que ia caçar.

Estava, mau grado seu, desgostoso, melancólico, ansioso por deixar aqueles lugares, em uma palavra, aborrecido de si e dos outros.

— Eu bem queria cá não vir... Sirva-me pelo menos de lição... Enfim... tudo acaba... como devia acabar!...

João Sabino que êle mandara chamar, não tardou a vir encontrá-lo.

— Ora, pois, viva, patrão, saudou-o o português.

— Bons dias, mestre, então como vai passando?

— Bem... Passo os dias caçando... durmo... como bem... o chá não é mau... mas com franqueza... o senhor não pretende levantar a poita?... Já estou farto... da vida de fazenda.

— Breve, João Sabino.

— Ah! melhor... Tive certos sustos de ter de deixá-lo... A criadagem fala muito... isto é, não me meto nesses mexericos, mas ouço constar que uma fidalga... o senhor me entende...

— Ah! uma viúva?...

— Justamente... E contam que há uma barbaça, que o há de engulir vivo, ao patrão... Tem cara disso...

E dela que dizem?

— Sei lá... que anda *ourada* pelo patrão... e coisas e lousas, *et cœtera, et cœtera*... E nem de propósito tenho uma carta que lhe entregar...

— Dela?

— Desculpe... mas como no nosso contrato, não vem essa obrigação que eu não aprecio nada... julgo que é caso extraordinário...

— Bem! já sei, replicou Adolfo sorrindo-se, você quer me multar, não é?

— Sim... uma libra... pelo menos...

— Vá lá... dê-me a carta.

Logo que Adolfo desdobrou aquele papelzinho cuidadosamente enrolado, manifestou o seu rosto muita contrariedade.

Eram duas linhas com uma inicial por assinatura: I.

«Hoje, ao cair da noite, preciso lhe falar no pavilhão do lago. Encontrará a porta cerrada.»

— Ora, murmurou o nosso viajante, que vou lá fazer? Estou cansado de gracejos e não sou nenhum sedutor banal... Ela que se desengane. Não tenho tempo nem disposições para me deixar avassalar pelas suas faceirices...

E em voz alta acrescentou:

— João Sabino, não vou mais à caça. Tome a espingarda e volte para a casa ou vá bater sòzinho o mato...

— Ficarei então dormindo... por aí: o sol está quente e a sombrinha convida.

— Faça o que melhor lhe convier...

E Adolfo, passando ao criado a arma, polvarinho e sacola, continuou no seu passeio, meditabundo e a fumar.

— Que diabo quer a viùvinha comigo? pensava êle. Coitada... está decididamente apaixonada e não calcula mais as topadas... Julga decisiva uma entrevista a sós... num pavilhão solitário... ao cair da noite... Confia em que... Na sua eloquência? Pobres mulheres!... Ou antes... Pobre humanidade!... E' sempre a história do mundo. Fausto, o grande pensador, vendendo a alma pela posse de uma ingènuazinha... Margarida, seduzida por umas jóias e meia dúzia de frases banais... Deveras a tarefa de Mefistófeles é fácil... Em todo o caso não irei... Sem dúvida pensa ela poder apelar para os meus sentimentos de cavalheiro, quando tiver adquirido o direito de invocá-los... Nada... um triunfo passageiro traria complicações a que não me quero sujeitar... E afinal não a amo!...

Depois de puxar umas fumaças do charuto, continuou a meia voz:

— Vejam só o que é caminhar pela estrada reta e sem desvios... Eis-me agora displicente, agoniado, não vendo futuro diante de mim, entregue a mil eventualidades, espécie de ave errante sem ramo em que pousar, ao passo que Álvaro... Ah! patife, teve o desafòro de inspirar uma paixão à mais bela mulher do mundo...

E, parando de repente, emendou a conclusão:

— Do mundo, não direi!... Enfim!

E suspirou com ar resignado.

XXVII

Numa das voltas da alameda, avistou Adolfo alguém que parecia vir apressadamente ao seu encontro.

Era Raul de Sousa.

Mostrava-se o sombrio apaixonado da viscondessa muito agitado.

— Oh! disse Adolfo com os seus botões, os namorados sem ventura estão tomando fresco ao meio dia.

E como ia enfrentando com o outro, julgou dever-lhe dirigir a palavra.

— Então vai caçar, Sr. Raul? Vejo-o de espingarda na mão.

— Não vou caçar, replicou o interpelado descorando muito. Estava mesmo à sua procura... para termos uma explicação...

— Explicação?...

— Sim, senhor.

— Mas a que respeito?

— Não se faça de desentendido... Conheço quanto é espirituoso... mas a ocasião agora não é para graçolas de salão.

— Ui! o senhor parece sèriamente zangado...

— Não estou só zangado... há alguma coisa mais...

— Então é grave.

— Sinto-me ofendido em minha dignidade... e como homem de brio tinha que vir pedir-lhe completa e cabal satisfação.

— Oh! mas de que? observou Adolfo com altivez. Repare que nunca me ocupei com a sua pessoa... senão muito acidentadamente...

— Sim... mas tratou de cavar a minha ruína... humilhou-me... machucou-me... aos olhos da mulher a quem consagro violento afeto... intrigou-me...

— Alto lá, Sr. Raul, nada de palavrões... Exponha as suas queixas... mas com alguma cautela. Não é pouco lhe servir forçosamente de confidente...

Desmontaram algum tanto o tétrico namorado estas palavras friamente acentuadas.

— Afinal, perguntou êle com arrebatamento, quais são as suas intenções sôbre a viscondessa de Oriano?

— Sôbre a viscondessa?...

— Sim... essa senhora, que tem sido tratada com desrespeito... com verdadeira insolência...

— Mais calma, mais calma, amigo... Se o senhor não moderar a sua linguagem, darei por finda esta agradável palestra... Nunca supus que se tratasse da Sra. viscondessa... No entretanto não me creio na obrigação de lhe dar resposta... não sei se o liga algum laço de parentesco...

— Não me liga... mas eu a amo com frène-

si, há muitos anos... Sabem todos disso... todos respeitavam a minha paixão... que é honesta, confessável...

— Perfeitamente...

— Que ia ter um desenlace conforme as minhas esperanças... quando o senhor veiu se meter de permeio... veiu esmagar o meu destino...

— Para mim é novidade... Então a viscondessa o repeliu definitivamente?... E por minha causa?

— Não lhe dou o direito de me interrogar...

— Dêste modo não poderemos nunca nos entender... Deixa o senhor suspeitar que essa pessoa me dedica um sentimento...

— E' falso! bradou Raul com voz de trovão e achegando-se a Adolfo como que para desfeiteá-lo, isto não passa de gabolice!... A viscondessa não se importa com gente da sua...

Adolfo empalideceu ligeiramente.

— Eis aquí um pateta que quer me fazer sair do sério, disse de si para si.

E continuou com altivez:

— Não esteja a gritar assim o nome de uma senhora... Esta cena é ridícula e a devemos terminar... O senhor está muito exaltado... faz injustiças... e comete imprudências... Adeus...

Agarrou-lhe Raul no braço com violência.

— Ah! bradou êle fulvo de raiva, está com mêdo!

— Eu, mêdo? De quem?... Dos seus berros?... Aviso-lhe que êstes modos não me agradam...

— E' o que quero, rugiu o outro.

— Pois se continuar, dar-lhe-ei as costas... E' como respondo a malcriados...

— O senhor me insulta? bramiu Raul.

— Não o insulto, contestou Adolfo de posse de todo o seu sangue-frio, desculpo até os seus furores... mas não tenho obrigação de os suportar...

O outro ficou uns instantes sem dizer palavra. Estava lívido.

— Pois bem, balbuciou, queira... ou não... o senhor por fôrça... por fôrça... há de.... dar resposta à minha pergunta...

Sorriu-se Adolfo.

— Não sei como há de ser isto!

Raul com o rosto sinistro, os olhos a faiscar, a bôca entreaberta, replicou a custo:

— Há de... sim... Do contrário... mato-o!

— Pois então mate-me! estou às suas ordens.

Proferiu Adolfo estas palavras com toda a pausa, mas no íntimo estava sobressaltado.

— E o idiota é capaz de fazer o que diz, pensou êle.

Raul não se conteve mais.

Como um louco empunhou a arma e rápida e convulsamente armou o cão...

Atroou um tiro retumbante que os ecos das montanhas ao longe repercutiram.

XXVIII

E um passarinho caíu fulminado entre os dois.

Ao mesmo tempo saía de detrás de uma árvore a pessoa de João Sabino.

— Desculpe-me, patrão, disse êle com ar

muito natural, se interrompí... a conversa, mas não podia perder esta caça.

E abaixou-se para apanhar com gravidade um infeliz tico-tico.

— Fizeste muito bem, respondeu Adolfo. Precedeste, porém, o Sr. Raul que ia apontar para o mesmo alvo.

Voltando-se então do lado dêste que ficara com a espingarda entre mãos, pálido como um espetro e como que petrificado:

— Até logo, amigo, disse. Quando quiser, continuaremos a explicação.

E deu-lhe as costas.

João Sabino correu atrás dêle.

— Então a coisa esteve feia, hein?... Eu lhe não disse? Aquele bicho cabeludo tem má cara...

— Na verdade, você chegou a tempo...

— Estava pegando no sono... quando ouví um bate-barbas muito grande... Temos novidades, pensei logo... e vim me achegando por trás das mangueiras... Ora, patrão... e tudo isto por causa de uma mulher... e viúva por cima... Olhe, a criadagem sabe de muita coisa... Se o senhor quer mesmo se casar, tenho que lhe dar uns conselhos antes de ir-me embora... como está no meu contrato...

— Nada, respondeu Adolfo, rindo-se, dispenso os conselhos. Não há necessidade nenhuma...

— Isto diz o senhor agora, mas, voltando para a sala, recomeçam os cochichos, os agradinhos, pulos e requebros e lá se vai água abaixo o juízo de um homem... E logo aquela!... Pode ser muito bonita... muito cheia de palavreados e retorcidos, mas, com a breca! ninguém gosta dela... Como diziam que o patrão estava meio

assim, meio assado pela *cuja*... botei sentido nos mexericos dessa corja de malandros, mucamas, negros, mulatas, crioulos, cozinheiros e criados... que enchem a casa... Não ouví nada que me agradasse... pelo contrário... Então comigo mesmo eu dizia: «Com mil milhões de diabos, desta feita o meu amo se esborracha» com perdão da palavra, mas...

— Nunca vi você tão falador, interrompeu Adolfo.

— Ah! senhor, é que também lhe tenho amizade... Debalde não andamos juntos por tantas terras conhecidas e desconhecidas...

— Pois você pode ficar sossegado. Não cuido hoje senão em sair daquí...

— Muito bem... muito bem...!... Então a tal dona de sangue azul...

— Ora... A propósito... vou encarregá-lo de uma missão de confiança...

E atalhando o que ia dizer, Adolfo continuou, falando para si:

— Com efeito, a idéia não é má... será um gracejo pesado... mas castigo merecido... Afinal... fez-me ela quanto aleive pòde, a-pesar-de todo o seu amor... se é que o tem...

Depois de alguns instantes de reflexão e dúvida chegou-se para João Sabino e, em inglês e a meia voz, pôs-se a dar-lhe extensas e minuciosas instruções.

O criado o ouviu impassível.

— Compreendeu bem? perguntou por fim Adolfo voltando ao português.

— Perfeitamente.

— Cuidado... intervenha, se preciso for, logo e logo...

— Hei de vigiar em regra... Não aprovo... francamente, não... mas obedeço... Entretanto...

— O que?

— O senhor não acha... que o caso é de outra libra esterlina?...

— Vá lá outra libra, concordou Adolfo. Você tem toda a razão... Porém, muita atenção!...

— Fica tudo por minha conta.

E João Sabino retirou-se, murmurando:

— Homens e mulheres!... Deus os fez para que se entendessem... e andam sempre em guerra viva!

XXIX

Quando ia o crepúsculo fechando em noite, Idalina, que se queixara durante o dia de dôres de cabeça, retirou-se para o seu quarto, pretestando necessidade de descanso.

Tomou, porém, às pressas um chale, envolveu-se nele e, sem ser pressentida de ninguém, pela escada de um dos pavilhões laterais, alcançou o jardim.

Passou-se daí com toda a cautela para o parque e ràpidamente chegou a uma espécie de vasto quiosque, fechado por venezianas, que, como dissemos em princípio, era conhecido por pavilhão do lago, e se achava colocado no alto de uma eminência a cavaleiro sôbre grande parte do açude.

Estava a atmosfera cálida, o céu límpido. No poente umas nuvens listradas de vermelho mandavam ainda claridade à terra; entretanto, estrè-

las começavam a cintilar aquí e alí, como que a se acenderem umas após outras.

Tremia Idalina de mêdo, comoção e esperanças. Quando penetrou no pavilhão, mal pôde empurrar a porta e arrastou-se até uma das cadeiras que lá havia.

Pôs-se então a escutar anelante e assustada.

Qualquer ruído a sobressaltava: o cair das fôlhas sècas, o grito das aves noturnas, o chiar dos insetos na relva.

Batia-lhe o coração com tanta fôrça que às vezes supunha deverem ao longe ouvir-lhe as pulsações.

Depois de alguns minutos de espera, transformados pela ansiedade em longas horas, sentiu que alguém misteriosamente se aproximava, buscando fazer a menor bulha possível com os passos na areia.

— E' êle! exclamou Idalina com paixão.

E levantou-se ofegante.

Assomou um vulto à porta.

Ela soltou um enfim!... e recuou aterrada.

Era Raul de Sousa!

Foi o choque tão forte, que a infeliz quasi perdeu os sentidos.

Deixando-se cair prostrada, aniquilada, na cadeira, encostou a cabeça à delgada parede do quiosque e alí ficou, sem movimento, atordoada, inconciente, enquanto Raul lhe cobria as mãos de beijos ardentes, fervorosos.

O que ela sofreu naqueles instantes foi atroz, imenso. Compreendeu de relance tudo: a traição de Adolfo, o ridículo em que a envolvia, o desprêzo com que a repudiava; o castigo de todas as suas faltas, a insensatez e miséria do desgraçado que jazia a seus pés.

Viu-se perdida de todo, se lhe fraqueasse o ânimo.

— Oh! Idalina! balbuciou por fim Raul. Enfim... conseguí uma prova... de que me amas! Déste a recompensa... a muitos anos de tortura! Melhor... a minha felicidade... não tem limites!... Sim, sou o homem... mais venturoso... mais invejável do mundo!... Perdôo-te... tudo... por êste momento em que tenho certeza de que sou amado... de que mereço confiança!... Beijo-te os pés... minha senhora, meu anjo... minha deusa!... como escravo... indigno... humilde!

E o mísero, rojando-se ao chão, levava aos lábios a fimbria do vestido da sua pérfida amada.

Aos poucos ia esta recuperando os sentidos e calculava os meios de poder sair honrosamente de tão tremenda cilada.

Oh! quanto odiava então Adolfo! Se pudera, com que energia expulsaria aquele parvo, instrumento cruel da zombaria do seu feroz inimigo!

Mas fòrça era usar de diplomacia.

— Sim, Raul, disse ela com voz flébil, eu lhe quís mostrar... que sei apreciar o seu caráter... Precisava... conversar com franqueza... com quem tantas mostras de amizade... me deu...

— Amizade, Idalina? Amor!... amor eterno!... incomensurável... cego!... amor como eu, só eu posso sentir!... Fogo abrasador... O meu peito é todo chamas... um vulcão indomável! Vida para mim és tu... Fora de ti... não existe mais nada... Por um capricho teu... sacrificaria tudo... honra, pai, mãe... o paraíso... se èle me pertencesse!...

— Preciso... que você me... ouça menos agitado... Tenho muita... gratidão... pelo seu senti-

mento... mas há grandes obstáculos... entre nós... dois.

De um pulo, pusera-se Raul de pé.

— Idalina... será possível? Quem pode ser barreira à nossa felicidade? Fala... eu as destruirei todas... Oh! sinto-me com fôrças... para lutar com o mundo em pêso... Déste-me... valor inexcedível... e nada poderá resistir... ao talismã da paixão que alimento... Conspire a natureza inteira contra mim... dominá-la-ei... Para conquistar-te...

— Primeiro que tudo, atalhou a viúva com emoção e afastando o arrebatado amante, há a vontade... poderosa... de meu pai...

— De teu pai?

— Sim... Falei-lhe a respeito... e êle... não só reprovou... a idéia... de um possível casamento... como proibiu-me... de pensar nisso...

— Mas, porque, santo Deus?... Que há contra mim?...

— Meu pai... conhecendo a minha inclinação... falou-me na pouca fortuna que tem... atualmente; disse-me que os negócios iam mal... que com êle... pouco eu devia contar... Fez-me ver que acostumada, como sou, ao luxo... habituada a figurar na sociedade... não podia trocar uma posição brilhante por outra mais obscura... sem que depois viessem arrependimentos... que tornariam impossível a vida feliz... que a paixão... nos seus arrebatamentos idealiza... Ora, você... não é rico...

Tudo isto foi dito com muito esfôrço, muito vagar, mesmo porque lhe entumecia o peito respiração difícil e ansiosa.

— Na verdade, concordou Raul, pouco possuo de meu... mas quando dois corações se

entendem... que necessidade há de riquezas... de luxo... da sociedade?... Fugiremos para bem longe daquí... viveremos um para o outro... alheios a êsse círculo frívolo e malévolo em que tanto... tenho sofrido!...

— Isto é exaltação...

— Não, eu te juro! Isto é o grito de agonia de um coração cansado de martírio!... Nada pode nos separar... Queres riquezas?... Pois bem, eu tas darei... Hás de tê-las, ainda quando... eu vá rasgar a terra com as unhas... para tirar êste amaldiçoado ouro! Hás de tê-las... contanto que sejas minha!...

— E a vontade de meu pai? perguntou Idalina soluçando e ocultando o rosto no lenço.

Passou Raul a mão pela fronte abrasada.

— Oh! exclamou êle com pasmo, se falas assim... é que não me amas bastante!... Que poder tem teu pai sôbre o teu coração?... És livre por todas as razões... Idalina, pelo amor de Deus, não deixes a dúvida pairar e crescer em meu espírito!...

— Embora você me acuse... embora eu sofra cruelmente... uma ordem de meu pai... há de ser respeitada...

Ficou o mísero amante estático.

— Depois, continuou ela, aproveitando a folga, as razões são poderosas... são verdadeiras... Acabado êste delírio... acalmada a momentânea excitação... virão os desgostos... as increpações... a realidade. Tenho experiência da vida... Não poderei... mudar assim... a minha natureza... O luxo... O luxo... é uma necessidade para mim... e nós, Raul, não somos ricos...

— Idalina, implorou o desgraçado caindo novamente de joelhos, compaixão!... misericórdia!...

— Não, Raul, pensei muito no futuro... e dobrei-me à voz... de quem pode... mandar em mim... Quís vê-lo pela última vez... dizer-lhe um adeus... eterno!...

— Tu me matas, murmurou êle rompendo em pranto; tu me matas!

— Fiz calar... o meu coração... e aceitei... a imposição que de mim exigiram... A minha liberdade vai cessar...

— Como assim? exclamou Raul levantando a cabeça e abrindo uns olhos espantados.

— Sim... a muito custo... depois de uma luta imensa... dispuseram de minha mão... Eu... vou... me casar!

— Ah! bramiu o ludibriado amante erguendo-se de um pulo como uma fera, já sei... adivinho tudo!... Oh! mulher falsa!... pérfida!...

— Você não pode adivinhar, respondeu Idalina recuando com susto, é um casamento... inesperado... de conveniência...

Prendeu-lhe Raul o braço com tanta fôrça, que quasi a fez cair por terra.

— Raul, você me... magoa, queixou-se ela.

— Com quem... com quem é? sibilou êle respirando a custo.

— Com Azevedo Moreira, replicou Idalina precipitadamente. Mas silêncio... estamos falando muito alto... Podem nos ouvir...

Não teve a estupefação de Raul limites. Julgara ouvir o nome do execrado Adolfo, e eis que surgia um outro rival, sem significação até então, um ente com quem êle, nem ninguém, nunca contara.

Também foi prolongado o silêncio que se seguiu a tão inopinada revelação.

Cerrara-se, fora, a noite de todo.

XXX

Rouquejante e presa ecoou a voz de Raul aos ouvidos de Idalina como um rugido de tigre.

— Então... a questão é... de dinheiro, não é? A senhora vende... o seu corpo.

— O meu sacrifício... é atroz!...

— Ah!... mas êsse corpo... eu o tenho em meu poder... Divertiu-se a Sra. viscondessa quanto quís comigo... com êste seu miserável... escravo... Tratou-me como... um cão... e quando lhe fez conta, arredou-me com a ponta da sua botina... Não, por Deus!... Agora também chegou a hora de minha vingança!...

E procurou enlaçar Idalina nos braços.

— Raul, exclamou a pobrezinha deixando-se cair de joelhos para escapar àquele amplexo, perdão!... perdão por tudo quanto fiz!...

— Oh nada... nada poderá te salvar!... És minha!... minha!...

E suspendeu-a pelos pulsos com tal violência que lhe arrancou um grito de dôr.

Ela porém, juntando as fôrças, pôde ainda repelí-lo, não assim alcançar a porta que estava cerrada. O braço de Raul já a agarrara pela cintura dobrando-a como flexível junco.

Então, imenso asco apoderou-se dela, e lágrimas de raiva e de vergonha lhe saltaram dos olhos. Quís gritar; não teve voz.

Neste momento capital, a muito pouca distância do pavilhão, levantou-se um canto de garganta rouca e bastante desafinada, interrom-

pida por um tossir grosso de quem quer se ver livre de teimoso pigarro.

— Aí vem gente! disse Raul com mistério, silêncio!...

E, tornando-se atento, desapertou um pouco o braço com que prendia Idalina.

Não perdeu esta o ensejo.

Torceu o corpo todo com a ligeireza sinuosa de uma serpe, escorregou, para assim dizer, por entre as mãos de Raul e precipitou-se para fora do pavilhão, como uma corça que escapa das garras de faminto leão.

— Bom! exclamou João Sabino no esconderijo em que se achava desde a tarde, lá partiu a perdiz!

E continuou a cantar, ora alto, ora baixinho, coplas de uma espécie de canção marítima, entremeiando-as de reflexões filosóficas.

— Ora vejam que massadas... estas senhoras da sociedade... dão a um homem sério como eu... Felizmente a noite não está má... mas assim mesmo, uma libra... é pouco para tanta cantoria e demora de quasi duas horas... Falarei com o patrão... Não dou a alma pelo dinheiro... mas enfim... isto é serviço fora do ajuste... Ao menos se eu pudesse fumar!...

Daí a instantes saía do pavilhão Raul cabisbaixo e a passo lento. Deu costas à casa e sumiu-se por entre as árvores do parque, como quem busca a estrada geral.

— Coitado! observou João Sabino de si para si, aquele vai chumbado devéras... Não sei se o patrão podia fazer o que fez... Enfim são modos... lá dêles... da gente de gravata branca e luvas de pelica... Hei de discutir ainda êste ponto.

XXXI

De manhã cedo, Faria Alves que excogitara durante a noite o modo porque havia de receber Pessoa de Lima, cuja vinda lhe fôra anunciada impreterível para aquele dia, mandou selar um cavalo e, com pasmo de todos os criados, partiu em direção à estação da estrada de ferro.

Contava encontrar em caminho o amigo, o seu terrível amigo, e ter decisiva entrevista. Estava resolvido a comprar aquele pedacinho amarrotado de carta por qualquer preço, por uma fortuna, se lhe fosse exigida.

Quanto esfôrço lhe custara essa iniciativa, diziam bem claro o rosto desfigurado, os olhos febricitantes e o tremor do corpo.

Caminhava a passo, afigurava-se-lhe entretanto à mente perturbada que o cavalo ia à disparada pela estrada afora, que as árvores redemoinhavam em tôrno e que um abismo se abria diante dêle atraindo-o com irresistível poder.

Ia alto o sol, quando o velho chegou ao ribeirão que corria à meia distância da casa do Castelo Grande e da estação.

Apeou-se numa das margens, banhou a fronte afogueada e, bebendo algumas gotas de cristalina água, refrescou a garganta, que tinha sêca, ardente.

Não se achou, porém, com fôrça para tornar a cavalgar e, sentado numa pedra, aí ficou irresoluto, quasi desfalecido.

De repente ouviu o tropel de um animal

que vinha a galope e sentiu o sangue se lhe gelar nas veias.

Apareceu então, não o esperado viajante, mas simplesmente o Sr. delegado de polícia, cuja fisionomia manifestava alguma perturbação.

— Sr. comendador, gritou êle apenas avistou Faria Alves, uma desgraça... uma grande desgraça!

— Que foi? perguntou o velho erguendo-se.

— O seu amigo Pessoa de Lima... já não existe!

— Pessoa? balbuciou o outro arregalando os olhos.

— E' verdade! Ao sair do trem de ferro... teve uma síncope... deitou golfadas de sangue... e expirou na estação à minha vista...

— Meu Deus! meu Deus! murmurou Faria Alves.

Teve o delegado de polícia, que se apeara com rapidez, de ampará-lo nos braços, quasi totalmente desacordado.

— Bom! exclamou èle arregaçando quanto pòde a cara, se temos agora outra morte... estou bem aviado!... Que amigo! Faz gòsto encontrar ainda hoje homens dêstes.

Tratou, porém, de consolar a quem parecia tão afetado e desenrolou um repertório de banalidades que tinha já preparado para èsses casos melindrosos:

— Que quer. V. Ex.? São coisas infalíveis... E' a condição do homem... Todos temos que pagar èste tributo... Resigne-se ao golpe... A nossa religião lhe dará consòlo, etc., etc.

Depois de desfiar todo o rosário de consolações que davam tempo a qualquer para recobrar os sentidos, acrescentou êle:

— Esteja certo que estão tomadas as providências... Tirei a carteira do seu amigo... abri-a diante de muita gente... depositei o dinheiro que encontrei e embrulhei os outros papéis para vir entregá-los ao senhor... Corro agora avisar o filho... Eis o pacote...

— Sim, sim, vá depressa, tartamudeou Faria Alves agarrando com mão ávida o masso de papéis, eu seguirei com mais vagar.

Quando o velho entrou no seu quarto, fechou-se à chave e acendeu uma vela.

Abriu então os papéis que recebera e entre documentos de valor mínimo deparou-se-lhe aquela carta fatídica.

Beijou-a com veneração e amor, vacilou por um pouco, mas depois chegou-a à luz que num ápice a abrasou e destruiu.

Caíu então de joelhos.

— Deus meu! murmurou êle, muito pequei mas tremenda a expiação foi!

CONCLUSÃO

Adolfo Arouca a Álvaro de Siqueira

«Chego dos Estados-Unidos e escrevo-te do Pará. Conto nestes próximos dias partir para o Amazonas. Dá-me notícias tuas. A carta me esperará até a volta de Manaus. Vou bem de saúde; João Sabino, perfeitamente.

«Teu amigo

ADOLFO.»

«*P.-S.* — Encontrei em New-York, sabes quem? A bela Mme. de Sérignan, mais formosa do que nunca, cruel e ingrata como sempre. Estava de viagem para a Europa e deu-me um *rendez-vous* na Suíça, dentro de quatro meses. Não adiantei um passo. Adeus. Perdoa-me ir te perturbar em tua felicidade.»

Álvaro de Siqueira a Adolfo Arouca.

«Faz hoje oito meses que estou casado e morando em Botafogo na casa que conheces. Diàriamente falamos em ti, no nosso excelente e excèntrico amigo. As tuas histórias, *feitos e gestos* são lembrados a cada momento e, com o tempo, mais valor e graça vão ganhando.»

«As novidades por aquí formigam. Às pressas te participo vários e curiosos casamentos. Um do desembargador Praxedes com a filha do conselheiro Florimundo, coisa muito disparatada pela idade dos conjuges; o outro do coronel

Rodrigues Valente com uma das senhoras Álvares Fonseca, ambos, como sabes, mais que quarentões; o terceiro... *Je m'en vais vous mander la chose la plus étonnante, la plus surprenante, la plus merveilleuse, la plus miraculeuse,* etc. etc... *Je vous la donne en trois: jetez-vous votre langue aux chiens? Hé bien! il faut donc vous la dire:* o terceiro foi do Sr. Azevedo Moreira, há dois meses. Com quem? *Devinez qui? Je vous le donne en dix; je vous le donne en cent!* Nem mais nem menos com a encantadora ex-viscondessa de Oriano, que por essa ocasião solene rompeu relações conosco com grande satisfação da nossa parte.»

«Apenas acabou o luto pesado, reapareceu no mundo elegante com mais brilho e aplauso do que nunca. O marido é o homem mais feliz do universo.»

«O irmão, o menino Artur, partiu para Montevidéo a tentar sem dúvida fortuna.»

«Há dias encontrei por acaso o teu rival Raul, aquele barbado e infeliz amante. Ia muito mal trajado, com um chapéu amarrotado, botinas acalcanhadas e sobrecasaca sovada até a trama. Fingiu que não me via, mas notei perfeitamente a sua conturbação. Coitado! E' uma vítima da faceirice e perfídia daquela perigosa sereia. Entre parêntesis, creio que a tal fidalga chegou a apaixonar-se sèriamente por ti. Perguntei à Laura, mas ela não me soube responder.»

«Anuncio-te que o português do Sr. conselheiro Florimundo vai, dia a dia, tomando formas e feição de uma língua completamente nova e estapafúrdia, coisa que aquele sábio, depois de penosas excavações, foi desenterrar de entre camadas de cogumelos fósseis».

«Tenho andado bastante inquieto com o estado do comendador Faria Alves. Mal pode se levantar; tem esquecimentos prolongados e fala com dificuldade. Costuma perguntar por que razão o seu amigo o Dr. Adolfo não aparece mais à mesa do jantar. E', meu caro, uma luz querida que aos poucos se vai apagando.»

«Adeus, Adolfo. Manda-te Laura afetuosas lembranças. Pensa bem em nós, que tanto, tanto te estimamos».

«Teu amigo

ÁLVARO.»

Adolfo Arouca a Álvaro de Siqueira.

«Recebí a tua carta, quando voltava do Amazonas. Agradeço do fundo dalma não teres esquecido o velho e estrambótico amigo. Muito me interessaram as notícias que me déste. Não vou mais para a Europa; regresso aos Estados-Unidos e de lá sigo para a América, outrora russa. Mme. de Sérignan que venha, se quiser cumprimentar-me, do outro lado do estreito de Bhering, como conta Eugène Sue no seu *Judeu Errante.*

«Meus respeitos à senhora.

«Teu amigo

ADOLFO.»

«*P.-S.* — Parabéns! Parabéns sinceros! A mão da felicidade entreteceu com letras de ouro o teu nome e o de Laura sôbre o fundo azul da paz e do eterno amor.»

FIM